



ESTUDOS AVANÇADOS INTERDISCIPLINARES

VOLUME 32

Organizadores

Carlos André dos Santos Silva

Geyza D' Ávila Arruda

Estélio Silva Barbosa

Victor Hugo Gomes Sales

Robson Antonio Tavares Costa



ESTUDOS AVANÇADOS INTERDISCIPLINARES

VOLUME 32

Organizadores

Carlos André dos Santos Silva

Geyza D'Ávila Arruda

Estélio Silva Barbosa

Victor Hugo Gomes Sales

Robson Antonio Tavares Costa



EDITORA ENTERPRISING

Direção Nadiane Coutinho

Gestão de Editoração Antonio Rangel Neto

Gestão de Sistemas João Rangel Costa

Conselho Editorial

·Alandey Severo Leite Da Silva, Dr. – Ufca – Br

·Antonio Augusto Teixeira Da Costa, Phd – Ulht – Pt

·Eraldo Pereira Madeiro, Dr – Unitins – Br

·Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, Dra.

UFSM;

·Luama Socio, Dra. - Unitins - Br

·Ismael Fenner, Dr. - Fics – Py

·Francisco Horácio da Silva Frota, Dr. UECE;

·Tânia Regina Martins Machado, Dra. - Unitins – Br;

·Agnaldo de Sousa Barbosa, Dr. UNESP.

Copyright © 2024 da edição brasileira.

by Editora Enterprising.

Copyright © 2024 do texto.

by Autores.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es). Obra sob o selo Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Diagramação	João Rangel Costa
Design da capa	Nadiane Coutinho
Revisão de texto	Os autores



EDITORA ENTERPRISING

www.editoraenterprising.net

E-mail: contacto@editoraenterprising.net

Tel. : +55 61 98229-0750

CNPJ: 40.035.746/0001-55

**Carlos André dos Santos Silva
Geyza D' Ávila Arruda
Estélio Silva Barbosa
Victor Hugo Gomes Sales
Robson Antonio Tavares Costa
(Organizadores)**

Estudos Avançados Interdisciplinares

Volume 32



Brasília - DF

E82

Estudos Avançados Interdisciplinares Volume 32 / Carlos André dos Santos Silva (Organizador), Geyza D' Ávila Arruda (Organizadora), Estélio Silva Barbosa (Organizador), Victor Hugo Gomes Sales (Organizador), Robson Antonio Tavares Costa (Organizador). - Brasília: Editora Enterprising, 2024.

(Estudos Avançado Interdisciplinares Volume 32)

Livro em PDF

210p., il.

ISBN: 978-65-84546-88-2

DOI: 10.29327/5446957

1. Interdisciplinares. 2. Pesquisas. 3. Práticas. 4. Estudos.

I. Título.

CDD: 370

Acreditamos que o conhecimento é a grande estratégia de inclusão e integração, e a escrita é a grande ferramenta do conhecimento, pois ela não apenas permanece, ela floresce e frutifica.

Equipe Editora Enterprising.

Sumário

APRESENTAÇÃO	08	
CAPÍTULO 1:	ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: REPERCUSSÕES FÍSICAS E EMOCIONAIS PARA O PACIENTE E CUIDADORES	09
	<i>Bruno Fracassi</i> <i>Rodrigo Martins Tadine</i> <i>Janaina Drawanz Pereira Rezende</i> <i>Emiliana Junqueira da Silva</i> <i>Eduardo Yujiro Abe</i>	
CAPÍTULO 2:	TRATAMENTOS À BASE DE CANNABIS MEDICINAL E TERPENOS MEDICINAIS	21
	<i>Fernando Campos Barbosa</i> <i>Emiliana Junqueira da Silva</i> <i>Janaina Drawanz Pereira Rezende</i>	
CAPÍTULO 3:	A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS EM TERESINA - PI	37
	<i>Tamires De Sousa Nascimento</i> <i>Estélio Silva Barbosa</i>	
CAPÍTULO 4:	O PAPEL DO ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE NA PROTEÇÃO DAS VÍTIMAS DA PEDOFILIA VIRTUAL	55
	<i>Layse Raquel Leite e Costa</i> <i>Davison Michel Matos de Souza</i> <i>Anderson kleiton Penha Rodrigues</i> <i>Rosangela Maria Aquime de Moraes de Barros</i> <i>Letícia Santana Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 5:	INVESTIGANDO A AUTOLIDERANÇA POSITIVA SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	74
	<i>Clécia Silva do Nascimento</i> <i>Joseilme Fernandes Gouveia</i> <i>Cibelle da Silva Santiago</i>	
CAPÍTULO 6:	ANÁLISE DOS FATORES DE DESEMPENHO DE INOVAÇÃO EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APLs)	95
	<i>Paloma Rayanne Silva Bezerra</i> <i>Taciana de Barros Jeronimo</i> <i>Fernando Gomes de Paiva Junior</i> <i>Sandra Maria Araújo de Souza</i>	

CAPÍTULO 7:	TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E COMPETÊNCIAS DO ASSESSOR: IMPACTOS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS	116
	<i>Nayana Rodrigues Noronha Ana Cristina Brandão Ribeiro Silva Cláudia Heloísa da Silva Schmeiske</i>	
CAPÍTULO 8:	“PEQUISARAU” CONTADOR DE HISTÓRIAS: NOVOS CAMINHOS EM TEMPO DE ISOLAMENTO	136
	<i>Gleuter Alves Guimarães</i>	
CAPÍTULO 9:	REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÕES ENTRE EMPREENDEDORISMO E SECRETARIADO EXECUTIVO	155
	<i>Maria Christianni Coutinho Marçal Beatriz Lins Magalhães Gabriela Eduarda Nascimento da Silva Larissa Felizardo da Silva</i>	
CAPÍTULO 10:	SENHORDAS MOSCAS – A METAFICÇÃO HUMANA	176
	<i>Mônica Lopes Névoa Guimarães</i>	
CAPÍTULO 11:	“VIVER A UNIVERSIDADE”: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SOBRE PERTENCIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO	194
	<i>Suzana Rebeca da Silva Lima Amanda Caroline Marques da Cunha Sérgio Paulino Abranches</i>	

Apresentação

Prezados(as) leitores(as),

É com muita satisfação que apresentamos o trigésimo segundo volume da Coleção intitulada “ESTUDOS AVANÇADOS INTERDISCIPLINARES”, que reúne em seus 11 capítulos pesquisadores de diversas instituições com discussões e temáticas que circundam uma gama de possibilidades de pesquisas e de relações dialógicas que certamente podem ser relevantes para o desenvolvimento social brasileiro a partir de uma ótica que contempla as mais vastas questões da sociedade. Tal obra visa dar publicidade a estudos e pesquisas frutos de árduos trabalhos acadêmicos que decerto contribuem, cada um a seu modo, para o aprofundamento de discussões em suas respectivas áreas pois são pesquisas germinadas, frutificadas e colhidas de temas atuais que estão sendo debatidos nas principais universidades nacionais e que refletem o interesse de pesquisadores no desenvolvimento social e científico que possam impactar positivamente a qualidade de vida de homens e de mulheres.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados, esperamos que os textos publicados contribuam para a formação intelectual e a reflexão crítica dos alunos, professores e demais leitores. Desejamos ressaltar, em nome de todos que compõem a Editora Enterprising, a nossa gratidão para com os pesquisadores cujos trabalhos aparecem aqui reunidos, que diante da dedicação, temos a oportunidade de nos debruçar acerca de assuntos atuais e pertinentes.

Sejam bem-vindos e tenham proveitosas leituras!

Equipe Editora Enterprising.

Capítulo 1

ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: REPERCUSSÕES FÍSICAS E EMOCIONAIS PARA O PACIENTE E CUIDADORES

DOI: 10.29327/5446957.1-1

Bruno Fracassi
Rodrigo Martins Tadine
Janaina Drawanz Pereira Rezende
Emiliana Junqueira da Silva
Eduardo Yujiro Abe

ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: REPERCUSSÕES FÍSICAS E EMOCIONAIS PARA O PACIENTE E CUIDADORES

Bruno Fracassi

Rodrigo Martins Tadine

Janaina Drawanz Pereira Rezende

Emiliana Junqueira da Silva

Eduardo Yujiro Abe

RESUMO

O AVC é a principal causa de incapacidade em adultos em todo o mundo. Portanto, é fundamental reconhecer o AVC precocemente e tratá-lo rapidamente para prevenir ou minimizar a morbidade e a mortalidade. O presente trabalho objetiva: Fomentar os sentimentos existentes nas relações sociais após o acometimento pelo AVC. Relatar possíveis relações das emoções no pós-derrame no contexto da neurobiologia. Discorrer sobre os traumas do AVC e as consequências psicológicas. Definir estratégias para tratamentos dos distúrbios emotivos após AVC. A metodologia empregada foi a revisão bibliográfica em bases de dados, sites e periódicos especializados, foram selecionados estudos sobre os principais sintomas emocionais e psicotraumáticos, possíveis relações causais e tratamentos. As bases de dados avaliadas foram MEDLINE, PUBMED, SCIENCE DIRECT, SciELO e LILACS. Os resultados encontrados apontam que as consequências psicológicas mais comuns, são questões emocionais envolvendo pacientes, familiares, cuidadores e colegas de trabalho. A neurobiologia da origem dos sintomas depressivos e de ansiedade são apresentados, além de recomendações clínicas para aplicação terapêutica. É possível concluir que o tratamento precoce pode reduzir o comprometimento funcional. Deve haver uma rede de suporte e cooperação, tanto para os pacientes, quanto para familiares, cuidadores e colegas de trabalho para que as intervenções psicossociais atinjam todos os indivíduos envolvidos e promovam uma vida com maior qualidade durante o processo de recuperação e reabilitação do paciente.

Palavras-chave: Acidente vascular cerebral; Derrame; Sintomas emocionais, psicotrauma.

ABSTRACT

Stroke is the leading cause of disability in adults worldwide. Therefore, it is essential to recognize stroke early and treat it quickly to prevent or minimize morbidity and mortality. The present work aims to: Foster existing feelings in social relationships after suffering a stroke. Report possible relationships between post-stroke emotions in the context of neurobiology. Discuss the trauma of stroke and the psychological consequences. Define strategies for treating emotional disorders after stroke. The methodology used was a bibliographic review in databases, websites and specialized journals, studies on the main emotional and psychotraumatic symptoms, possible causal relationships and treatments were selected. The databases evaluated were MEDLINE, PUBMED, SCIENCE DIRECT, SciELO and LILACS. The results found indicate that the most common psychological consequences are emotional issues involving patients, family members, caregivers and co-workers. The neurobiology of the origin of depressive and anxiety symptoms is presented, in

addition to clinical recommendations for therapeutic application. It is possible to conclude that early treatment can reduce functional impairment. There must be a support and cooperation network, both for patients, family members, caregivers and co-workers so that psychosocial interventions reach all individuals involved and promote a higher quality of life during the patient's recovery and rehabilitation process.

Keywords: Stroke; Emotional symptoms, Psychotrauma.

1. INTRODUÇÃO

Um acidente vascular cerebral (AVC) ou derrame é uma condição médica de emergência caracterizada por um comprometimento agudo da perfusão ou vasculatura cerebral. A principal causa de acidente vascular cerebral isquêmico é a hipertensão, enquanto distúrbios de coagulação, dissecação carotídea e abuso de drogas ilícitas são causas comuns nas populações mais jovens (Khaku e Tadi, 2023).

O AVC agudo é classificado como isquêmico ou hemorrágico, sendo que existe alguma sobreposição de fatores de risco e apresentação clínica, entretanto, cada um exige um manejo significativamente diferente (Tadi e Lui, 2023). Os acidentes vasculares cerebrais isquêmicos ocorrem por um bloqueio dos vasos sanguíneos, limitando o suprimento de sangue para o cérebro. Em contraste, nos acidentes vasculares cerebrais hemorrágicos ocorre uma ruptura dos vasos sanguíneos, levando ao derramamento de sangue na cavidade intracraniana (Tadi e Lui, 2023). Aproximadamente, 85% dos AVC são isquêmicos e os demais são hemorrágicos (Khaku e Tadi, 2023).

O trabalho em equipe interprofissional e multidisciplinar é necessário para reconhecer e tratar rapidamente pacientes com AVC agudo e oferecer cuidados eficazes durante a recuperação e reabilitação (Tadi e Lui, 2023). Um diagnóstico rápido seguido de um gerenciamento imediato precisa ser acionado pelos membros da equipe interprofissional para melhorar os resultados para aqueles com AVC. Esta atividade analisa a etiologia, apresentação, avaliação e tratamento da doença cerebrovascular e analisa o papel da equipe interprofissional na avaliação, diagnóstico e tratamento da doença (Khaku e Tadi, 2023).

Um AVC é súbito e chocante, podendo afetar todas as partes da vida do paciente. Dependendo da área cerebral afetada, o AVC pode deixar sequelas de longo prazo nas funções motoras, sensoriais e/ou cognitivas, mas também está associado a alterações sociais (Bucki et al., 2019). O humor pós-AVC e os distúrbios emocionais do paciente são frequentes e diversos em suas manifestações, sendo angustiantes tanto para os pacientes quanto para seus cuidadores e influenciam negativamente a qualidade de vida do paciente (Kim, 2016). Dentre os muitos distúrbios pós-AVC, depressão pós-AVC, ansiedade pós-AVC, incontinência emocional pós-AVC,

propensão à raiva pós-AVC e fadiga pós-AVC são sintomas frequentes e importantes observados nos pacientes (Kim, 2016).

A ansiedade é comum, afetando cerca de um quarto do AVC e quase um terço do ataque isquêmico transitório, podendo dificultar o esforço de reabilitação e impedir que os pacientes retornem às suas atividades habituais (Chun et al., 2019). A taxa de ansiedade entre os pacientes com AVC aumenta significativamente entre 6 meses (17%) e 5 anos após o evento (29%) (Romanazzo et al., 2022). O transtorno fóbico é o subtipo de ansiedade predominante após o AVC em alguns estudos (Chun et al., 2019; Rafsten et al., 2018).

Os sintomas de depressão pós-AVC ou sintomas depressivos incluem humor deprimido, anedonia, perda de energia, diminuição da concentração e retardo psíquico. Embora sintomas somáticos, como diminuição do apetite e insônia, sejam comuns, eles podem ser atribuídos em parte ao próprio AVC, medicamentos ou comorbidades (Bucki et al., 2019). Sentimentos de culpa e ideias suicidas são menos comuns do que os observados na depressão primária (Kim, 2016).

Em relação aos cuidadores e familiares, as repercussões sociais do AVC também são vivenciadas socialmente e psicologicamente. Os cuidados complexos no domicílio, além de novas responsabilidades (aumento das tarefas e deveres do lar, gestão das relações com os profissionais, etc.), induzem esgotamento e decréscimo de atividades culturais, sociais e de lazer (Bucki et al., 2019).

Além do convívio na família, o ambiente de trabalho também sofre influência em casos de AVC e influencia a recuperação do paciente (Öst Nilsson et al., 2018). Uma das principais consequências do AVC é a incapacidade para o trabalho - menos da metade daqueles que estavam trabalhando no momento do AVC retornam ao trabalho (Öst Nilsson et al., 2018). O apoio dos colegas e a estrutura do local de trabalho são barreiras a serem transpostas (Lindgren et al., 2022). O processo de retorno ao trabalho para pessoas com AVC é complexo e apresenta inúmeros desafios, por exemplo, o grande número de partes interessadas envolvidas (Öst Nilsson et al., 2018). Por outro lado, a experiência também pode ser traumática aos colegas de trabalho que vivenciaram casos de derrame.

De forma a abordar as questões envolvendo distúrbios emocionais e de humor pós-AVC entre os pacientes, em familiares e cuidadores e pessoas próximas, é proposta desta revisão narrativa descrever eventos relevantes nas esferas de convivência dessas pessoas. Nesse sentido, serão abordados tratamentos e abordagens para transpor o psicotrauma dos indivíduos envolvidos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Uma revisão da literatura foi conduzida sobre o tema proposto pela consulta nas bases de dados MEDLINE, PUBMED, SCIENCE DIRECT, SciELO e LILACS, utilizando como palavras-chave: acidente vascular cerebral, derrame, sintomas emocionais, psicotrauma; e como *key words*: Cerebrovascular Disease, stroke, emotional symptoms, psychotrauma.

Foram incluídos os estudos que melhor descreveram o tema abordado. Não foram estabelecidos períodos específicos de publicação nem restrição quanto ao delineamento do estudo, sendo selecionados artigos originais em português, inglês e espanhol. Foram escolhidos artigos originais ou de revisão recentes, ou então considerados clássicos na literatura científica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A mudança de personalidade do paciente com AVC é uma das queixas recorrentes dos cuidadores e/ou familiares, decorrente diretamente das sequelas do AVC ou refletindo a forma de adaptação do sobrevivente do AVC a esse evento potencialmente traumático (Bucki et al., 2019). As sequelas após o AVC, como alterações físicas, cognitivas, emocionais e sociais, são esperadas. Além da incapacidade física, é provável que os pacientes com AVC experimentem uma variedade de consequências psicológicas, como sintomas de humor que podem comprometer o processo de reabilitação e afetar o ajuste a longo prazo nas relações familiares e sociais (Donnellan et al., 2010). A depressão e a ansiedade são consequências psicológicas mais comuns (Donnellan et al., 2010).

3.1 Sentimentos nas relações sociais após o acometimento pelo AVC

Os transtornos afetivos desempenham um papel mais importante do que as deficiências motoras ou a dor na qualidade de vida e na satisfação com a vida do paciente, que com frequência apresentam sofrimento emocional (Bucki et al., 2019). O início abrupto de um AVC muitas vezes resulta em mudanças repentinas na vida, com alteração nos papéis e responsabilidades do sobrevivente do AVC e do cuidador (King et al., 2010). Geralmente, o cuidador assume múltiplas responsabilidades e o sobrevivente renuncia temporária ou permanentemente a papéis e responsabilidades importantes, impactando o bem-estar físico e psicossocial de ambos os membros da díade cuidador-sobrevivente de AVC. Altos níveis de depressão foram relatados para cuidadores de AVC (King et al., 2010).

Há a necessidade de os profissionais acompanhem os sobreviventes e seus cuidadores nas suas vidas após o AVC, no sentido de trazer reciprocidade e compreensão mútua para a promoção da comunicação de emoções e harmonizar o equilíbrio dar-receber, inclusive facilitando o

compartilhamento de emoções, bem como desenvolvendo as habilidades de cuidado e empoderamento dos cuidadores e reduzindo a estigmatização para que as alterações cognitivas e de humor apresentadas pelos pacientes não interfiram nas relações de afeto (Bucki et al., 2019).

Outro aspecto importante da vida pós derrame é o retorno ao trabalho. É relatado em literatura que fatores como o grau de deficiências e motivação, o tipo de trabalho, as adaptações no local de trabalho, o apoio e os serviços de reabilitação influenciam diretamente o retorno ao trabalho (Lindgren et al., 2019). Outros estudos identificaram barreiras como problemas psicológicos, estresse, problemas específicos do trabalho ou um local de trabalho sem suporte, idade avançada e etnia negra (Balasooriya-Smeekens et al., 2016). Assim, o apoio social e a compreensão no ambiente de trabalho são importantes para apoiar o retorno dos pacientes ao seu ambiente de trabalho, além de fatores pessoais, sociais e organizacionais, e das várias partes interessadas neste processo (Lindgren et al., 2019).

Os sobreviventes de AVC que retornaram ao trabalho relatam problemas como fadiga, dificuldade de concentração e medo (Balasooriya-Smeekens et al., 2016). Modificações no local de trabalho ou tarefas de trabalho alteradas/modificadas podem ser os principais fatores facilitadores para (Öst Nilsson et al., 2018). Frequentemente, o retorno ao trabalho após o AVC é visto como um indicador de recuperação, apesar de muitas pessoas ainda precisarem de suporte de longo prazo no local de trabalho (Balasooriya-Smeekens et al., 2016). Retornar às atividades laborais após AVC é um objetivo muito importante, pois garante um alto nível de auto-estima e satisfação com a vida, além de proporcionar conforto psicossocial, facilitando a vida independente e fornecendo um espírito de identidade social (La Torre et al., 2022).

Em alguns estudos, os pacientes descreveram que deficiências invisíveis impediam a situação de trabalho em uma perspectiva mais longa, com presença de sentimentos contraditórios em relação ao seu trabalho: por um lado, eles estavam gratos por poder trabalhar, mas, por outro, sentiam-se limitados e alguns tinham medo de perder o emprego (Lindgren et al., 2019). Tomados em conjunto, a capacidade de retorno ao trabalho e de permanecer no trabalho após o AVC envolve processos complexos, e todos os fatores que podem afetar esses processos ainda não são totalmente compreendidos (Lindgren et al., 2019).

Não só os cuidadores, mas colegas de trabalho sofrem emocionalmente quando um colega sofreu um derrame. Os empregadores e colegas enfrentam questões práticas e emocionais complexas durante o processo de retorno ao trabalho, sobre como sentimentos de empatia e apoio podem ser gratificantes, mas por outro lado existem sentimentos de tristeza e ansiedade (Öst Nilsson et al., 2018). Ter o colega com AVC de volta ao trabalho pode ser um processo emocional desafiador em função da necessidade de renegociar o relacionamento com o colega durante o

processo de retorno, pois alguns aspectos do relacionamento podem ser alterados em comparação a antes do derrame (Öst Nilsson et al., 2018).

Pode ser desafiador prestar solidariedade ao colega que retornou após um derrame. Há uma necessidade de melhorar a conscientização, em particular das deficiências invisíveis relacionadas ao AVC, entre sobreviventes de AVC, pessoal de trabalho e médicos (Balasooriya-Smeekens et al., 2016). Aconselhamento e apoio de profissionais de saúde podem fornecer conhecimento e melhorar a qualidade das redes de apoio (Öst Nilsson et al., 2018).

3.2 Neurobiologia das emoções no pós-derrame

A relação entre emoção, dimensões/categorias emocionais e diferentes centros cerebrais ainda é controversa atualmente. O conjunto de regiões cerebrais consistentemente ativadas nas emoções, independentemente do tipo, inclui o prosencéfalo basal, o córtex occipitotemporal e mesial-temporal, a amígdala, o córtex temporal anterior, a ínsula anterior, o orbitofrontal, o córtex dorsomedial e ventrolateral pré-frontal e o córtex cingulado anterior (Ferro e Santos, 2020). Uma hipótese localista de emoção cerebral sustenta que diferentes regiões do cérebro estão associadas a categorias de emoções distintas. Exemplos são a associação de medo com ativação da amígdala, nojo com a ínsula anterior, raiva com o lobo orbito-frontal e tristeza com o córtex cingulado anterior (Ferro e Santos, 2020).

Um modelo consistente é que um conjunto de regiões cerebrais interativas comumente envolvidas em operações psicológicas básicas de natureza emocional e não emocional (afeto central, conceituação, linguagem, atenção executiva) estão ativas durante a experiência emocional em uma variedade de categorias de emoções discretas (Lindquist et al., 2012). O afeto central é a representação mental de mudanças corporais às vezes experimentadas como prazer ou desprazer com algum grau de excitação. A rede cerebral correspondente compreende a substância cinzenta aquedutal pontina, o tálamo e o hipotálamo, o prosencéfalo basal e o córtex orbitofrontal. A rede de conceituação consiste no córtex pré-frontal ventromedial, lobo temporal medial e córtex cingulado posterior (Lindquist et al., 2012). O controle volitivo sobre a expressão da emoção é influenciado pela educação, aprendizagem e emergência do desenvolvimento durante a infância e adolescência do córtex pré-frontal lateral (Ferro e Santos, 2020).

Resultados sugerem que o AVC afeta a dinâmica mente-cérebro-de maneiras que não são tão evidentes em indivíduos sem tais lesões cerebrais (Farinelli et al., 2015). Os danos cerebrais decorrentes de derrames afetam não apenas as funções tradicionais ou clássicas (funções cognitivas, sensoriais, motoras, sociais), mas também as funções basais de sobrevivência, como emoções básicas e processos de apego de várias maneiras distintas, mas especificáveis. A função neurológica

da localização da lesão, o mecanismo compensatório do cérebro e o mecanismo de integridade e localização do cérebro são os fatores importantes na rede emocional individual (Shi et al., 2017).

Estes achados destacam a relevância psicossomática dos danos cerebrais decorrentes de acidentes vasculares cerebrais, documentando mudanças mentais em pacientes além das concepções tradicionais de relevância neurológica (Farinelli et al., 2015). Por exemplo, sugere-se que existe uma associação entre a depressão pós derrame e localizações específicas da lesão ou hemisfério. Os transtornos de humor na depressão são mais prováveis de ocorrer em locais de lesão específicos do AVC, como os gânglios e o córtex pré-frontal esquerdo, o que indica que diferentes localizações de lesões têm diferentes efeitos sobre a doença (Shi et al., 2017). O AVC do lobo frontal pode resultar em transtornos do humor, mas na prática clínica, observa-se que os lobos parietais que não estão intimamente relacionados à rede emocional também contribuem para os sintomas depressivos, sugerindo que o AVC em diferentes lesões/lobo pode ter características únicas da rede cerebral atuando na rede emocional (Shi et al., 2017).

3.3 O AVC como gerador de psicotrauma

O trauma psicológico como consequência de eventos traumáticos pode ser caracterizado por uma sensação extrema de impotência, bem como uma ruptura de crenças e expectativas (Kleber et al., 2019). O psicotrauma interpessoal pode ter impactos adversos profundos não apenas quando seu início ocorre na infância, mas também na vida adulta e em idosos, incluindo um aumento do risco de problemas graves de saúde física (por exemplo, obesidade, hipertensão) e doenças (por exemplo, doença cardiopulmonar, câncer) ao longo da vida (Olf et al., 2019).

Os episódios de AVC têm o potencial de serem eventos traumáticos, particularmente dada a natureza aguda e inesperada em que se apresentam (Nemani e Gurin, 2021). O isolamento social, a incapacidade de se envolver no trabalho e o apoio social reduzido também estão ligados ao aumento do risco de depressão, ansiedade e a uma recuperação mais lenta do AVC (Cooper et al., 2015).

A ansiedade fóbica relacionada ao medo da recorrência do AVC é uma manifestação comum da ansiedade pós-AVC, sendo que os pacientes acometidos devem ser rastreados para sintomas de TEPT (Nemani e Gurin, 2021). O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) geralmente ocorre após a exposição a eventos traumáticos ou com risco de vida. TEPT é comum após o AVC, com frequência estimada de 16,5% e seu desenvolvimento está associado a uma variedade de fatores, como condições prévias e concomitantes ao AVC, fatores psicológicos e fatores sociais (Tang et al., 2022).

A individualidade da resposta emocional e o contexto em que a emoção é experimentada é uma questão importante na compreensão da regulação emocional no pós-AVC (Cooper et al., 2015). Pacientes com diagnósticos prévios de ansiedade ou depressão apresentam risco aumentado de ter um transtorno de ansiedade após AVC, sendo observada a ocorrência de depressão frequentemente de forma concomitante com a ansiedade pós-AVC (Nemani e Gurin, 2021).

O sofrimento psicológico pós-AVC está associado ao comprometimento da qualidade de vida, limitações funcionais e uso de cuidados de saúde (Baumann et al., 2012). Entre as questões relacionadas à saúde, o conhecimento dos respectivos papéis das principais funções prejudicadas relacionadas ao AVC (como as relacionadas às funções motoras, visuais, sensoriais, de linguagem e memória) e domínios de qualidade de vida relacionados ao AVC podem ser úteis nas intervenções visando melhora da saúde e a vida diária dos pacientes. Os pacientes podem ter que ajustar seus estilos de vida, reorganizar a casa, adaptar estilos de comunicação e revisar planos para o futuro (Baumann et al., 2012).

3.4 Tratamentos dos distúrbios emotivos após AVC

É importante definir a melhor estratégia para a reabilitação profissional e como treinar profissionais de saúde para aplicar essa reabilitação usando as ferramentas mais adequadas para incentivar o retorno precoce ao trabalho em sobreviventes de AVC (La Torre et al., 2022). O trabalho em equipe interprofissional e multidisciplinar é necessário para reconhecer e tratar rapidamente pacientes com AVC agudo e oferecer cuidados eficazes durante a recuperação e reabilitação. As principais diretrizes de tratamento recomendam a atuação de equipes de saúde interprofissionais para atendimento pré-hospitalar, hospitalar para melhorar os resultados (Khaku e Tadi, 2023) além de um acompanhamento adequado em ambiente domiciliar.

A identificação de deficiências cognitivas específicas que limitam as capacidades laborais dos doentes vítimas de AVC e o aprofundamento sobre quais as técnicas de reabilitação profissional mais adequadas podem ser caminhos para melhorar a taxa de retorno ao trabalho em sobreviventes de AVC (La Torre et al., 2022). Além disso, os serviços de reabilitação prestados por uma equipe multidisciplinar durante e após a internação são essenciais para alcançar a recuperação funcional e a independência do paciente em pacientes que sofreram um acidente vascular cerebral agudo (Khaku e Tadi, 2023).

Embora não existam estudos de intervenções psicoterápicas específicas para a ansiedade fóbica pós-acidente vascular cerebral, a terapia cognitivo-comportamental parece ser eficaz na redução do medo. Ainda não se pode afirmar se a psicoterapia ou psicofarmacologia teriam diferenças para o tratamento do TEPT em sobreviventes de AVC (Nemani e Gurin, 2021). Na

população em geral, a terapia cognitivo-comportamental, a terapia de exposição e a terapia de dessensibilização e reprocessamento do movimento ocular são eficazes no tratamento dos sintomas de TEPT (Nemani e Gurin, 2021). As opções de tratamento farmacológico de primeira linha incluem inibidores de recaptção de serotonina (ISRS) ou de Noradrenalina (por exemplo, fluoxetina, paroxetina, venlafaxina). A prazosina pode ser útil no tratamento de pesadelos relacionados ao TEPT (Nemani e Gurin, 2021).

Em relação à depressão, o tratamento deve ser iniciado com um inibidor de recaptção de serotonina (por exemplo, paroxetina ou escitalopram) ou serotonina e noradrenalina (por exemplo, duloxetina ou venlafaxina), e um tricíclico (por exemplo, nortriptilina) deve ser considerado em caso de falta de resposta ao primeiro tratamento medicamentoso (Starkstein e Hayhow, 2019). Antes de iniciar um tricíclico, contraindicações e efeitos adversos desses medicamentos devem ser cuidadosamente considerados. Os antidepressivos ISRS, mas não tricíclicos, estão associados a um maior risco de acidentes vasculares cerebrais na população idosa (Starkstein e Hayhow, 2019).

Como estratégia psicoterapêutica em casos de depressão, sugere-se que terapias psicossociais breves com foco no gerenciamento de cuidados, psicoeducação e apoio familiar podem fornecer benefícios quando combinadas com medicação antidepressiva (Starkstein e Hayhow, 2019).

4. CONCLUSÕES

Os transtornos neuropsiquiátricos são comuns após o AVC e estão relacionados a uma recuperação ruim, podendo ser mitigados com identificação e tratamento adequados (Nemani e Gurin, 2021). A identificação e o tratamento precoces podem reduzir o comprometimento funcional e melhorar a qualidade de vida (Starkstein e Hayhow, 2019).

Deve-se dar maior ênfase no efeito da ansiedade e da depressão, não apenas em termos de reabilitação e ajuste, mas também no desenvolvimento de intervenções baseadas na prevenção e tratamento de transtornos do humor após acidente vascular cerebral (Donnellan et al., 2010). Em pesquisas futuras espera-se que o papel potencial do dano neural nas dificuldades de regulação emocional possa ser analisado com maior detalhamento. Em particular, danos às redes cerebrais envolvendo os lobos frontais e o sistema límbico podem contribuir para muitas das dificuldades emocionais observadas e derrames (Baumann et al., 2012), assim, a identificação das estruturas envolvidas poderia prever possíveis efeitos e direcionar o tratamento.

Entre os fatores mais importantes que influenciam o retorno ao trabalho em pessoas que sofreram AVC, estão as habilidades individuais, os fatores socioeconômicos, os fatores de saúde e

as incapacidades decorrentes do próprio AVC (La Torre et al., 2022). Deve haver uma rede de suporte e cooperação, tanto para os pacientes, quanto para familiares, cuidadores e colegas de trabalho para que as intervenções psicossociais atinjam todos os indivíduos envolvidos e promovam uma vida com maior qualidade durante o processo de recuperação e reabilitação do paciente.

REFERÊNCIAS

Balasoorya-Smeekens C, Bateman A, Mant J, De Simoni A. Barriers and facilitators to staying in work after stroke: insight from an online forum. *BMJ Open.*; 6(4):e009974, 2016.

Baumann M, Couffignal S, Le Bihan E, Chau N. Life satisfaction two-years after stroke onset: the effects of gender, sex occupational status, memory function and quality of life among stroke patients (Newsqol) and their family caregivers (Whoqol-bref) in Luxembourg. *BMC Neurol.*; 12:105, 2012.

Bucki B, Spitz E, Baumann M. Emotional and social repercussions of stroke on patient-family caregiver dyads: Analysis of diverging attitudes and profiles of the differing dyads. *PLoS ONE* 14(4): e0215425, 2019.

Chun HY, Whiteley WN, Dennis MS, Mead GE, Carson AJ. Anxiety After Stroke: The Importance of Subtyping. *Stroke* ;49(3):556-564, 2019.

Cooper CL, Phillips LH, Johnston M, Whyte M, MacLeod MJ. The role of emotion regulation on social participation following stroke. *Br J Clin Psychol.*; 54(2):181-99, 2015.

Donnellan C, Hickey A, Hevey D, O'Neill D. Effect of mood symptoms on recovery one year after stroke. *Int J Geriatr Psychiatry.*;25(12):1288-95, 2010.

Farinelli M, Panksepp J, Gestieri L, Maffei M, Agati R, Cevolani D, Pedone V, Northoff G. Do brain lesions in stroke affect basic emotions and attachment? *J Clin Exp Neuropsychol.*; 37(6):595-613, 2015.

Ferro JM, Santos AC. Emotions after stroke: A narrative update. *Int J Stroke.*; 15(3):256-267, 2020.

Khaku AS, Tadi P. Cerebrovascular Disease. In: *StatPearls* [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2023.

Kim JS. Post-stroke Mood and Emotional Disturbances: Pharmacological Therapy Based on Mechanisms. *J Stroke.*;18(3):244-255, 2016.

King RB, Ainsworth CR, Ronen M, Hartke RJ. Stroke caregivers: pressing problems reported during the first months of caregiving. *J Neurosci Nurs.*; 42(6):302-11, 2010.

Kleber RJ. Trauma and Public Mental Health: A Focused Review. *Front Psychiatry.*; 10:451, 2019.

La Torre G, Lia L, Francavilla F, Chiappetta M, De Sio S. Factors that facilitate and hinder the return to work after stroke: an overview of systematic reviews. *Med Lav.*; 113(3):e2022029, 2022.

Lindgren I, Brogårdh C, Pessah-Rasmussen H, Jonasson SB, Gard G. Work conditions, support, and changing personal priorities are perceived important for return to work and for stay at work after stroke - a qualitative study. *Disabil Rehabil.*; 44(11):2500-2506, 2022.

Lindquist KA, Wager TD, Kober H, Bliss-Moreau E, Barrett LF. The brain basis of emotion: a meta-analytic review. *Behav Brain Sci.*; 35: 121–143, 2012.

Nemani K, Gurin L. Neuropsychiatric Complications after Stroke. *Semin Neurol.*; 41(1):85-100, 2021.

Olf M, Amstadter A, Armour C, Birkeland MS, Bui E, Cloitre M, Ehlers A, Ford JD, Greene T, Hansen M, Lanius R, Roberts N, Rosner R, Thoresen S. A decennial review of psychotraumatology: what did we learn and where are we going? *Eur J Psychotraumatol.*; 10(1):1672948, 2019.

Öst Nilsson A, Eriksson G, Asaba E, Johansson U, Hellman T. Being a co-worker or a manager of a colleague returning to work after stroke: A challenge facilitated by cooperation and flexibility. *Scand J Occup Ther.*; 27(3):213-222, 2018.

Rafsten L, Danielsson A, Sunnerhagen KS. Anxiety after stroke: A systematic review and meta-analysis. *J Rehabil Med.*; 50(9):769-778, 2018.

Romanazzo S, Mansueto G, Cosci F. Anxiety in the Medically Ill: A Systematic Review of the Literature. *Front Psychiatry.*; 13:873126, 2022.

Shi Y, Zeng Y, Wu L, Liu Z, Zhang S, Yang J, Wu W. A Study of the Brain Functional Network of Post-Stroke Depression in Three Different Lesion Locations. *Sci Rep.*; 7(1): 14795, 2017.

Starkstein SE, Hayhow BD. Treatment of Post-Stroke Depression. *Curr Treat Options Neurol.*; 21(7):31, 2019.

Tadi P, Lui F. Acute Stroke. In: *StatPearls [Internet]. Ilha do Tesouro (FL): StatPearls Publishing; 2023.*

Tang WK, Wang L, F Tsoi KK, Rutovic S, Kim JS. Post-Traumatic Stress Disorder after Stroke: A Systematic Review. *Neurol India.*; 70(5):1887-1895, 2022.



Capítulo 2

TRATAMENTOS À BASE DE CANNABIS MEDICINAL E TERPENOS MEDICINAIS

DOI: 10.29327/5446957.1-2

Fernando Campos Barbosa
Emiliana Junqueira da Silva
Janaina Drawanz Pereira Rezende



TRATAMENTOS À BASE DE CANNABIS MEDICINAL E TERPENOS MEDICINAIS

Fernando Campos Barbosa

Emiliana Junqueira da Silva

Janaina Drawanz Pereira Rezende

RESUMO

Nos últimos anos, a cannabis medicinal tem ganhado reconhecimento devido ao potencial terapêutico de seus compostos bioativos, especialmente o canabidiol (CBD) e os terpenos. A *Cannabis sativa* é rica em fitocanabinoides, com propriedades terapêuticas diversas. O CBD destaca-se por suas propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e ansiolíticas, enquanto o THC é conhecido por seus efeitos psicoativos e terapêuticos. Estudos mostram que o CBD é eficaz no tratamento de dores crônicas, neuropáticas e inflamatórias, e em condições como autismo, epilepsia, ansiedade, depressão, a citar como exemplos. O trabalho tem por objetivo destacar a importância do tratamento à base de Cannabis Medicinal e Terpenos medicinais na medicina contemporânea e na melhoria da qualidade de vida. O trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa extensiva em várias bases de dados, como MEDLINE, PUBMED, SCIENCE DIRECT, SciELO e LILACS, sem um período específico de referência. Foram utilizadas palavras-chave como “Terpenos Medicinais”, “*Canabis sativa*”, “Terapias”, “Canabinoides” e “Tratamentos” Foram inclusos estudos que melhor descreveram o tema abordado, sem restrições de período de publicação ou delineamento do estudo. Houve a seleção de artigos originais em português, inglês e espanhol. Por meio de uma revisão narrativa e análise bibliográfica, os dados foram sintetizados de forma descritiva para compilar o conhecimento sobre o tema. É possível concluir afirmando que evidências emergentes destacam os benefícios terapêuticos dos compostos da *Cannabis sativa*, especialmente o CBD, para diversas condições de saúde. O CBD não se limita à epilepsia pediátrica, sendo eficaz também em doenças neurodegenerativas, complicações do SNC, saúde mental (ansiedade, psicose, neuroproteção), dor, náusea e vômitos. Seu perfil de segurança e ação ampla o torna promissor, especialmente para crianças e adolescentes com distúrbios do neurodesenvolvimento, como o TEA. Os terpenos são compostos com atividades promissoras, que merecem ser mais exploradas.

Palavras-chave: Medicina Psicossomática; Histórico; Neuropsicanálise, Medicina Interna.

ABSTRACT

In recent years, medical cannabis has gained recognition due to the therapeutic potential of its bioactive compounds, especially cannabidiol (CBD) and terpenes. Cannabis sativa is rich in phytocannabinoids, with diverse therapeutic properties. CBD stands out for its anti-inflammatory, analgesic and anxiolytic properties, while THC is known for its psychoactive and therapeutic effects. Studies show that CBD is effective in treating chronic, neuropathic and inflammatory pain, and in conditions such as autism, epilepsy, anxiety, depression, to name but a few. The aim of this work is to highlight the importance of treatments based on Medicinal Cannabis and Medicinal Terpenes in contemporary medicine and their role in improving quality of life. The work was developed based on extensive research across various databases, including MEDLINE, PUBMED,

SCIENCE DIRECT, SciELO, and LILACS, without a specific reference period. Keywords such as "Medicinal Terpenes," "Cannabis sativa," "Therapies," "Cannabinoids," and "Treatments" were used. Studies that best described the topic were included, with no restrictions on publication period or study design. Original articles in Portuguese, English, and Spanish were selected. Through a narrative review and bibliographic analysis, the data were synthesized descriptively to compile knowledge on the topic. It can be concluded that emerging evidence underscores the therapeutic benefits of Cannabis sativa compounds, especially CBD, for a variety of health conditions. CBD is not limited to pediatric epilepsy, it is also effective in neurodegenerative diseases, CNS complications, mental health (anxiety, psychosis, neuroprotection), pain, nausea and vomiting. Its safety profile and broad spectrum of action make it particularly promising, especially for children and adolescents with neurodevelopmental disorders such as ASD. Terpenes, with their promising activities, also warrant further exploration.

Keywords: Psychosomatic Medicine; History; Neuropsychanalysis; Internal Medicine.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a cannabis medicinal tem ganhado crescente reconhecimento na comunidade científica e médica, principalmente pelo potencial terapêutico de seus compostos bioativos. A relevância clínica do canabidiol (CBD) e dos terpenos medicinais presentes na *Cannabis sativa* tem sido cada vez mais explorada, destacando suas aplicações no tratamento de diversas patologias (Singh et al., 2023).

A *Cannabis sativa* é uma planta composta por centenas de constituintes, incluindo mais de 100 canabinoides (Kirkland et al., 2022). A cannabis tem uma longa história de uso medicinal, datando de quase 5.000 anos na China e, historicamente, tem sido usado para vários fins, incluindo analgesia, vômitos, sedação, glaucoma, estimulação do apetite, depressão e convulsões (Tsang e Giudice, 2016). Os mais comuns são o Δ -9-tetraidrocanabinol (THC) e o canabidiol (CBD), estando presentes em proporções variadas com base na variedade cultivada de *Cannabis sativa* (Kirkland et al., 2022).

Além do CBD, o dronabinol [um produto sintético delta-9-tetraidrocanabinol (THC)] e a nabilona foram regulamentados pelo FDA para o tratamento de náuseas e vômitos induzidos por quimioterapia (Villanueva et al., 2022). O dronabinol foi aprovado pelo FDA em 1985 para o tratamento de anorexia induzida por HIV/AIDS e náuseas e vômitos induzidos por quimioterapia em pacientes que não responderam aos antieméticos convencionais (O'Donnell et al., 2023). Também tem uso off-label para tratar a apneia obstrutiva do sono com eficácia mista e pouco clara (apenas estudos de Fase II) (O'Donnell et al., 2023). Já a nabilona é um canabinoide sintético oral análogo do THC para o tratamento de náuseas e vômitos graves associados à quimioterapia, com evidências clínicas para manejo de condições de dor com diferentes etiologias (Tsang e Giudice, 2016).

A Organização Mundial da Saúde em 2019 reconheceu o valor médico do CBD em 2020, alterando a classificação de controle internacional sobre as preparações contendo predominantemente CBD e não mais de 0,2 % do THC, excluindo-as de qualquer lista proibicionista da Convenção de 1961 por não haver necessidade de controle rigoroso internacional, ocupando a lista I.2, devendo ficar sob controle determinado por legislação de cada país, porém com reconhecimento do uso medicinal (Villanueva et al., 2022).

De acordo com a Forbes, em outubro de 2020, as vendas de CBD nos Estados Unidos atingiram US\$ 4,2 bilhões depois de sua legalização em 2018 (Villanueva et al., 2022). Portanto, o CBD é um negócio em rápida expansão, com expectativa de aumento para US\$ 20 bilhões em 2025 (Villanueva et al., 2022), o que demanda dos profissionais da área da saúde maior entendimento sobre as questões clínicas e regulatórias de sua utilização.

Cada vez mais destaca-se a importância das evidências clínicas para o uso do canabidiol e de terpenos medicinais no tratamento de diversas patologias. A utilização da cannabis para fins medicinais remonta a séculos, com registros históricos que documentam seu uso em várias culturas antigas (*National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine; Health and Medicine Division; Board on Population Health and Public Health Practice; Committee on the Health Effects of Marijuana*, 2017).

Recentemente, as pesquisas sobre o tema têm concentrado esforços na comprovação das propriedades terapêuticas da planta, com ênfase especial no canabidiol (CBD) e terpenos (Leinen et al., 2023). Estudos clínicos têm fornecido evidências substanciais que apoiam o uso destes compostos em tratamentos médicos variados (Singh et al., 2023; Purcell et al., 2022; Al-Khazaleh et al., 2024).

De forma a melhor embasar o que foi anteriormente apresentado, o presente trabalho visa fornecer uma visão abrangente das potencialidades da cannabis medicinal, com um foco especial nos fitocanabinoides e terpenos, e suas aplicações clínicas emergentes, destacando a importância de sua aplicação para a melhoria da qualidade de vida e o avanço na medicina contemporânea. A compreensão dos mecanismos e utilizações terapêuticas destes compostos e reconhecimento de sua importância é uma necessidade pungente para profissionais de saúde e para a implementação eficaz da cannabis na prática médica.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão da literatura nas bases de dados MEDLINE, PUBMED, SCIENCE DIRECT, SciELO e LILACS. As buscas foram realizadas usando “Terpenos

Medicinais”, “*Canabis sativa*”, “Terapias”, “Canabinoides” e “Tratamentos” como palavras-chave para identificar a literatura online pertinente. Foram inclusos os estudos que melhor descreveram o tema abordado. Não foram estabelecidos períodos específicos de publicação nem restrição quanto ao delineamento do estudo, sendo selecionados artigos originais em português, inglês e espanhol.

3. APORTE TEORICO SOBRE AS CONCEPÇÕES ACERCA DA CANNABIS MEDICINAL E TERPENOS MEDICINAIS

Cannabis é uma planta que ganhou ampla atenção por seu uso em potencial na pesquisa psiquiátrica devido ao seu papel como neuromodulador em áreas do cérebro que controlam a cognição, a regulação emocional, o comportamento e as respostas fisiológicas (Kirkland et al., 2022).

A ‘cannabis’ não é um produto composto único, mas é conhecida pelo seu perfil molecular complexo, produzindo uma infinidade de fitocanabinoides juntamente com uma vasta gama de terpenos (Ferber et al., 2020).

Os terpenos são uma importante classe de compostos produzidos por *C. sativa*, contribuindo com seu aroma característico (Ashton et al., 2005). Cada cepa de cannabis apresenta um perfil terpenoide típico, diferindo de outras cepas, tanto qualitativa quanto quantitativamente, de acordo com suas quantidades relativas e de determinados terpenos presentes (Aizpurua-Olaizola et al., 2016). Os terpenos e terpenoides não são exclusivos da cannabis, pois muitas outras plantas produtoras de flores também os produzem (Ferber et al., 2020).

Os terpenos são compostos orgânicos construídos a partir de isoprenos, moléculas que consistem em cinco átomos de carbono ligados a oito átomos de hidrogênio (C_5H_8), sendo classificados de acordo com o número de pares de isoprenos usados para construir o terpeno individual – mono, sesqui, di *etc.* (Ferber et al., 2020). Três grupos (mono-, di- e sesqui-terpenos) são os mais abundantes nos óleos essenciais de plantas, inclusive a *cannabis*. O termo “terpenos” é frequentemente estendido para incluir também terpenoides, derivados oxigenados dos terpenos. Tem sido verificado que os terpenos, além de transmitir o cheiro das diferentes flores de cannabis, também tem atividades terapêuticas (Ferber et al., 2020). As inflorescências de cannabis acumulam centenas de miligramas de terpenos junto com canabinoides (de 8% a 20% do conteúdo de canabinoides (Koltai et al., 2019).

Embora o foco da comunidade científica tenha sido direcionado às funções bioativas dos canabinoides, os terpenos de hidrocarbonetos presentes na *Cannabis sativa* também podem oferecer efeitos interessantes, contribuindo de forma sinérgica ou potenciando os efeitos dos princípios ativos (Somano et al., 2020). A estes efeitos usa-se o termo efeitos em comitiva ou entourage.

O efeito *entourage*, ou efeito de *entourage*, é a relação sinérgica que ocorre entre todos os compostos químicos presentes na *Cannabis*. Essa sinergia é observada quando se utiliza o extrato completo da planta, incluindo todos os canabinoides, terpenos, flavonoides e outras substâncias, em vez de apenas partes isoladas. Foi inicialmente descrito em 1998, quando observou-se que metabólitos endógenos (ou seja, ésteres de glicerol de ácidos graxos), que são individualmente farmacologicamente inativos, potencializaram a atividade do endocanabinoide 2-AG quando testados coletivamente em diferentes estudos *in vitro* e *in vivo*. O efeito potencializado só foi observado em faixas de concentração específicas de metabólitos. Tratava-se de uma hipotética reflexão posterior descrita como o "efeito *entourage*" e proposta para ser potencialmente de ampla relevância para o uso medicinal de produtos à base de *Cannabis*. Os autores referiram-se aos compostos bioativos derivados de plantas como sendo acompanhados por compostos quimicamente relacionados (i.e., "compostos de *entourage*"), sendo estes últimos bio-inativos quando administrados individualmente (Christensen et al., 2023).

Um benefício notável desse efeito *entourage* é a interação entre os dois principais fitocannabinoides, o THC e o CBD. A combinação do CBD com o THC ajuda a reduzir os potenciais efeitos colaterais do THC, ao mesmo tempo em que a associação do THC com o CBD diminui a dose média necessária para o tratamento com o CBD. Esse fenômeno tem implicações importantes no uso terapêutico da *Cannabis* (Koltai et al., 2019; Christensen et al., 2023).

Muitas doenças são causadas por uma causalidade multifatorial, em que os medicamentos compostos únicos muitas vezes não visam todos os alvos afetados pela doença e, como resultado, não conseguem controlar a doença de forma eficaz. Propõe-se, portanto, que produtos multicompostos, como extratos de *Cannabis*, podem proporcionar efeitos benéficos no manejo de tais doenças multifatoriais (Christensen et al., 2023).

A relação relativa THC:CBD pode impactar o efeito terapêutico de medicamentos à base de *cannabis*. Por exemplo, produtos com alto teor de THC são administrados para indicações como náuseas e vômitos, enquanto uma proporção igual de THC:CBD é benéfica em, por exemplo, dor e esclerose múltipla, enquanto produtos com alto teor de CBD podem ser usados para o tratamento de, por exemplo, depressão e epilepsia (Brunetti et al., 2020; Nahler, 2019).

O resultado farmacológico final depende do efeito combinado dos compostos coadministrados, pois eles afetam a capacidade uns dos outros de se ligarem aos seus respectivos alvos. Além disso, respostas de dose bifásicas (isto é, quando doses baixas e altas exercem efeitos opostos) têm sido relatadas como, por exemplo, o THC é demonstrado como ansiolítico em doses baixas e ansiogênico em doses mais altas. O efeito bifásico é adicionalmente influenciado por compostos potencialmente coadministrados (Katsidoni; Kastellakis; Panagis, 2013).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO QUANTO A IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO À BASE DE CANNABIS MEDICINAL E TERPENOS MEDICINAIS

4.1 Tratamento de dor

Estudos pré-clínicos e clínicos sugerem o efeito antinociceptivo em potencial do CBD isolado ou em combinação com outros compostos no controle e tratamento da dor em várias doenças, cujos efeitos analgésicos podem variar dependendo da dose e da via de administração (Mlost et al., 2020). Citam-se como dosagens 23,56 mg/dia para dor neuropática, 19,69 mg/dia para dor oncológica e 13,75 mg/dia para dor nociceptiva (Rabgay et al., 2020).

Atualmente, não existem produtos farmacêuticos aprovados que contenham apenas CBD para o controle da dor (Boyaji et al., 2020). Diferentes vias de administração apresentaram diferentes aplicações. A via oral é utilizada para dor neuropática e oncológica com THC/CBD e THC, a via oral é utilizada para dor oncológica com THC; e a inalação de *Cannabis sativa* padronizada com THC para neuropatia e extrato oral padronizado de cannabis com THC para dor nociceptiva (Villanueva et al., 2022).

Desde o início dos anos 2000, os ensaios clínicos envolvendo o CBD para o tratamento da dor crônica mostraram efeitos variáveis (Argueta et al., 2020). Evidências sugerem sua aplicabilidade em no tratamento da dor crônica associada ao transplante renal e quando administrado topicamente a pacientes que sofrem de neuropatia periférica das extremidades inferiores, fibromialgia, melhora consistente na qualidade de vida relatada pelo paciente e na qualidade do sono em pacientes com dor crônica generalizada e dor crônica não oncológica (Argueta et al., 2020).

4.2 Tratamento de Crianças Neurodivergentes

Os distúrbios do neurodesenvolvimento em crianças têm impactos profundos em crianças e na dinâmica das famílias, especialmente quando um diagnóstico adicional de saúde mental está presente, apresentando amplas implicações para a saúde das crianças, sem cura definitiva para a grande maioria delas (Kwan Cheung et al., 2021). Podem incluir transtornos de ansiedade e humor, síndrome de Tourette, psicose, transtornos bipolares, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual (DI) e deficiências sindrômicas (Kwan Cheung et al., 2021).

O CBD, em particular, foi relatado como seguro e bem tolerado com uma infinidade de propriedades. Como anticonvulsivante, vem sendo utilizado em muitos casos de epilepsia persistentemente resistentes às opções de tratamento mais comuns (Kwan Cheung et al., 2021).

Além disso, tem sido relatado que a administração terapêutica de CBD demonstrou aliviar uma série de sintomas neuropsiquiátricos na esquizofrenia, depressão e ansiedade (Kwan Cheung et al., 2021).

A incerteza da segurança e dos efeitos a longo prazo do THC mudou a atenção da comunidade médica para o CBD, emergindo como uma opção terapêutica potencial devido à sua relativa abundância na planta *Cannabis sativa* (40%), falta de efeitos psicoativos, perfil de segurança e supostas vantagens (Dias-de Freitas et al., 2022). Ao contrário do CBD, o THC é fortemente psicoativo e seus efeitos no cérebro em desenvolvimento incluem mudanças de humor, apetite, comportamento e cognição de curto prazo vantagens (Dias-de Freitas et al., 2022). Além disso, estudos recentes sugerem uma interface bidirecional favorável entre o THC e o CBD, porque o THC pode reforçar as propriedades benéficas do CBD, enquanto o CBD diminui os efeitos psicotrópicos do THC (Dias-de Freitas et al., 2022).

No entanto, é fundamental ter em mente que as propriedades psicoativas do THC e as fortes interações neurais podem ser prejudiciais após exposição crônica de longo prazo, especialmente durante o desenvolvimento do cérebro em crianças (Dias-de Freitas et al., 2022).

Em relação aos potenciais efeitos adversos do CBD, sonolência, diarreia e perda de apetite são os mais relatados em crianças vantagens (Dias-de Freitas et al., 2022). Vários grandes estudos mostraram que os principais riscos de dependência, deterioração cognitiva menor e esquizofrenia estão diretamente relacionados às concentrações de THC e CBD; uma proporção menor de CBD:THC e o início precoce do tratamento implicam em um risco maior de consequências prejudiciais ao desenvolvimento neurológico vantagens (Dias-de Freitas et al., 2022).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades e, frequentemente, deficiências intelectuais. O TEA tem uma série de comorbidades prevalentes, como distúrbios do sono, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e epilepsia, entretanto, nenhum tratamento eficaz para os principais sintomas do TEA está disponível atualmente (Poleg et al., 2019).

Há um interesse crescente em canabinoides, especialmente o CBD como monoterapia ou tratamento complementar para os principais sintomas e comorbidades do TEA (Poleg et al., 2019). Os tratamentos com óleo CBD:THC apresentaram taxas de retenção elevadas. No entanto, evidências sobre taxas elevadas de adesão e retenção para baixas doses de CBD em pacientes com TEA são significativas. Alguns pacientes descreveram efeitos adversos durante o tratamento com CBD, no entanto, melhorias no TEA e nos sintomas relacionados à comorbidade foram observados alguns estudos, como diminuição da ansiedade, problemas de sono, hiperatividade, comportamento

agressivo e automutilação, melhora na autonomia dos pacientes, no desempenho motor e cognitivo, na comunicação e na interação social (Dias-de Freitas et al., 2022).

Existem poucos estudos em outras condições clínicas. Evidência sugere que o tratamento precoce com CBD pode ser uma terapia promissora para a síndrome do X frágil, para indivíduos com deficiência intelectual e distúrbios comportamentais comórbidos e no tratamento de pacientes pediátricos com síndrome de deleção 22q11.2 (Dias-de Freitas et al., 2022). O mecanismo para os potenciais efeitos terapêuticos do CBD no TDAH é desconhecido e não houve publicações sobre pacientes pediátricos até o momento (Dias-de Freitas et al., 2022).

4.3 Tratamento de outras patologias

O uso terapêutico da *Cannabis* tem aumentado significativamente, com indicação para as mais variadas doenças e sintomas, como dor crônica, náusea e vômito induzidos pela quimioterapia, esclerose múltipla, anorexia nervosa, ansiedade, demência, distonia, doença de Huntington, doença de Parkinson, transtorno de estresse pós-traumático, psicose, síndrome de Tourette, epilepsia, além da Doença de Alzheimer (Moraes, 2022).

Especificamente em relação ao CBD, é conhecido o potencial terapêutico para o tratamento de epilepsia (convulsões focais), bem como tratamento de náuseas e vômitos. O CBD apresenta ainda propriedades antiinflamatórias, imunossupressoras, antioxidantes e antipsicóticas (Odieka et al., 2022). Há uma crescente literatura pré-clínica e clínica indicando que o CBD pode ter efeitos ansiolíticos, antidepressivos, ações antedesejo, insônia, transtornos por uso de substâncias (opioides, alcoolismo, tabagismo, estimulante e uso de *Cannabis sativa*) e Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (Kirkland et al., 2022).

Evidências crescentes conhecidas dos efeitos ansiolíticos do CBD também foram aventadas para serem usadas como uma opção terapêutica para tratar a ansiedade e o TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático) relacionados ao COVID-19 de longa duração (Odieka et al., 2022).

4.4 Terapia psicodélica

Com foco principalmente em psilocibina e MDMA (metilenodioximetanfetamina), vem sendo considerado o potencial de fármacos psicodélicos para tratar uma variedade de diferentes condições psiquiátricas e neurológicas, como dependência, dor, depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Kurtz et al., 2022).

Embora não esteja bem entendida a interação entre CBD e psicodélicos, é uma possibilidade a utilização de CBD para neutralizar efeitos indesejados, como ansiedade e paranoia,

causados por essas substâncias. A psilocibina é capaz de promover alterações perceptivas intensas que incluem alucinações, sinestesia e alterações na percepção temporal, bem como alterações na emoção e nos pensamentos, o que pode levar ao risco de uso prejudicial (Bienemann et al., 2020). Ademais, indivíduos saudáveis podem experimentar episódios de *bad trips* – experiências negativas, que podem envolver confusão mental, agitação, ansiedade extrema, medo e episódios psicóticos – incluindo imagens bizarras e assustadoras, paranoia severa e perda do senso de realidade (Bienemann et al., 2020). Na relação entre episódios *de bad trip* e certos estados mentais e/ou *configurações físicas* também é relevante considerar aspectos subjetivos como importantes desencadeadores de desfechos ansiogênicos relacionados ao uso de substâncias psicodélicas (Bienemann et al., 2020).

Em função dos potenciais benefícios terapêuticos do CBD e de substâncias psicodélicas, especula-se sua combinação. A despeito do debate atual, ainda não existem estudos suficientes sobre a interação e segurança-eficácia da utilização de CBD em terapias psicodélicas. Como o CBD tem um efeito calmante e quase sedativo (García-Gutiérrez et al., 2020), assim, tem-se aventado a possibilidade de sua utilização em usuários de compostos psicodélicos como adjuvantes ao tratamento (Zafar et al., 2022). Além disso, em função dos efeitos do CBD no alívio de náuseas e redução de ansiedade, poderia ser utilizado em terapia psicodélica como adjuvante no relaxamento dos pacientes (Zafar et al., 2022; Campos et al., 2012). A combinação de CBD e psilocibina poderia ser usada em decorrência de efeitos apresentados por ambas as substâncias, como efeitos anti-inflamatórios e antioxidantes, prevenindo os efeitos adversos de alguns medicamentos prescritos (Meng et al., 2017; Bhunia et al., 2022).

O CBD pode reduzir a ansiedade e a depressão estimulando a neurogênese no hipocampo (Campos et al., 2013). Durante seu desenvolvimento, os neurônios nascidos em adultos modulam as funções no giro denteado que orquestram diversos comportamentos. Os neurônios recém-nascidos atuam como unidades de codificação independentes que podem inibir a atividade de células granulares maduras e amortecer a excitabilidade no giro denteado de forma geral (Luján e Valverde, 2020). Dada a participação da função hipocampal no humor, cognição e motivação, a neurogênese do hipocampo adulto está envolvida em diferentes processos neuropsicológicos em condições fisiológicas e patológicas (Luján e Valverde, 2020).

Uma gama de evidências indica que o CBD promove neurogênese e outros efeitos benéficos à saúde via sistema endocanabinoide, que desempenha um papel fundamental na regulação da neurogênese adulta e na expressão de moléculas sinalizadoras como BDNF (fator neurotrófico derivado do cérebro), ERK1/2-CREB, GSK3 β e PSD95 ou PI3K/mTOR/ p70S6K em nível celular (Luján e Valverde, 2020).

Outros distúrbios comuns tratados com fármacos psicodélicos incluem a dependência de substâncias, surgindo como uma opção em potencial para tratamento sintomático durante a redução gradual de opioides, além do tratamento de dores (crônica, pós-operatória, pós-traumática) e cefaleias (Kurtz et al., 2022).

Estudos sugerem que tratamentos farmacológicos alternativos, principalmente com fármacos psicodélicos e outras substâncias não convencionais, especialmente quando combinados com psicoterapias, podem oferecer uma nova esperança para um sucesso de tratamento melhor e de longo prazo para TEPT, de forma a interromper a memória do medo (Raut et al., 2022). Vários ensaios com psilocibina mostram eficácia preliminar em facilitar o confronto com memórias traumáticas, diminuindo a evitação emocional, depressão, ansiedade, pessimismo e desconexão dos outros, e aumentando a aceitação, autocompaixão e perdão de agressores, todos os quais são relevantes para a recuperação de TEPT (Khan et al., 2022).

Atualmente, os tratamentos de base atuais para TEPT (transtorno de estresse pós-traumático) incluem psicoterapia com terapia cognitivo-comportamental, terapia de processamento cognitivo, terapia de exposição prolongada e farmacoterapia com inibidores seletivos de recaptção de serotonina (Raut et al., 2022). Há uma necessidade crítica de abordagens inovadoras, e a terapia psicodélica com psilocibina e de outros psicodélicos clássicos surgem como estratégia terapêutica promissora (Khan et al., 2022).

O CBD e os psicodélicos mostraram grande potencial. No entanto, ainda são necessárias mais pesquisas para entender as interações do CBD e dos psicodélicos quando usados em combinação.

5. CONCLUSÃO

Um corpo emergente de evidências vem sendo apresentado sobre a aplicação terapêutica e benefícios de compostos presentes na *Cannabis sativa* para uma vida com maior qualidade, isoladamente ou em combinação. A utilização clínica do CBD não se restringe somente à epilepsia pediátrica, podendo ser utilizados não só para doenças neurodegenerativas convencionais, mas também para uso secundário a outras complicações do SNC isoladamente ou como adjuvante terapêutico.

As suas aplicações na área de saúde mental (propriedades ansiolíticas, antipsicóticas e neuroprotetoras e para uso secundário a outras complicações do SNC isoladamente ou como adjuvante terapêutico), condições neurodegenerativas, dor, enjoo e vômitos e epilepsia, principalmente, apresentam potencial terapêutico significativo devido ao seu perfil de segurança, toxicidade e ação de amplo espectro. Atualmente, o CBD é o canabinoide com perfil terapêutico

mais promissor para crianças e adolescentes com distúrbios do neurodesenvolvimento, especialmente TEA.

Os terpenos são compostos presentes na *Cannabis sativa* com atividades terapêuticas promissoras. Eles possuem propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e ansiolíticas, que contribuem significativamente para o efeito entourage, onde a combinação de diferentes compostos da planta potencializa seus benefícios terapêuticos. Devido a essas propriedades, os terpenos merecem ser mais explorados em pesquisas científicas para melhor compreender e aproveitar seu potencial na prática médica.

REFERÊNCIAS

Al-Khazaleh AK, Zhou X, Bhuyan DJ, Münch GW, Al-Dalabeeh EA, Jaye K, Chang D. The Neurotherapeutic Arsenal in *Cannabis sativa*: Insights into Anti-Neuroinflammatory and Neuroprotective Activity and Potential Entourage Effects. *Molecules.*; 29(2):410, 2024.

Argueta DA, Ventura CM, Kiven S, Sagi V, Gupta K. A Balanced Approach for Cannabidiol Use in Chronic Pain. *Front Pharmacol.*; 11:561, 2020.

beas Bih C, Chen T, Nunn AV, Bazelot M, Dallas M, Whalley BJ. Molecular Targets of Cannabidiol in Neurological Disorders. *Neurotherapeutics.*;12(4):699-730, 2015.

Ben-Zeev B. Medical Cannabis for Intractable Epilepsy in Childhood: A Review. *Rambam Maimonides Med J.*;11(1):e0004, 2020.

Bhunia S, Kolishetti N, Arias AY, Vashist A, Nair M. Cannabidiol for neurodegenerative disorders: A comprehensive review. *Front Pharmacol.*; 13:989717, 2022.

Bienemann B, Ruschel NS, Campos ML, Negreiros MA, Mograbi DC. Self-reported negative outcomes of psilocybin users: A quantitative textual analysis. *PLoS One.*;15(2):e0229067, 2020.

Boyaji S, Merkow J, Elman RNM, Kaye AD, Yong RJ, Urman RD. The Role of Cannabidiol (CBD) in Chronic Pain Management: An Assessment of Current Evidence. *Curr Pain Headache Rep.*; 24(2):4, 2020.

Brunetti P, Pichini S, Pacifici R, Busardò FP, del Rio A. Herbal Preparations of Medical Cannabis: A Vademecum for Prescribing doctors. *Medicina*; 56:237, 2020.

Chayasirisobhon S. Mechanisms of Action and Pharmacokinetics of Cannabis. *Perm J.*; 25:1-3, 2020.

Christensen C, Rose M, Cornett C, Allesø M. Decoding the Postulated Entourage Effect of Medicinal Cannabis: What It Is and What It Isn't. *Biomedicines.*; 11(8):2323, 2023.

Christensen C, Rose M, Cornett C, Allesø M. Decoding the Postulated Entourage Effect of Medicinal Cannabis: What It Is and What It Isn't. *Biomedicines*; 11(8):2323, 2023.

De Lima AA, Alexandre UC, Santos JS. The use of marijuana (*Cannabis sativa* L.) in the pharmaceutical industry: a review. *Research, Society and Development*; 10(12): e46101219829, 2021.

Dias-de Freitas F, Pimenta S, Soares S, Gonzaga D, Vaz-Matos I, Prior C. The role of cannabinoids in neurodevelopmental disorders of children and adolescents. *Rev Neurol.*;75(7):189-197, 2022.

Efron D, Taylor K. Medicinal Cannabis for Paediatric Developmental, Behavioural and Mental Health Disorders. *Int J Environ Res Public Health.*; 7;20(8):5430, 2023.

Ferber SG, Namdar D, Hen-Shoval D, Eger G, Koltai H, Shoval G, Shbiro L, Weller A. The "Entourage Effect": Terpenes Coupled with Cannabinoids for the Treatment of Mood Disorders and Anxiety Disorders. *Curr Neuropharmacol.*; 18(2):87-96, 2020.

García-Gutiérrez MS, Navarrete F, Gasparyan A, Austrich-Olivares A, Sala F, Manzanares J. Cannabidiol: A Potential New Alternative for the Treatment of Anxiety, Depression, and Psychotic Disorders. *Biomolecules.*;10(11):1575, 2020.

Grotsch K, Fokin VV. Between Science and Big Business: Tapping Mary Jane's Uncharted Potential. *ACS Cent Sci.*; 8(2):156-168, 2022.

Hacohen M, Stolar OE, Berkovitch M, Elkana O, Kohn E, Hazan A, Heyman E, Sobol Y, Waissengreen D, Gal E, Dinstein I. Children and adolescents with ASD treated with CBD-rich cannabis exhibit significant improvements particularly in social symptoms: an open label study. *Transl Psychiatry.*; 12(1):375, 2022.

Hourfane S, Mechqoq H, Bekkali AY, Rocha JM, El Aouad N. A Comprehensive Review on *Cannabis sativa* Ethnobotany, Phytochemistry, Molecular Docking and Biological Activities. *Plants*; 12(6):1245, 2023.

Jastrzab A, Jarocka-Karpowicz I, Skrzydlewska E. The Origin and Biomedical Relevance of Cannabigerol. *Int J Mol Sci.*;23(14):7929, 2022.

Khan AJ, Bradley E, O'Donovan A, Woolley J. Psilocybin for Trauma-Related Disorders. *Curr Top Behav Neurosci.*; 56:319-332, 2022.

Khan R, Naveed S, Mian N, Fida A, Raafey MA, Aedma KK. The therapeutic role of Cannabidiol in mental health: a systematic review. *J Cannabis Res.*; 2(1):2, 2020.

Kirkland AE, Fadus MC, Gruber SA, Gray KM, Wilens TE, Squeglia LM. A scoping review of the use of cannabidiol in psychiatric disorders. *Psychiatry Res.*; 308:114347, 2022.

Koltai H, Poulin P, Namdar D. Promoting cannabis products to pharmaceutical drugs. *Eur. J. Pharm. Sci.* ; 132:118–120, 2019.

Kwan Cheung KA, Mitchell MD, Heussler HS. Cannabidiol and Neurodevelopmental Disorders in Children. *Front Psychiatry.*;12:643442, 2021.

Laun AS, Shrader SH, Brown KJ, Song ZH. GPR3, GPR6, and GPR12 as novel molecular targets: their biological functions and interaction with cannabidiol. *Acta Pharmacol Sin.*; 40(3):300-308, 2019.

Luján MÁ, Valverde O. The Pro-neurogenic Effects of Cannabidiol and Its Potential Therapeutic Implications in Psychiatric Disorders. *Front Behav Neurosci.*; 14:109, 2020.

Marichal-Cancino BA, Fajardo-Valdez A, Ruiz-Contreras AE, Mendez-Díaz M, Prospero-García O. Advances in the Physiology of GPR55 in the Central Nervous System. *Curr Neuropharmacol.*; 15(5):771-778, 2017.

Meng H, Johnston B, Englesakis M, Moulin DE, Bhatia A. Selective Cannabinoids for Chronic Neuropathic Pain: A Systematic Review and Meta-analysis. *Anesth Analg.*;125(5):1638-1652, 2017.

Mlost J, Bryk M, Starowicz K. Cannabidiol for Pain Treatment: Focus on Pharmacology and Mechanism of Action. *Int J Mol Sci.*; 21(22):8870, 2020.

Moraes PZ. Revisão integrativa: verificação da eficácia / efetividade da Cannabis medicinal e dos derivados canabinoides na Doença de Alzheimer. *Revista Fitos*; 16(1): 120-141, 2022.

Nahler G. Cannabidiol and Contributions of Major Hemp Phytocompounds to the “Entourage Effect”; Possible Mechanisms. *Altern. Complement. Integr. Med.*; 5:1-16, 2019.

National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine; Health and Medicine Division; Board on Population Health and Public Health Practice; Committee on the Health Effects of Marijuana: An Evidence Review and Research Agenda. *The Health Effects of Cannabis and Cannabinoids: The Current State of Evidence and Recommendations for Research*. Washington (DC): National Academies Press (US); 2017. Disponível em em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK425767/>. Acesso em: 01/08/2024.

Odieka AE, Obuzor GU, Oyedeji OO, Gondwe M, Hosu YS, Oyedeji AO. The Medicinal Natural Products of Cannabis sativa Linn.: A Review. *Molecules.*; 27(5):1689, 2022.

O'Donnell B, Meissner H, Gupta V. Dronabinol. [Atualizado em 05 de setembro de 2022]. In: *StatPearls* [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK557531/>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

Peres FF, Lima AC, Hallak JE, Crippa JA, Silva RH, Abílio VC. Cannabidiol as a promising strategy to treat and prevent movement disorders? *Front Pharmacol.*; 9: 482, 2018.

Poleg S, Golubchik P, Offen D, Weizman A. Cannabidiol as a suggested candidate for treatment of autism spectrum disorder. *Progress in neuro-psychopharmacology & biological psychiatry*; 89, 90–96, 2019.

Purcell JM, Passley TM, Leheste JR. The cannabidiol and marijuana research expansion act: Promotion of scientific knowledge to prevent a national health crisis. *Lancet Reg Health Am.*;14:100325, 2022.

Raut SB, Marathe PA, van Eijk L, Eri R, Ravindran M, Benedek DM, Ursano RJ, Canales JJ, Johnson LR. Diverse therapeutic developments for post-traumatic stress disorder (PTSD) indicate common mechanisms of memory modulation. *Pharmacol Ther.*; 239:108195, 2022.

Singh K, Bhushan B, Chanchal DK, Sharma SK, Rani K, Yadav MK, Porwal P, Kumar S, Sharma A, Virmani T, Kumar G, Noman AA. Emerging Therapeutic Potential of Cannabidiol (CBD) in Neurological Disorders: A Comprehensive Review. *Behav Neurol.*; 2023:8825358, 2023.

Sommano SR, Chittasupho C, Ruksiriwanich W, Jantrawut P. The Cannabis Terpenes. *Molecules.*; 25(24):5792, 2020.

VanDolah HJ, Bauer BA, Mauck KF. Clinicians' Guide to Cannabidiol and Hemp Oils. *Mayo Clin Proc.*; 94(9):1840-1851, 2019.

Villanueva MRB, Joshaghani N, Villa N, Badla O, Goit R, Saddik SE, Dawood SN, Rabih AM, Niaj A, Raman A, Uprety M, Calero M, Khan S. Efficacy, Safety, and Regulation of Cannabidiol on Chronic Pain: A Systematic Review. *Cureus.*;14(7): e26913, 2022.

Zafar R, Sulak D, Brambila J, Nutt D, Schlag A. Raising awareness: The implementation of medical cannabis and psychedelics used as an adjunct to standard therapy in the treatment of advanced metastatic breast cancer. *Drug Science, Policy and Law*; 8, 2022.

Zuardi AW. Cannabidiol: from an inactive cannabinoid to a drug with wide spectrum of action. *Braz J Psychiatry.*; 30(3):271-80, 2008.

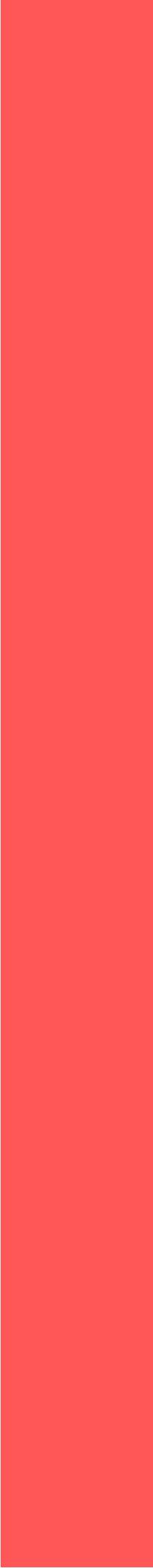


Capítulo 3

A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS EM TERESINA - PI

DOI: 10.29327/5446957.1-3

Tamires De Sousa Nascimento
Estélio Silva Barbosa



A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS EM

TERESINA - PI

Tamires De Sousa Nascimento

Estélio Silva Barbosa

RESUMO

A educação é um direito de todos conforme nossa constituição, ela deve ser inclusiva e atender aos alunos com necessidades educacionais especiais. Dentro da educação a proposta de inclusão defende uma educação de qualidade as pessoas com deficiências, dando-lhes direitos, um exemplo disso é a Lei 14.191/2021 que institui a obrigatoriedade do bilinguismo aos alunos surdos em nosso país. Este trabalho traz a seguinte problemática: o que é necessário para implementação de escolas bilíngues na educação de Teresina? O objetivo geral deste trabalho é: analisar o que é necessário para implementação de escolas bilíngues na educação de Teresina. Já os específicos são: Analisar a Lei 14.191/2021 e as novas formas de educação bilíngue no Brasil; Investigar se na cidade de Teresina já tem escola bilíngues conforme a Lei 14.191/2021; Explicar a importância do Ensino da LIBRAS na educação de surdos. É base teórica desse trabalho: Brasil (2021), documento referente a lei 14.191 que trata sobre o Bilinguismo de Surdos no Brasil; Souza e Melo (2019) que trata sobre a educação com um direito de todos; Brasil (1996) que é a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. A metodologia desse trabalho é caracterizada: em sua abordagem como qualitativa; quanto aos seus objetivos em exploratória; quanto ao ser procedimento é bibliográfica e de campo. Enfim, notou-se no percurso desse trabalho que a educação de surdos sempre teve grandes percalços e que ainda hoje é um desafio para ser implementada de maneira coerente e que seja garantida aos alunos surdos uma educação de qualidade.

Palavra-Chaves: Educação Inclusiva; Educação Bilingue; Surdo; LIBRAS.

ABSTRACT

Education is a right for everyone according to our constitution, it must be inclusive and cater to students with special educational needs. Within education, the inclusion proposal defends quality education for people with disabilities, giving them rights, an example of this is Law 14,191/2021, which establishes mandatory bilingualism for deaf students in our country. This work raises the following problem: what is necessary to implement bilingual schools in education in Teresina? The general objective of this work is: to analyze what is necessary to implement bilingual schools in education in Teresina. The specific ones are: Analyze Law 14,191/2021 and new forms of bilingual education in Brazil; Investigate whether the city of Teresina already has bilingual schools in accordance with Law 14,191/2021; Explain the importance of teaching LIBRAS in the education of deaf people. The theoretical basis of this work is: Brasil (2021), document referring to law 14,191 which deals with the Bilingualism of Deaf people in Brazil; Souza and Melo (2019) which deals with education as a right for everyone; Brazil (1996) which is the Law of

Guidelines and Bases of National Education. The methodology of this work is characterized: in its qualitative approach; regarding its exploratory objectives; As for the procedure, it is bibliographic and field-based. Finally, it was noted during the course of this work that the education of the deaf has always had major setbacks and that it is still a challenge today to be implemented in a coherent manner and to guarantee quality education to deaf students.

Keywords: Inclusive Education; Bilingual Education; Deaf; LIBRAS.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema: a implementação de Escola Bilíngues em Teresina-PI. Antes de 2021 as escolas bilíngues eram geridas pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), passando por uma alteração significativa após essa data.

A Lei 14.191/2021 que dispõe e alteram alguns trechos específicos da LDB 9394/96, os pontos alterados permitem agora uma educação bilíngue à pessoa surda dentro do território nacional. Nessa educação a Língua Brasileira de Sinais — LIBRAS — passa a ser a primeira língua educacional e o português a segunda língua (BRASIL, 2021).

O processo de inclusão existente no Brasil outorga que todos os alunos sejam matriculados e participantes da Escola Regular. Com a aprovação da referida lei, agora as escolas podem se tornar especializadas na modalidade bilíngue ou abrir turmas específicas para essa modalidade.

Como já mencionado, a nova lei traz uma inversão das prioridades na alfabetização dos alunos surdos, pois agora eles primeiramente devem ser alfabetizados em LIBRAS e só depois é que a alfabetização em Língua Portuguesa será iniciada. Quando na academia a temática de inclusão muito chama a atenção do graduando, isso acontece em virtude de novos horizontes surgirem dentro da sala de aula e, com isso, novas funções docentes para se adequarem as novas exigências. A Lei 14.191/2021 traz claramente em seu texto que o docente deve ser capacitado para trabalhar com o aluno surdo numa escola bilíngue. Essa capacitação deve ser em nível acadêmico superior.

Enquanto isso, essa lei aponta que a pessoa surda, quando entra na escola e passa a ser alfabetizada, muitas vezes é na escola que acontece o primeiro contato dela com a LIBRAS, sendo ela alfabetizada em LIBRAS primeiro, e depois se inicia o processo de alfabetização da língua materna.

O Plano Municipal de Educação de Teresina discrimina em suas estratégias que se deve identificar a demanda e garantir a oferta de uma educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo a primeira língua, e na modalidade de escrita da Língua Portuguesa, sendo a segunda língua, aos alunos que são surdos e com deficiência auditiva de zero (zero) a 17

(dezessete) anos, nas escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas (TERESINA, 2015).

Esses dois fatos quando são correlacionados trazem a importância desse projeto em âmbito acadêmico e social. Este trabalho traz a seguinte problemática: o que é necessário para implementação de escolas bilíngues na educação de Teresina?

O objetivo geral deste trabalho é: analisar o que é necessário para implementação de escolas bilíngues na educação de Teresina. Já os específicos são: Analisar a Lei 14.191/2021 e as novas formas de educação bilíngue no Brasil; Investigar se na cidade de Teresina já tem escola bilíngues conforme a Lei 14.191/2021; Explicar a importância do Ensino da LIBRAS na educação de surdos.

É base teórica desse trabalho: Brasil (2021), documento referente à lei 14.191 que trata sobre o Bilinguismo de Surdos no Brasil; Souza e Melo (2019) que trata sobre a educação com um direito de todos; Brasil (1996) que é a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional.

A metodologia desse trabalho é caracterizada: em sua abordagem como qualitativa; quanto aos seus objetivos em exploratória; quanto ao ser procedimento é bibliográfica e de campo.

2. ASPECTOS DA INCLUSÃO EDUCACIONAL DO SURDO

Nossa Carta Magna (BRASIL, 1988) declara que a educação é um direito de todos. Outorga que é dever do estado oferta a educação e dever da família e da sociedade acompanhar e fiscalizar a educação. A educação básica corresponde a: Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Além disso, a educação especial, que antes era dissociada da educação regular, o que foi sendo desmitificada a partir da luta social e mundial para inclusão de pessoas com deficiências.

Cabe destacar que o conceito de educação inclusiva — EI - não vem simplesmente substituir a educação especial. Ela parte de lutas e bandeiras que são da educação especial, mas busca retornar a educação democrática para todos (NUNES, SAIA e TAVARES, 2015).

Um dos documentos pioneiros que trata sobre a educação inclusiva é a Declaração de Salamanca. Ela foi elaborada em um congresso mundial sobre educação especial, no ano de 1994, na cidade de Salamanca, na Espanha (BRASIL, 2001).

Essa declaração acabou por expandir o conceito em relação às necessidades educativas especiais, agora ela engloba qualquer pessoa que precise de uma adaptação da escola as suas necessidades no processo de escolarização. Com isso, a EI nos recorda que não apenas os alunos eu possuem deficiência têm dificuldades de inserção nos espaços escolares.

A LDB — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1996

(BRASIL, 2020) — e a Resolução número 02 do Conselho Nacional de Educação (2001) trazem ambiguidade quanto à organização da EE e da escola dentro de um contexto inclusivo.

Em 2008, o MEC, estabelece a PNEE — Política Nacional de Educação Especial — na perspectiva de Educação Inclusiva, sendo este documento o orientador a estados e municípios para que estes organizem suas ações no sentido de mudarem seus sistemas educacionais para sistemas educacionais inclusivos (BRASIL, 2015).

A educação inclusiva tem como objetivo garantir a inclusão escolar de alunos que possuam deficiência; transtornos globais do desenvolvimento; altas habilidades ou superlotação dentro de turmas comuns no ensino regular. Ela orienta os sistemas de ensino de forma a garantir o acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade dentro do sistema educacional. Cabe destacar que a transversalidade da EE acontece desde a EI e vai até o ensino superior. Também é objetivo o atendimento educacional especializado; uma formação de docentes ao atendimento educacional especializado (AEE) para a inclusão. A participação da família e da comunidade é essencial para o sucesso desse processo. Cabe ao estado também garantir a acessibilidade arquitetônica, em transportes, em mobiliários, em comunicações e informações (BRASIL, 2015).

Por fim, entende-se que a educação inclusiva no contexto brasileiro destaca a evolução do tratamento dado à diversidade e às necessidades educativas especiais ao longo das últimas décadas. A Constituição de 1988 estabeleceu a educação como um direito de todos e um dever do Estado, sinalizando para uma sociedade mais inclusiva. A trajetória histórica mostra que a educação especial, antes dissociada da educação regular, foi gradualmente integrada, culminando na concepção mais ampla da educação inclusiva.

2.1. O Surdo no Brasil

A história da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) se relaciona com a história dos surdos neste país. Antes do século XV essas pessoas eram consideradas ineducáveis. No século XVI, a partir das mudanças sociais, essa visão foi sendo deixada de lado. Nesse período demarca o início da luta pela educação dos surdos, que tem atuação de um surdo francês e educador, Eduard Huet como destaque nessa área. No ano de 1857, este educador veio ao Brasil a convite do imperador D. Pedro II a fim de fundar a primeira escola de surdos deste país, que na época foi chamada de Imperial Instituto de Surdos Mudos. Após algum tempo, o termo —surdo- mudo‖ cai em desuso, pois é um termo incorreto, contudo a escola persistiu ao tempo e funciona até hoje, com o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos — a famosa INES (BOGAS, 2016).

O império caiu, veio o regime de república, sendo democrático em idas e vindas e o

processo de educação dos surdos foi ganhando e perdendo espaço, uma das maiores revezes foi a sua proibição a nível mundial no ano de 1880 após um congresso em Milão. Contudo, mesmo sendo pedida a sua descontinuação essa língua foi criando raízes e sendo aos poucos propagada nestas terras.

Após diversas lutas e um crescente a da língua de sinais voltou a ser aceita em todos os territórios. A luta para que ela fosse reconhecida como língua, contudo, não parou. No ano de 1993 é apresentado o projeto de lei que procurar regulamentar o idioma no país. Somente em 2002, é que a LIBRAS foi formalmente reconhecida como uma língua oficial deste território. A partir desse momento a história do surdo muda na perspectiva doutrinal dentro da educação, haja vista que diversas normas e lei são aprovadas na busca por uma educação de qualidade aos surdos.

Em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB, em seu artigo 58, 59 e 60 trata sobre a educação especial no Brasil. Vale destacar que no artigo 58 há a definição de quem são os detentores dos direitos da educação especial (alunos com necessidades educacionais especiais), sendo que esse ensino deve ser oferecido de modo preferencial numa escola regular (BRASIL, 2020). A lei e sua entrada em vigor dão os primeiros passos para a inclusão no Brasil, contudo, esse processo ainda precisa de muitas outras formalidades.

Nesse percurso histórico, destaca-se o Decreto 5626/2005 que regulamenta a lei da libras e das classe bilíngue. Esse dispositivo destaca a importância da Libras dentro da escola e da formação acadêmica do surdo. O dispositivo supralegal explica o que é considerado uma pessoa surda em seu 2º artigo: —aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais — Libras (BRASIL, 2005). Entende-se então que surdo é todo aquele que tem uma perda auditiva. O referido dispositivo ainda destaca no parágrafo único do 2º artigo que a deficiência auditiva é a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma que estejam nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005).

Destaca-se ainda que conforme o Decreto 5626/2005 a escola bilíngue ou escola comum que possuem alunos surdos devem priorizar o ensino de Libras, ou seja, nessas escolas o ensino de Libras precede o ensino da Língua Portuguesa. Isso decorre que para o surdo é muito importante a Libras para a comunicação.

Assim, o surdo deve ser primeiro alfabetizado em Libras e depois recebe a alfabetização na

Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

O decreto 5626/2005 foi o primeiro dispositivo que norteou a Libras no Brasil, contudo ele não é o único. A Lei 12.319/2010 destaca a importância do intérprete de libras em sala de aula, mas essa lei é atualizada pela lei 14.704/2023, que será destacada nesse momento.

Em 2021, a LDB sofre alterações com base na Lei 14.191 de 2021, que vem inserir dentro das diretrizes a normatização do ensino bilíngue para as pessoas surdas nas escolas, tornando essa modalidade independente e estabelecendo a Libras como a primeira língua e o português escrito como segunda língua (BRASIL, 2021).

A lei citada no parágrafo anterior altera os artigos 60-A, 60-B, 78-A, 78-C. no 60-A tem-se a obrigatoriedade do ensino de Libras como primeira língua para o aluno surdo. O 60-B regulamenta que os alunos surdos têm direito a material específico e a professores capacitados. Os artigos 78-A e 78-C tratam sobre a história da comunidade surda e a importância de sua identidade e a obrigação da união para com o ensino bilíngue (BRASIL, 2021).

A lei 14.704/2023 destaca que a atividade profissional do tradutor, do intérprete e do guia-intérprete de Libras é realizada em qualquer espaço ou situação em que as pessoas surdas necessitem estabelecer comunicação com não falantes de sua língua em quaisquer contextos possíveis (BRASIL, 2023). Destaca-se aqui o espaço escolar como um dos espaços abarcados por essa lei. Com isso, entende-se que a escola que recebe um aluno com surdez deve ter em seu quadro profissional pessoas capacitadas para trabalhar com pessoas com essa deficiência.

Destaca-se no caso dessa lei, um exemplo de como a Libras pode ajudar no processo de inclusão. Em uma escola de Teresina – Pi, a professora Josy Silva, responsável pelo AEE — Atendimento Escolar Especializado, conseguiu junto com a gestão escolar, inserir a disciplina de Libras dentro da grade curricular para inserir o aluno Webert de 7 anos que não aceitava as estratégias de ensino em Libras que era ensinada somente a ele, com isso, toda a sua turma passou a ter aulas de Libras. Por conta disso, o referido aluno junto com sua turma foram alfabetizados em Libras e seguiram sua jornada educativa (FOLHAEDUCATIVA, 2021).

É importante frisar que para uma escola bilíngue ser organizada, são necessárias três etapas: 1) que o ensino de Libras e o ensino do português escrito (sem nenhum ser ignorado) sejam aplicados e que a Libras seja a primeira língua; 2) a contratação de intérprete de Libras para auxiliar no processo de inclusão; 3) o rompimento das barreiras de comunicação dentro da escola, isso se dará através de capacitação de toda a comunidade escolar para que falem e entendam Libras (BRASIL, 2021).

Por fim, é relevante mencionar que o decreto 10.502/2020 abordava sobre a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Esse

texto destacava como deveria ser as escolas especiais, escolas bilíngues para surdos, política educacional equitativa, política nacional de inclusão, dentre outros. Contudo, o decreto 11.370/2023 revoga toda essa política.

3. BILINGUISMO COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO SURDO

Quando se fala de Bilinguismo dentro da educação de surdos, nota-se a existência de duas línguas no mesmo ambiente, ou seja, a Língua Oral, no caso do Brasil, o Português Brasileiro e a Língua de Sinais que aqui é a LIBRAS.

O Bilinguismo ver o surdo de uma maneira totalmente diferente do Oralismo e da Comunicação Total, nessa filosofia o surdo não precisa almejar uma vida igual à do ouvinte, haja vista que ele pode assumir sua surdez formando uma comunidade, com cultura e língua. A origem do Bilinguismo vem da insatisfação de surdos com a proibição da língua de sinais e a mobilização de muitas comunidades em prol do uso dessa língua, aliado aos estudos linguísticos comprovando o status dessa língua (LOPES, 2016; CAPOVILLA, 2000).

3.1. O Bilinguismo e a lei 14.191

A Lei 14.191, de 2021, foi sancionada e insere a Educação Bilíngue de Surdos dentro da Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) sendo ela uma modalidade de ensino independente — que antes era incluída como parte da educação especial. Compreende-se como educação bilíngue aquela que tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como sua primeira língua e o português como sua segunda língua (BRASIL, 2021; GOMIDES et al, 2022).

A priori essa lei interfere diretamente no processo de inclusão das pessoas surdas dentro da escola regular, dando a elas agora o direito de se matricularem em escolas que não sejam regulares ou até mesmo frequentar os dois tipos de sala de aula.

Conforme a Lei a modalidade de ensino deve ser iniciada já na educação infantil e se estender por todo período acadêmico do surdo, ou seja, até a universidade. Cabe às escolas ofertar um serviço de apoio educacional especializado que atenda as especificidades linguísticas destes estudantes, que não pode ser impedido que ele faça matrícula em escolas e classes regulares conforme os pais ou responsáveis ou o próprio aluno decidirem (BRASIL, 2021; GOMIDES et al, 2022).

A educação bilíngue deve acontecer em escolas bilíngues de surdos, com classes bilíngues

de surdos, em escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos. O público alvo são os educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com deficiências.

Outro ponto que se destaca na lei é em relação ao seu alcance. Ela é clara em colocar que desde a Educação Infantil essa educação deve ser ofertada. Os discentes surdos devem ter de materiais didáticos adequados e professores bilíngues com formação adequadas, em nível superior. Além disso, as escolas ensino devem desenvolver programas que sejam integrados de ensino e pesquisa na oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos estudantes surdos (BRASIL, 2021; GOMIDES et al, 2022).

É importante frisar que são necessárias três etapas para implementação da escola bilíngue, conforme a Lei 14.191/2021: a) o ensino de Libras e o ensino do português escrito (sem nenhum ser ignorado) sejam aplicados e que a Libras seja a primeira língua; 2) a contratação de interprete de Libras para auxiliar no processo de inclusão; 3) o rompimento das barreiras de comunicação dentro da escola, isso se dará através de capacitação de toda a comunidade escolar para que falem e entendam Libras (BRASIL, 2021).

Por conta disso, destaca-se que a implementação acontece quando a prefeitura ou estado designa para a escola que irá ser bilíngue professores e funcionário que saibam Libras; faça contratação de agentes de inclusão caso os profissionais da educação a fim de diminuir as barreiras no processo de comunicação; que se ensine Libras primeiro e depois o português escrito para os alunos surdos.

Como pode-se observar essa implementação não é onerosa a estados e municípios, pelo contrário, ela qualifica cada vez mais essas localidades, em virtude disso, é fundamental que esses entes de governo se atentem a essa realidade e busquem aplicar a lei supra analisada em prática em todas as suas esferas.

Por fim, entende-se que a lei trouxe novos horizontes para a educação de surdos no Brasil, garantindo a eles uma educação voltada a suas potencialidades e necessidades.

4. ASPECTOS METODOLOGICO

A metodologia desse trabalho é caracterizada: em sua abordagem como qualitativa; quanto aos seus objetivos em exploratória; quanto ao seu procedimento é bibliográfica e de campo, sendo usada a entrevista como meio de coleta de dados.

Embasados em Gil (2017, p.17) entendemos que o conceito de pesquisa é [...] o

procedimento natural e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Compreende-se que para uma pesquisa ser bem sucedida ela deve ter alguns aspectos como ser de caráter normal, ser sistemática, sendo que a pesquisa só existe por causa de seu objetivo, e este objetivo é buscar soluções para os problemas do dia a dia na sociedade.

Gil (2017) destaca que uma pesquisa qualitativa envolve uma abordagem de mundo interpretativa, isso significa que os pesquisadores que a escolhem estudam as coisas dentro de seus cenários naturais e buscam entender os fenômenos os seus fenômenos para as pessoas.

Cabe destacar que por ser uma pesquisa que busca dados referentes à implantação de escolas em Teresina, essa pesquisa também é do tipo documental. Uma pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A sua diferença é na a natureza das fontes, pois a documental vale-se de materiais que ainda não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos em —primeira mão há também interesse naqueles que já foram processados, mas que podem receber outras interpretações (GIL, 2017).

Para essa pesquisa foi elaborado um roteiro de entrevista com perguntas abertas. Esse tipo de questionário foi escolhido em virtude dele ser direto e o sujeito de pesquisa realizá-lo dando sua opinião sobre o tema a ser entrevistado. Conforme Gil (2017) as perguntas da entrevista devem ser curtas e diretas e o sujeito deve ter plena liberdade para responder as questões.

Por conta disso para fazer essa pesquisa buscou-se em fontes da prefeitura e do estado a resolução das seguintes questões:

1. Há escolas bilíngues para surdos em Teresina?
2. Há escolas bilíngues para surdos no Piauí?
3. Quais as estratégias estão sendo usadas para implementação dessas escolas em Teresina?
4. Quais as estratégias estão sendo usadas para o ensino em escolas que possuem alunos surdos em Teresina?

Essas quatro perguntas norteiam toda a pesquisa e buscam responder os objetivos por ela proposto. Na seção de análise e discussão elas serão aprofundadas. Buscou-se a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Estadual de Educação para serem os sujeitos dessa pesquisa. No entanto, somente obteve-se retorno da Secretaria Municipal de Educação e a pesquisa foi feita com base nos dados estatísticos dela.

Destaca-se que a SEMEC —Teresina, é responsável por gerenciar 319 escolas em na cidade de Teresina, sendo 170 escolas de Educação Infantil e 149 escolas de Ensino Fundamental

do 1º ao 9º ano. É com base nessa rede de ensino que as questões da entrevista serão respondidas.

Cabe destacar que a modalidade de entrevista adotada foi a entrevista estruturada, a mesma foi gravada e respondida pelo sujeito de pesquisa supracitado. Após a gravação foi feita a escrita de toda entrevista e a mesma será apresentada nos resultados.

5. RESULTADO E DISCUSSÕES

Neste tópico destaca-se a entrevista realizada com um representante da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. A entrevista foi realizada por uma profissional da Secretaria Municipal de Educação e ela respondeu da seguinte forma as questões 1 e 2.

Então, na primeira pergunta, há escolas bilíngues para surdos em Teresina? R: Não, ainda não temos um projeto para a criação dessas escolas, né? A gente sonha ainda que tenha, mas a gente não tem ainda.

Segunda pergunta: No Piauí já tem? Nós temos uma escola estadual em Parnaíba que é bilíngue? R: Eu particularmente ainda não conheço,

Mas tem alguns surdos daqui para os pesquisadores que já foram para lá e viram que tem essa escola? Lá em Parnaíba eu também não sei como é que ela está funcionando, mas existe essa escola.

Em relação a escola bilíngues em Teresina ainda não há nem escolas e nem projeto. Sobre o estado a mesma destaca que já há uma escola em Parnaíba (norte do estado) que tem essa modalidade.

É importante destacar que não ter escolas que atendam essa modalidade ainda funcionando na capital do Piauí e nem um projeto para implementação, entende-se que não há um planejamento municipal que abarque a Lei 14,191 de 2021.

Cabe ainda destacar o Plano Municipal de Educação

Fazer levantamento anual da necessidade de professores do atendimento educacional especializado e profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues, para atender à demanda do processo de escolarização dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, nas escolas urbanas e do campo (TERESINA, 2015, p. 85)

Nota-se que a citação, pede um levantamento anual da quantidade de professores para acompanhar os alunos que necessitam de inclusão na escola. O que acontece muito nas escolas de Teresina é o aluno ser matriculado e ir pra escola e depois do início letivo recebe um Acompanhante Pedagógico.

Ao responder essas duas questões tem-se a resposta ao objetivo geral desta pesquisa que é que não há escolas bilíngues voltadas a educação de surdos na nossa cidade, mas que há um relato de experiência estadual sobre a temática em Parnaíba.

Cabe destacar que não é preciso um alto investimento em prédios novos ou grandes adaptações físicas para se receber um aluno com deficiência auditiva na escola regular. Conforme a Lei 14.191 a educação dessa classe de pessoas deve acontecer primeiro em Libras e depois em língua portuguesa. Nas escolas bilíngues os docentes devem ter preparação em Libras e serem capacitados para ensinar os seus alunos usando essa forma de linguagem sem o auxílio de interprete (BRASIL, 2021).

Destaca-se ainda que as escolas de nível infantil, fundamental e médio devem oferecer uma educação bilíngue, conforme a referida Lei supracitada. Com isso, estado e município acabam por negar esse direito de educação quando não conseguem garantir o básico as pessoas com surdez.

A questão três trata sobre as estratégias que a prefeitura usa para a implementação das escolas bilíngues em Teresina.

Estratégias estão sendo usadas para a implementação dessas escolas interessantes. Como eu acabei de falar, ainda não há projetos a nível de município para essas escolas, apenas no estado. A gente tem alguns projetos bilíngues, que inclusive iniciou na pandemia, com a iniciativa dos professores dos cursos de Libras daqui, porque a gente não tinha ainda uma equipe de formação inclusiva.

No ano de 2022 foi que a gente veio ter uma equipe de formação inclusiva e aí a gente conseguiu ampliar os cursos de Libras, conseguiu ter formação para os professores de A.E., conseguimos trazer pessoas com deficiência para dentro da equipe também, e aí a gente conseguiu começar a pensar nesses outros projetos. E aí a gente está fazendo uma reformulação desse projeto que aconteceu na pandemia, para a gente ver a logística dele começar a acontecer presencial. Porque para um projeto acontecer presencial a gente precisa ver questão de localidade, questão de pessoal, de capacitação desses profissionais, de concurso, porque a gente não tem professores concursados na área de Libras. De capacitação para professores da rede de Teresina, gratuito, que é ofertado semestralmente.

Nós temos cursos de Libras básicos, intermediário, avançado, e esse ano também é um curso de conversação. A gente também tem esse ano o apoio de um professor surdo que está aqui conosco na equipe. Então a gente tem hoje conta com quatro professores de Libras e esse professor surdo de Libras também. E eu estou na parte da coordenação dessa parte de Libras, dos cursos, dos projetos para essa implementação. Nos cursos de livres são professores que são dados da pedagogia e tem formação em livros também, aí eles foram deslocados para esses cursos.

A entrevistada começa reafirmando que não há escolas bilíngues em Teresina. Como já mencionado nas questões 1 e 2, não ter essa escola na cidade ainda não há uma adequação a Lei

14.191/2021. Ela destaca ainda que a prefeitura possui projetos bilíngues, que inclusive iniciaram na época da pandemia. O projeto por ela citado é o Projeto de Ensino Bilíngue para Surdos de Teresina. Nesse projeto os alunos terão aulas de português e matemática, mas não somente isso, terão essas aulas com suporte de interprete de LIBRAS e um ensino bilíngue. Contudo, essa iniciativa não ainda se tornou uma escola como se espera, mas somente apenas mais um projeto que pode ser extinto a qualquer momento (SEMEC TERESINA, 2020).

A entrevistada destaca também que há 4 docentes surdos e que ela coordena o projeto para implementação de escolas bilíngues em Teresina. Cabe destacar que a Lei 14191 discorre que essa educação deve iniciar desde a educação infantil, ou seja, por não haver ainda adequação a essa lei as escolas acabam por não garantir esse direito as pessoas surdas (BRASIL, 2021a).

A quarta questão, quais as estratégias estão sendo usadas para o ensino em escolas que possuem alunos surdos em Teresina?

Então, a gente tem algumas estratégias que nós estamos utilizando, uma delas é a equipe de formação inclusiva, a gente também tem o apoio que a gente chama de AAI, que significa auxiliar de apoio à inclusão, que a gente tem uma demanda específica de intérpretes de língua de sinais, que aí são estagiários, né, dos diversos cursos de livres, técnico e com superior, e a gente faz o acompanhamento desses intérpretes também com formações mensais. Então, mensalmente eles vêm, a gente faz formação com eles, à gente escuta a demanda dos alunos e a gente faz esse auxílio para os estagiários que estão acompanhando os alunos surdos aqui de Teresina. Acompanhamento com os professores de A.E.E. Que atendem esses alunos surdos, fazendo esses atendimentos também específicos com ele em relação à adaptação de atividade, em relação às necessidades que o aluno surdo tem e os que fazem A.E.E. Porque alguns fazem esse acompanhamento em outras instituições. E os projetos bilíngues que a gente está tentando tirar do papel, porque é uma coisa por vez, como a equipe ainda é nova, a gente focou primeiro em ampliar esses cursos de libras para a gente capacitar os professores para depois pensar num projeto maior que a gente almeja também, que seria uma escola bilíngue.

A entrevistada destaca que há diversas estratégias de ensino para que os alunos surdos sejam incluídos dentro do processo de aprendizagem. Destaca-se aqui o AEE — Atendimento Educacional Especializado, onde professor com formação sobre inclusão auxiliam os alunos dentro da vivencia escolar.

O Bilinguismo ver o surdo de uma maneira totalmente diferente do Oralismo e da Comunicação Total, nessa filosofia o surdo não precisa almejar uma vida igual à do ouvinte, haja vista que ele pode assumir sua surdez formando uma comunidade, com cultura e língua. A origem do Bilinguismo vem da insatisfação de surdos com a proibição da língua de sinais e a mobilização de muitas comunidades em prol do uso dessa língua, aliado aos estudos linguísticos comprovando o status dessa língua (LOPES, 2016; CAPOVILLA, 2000).

A LEI 14.191/2021: Apontamentos De Como Se Implantar Uma Escola Bilíngue A Lei 14.191/2021 Destaca Em Seu Art. 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021b, p1).

A lei diz que a educação bilíngue acontece com a Libras sendo ensinado primeiro e a língua portuguesa escrita sendo ensinada como segunda língua. Sobre este ponto entende-se que uma escola bilíngue é aquela que ensina ao surdo primeiro a Libras e depois se preocupa em ensinar o português a ele. Assim, o primeiro passo para implementação da escola bilíngue é a ordem de ensino da Libras e da língua portuguesa.

A referida lei destaca que quando necessário a escola contará com intérpretes de Libras para auxiliar na inclusão do aluno surdo, contudo, a lei destaca que o docente deve ser capacitado para ensinar em Libras, com isso, se reforça a necessidade da inclusão de Libras dentro da grade curricular que forma docentes. Entende-se, portanto, que outro passo a ser dado tem haver com os docentes, que eles devem ser capacitados a ensinarem em Libras e que as universidades insiram a disciplina (teórica e prática) dentro do currículo ofertado a aqueles que desejam se tornar docentes (BRASIL, 2021).

Em relação a estrutura, as escolas do Brasil devem ser adaptadas a Lei 10.098/1994 que destaca sobre as barreiras que impendem a acessibilidade das pessoas em locais públicos. Essas barreiras podem ser: arquitetônicas na edificação (prédios não adaptados a pessoas com deficiências); arquitetônicas na urbanização (via pública não adaptada a pessoas com deficiências); arquitetônicas no transporte (transporte não adaptado a pessoas com deficiências); de comunicação (local não preparado para receber pessoas com deficiências em virtude da falta de elementos para comunicação).

Para receber um aluno surdo a escola deve estar totalmente adaptada em sua estrutura física, suas ruas devem estar também adaptadas. Contudo, a principal barreira para um aluno surdo é a falta de comunicação na escola. Assim, para que se implemente uma escola bilíngue é necessários que os sujeitos que trabalhem nessa escola conheçam de Libras e estejam habilitados a dá informações a pessoa surda.

Cabe destacar que as escolas de Teresina são consideradas inclusivas. O AEE funciona na rede de ensino e os alunos com deficiência são acolhidos. Sua estrutura física é adequada para recebimento dos alunos. Contudo, a comunicação é o principal entrave para a inclusão completa, especialmente do aluno surdo, pois este não se comunica através da fala. Assim, é essencial que todo corpo que forma a escola saiba falar em Libras e não espere somente do interprete ou do

professor essa comunicação.

Com isso, entende-se que são três etapas essenciais para a implementação da escola bilíngue: o ensino de Libras e o ensino do português escrito (sem nenhum ser ignorado); a contratação de pessoas que atuem como intérpretes de Libras para auxiliar no processo de inclusão, garantindo que outros funcionários também saibam Libras; o rompimento das barreiras de comunicação dentro da escola, para que o aluno não precise andar com o intérprete a fim de comunicar-se com os funcionários, e estes não tenham que buscar o intérprete sempre que precisem entender o que o aluno está querendo comunicar.

6. CONCLUSÃO

Este tópico trata das conclusões referentes a este trabalho. Cabe destacar aqui algumas considerações:

A Lei 14.191/2021 ainda é muito recente, e sua aplicação ainda está na fase que o meio jurídico chama de adequação. Assim, a prefeitura e o estado ainda têm tempo para se adequarem a essa lei. É importante incentivar cada vez mais a divulgação desses dados por meio de plataformas. Em relação à implantação de escolas bilíngues em Teresina para surdos, conclui-se que ainda não há uma escola pública voltada exclusivamente para esse perfil, seja ela estadual ou municipal.

Conclui-se também que tanto a Prefeitura quanto o Estado desenvolvem projetos que buscam inserir o aluno surdo dentro de uma rotina com educação em Libras, através de salas de aulas especiais. Esse acompanhamento ocorre de maneira presencial ou online, mas os alunos são alfabetizados em Libras e depois recebem os conhecimentos de português e matemática. Este projeto, como já exposto, não acontece na sala de aula regular, mas sim em turmas que recebem esse perfil de aluno, o que, para a Lei 14.191/2021, também é uma forma de fazer o ensino bilíngue.

Em busca de soluções, é necessário destacar alguns pontos: a estrutura física das escolas já é totalmente adaptada para receber alunos com deficiência. Assim, o que falta nessas escolas são pessoas capacitadas para se comunicar com alunos surdos. Por conta disso, é fundamental que as escolas tenham um curso de formação permanente para o ensino de Libras e que seus funcionários saibam Libras.

Outro ponto a destacar é a formação docente na academia e pós-academia. Os professores devem aprender Libras já na faculdade, em sua parte teórica e prática, pois assim poderão auxiliar seus alunos futuramente. Contudo, o que se percebe é uma busca por essa formação quando o aluno já está presente dentro da sala de aula, ou seja, deixam para aprender Libras quando já têm que usá-la na prática.

Cabe salientar que não é complexo criar escolas bilíngues na rede municipal, pois as escolas já são adaptadas e os profissionais é que ainda podem precisar de formação em Libras. Contudo, o custo de um curso de formação é menor que a construção ou reforma de uma escola. Assim, para se criar escolas bilíngues em Teresina, basta aplicar o curso de formação em Libras aos funcionários e professores.

É importante destacar que a educação inclusiva difere da educação especial, pois na educação especial há escolas especializadas para atender os alunos com deficiência. Contudo, numa educação inclusiva, todas as escolas estão aptas a receber o aluno e incluí-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Em suma, notou-se, no percurso desse trabalho, que a educação de surdos sempre teve grandes percalços e que ainda hoje é um desafio ser implementada de maneira coerente, garantindo aos alunos surdos uma educação de qualidade. Destarte, essa pesquisa recomenda a realização de pesquisas detalhadas sobre a eficácia das salas de aula especiais que oferecem educação em Libras, comparando os resultados de aprendizagem dos alunos nelas inseridos com aqueles que frequentam salas de aula regulares. Recomenda também a comparação de diferentes modelos de escolas bilíngues, analisando a eficácia de cada abordagem na promoção do ensino bilíngue e na inclusão dos alunos surdos.

REFERÊNCIAS

BOGAS, João Vitor. A história da Libras, a língua de sinais do Brasil. Comunidade surda, ensino de Libras. [2016]. Disponível em: . Acesso em: 10 jul. 2017.]

BRASIL. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília, 2001.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: 2021(b).

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 4. ed. – Brasília, DF :

Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL. LEI Nº 14.191, DE 3 DE AGOSTO DE 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

BRASIL. LEI Nº 14.704, DE 25 DE OUTUBRO DE 2023. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

FOLHAEDUCATIVA, portal. Escola pública do Piauí coloca Libras no currículo para garantir inclusão plena de aluno surdo. 2021.

GOMIDES, P A D et al. Surdez, educação de surdos e bilinguismo: avanços e contradições na implantação da Lei nº 14.191/2021. Revista Sinalizar, Goiânia, 2022, v.7: e72116. DOI:10.5216/RS.v7.72116.

LOPES, Gérison Kézio Fernandes. ORALISMO, COMUNICAÇÃO TOTAL E BILINGUÍSMO: PROPOSTAS EDUCACIONAIS E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA DE SURDOS.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. História da Educação no Brasil. Coordenação Cassandra Ribeiro Joye. - 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2019.

NUNES, Sylvia da Silveira; SAIA, Ana Lúcia; TAVARES, Rosana Elizete.

SANTANA, L. S. A. O letramento do educando surdo em língua portuguesa. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 25- 38, jul. / dez., 2018.

SEMECTERESINA. Semec tem projeto de ensino bilíngue para alunos surdos. Disponível em: <https://pmt.pi.gov.br/2021/05/25/semec-tem-projeto-de-ensino-bilingue-para-alunos-surdos/>. Acesso em Junho de 2023.

TERESINA. Plano Municipal de Educação. 2015 — 2025. Disponível em:

<http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/05/Plano-Municipal-de-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em Junho de 2023.



Capítulo 4

O PAPEL DO ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE NA PROTEÇÃO DAS VÍTIMAS DA PEDOFILIA VIRTUAL

DOI:10.29327/5446957.1-4

Layse Raquel Leite e Costa
Davison Michel Matos de Souza
Anderson kleiton Penha Rodrigues
Rosangela Maria Aquime de Moraes de Barros
Letícia Santana Rodrigues

O PAPEL DO ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE NA PROTEÇÃO DAS VÍTIMAS DA PEDOFILIA VIRTUAL

Layse Raquel Leite e Costa

Davison Michel Matos de Souza

Anderson kleiton Penha Rodrigues

Rosangela Maria Aquime de Moraes de Barros

Leticia Santana Rodrigues

RESUMO

Este trabalho examina como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) atua para combater a pedofilia virtual na internet. A pesquisa aborda a história e a evolução da pedofilia, explorando desde contextos históricos até os desafios contemporâneos apresentados pela deep web e dark web. O ECA, com suas definições, direitos fundamentais e disposições específicas contra a pornografia infantil, é destacado como um instrumento crucial na proteção das crianças e adolescentes contra a exploração sexual online. O trabalho enfatiza a importância de uma abordagem multidisciplinar e a necessidade de aprimorar as leis e medidas de proteção para enfrentar a complexidade crescente dos crimes virtuais. A base de pesquisa utilizada no artigo foi fundamentada em uma abordagem quantitativa e qualitativa. A metodologia incluiu a coleta de dados, a análise de gráficos, além de pesquisa bibliográfica e documental. Os principais elementos da base de pesquisa foram: Coleta de Dados Quantitativos, Revisão de literatura científica e obras de autores renomados sobre pedofilia, abuso sexual infantil, e pedofilia virtual. Referências a manuais diagnósticos como o DSM-5, Pesquisa Documental: Análise de leis, Exame de modificações específicas no ECA, como a Lei nº 11.829 de 2008. Essa combinação de métodos quantitativos e qualitativos permitiu uma compreensão abrangente do fenômeno da pedofilia virtual e das medidas legais e protetivas disponíveis para combater e prevenir esses crimes no Brasil.

Palavras-chave: Pedofilia; Virtual; Vulnerável; ECA, Abuso sexual.

ABSTRACT

This paper examines how the Statute of the Child and Adolescent (ECA) acts to combat virtual pedophilia on the internet. The research looks at the history and evolution of pedophilia, exploring everything from historical contexts to the contemporary challenges presented by the deep web and dark web. The ECA, with its definitions, fundamental rights and specific provisions against child pornography, is highlighted as a crucial instrument in the protection of children and adolescents against online sexual exploitation. The paper emphasizes the importance of a multidisciplinary approach and the need to improve laws and protection measures to deal with the growing

complexity of cybercrime. The research used in the article was based on a quantitative and qualitative approach. The methodology included data collection, analysis of graphs, as well as bibliographical and documentary research. The main elements of the research base were: Quantitative Data Collection: Data and statistics on reports and cases of virtual pedophilia. Illustrative graphs showing the growth rate of reports of virtual child pornography and the distribution of reports by platform. Review of scientific literature and works by renowned authors on pedophilia, child sexual abuse, and virtual pedophilia. References to diagnostic manuals such as the DSM-5 to define and understand the disorder of pedophilia. citations of works. Documentary Research: Analysis of laws, Examination of specific modifications to the ECA, such as Law No. 11.829 of 2008, which introduced provisions against child pornography on the internet. This combination of quantitative and qualitative methods allowed for a comprehensive understanding of the phenomenon of virtual pedophilia and the legal and protective measures available to combat and prevent these crimes in Brazil.

Keywords: Pedophilia; Virtual; Vulnerable; ECA; Sexual abuse.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo científico tem como objetivo abordar as formas com que o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) tem usado para combater a pedofilia virtual propagada na rede mundial de computadores.

Primeiramente vai ser explicado sobre o surgimento dessa forma de abuso e exploração sexual, pois a internet é uma ferramenta que traz incontáveis benefícios, mas, infelizmente, contribui para prática da pedofilia virtual, sendo seu veículo, considerado pela maioria da sociedade atual como um distúrbio psicológico (Paulino, 2022). A conduta ilegal que os pedófilos têm acesso às redes sociais, o aumento da acessibilidade da criança e do adolescente, nas redes sociais deixando-as com várias vulnerabilidades em função da fragilidade da fiscalização adequada no meio virtual, deixa exposta a possibilidade maior da ação dos criminosos (Paulino, 2022).

Por isso, trazer mais visibilidade à sociedade sobre como prevenir ou precaver tais exposições seria um meio de mais força para combater mais ações criminais.

A metodologia de pesquisa foi realizada de forma quantitativa, coleta de dados e gráficos que nos traz resultados positivos e negativos acerca da problematização da linha de pesquisa, a pesquisa bibliográfica e documental com análise quantitativa foi coletada por meio de sites, reportagens, doutrinas, jurisprudências e artigos publicados entre os anos de 2021 e 2023.

É de suma necessidade um controle nos meios tecnológicos para evitar crimes como os de pedofilia virtual no qual consiste em produzir, vender, publicar ou armazenar pornografia infantil no mundo virtual. Nesse sentido, buscamos responder a seguinte problemática: qual o papel do ECA referente à proteção das vítimas de pedofilia virtual.

2 PEDOFILIA

Para falarmos sobre a pedofilia virtual á luz do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), primeiro é preciso entender alguns conceitos importantes que norteiam o tema abordado e alimentam de forma mais clara e sucinta do porquê em nossa sociedade, entendendo qual o conceito geral de pedofilia ou de onde ela advém.

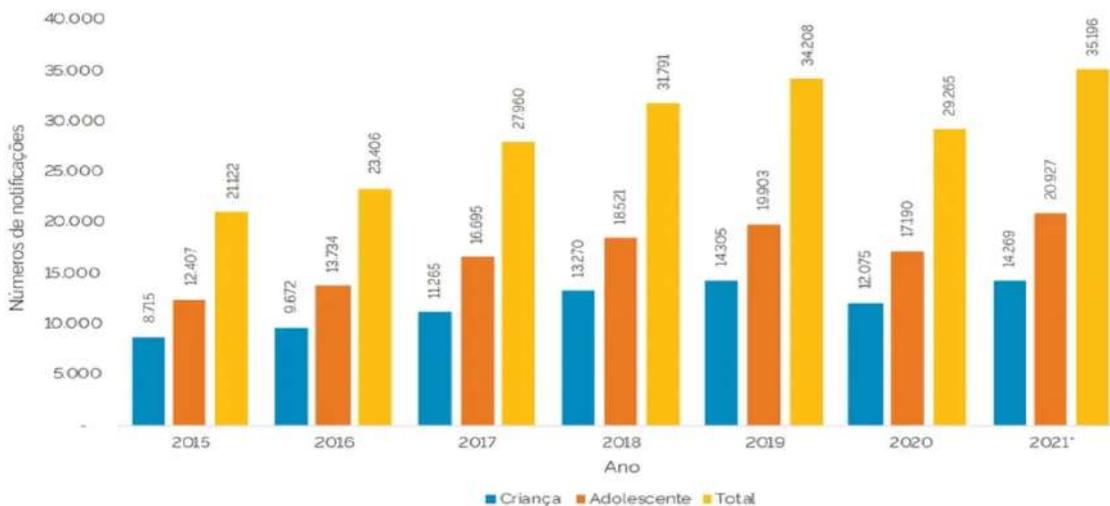
[...] Na verdade, como antes ressaltado, não existe um perfil único para descrever o sujeito pedófilo. Essa é uma condição multivariada, que depende de inúmeros fatores, inclusive educacionais, institucionais e culturais. A personalidade do pedófilo costuma ser polimorfa e, geralmente, os “amantes das crianças” estão bem conscientes de suas ações e das consequências delas advindas. (Breier; Trindade, 2013, p.44).

O termo mais correto para tratar de pedofilia é o Transtorno de Parafilia ou Transtorno da preferência sexual. Esses transtornos são parafilias que causam práticas sexuais atípicas, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.ª edição (DSM-5), existem oito perturbações que maior se destacam, e uma delas é a pedofilia, que advém do quadro de preferências anômalas e que causam perturbações dirigidas a outros humanos. No DSM-5, o código que identifica esse transtorno é o 302.2 ou pode também ser identificado como CID F65.5 sendo esse o transtorno de preferência sexual ligado ao sadomasoquismo. (Paulino, 2022).

Veja o que se fala um trecho do livro do DSM-5 sobre esse transtorno: “O transtorno de pedofilia é caracterizado por fantasias, desejos ou comportamentos sexualmente excitantes, recorrentes e intensos envolvendo crianças (habitualmente de 13 anos ou menos)” (Brown, 2021, p. 698). Brown (2021) complementa dizendo que a pedofilia é uma forma de parafilia e, uma vez que prejudica outras pessoas, é considerada um transtorno.

O gráfico a seguir apresenta os números de notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes em um recorte entre 2015 a 2021. Veja:

figura 01: Número de notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes (2015/2021).



Fonte: Sistema de informação de Agravos de Notificação (Sinan)

É notável no gráfico acima sempre um crescimento constante e uniforme de violência sexual contra a crianças e adolescentes. Acreditamos que esses dados numéricos são bem maiores se levamos em considerações os casos que não chegam a ser notificados pelos familiares e responsáveis, que muitas das vezes são coniventes com esse tipo de violência contra o menor.

2.1 Contextos Históricos da Pedofilia

2.1.1 Antiguidade e Idade Média

Na Antiguidade, especialmente na Grécia e Roma, relações sexuais entre adultos e crianças eram, em algumas circunstâncias, socialmente aceitas. Na Grécia Antiga, a pederastia, que envolvia relações entre homens adultos e adolescentes do sexo masculino, era comum e vista como uma forma de educação e transmissão de conhecimento. No entanto, é crucial distinguir entre os conceitos culturais da época e as normas morais contemporâneas. Segundo Dover (1989), na obra *“Greek Homosexuality”*, essas práticas tinham um contexto educativo e social específico que difere substancialmente das noções modernas de pedofilia.

2.1.2 Idade Moderna

Com o advento do Cristianismo e o fortalecimento das instituições eclesiásticas durante a Idade Média, houve uma mudança significativa na percepção da sexualidade, incluindo a condenação de práticas sexuais com crianças. A moral cristã condenava atos sexuais fora do casamento heterossexual, e a proteção das crianças começou a ganhar destaque. Conforme apontado por Foucault (1978) em *“A História da Sexualidade”*, a Igreja Católica teve um papel central na regulação da sexualidade e na definição do que era considerado moralmente aceitável.

2.1.3 Século XIX e Início do Século XX

No século XIX, com o avanço das ciências médicas e psicológicas, a pedofilia começou a ser estudada como uma patologia. Krafft-Ebing, em sua obra *“Psychopathia Sexualis”* (1886), foi um dos primeiros a classificar a pedofilia como uma desordem mental. Esse período marcou o início da compreensão da pedofilia como um problema psiquiátrico, mais do que um crime moral ou religioso.

2.1.4 Século XX

Durante o século XX, a pedofilia passou a ser mais rigorosamente criminalizada. A Declaração dos Direitos da Criança pela ONU em 1959 e, posteriormente, a Convenção sobre os Direitos da Criança em 1989, reforçaram a proteção das crianças contra abusos sexuais. Esses documentos internacionais influenciaram significativamente as legislações nacionais, que passaram a adotar medidas mais severas contra a exploração sexual de menores. Autores como Judith Lewis Herman, em *“Father-Daughter Incest”* (1981), e David Finkelhor, em *“Child Sexual Abuse: New Theory and Research”* (1984), contribuíram para a compreensão dos impactos psicológicos do abuso sexual infantil.

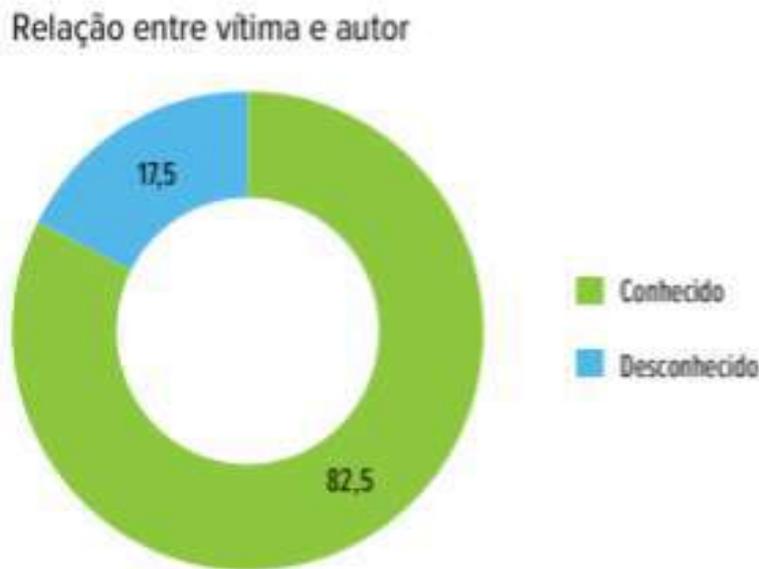
2.1.5 Contexto Contemporâneo

Hoje, a pedofilia é amplamente reconhecida como uma desordem psiquiátrica e um crime grave. A abordagem multidisciplinar, envolvendo a psicologia, a psiquiatria, a criminologia e o direito, é essencial para o tratamento e a prevenção da pedofilia. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria (2013), a pedofilia é definida como um transtorno mental que envolve fantasias, desejos sexuais ou comportamentos intensos e recorrentes envolvendo atividades sexuais com crianças pré-púberes.

Este contexto histórico evidencia a evolução na compreensão e abordagem da pedofilia ao longo dos séculos, desde uma prática aceita em algumas culturas antigas até sua categorização como crime e transtorno mental na contemporaneidade. Compreender essa trajetória é crucial para desenvolver políticas públicas e estratégias legais eficazes para combater e prevenir a pedofilia.

A figura 02 aponta as relações entre vítima e agressor, evidenciando que na grande maioria das vezes o agressor é conhecido, sendo parentes em uma grande parcela dos casos.

figura 02: relação entre vítima e autor.



Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Observatório de Análise Criminal/NAT/MPAC.Coordenadoria de Informações Estáticas e Análises Criminais. COINE/RN; Instituto de Segurança Pública/RJ(ISP); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE:Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Conforme comentamos na figura anterior, onde falávamos sobre a família e responsáveis, serem coniventes com violência contra o menor. Além de coniventes, muitos familiares e pessoas próximas a essa família, são os próprios agressores e exploradores dessas crianças. A família que deveria favorecer a segurança é a quem oferta a falta da mesma.

3 PEDOFILIA VIRTUAL

3.1 Contextos Históricos da Pedofilia Virtual

3.1.1 Surgimento da Internet e Primeiros Desafios

O surgimento da internet nos anos 1990 trouxe consigo novos desafios para a proteção de crianças e adolescentes. A facilidade de anonimato e a ampla acessibilidade da rede mundial permitiram a proliferação de materiais de abuso sexual infantil, muitas vezes referidos como "pornografia infantil" (termo que, apesar de comum, é inadequado por implicar consentimento).

Nos anos 1990, as legislações começaram a se adaptar para enfrentar esses novos desafios. A Lei de Telecomunicações de 1996 dos Estados Unidos, por exemplo, incluiu disposições específicas para a proteção de menores contra a exposição a material nocivo online.

3.1.2 Desenvolvimento Legal e Normativo

Com a expansão da internet, organismos internacionais e legislações nacionais começaram a se concentrar mais intensamente no combate à pedofilia virtual. A Convenção sobre Cibercrime do Conselho da Europa, também conhecida como Convenção de Budapeste, adotada em 2001, foi um

marco importante. Este tratado internacional, ratificado por muitos países, incluiu disposições específicas para combater a exploração sexual infantil na internet.

Finkelhor (2004), em sua obra *“The Internet and Child Sexual Exploitation: Threats and Responses”*, destaca que a internet mudou radicalmente a dinâmica da exploração sexual infantil, permitindo não apenas a disseminação de material de abuso, mas também a comunicação entre agressores e a facilitação de encontros abusivos.

3.1.3 Proliferação de Tecnologias e Respostas Legais

Nos anos 2000, com a proliferação de redes sociais, salas de bate-papo e plataformas de compartilhamento de vídeos, os desafios se multiplicaram. A facilidade de produção e compartilhamento de conteúdo gerou uma resposta legal e tecnológica robusta. A Diretiva 2011/92/EU do Parlamento Europeu e do Conselho, por exemplo, exigiu dos Estados membros a adoção de medidas para combater a exploração sexual de crianças e a pornografia infantil.

Autores como Taylor e Quayle (2003), em *“Child Pornography: An Internet Crime”*, discutem a evolução dos crimes virtuais envolvendo menores, ressaltando a necessidade de uma cooperação internacional e de avanços tecnológicos para o monitoramento e combate eficazes a essas práticas.

3.1.4 Avanços Recentes e Desafios Contemporâneos

Nos últimos anos, as respostas legais e tecnológicas têm se sofisticado. O uso de inteligência artificial e aprendizado de máquina para identificar e remover material de abuso sexual infantil online é um avanço significativo. A criação de entidades como o *Internet Watch Foundation* (IWF) e a utilização de *hash databases* (bancos de dados de "hashes" digitais de imagens ilegais) são exemplos de medidas eficazes.

O trabalho de Carr (2009), em *“Child Abuse, Child Exploitation, and the Internet”*, enfatiza a importância de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo direito, tecnologia, psicologia e educação, para combater a pedofilia virtual de forma abrangente.

A pedofilia virtual tem se tornado um grande problema para a sociedade, sendo notável seu crescimento em denúncias de casos, gerando um maior apontamento no número de casos.

É necessário que se aprimorem as leis brasileiras em relação a crimes cibernéticos, tendo em vista a complexidade e o crescimento exponencial da internet como forma de prática de pedofilia, garantindo-se dessa forma a proteção das vítimas e a punição dos criminosos virtuais (Almeida; Coutinho, 2016).

A inclusão do público infantil e juvenil nas redes de tecnologias têm fortificado mais esses crimes quando não há um melhor controle de acessos a quais sites são acessados por eles, pela falta de políticas públicas e educação a essas pessoas mesmo sabendo que o mundo virtual “é um meio

de tecnologia mais rápido atualmente. A pornografia infantil virtual é responsável por problemas de dimensões múltiplas, justamente por ser a internet um veículo rápido” (Gomes, 2008, p. 16).

A figura 03 exemplifica diretamente o aumento constante da violência contra crianças e adolescentes, demonstrando aumentos consideráveis de casos entre o primeiro semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Em relação a denúncias o aumento foi de 24%, em contrapartida o aumento de violações cresceu em uma taxa astronômica de mais de 50% de casos.

figura 03: Aumento de casos de violência contra crianças e adolescentes (1º semestre de 2022 / 1º semestre de 2023)



Fonte: Disque 100/MDHC

Os desafios principais enfrentados para combater melhor essa problemática é a identificação do verdadeiro autor, pois com o crescimento tecnológico houve um aperfeiçoamento no anonimato de servidores e ip's, deep web e dark web que dificultam a busca e investigação da polícia, por meio de criptografia de aplicativos.

3.2 Influências do *Deep Web* e *Dark Web*

Com o avanço da rede mundial de tecnologia, passou a surgir então a “era digital“, o que elevou a internet a nível mais elevado de comunicação, trazendo mais acessibilidade populacional. Porém, o aumento em massa desse ramo também traz sérias consequências, e a principal delas é o crime cibernético, que também abrange delitos de pornografia infantil.

Entretanto, em meio a tantos crimes que têm surgido, um dos que mais teve crescimento foi o *deep web*, que possui conteúdos que não aparecem em pesquisas e são protegidos por criptografias, logins, senhas e *tokens*. Esses conteúdos são considerados restritos “e isso tem tornado mais inviável ou tem dificultado mais as buscas e apreensões da polícia a esses termos de composição da *deep web*”. (Brasil, 2018).¹

¹ Brasil. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 2. Brasília: MPF, 2018. 275 p. – (Coletânea de artigos; v. 3) Disponível em: <https://memorial.mpf.mp.br/nacional/vitrine-virtual/publicacoes/crimes-ciberneticos-coletanea-de-artigos>.

Temos também o *dark web* que é definitivamente o lado mais anônimo da internet, nesta área, os conteúdos sequer aparecem nas buscas e pesquisas, o que torna os criminosos cada vez mais eficazes e sigilosos para cometerem crimes cibernéticos e pedofilia virtual, já que o método mais usado hoje é a inteligência artificial. (Brasil, 2018)

A *Deep web* é tida como a segunda camada, de três, da internet, como é chamada, o meio do iceberg, sendo composta por conteúdos não recuperados em buscadores de pesquisa como o Google ou o Bing. Contudo, certo tempo atrás o termo *Deep Web* era utilizado e se referia a tudo aquilo que não estava indexado na surface (Paulino, 2022).

A *Dark Web*, considerada a camada mais profunda da internet, é comum a prática de vários crimes, incluindo um dos principais, a pornografia infantil, nosso ponto de interesse de estudo. Isso se dá devido à dificuldade de identificação das informações dos usuários nesse ambiente. A prática de pornografia infantil causa revolta na sociedade, causando também repulsa social (Paulino, 2022).

4 O PAPEL DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE REFERENTE À PROTEÇÃO DAS VÍTIMAS DE PEDOFILIA VIRTUAL

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é um marco legal fundamental para a proteção dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil. Ele estabelece uma série de diretrizes e medidas para garantir a segurança, a dignidade e o desenvolvimento integral dos menores. No contexto da pedofilia virtual, o ECA desempenha um papel crucial, com diversas disposições que visam proteger as vítimas dessa forma específica de abuso.

figura 04: foto de divulgação do Ministério Público Federal contra a pedofilia virtual



Fonte: Ministério Público Federal

Sabe-se que nos tempos atuais a pornografia infantil no meio virtual tem sido responsável por grandes problemas e com dimensões extensas, já que a Internet é um meio de comunicação rápida e barata para expandir ou comercializar conteúdos que envolvem essas problemáticas. Na prática, um dos crimes mais comuns é a pirataria, que deixa em exposição vídeos de sexo 24 horas circulando no mercado como por exemplo: fotos, vídeos, jogos e etc. (Antônio, 2021).

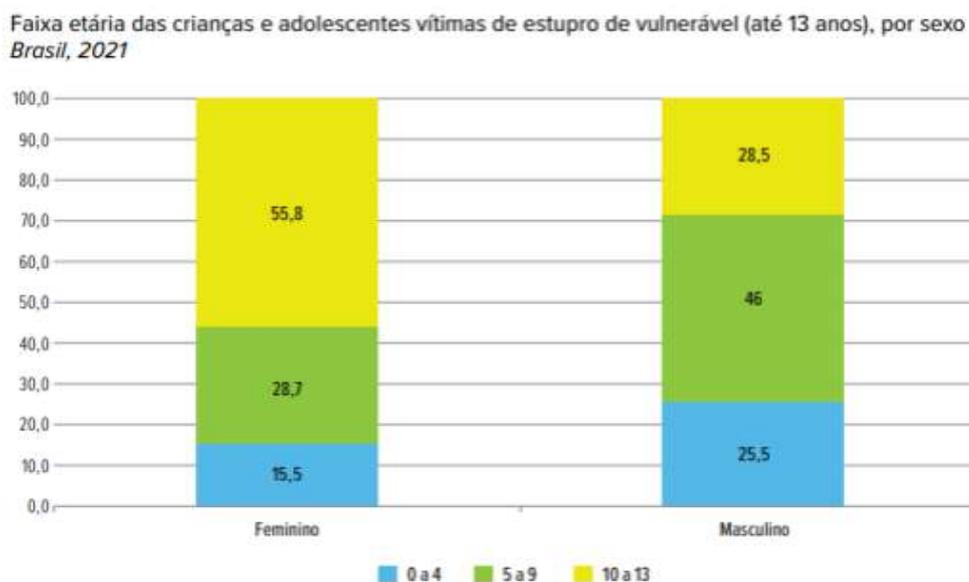
4.1 Disposições Específicas do ECA

4.1.1 Definição de Criança e Adolescente

O ECA define como criança a pessoa de até 12 anos de idade incompletos, e como adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade. Esta distinção é importante, pois orienta a aplicação das medidas protetivas previstas no estatuto.

A figura 05 demonstra os casos de estupro de vulnerável (até 13 anos) dividido por sexo, onde se percebe que em relação ao sexo feminino o índice maior é entre 10 e 13 anos, já em relação ao sexo masculino esse índice corresponde a jovens de idade entre 5 e 9 anos.

Figura 05: casos de estupro de vulnerável em 2021, dividido por sexo



Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Observatório de Análise Criminal/NAT/MPAC.Coordenadoria de Informações Estatísticas e Análises Criminais. COINE/RN; Instituto de Segurança Pública/RJ(ISP); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE:Fórum Brasileiro de Segurança Pública

É possível afirmar que na idade de 0 a 4 anos as crianças do sexo masculino, são mais vulneráveis a violência sexual, assim como a idade de 5 a 9 anos. As crianças do sexo feminino já são mais propensas a vítimas de exploração em porcentagem superior ao sexo masculino ao atingir a adolescência. A formação do corpo da menina e sua visibilidade deve ser o atrativo de pedófilos. O cuidado dos familiares e responsáveis com as vestimentas e a erotização que muitas vezes essa criança e adolescente transmiti, pelas vestimentas ou acessórios ou músicas devem ser centro de atenção e cuidado pelos seus responsáveis.

4.1.2 Direitos Fundamentais

O artigo 4º do ECA estabelece que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

4.1.3 Proteção Contra a Exploração Sexual e Abuso

O artigo 17 do ECA garante o direito ao respeito, que consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

O artigo 18 estabelece que é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, colocando-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante,

vexatório ou constrangedor. A figura 06 demonstra dados preocupantes em relação ao número de estupro registrados, sendo o ano de 2022 o recordista de estupro da história do Brasil.

Figura 06: 2022, ano que se registrou o maior número de estupro da história brasileira



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023

O aumento de estupro em crianças e adolescente é gritante, mesmo com as políticas públicas de órgãos competentes para esse fim e leis existentes que defendem a criança e ao adolescente. É preciso pensar ainda mais urgentemente diante dessa situação e proteger mais as nossas crianças e adolescentes para que possam ter a oportunidade de desfrutar de uma vida adulta sem traumas e com suas vidas garantidas.

4.1.4 Crimes de Pedofilia Virtual

Com a Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008, o ECA foi alterado para incluir disposições específicas contra a pornografia infantil na internet. Esta lei modificou o ECA para tipificar como crimes:

- Artigo 241-A: Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente.

- Artigo 241-B: Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente.

- Artigo 241-C: Simular a participação de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica, por qualquer meio, inclusive por meio de adulteração, montagem ou modificação de fotografia, vídeo ou qualquer outra forma de representação visual.

Estas disposições visam criminalizar não apenas a produção e distribuição de material de abuso, mas também a posse e a simulação, refletindo uma compreensão ampla dos riscos associados à pedofilia virtual.

4.1.5 Medidas Protetivas

O ECA prevê uma série de medidas protetivas para vítimas de abuso sexual, incluindo a pedofilia virtual.

Conselho Tutelar: O artigo 136 do ECA estabelece que o Conselho Tutelar deve atuar para garantir os direitos da criança e do adolescente. Em casos de pedofilia virtual, o Conselho pode tomar medidas para proteger a vítima, como encaminhamento à assistência psicológica e jurídica.

Assistência Integral: O artigo 87 do ECA estabelece que a política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente deve ser garantida por meio de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais, de âmbito federal, estadual e municipal. Isto inclui programas de prevenção e atendimento especializado para vítimas de abuso.

O disque denúncia também é um importante recurso para denúncias de abuso como demonstra a imagem 07, que também demonstra que foi instituído o dia 18 maio como o dia internacional de combate ao abuso e exploração sexual.

Figura 07: disque denúncia contra abuso e exploração sexual



Fonte: SlideShare. Disponível em: Abuso | PPT (slideshare.net)

Não basta ter datas, campanhas, livros e pesquisas sobre a violência e exploração sexual contra o menor, não basta existir diversas campanhas anuais, é necessário denunciar, acionar os conselhos tutelares, escolas, igrejas e evidenciar com ética o que ocorreu com essa criança e adolescente que de então apresenta comportamentos estranhos.

4.1.6 Jurisprudência e Aplicação Prática

A aplicação das disposições do ECA no combate à pedofilia virtual tem sido consolidada por meio de diversas decisões judiciais e atuações do Ministério Público. A jurisprudência brasileira

tem reiterado a importância de medidas rigorosas para proteger crianças e adolescentes na era digital, enfatizando a necessidade de uma resposta rápida e eficaz por parte das autoridades competentes.

A proteção das vítimas de pedofilia virtual é um tema de extrema importância no contexto brasileiro contemporâneo. A legislação brasileira desempenha um papel crucial na garantia dos direitos e na promoção da segurança das crianças e adolescentes que são vítimas desse crime hediondo. No entanto, para além das leis e dos dispositivos jurídicos, é fundamental reconhecer o impacto humano e emocional dessas medidas de proteção. "A análise sob a perspectiva do Direito Penal brasileiro revela a necessidade de uma abordagem abrangente e rigorosa para enfrentar os desafios impostos pela pedofilia virtual no contexto digital." (Barbosa; Pinto, 2016, p.)

Cada caso de pedofilia virtual representa uma história de dor, trauma e violação da inocência infantil. Por trás das estatísticas e dos artigos de lei, há crianças e famílias que enfrentam um longo e difícil caminho de recuperação. É necessário, portanto, adotar uma abordagem humanizada na implementação e execução das leis de proteção às vítimas de pedofilia virtual.

Isso implica não apenas em garantir a punição adequada dos agressores, mas também em oferecer apoio psicológico, social e jurídico abrangente às vítimas e suas famílias. O Estado, em parceria com organizações da sociedade civil, deve fornecer recursos e programas que auxiliem na reabilitação das vítimas, ajudando-as a superar o trauma e reconstruir suas vidas.

Além disso, é essencial investir em educação e conscientização pública para prevenir a ocorrência de casos de pedofilia virtual. Isso inclui a promoção de uma cultura de segurança digital, o ensino de habilidades de autodefesa online para crianças e adolescentes, e a sensibilização dos pais e responsáveis sobre os perigos da internet.

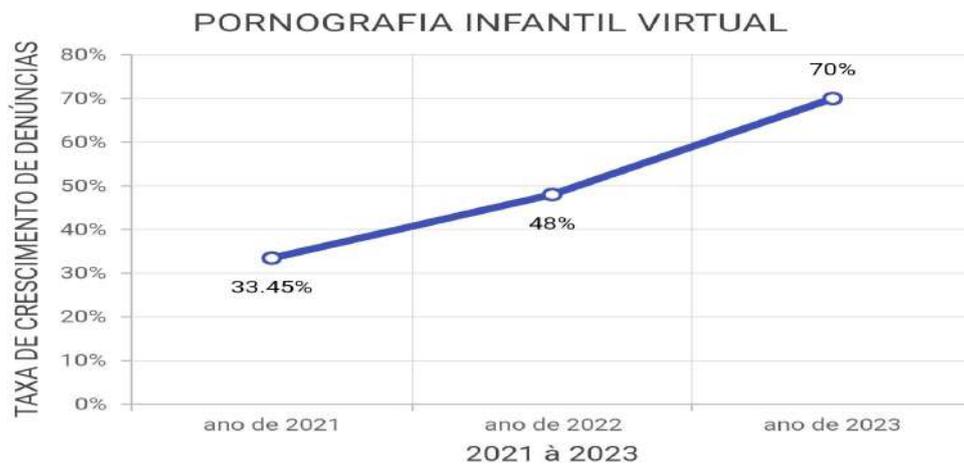
Uma das principais legislações brasileiras relacionadas à pedofilia virtual é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069/1990, que estabelece diretrizes gerais para a proteção integral de crianças e adolescentes, incluindo disposições específicas sobre a prevenção e punição de crimes virtuais que afetam essa faixa etária. Ele define como crime a produção, distribuição, venda e exposição de material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes, bem como a facilitação do acesso a esse tipo de conteúdo.

A criação e o aprimoramento dessas leis refletem o compromisso do Brasil em enfrentar os desafios emergentes decorrentes do uso da tecnologia e da internet, especialmente no que diz respeito à proteção das crianças e adolescentes contra a exploração sexual online. No entanto, apesar dos avanços legislativos, ainda existem desafios significativos na efetivação dessas leis, incluindo a necessidade de maior capacitação de profissionais da área jurídica e de segurança pública, bem como a implementação de políticas públicas e programas educacionais para

conscientização e prevenção. Portanto, é essencial continuar aprimorando o arcabouço legal e fortalecer as estratégias de proteção das vítimas de pedofilia virtual no Brasil.

A figura 08 demonstra que o número de denúncias em relação ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes tem crescido nos últimos anos, isso também é reflexo do compromisso das autoridades em relação ao combate dessa prática, e também das leis que surgiram para proteger as vítimas.

figura 08: Taxa de crescimento de denúncia de pornografia infantil virtual.



Fonte: SaferNet Brasil.

A pornografia infantil virtual é uma das causas que mais geram o crime de pedofilia, o acesso fácil a conteúdos sexuais infantis e não só isso, mas como também por meio de acessos a redes sociais de famílias e amigos onde eles passam despercebidos como por exemplo: Twitter, Facebook e Instagram, tem regado o mercado e incentivado mais os criminosos a se “qualificarem” mais.

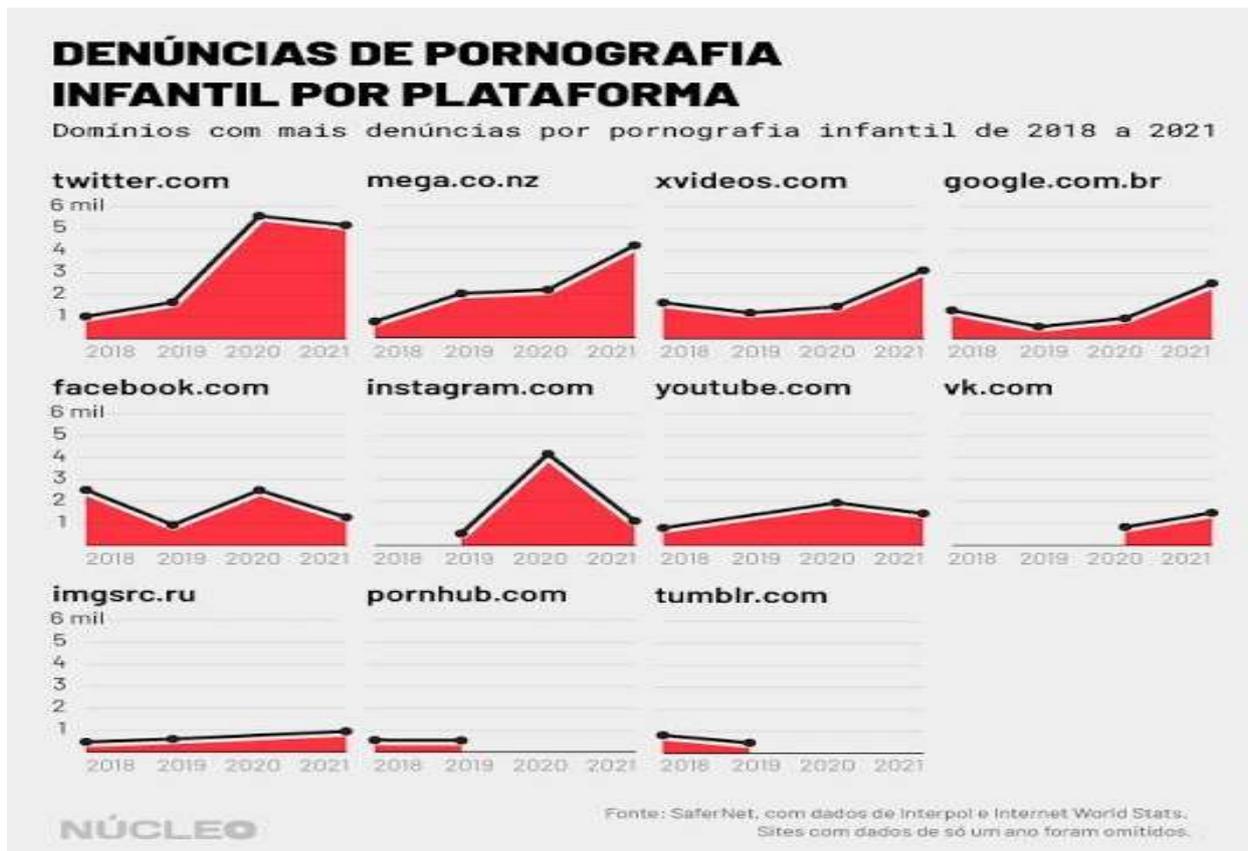
A figura 09 e 10 mostra dados publicados pelo *SaferNet* em relação a denúncias de pornografia infantil no ano de 2020 e 2021, além de denúncias feitas pelas plataformas:

Figura 09: casos de denúncia de pornografia infantil no Brasil.



Fonte: SaferNet Brasil.

Figura 10: denúncias de pornografia infantil por plataforma.



Fonte: SaferNet Brasil.

Em 2023, esses dados têm se multiplicado cada vez mais, uma vez que surgem novas dificuldades de apreensão e a criação de uma legislação mais rígida a esses criminosos anônimos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada acerca da pedofilia virtual e suas implicações à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) evidencia a gravidade e a complexidade desse fenômeno no contexto contemporâneo. A exploração sexual de crianças e adolescentes por meio das tecnologias digitais constitui uma violação extrema dos direitos fundamentais previstos no ECA, principalmente no que tange à dignidade, ao respeito e à integridade física e psicológica dos menores.

O ECA, em seu artigo 241, estabelece de forma clara as penalidades para aqueles que praticam, armazenam, ou disseminam material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes, refletindo a intolerância da legislação brasileira frente a essas práticas abomináveis. A legislação brasileira, ao tipificar e penalizar a pedofilia virtual, coloca-se como um instrumento crucial na proteção dos direitos das crianças e adolescentes, estabelecendo um marco jurídico robusto para a prevenção e repressão desse crime.

Entretanto, a eficácia da lei depende não apenas de sua existência, mas também de sua aplicação prática e da articulação entre diversos atores sociais. É imprescindível um esforço contínuo por parte das autoridades competentes para o monitoramento, investigação e punição rigorosa dos delitos relacionados à pedofilia virtual. Além disso, é vital a implementação de políticas públicas que promovam a conscientização e a educação sobre os riscos e as medidas de proteção no ambiente digital.

A sociedade e a família desempenham um papel crucial na prevenção da pedofilia virtual. A educação digital de crianças e adolescentes, bem como a vigilância ativa por parte dos pais e responsáveis, são medidas essenciais para reduzir a vulnerabilidade dos jovens a esses crimes. Programas educativos que abordem o uso seguro da internet e a identificação de comportamentos suspeitos podem fortalecer a resiliência das crianças e adolescentes contra a exploração online.

Ademais, a colaboração internacional é essencial, uma vez que a natureza transnacional da internet facilita a atuação dos criminosos além das fronteiras nacionais. A cooperação entre países, bem como a adesão a tratados e convenções internacionais, pode potencializar os esforços de combate à pedofilia virtual, promovendo um ambiente digital mais seguro globalmente.

Conclui-se que o combate à pedofilia virtual exige um compromisso integral de toda a sociedade, incluindo ações firmes e coordenadas do poder público, a atuação responsável das empresas de tecnologia e a conscientização da população. Apenas através de um esforço coletivo será possível garantir a efetiva proteção dos direitos das crianças e adolescentes, conforme preconizado pelo ECA, proporcionando um ambiente digital mais seguro e saudável para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. F., & COUTINHO, M. P. (2016). Pedofilia virtual e seus reflexos jurídicos: uma análise à luz do ordenamento jurídico brasileiro. **Revista Jus Navigandi**, 21(4786). 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5)**. American Psychiatric Publishing. 2013.

BARBOSA, D. B., & PINTO, A. C. Pedofilia virtual: uma análise sob a perspectiva do Direito Penal brasileiro. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, 4(1), 109-124. 2016.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 04 de abril de 2024

BREIER, Ricardo.; TRINDADE, Jorge. **Pedofilia: Aspectos Psicológicos e Penais**. Porto Alegre, Livraria do Advogado, 2013. p.36 e 44.

CARR, J. **Child Abuse, Child Exploitation, and the Internet**. Russell House Publishing. 2009.

CONSELHO DA EUROPA. **Convenção sobre Cibercrime**. Budapeste. 2001.

DOVER, K. J. **Greek Homosexuality**. Harvard University Press. 1989.

FOUCAULT, M. **The History of Sexuality, Vol. 1: An Introduction**. Pantheon Books. 1978).

FINKELHOR, D. **Child Sexual Abuse: New Theory and Research**. Free Press.1984.

FINKELHOR, D. **The Internet and Child Sexual Exploitation: Threats and Responses**. University of New Hampshire.2004

GOMES, Luiz Flavio. Divulgação de cenas de sexo na internet, envolvendo crianças e adolescentes, é crime? **Revista IOB de Direito Penal e Processo Penal**. Porto Alegre, 2008, p. 16 – 17.

TRINDADE, Jorge; BREIER, Ricardo. **Pedofilia: Aspectos psicológicos e penais**. 3. ed. rev. atual. Porto Alegre; Livraria do advogado Editora, 2013.



Capítulo 5

INVESTIGANDO A AUTOLIDERANÇA POSITIVA SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

DOI:10.29327/5446957.1-5

Clécia Silva do Nascimento
Joseilme Fernandes Gouveia
Cibelle da Silva Santiago



INVESTIGANDO A AUTOLIDERANÇA POSITIVA SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Clécia Silva do Nascimento

Joseilme Fernandes Gouveia

Cibelle da Silva Santiago

RESUMO

A pesquisa investigou as características da autoliderança em estudantes de Secretariado Executivo Bilíngue da UFPB sob a perspectiva da psicologia positiva. A ênfase na resolução de problemas e na mentalidade otimista contribuiu para o desenvolvimento da autoliderança positiva nesse grupo. A pesquisa utilizou um questionário estruturado com questões relacionadas ao desenvolvimento da autoliderança, autoconhecimento, inteligência emocional e mentalidade positiva dos estudantes. Com uma abordagem quantitativa exploratória, o estudo contou com 100 respondentes de um universo de 226 estudantes, em que os dados foram analisados por meio da análise fatorial, com o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Bartlett. A análise dos dados foi realizada por meio de tabulação e análise descritiva, destacando a importância da autoliderança para futuros profissionais de Secretariado Executivo. A psicologia positiva e a inteligência emocional foram identificadas como elementos-chave no processo de desenvolvimento da autoliderança, promovendo uma liderança mais humanizada e eficaz. Os resultados demonstraram que a principal característica da autoliderança presente no perfil dos estudantes são os sentimentos, e que focam em desenvolver pensamentos positivos com foco na solução, aspectos que contribuem para desenvolver a autoliderança positiva. Portanto, a psicologia positiva e a inteligência emocional desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento da autoliderança dos estudantes de Secretariado Executivo Bilíngue da UFPB, contribuindo para uma liderança mais humanizada, positiva e eficaz. Conclui-se, então, sobre a relevância de cultivar uma mentalidade positiva e habilidades emocionais para fortalecer a autoliderança dos estudantes, preparando-os para contribuir de forma significativa em suas futuras atuações profissionais.

Palavras-chaves: Liderança. Autoliderança. Psicologia positiva. Inteligência emocional.

1. INTRODUÇÃO

A autoliderança tem se tornado uma característica importante na atuação de futuros líderes, tanto na vida pessoal como profissional, pois eles têm a capacidade de se auto influenciar e se auto motivar gerando comportamentos positivos e desejáveis, que resultam em bons resultados. Uma habilidade que exige autoconhecimento de si mesmo e de seus comportamentos. A autoliderança é uma característica intrínseca que o indivíduo traz dentro de si mesmo, que o ajuda a

potencializar suas habilidades em sua atuação profissional. De acordo com Manz e Sims (2001 *apud* Dias Junior; Silva, 2018), indivíduos que possuem autoliderança têm um maior controle sobre suas tarefas e fluxo de trabalho, mostrando nível superior de comprometimento com suas atividades, propósitos, equipes ou organizações. Para tanto, é preciso apresentar controle de suas emoções e aumentar a autonomia de seus comportamentos, de maneira que a psicologia positiva tem condições de contribuir com esse debate da autoliderança.

Dentro desse contexto, o profissional de secretariado vivencia questões que, em muitas situações, o influencia e o impede de exercer a autoliderança em sua vida, bem como ser um líder positivo, com uma postura mais humanizada. Entende-se “por empresa humanizada aquela que, voltada para seus funcionários e/ou para o ambiente, agrega outros valores que não somente a maximização do retorno para os acionistas” (Vergara; Branco, 2001, p. 21, 22). A humanização é vista, aqui, como um comportamento mais acolhedor, empático e que valoriza o ser humano com suas limitações e possibilidades, dando espaço para que os aspectos positivos dos indivíduos sejam potencializados.

Desse modo, a psicologia positiva traz uma nova abordagem para as questões antigas, já que ela “pretende contribuir para o florescimento e o funcionamento saudável das pessoas, grupos e instituições, preocupando-se em fortalecer competências ao invés de corrigir deficiências” (Paludo; Koller, 2007, p.12). Nesse caso, a questão antiga é a liderança, pois já tem sido motivo de diversos estudos científicos realizados e publicados. Por outro lado, se tem a autoliderança que na visão de Markham e Markham (1995 *apud* BORGES, 2009) “envolve a capacidade para se liderar na vida profissional, chegando até a autoliderança da própria vida particular”. Nesse contexto, a autoliderança é o meio de o indivíduo liderar a si mesmo e seus comportamentos de forma assertiva. E essa pesquisa tenta relacionar a liderança positiva com a autoliderança dos estudantes de Secretariado Executivo Bilingue da Universidade Federal da Paraíba, pois elas têm o interesse no desenvolvimento e crescimento humano. Desse modo, a temática da autoliderança será explorada responsabilizando os indivíduos por seus próprios comportamentos, além de lidar com as próprias emoções de forma positiva.

Aponta-se a autoliderança como uma competência que deve ser executada com responsabilidade, motivação e entusiasmo, desenvolvendo mentalidade proativa e com inteligência positiva para ampliar seu potencial enquanto profissional, uma vez que a mente do ser humano cria sabotadores que o impedem de obter e alcançar seus objetivos, assim como potencializar suas ações no ambiente de trabalho.

Essa pesquisa se torna inédita, pois a autoliderança é uma temática ainda pouco explorada no campo científico da área de Secretariado Executivo, principalmente quando abordada como um

psicocomportamento individual na atuação do profissional de Secretariado e relacionada à inteligência positiva. Nesse sentido, a abordagem do tema vem contribuir com a atuação dos profissionais de Secretariado Executivo sob a perspectiva da autoliderança positiva. Tal pesquisa, poderá contribuir para a atuação dos futuros e atuais secretários-líderes, por meio do desenvolvimento da autoliderança com foco nos aspectos comportamentais e psicológicos, visando propiciar um ambiente de trabalho mais humanizado, empático e positivo.

A problemática desse artigo, então, parte-se do pressuposto de que se as organizações demandam por profissionais com perfil de liderança, entende-se que eles precisam desenvolver, também, a autoliderança. Deve-se focar nos resultados organizacionais, mas sem perder de vista os relacionamentos e comportamento humanizado, de modo que a pergunta-problema que norteia a pesquisa é: De que forma os estudantes de Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba podem desenvolver a autoliderança com a inteligência positiva?

Como objetivo geral, pretende-se verificar se os estudantes de Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba podem desenvolver a autoliderança com a inteligência positiva. Os objetivos específicos são: verificar as características necessárias para desenvolver a autoliderança presente dos estudantes; identificar o conhecimento sobre o significado de inteligência positiva; apontar os aspectos que contribuem para os estudantes terem uma mente positiva; elencar as emoções positivas que são cultivadas pelos estudantes.

Nesse contexto, justifica-se a relevância desta pesquisa pelo papel fundamental que o líder representa para uma organização que vai além da liderança formal, necessitando desenvolver autoliderança. Para isso, ele precisa se autoconhecer e verificar os comportamentos, habilidades e atitudes psicocomportamentais que estão voltadas à autoliderança. A autoliderança está relacionada capacidade de o indivíduo liderar a si mesmo, assumindo o controle e a responsabilidade de sua trajetória.

2. A PSICOLOGIA POSITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A AUTOLIDERANÇA

A forma de gerir as organizações vem se transformando cada vez mais. Primeiro, com a ressignificação da liderança, em que o líder autoritário precisou ampliar os espaços de tomada de decisão e aderir uma gestão mais participativa e democrática. Segundo que, ao mesmo tempo em que se lidera as pessoas, o líder precisa ser mais humanístico, fazendo uso de habilidades que estreitam ainda mais a liderança por meio da empatia. Com isso, os aspectos comportamentais dos

colaboradores passaram a ser mais valorizados nas organizações, estimulando um ambiente com clima de bem-estar e harmonia.

Diante desse contexto, a área da Psicologia tem muito a contribuir com a autoliderança nas organizações, por meio das características da Psicologia Positiva que, segundo Nunes (2007, p. 2), “[...] trata da tentativa de romper o viés negativo sobre o desenvolvimento humano através do estudo dos aspectos positivos presentes nos indivíduos.” Isto é, a psicologia positiva tem o objetivo de impulsionar o desenvolvimento e a capacidade do indivíduo, explorando seus pontos positivos para que possam manifestar sempre o melhor de si mesmo e impedir que a perspectiva negativa sobre seu comportamento atrapalhe no seu desempenho.

Chamine (2013) enfatiza que a mente pode ser a melhor ou a pior inimiga do ser humano, mesmo que o indivíduo não perceba, pois, sabotadores que estão dentro da mente das pessoas são obstáculos que impedem o andamento e o sucesso na vida daqueles que buscam sempre evoluir. Dessa forma, é importante estar atento e entender como nossa mente funciona para saber e identificar se ela mais ajuda ou sabota, impedindo nosso crescimento e desenvolvimento.

Com o desenvolvimento acelerado do mercado de trabalho, e as demandas cada vez mais exigentes, as organizações têm buscado líderes que foquem nas pessoas em primeiro lugar para, conseqüentemente, gerar resultados positivos para a organização. Os líderes necessitam desenvolver um ambiente inspirador, investir e acreditar nas habilidades e no potencial das pessoas que o cercam, para mantê-los engajados e comprometidos com os objetivos das instituições. Por isso, os gestores passaram, cada vez mais a acreditar na psicologia positiva para dar novos significados à atuação dos líderes, formais e informais.

A liderança positiva é um novo modelo e forma de implementar a liderança. É composta por um conjunto de práticas e estratégias que pode ajudar os líderes a fazer com que as equipes alcancem resultados espetaculares e performances muito além do esperado (Guimarães, 2012, p. 46).

Assumindo uma postura mais positiva, os líderes desenvolveram novas formas e possibilidades de relacionamento interpessoal, explorando uma mentalidade mais altruísta e otimista. Fazem parte do perfil de um indivíduo positivo valorização das relações interpessoais; iniciativa e perseverança; coragem e encorajamento com foco no potencial; esperança e otimismo com confiança na superação das adversidades; inspiração, criatividade e visualização de novas possibilidades; aprender e crescer através das adversidades; capacidades para mudar, reformular, reorganizar e se adaptar; apoio mútuo, colaboração e compromisso; construção de uma rede de

trabalho comunitária; mensagens claras e consistentes; esclarecimento de informações ambíguas; compartilhamento de sentimentos variados como felicidade, dor, esperança e medo; empatia nas relações; interações prazerosas e bem-humoradas; tomada de decisão compartilhada com negociação, reciprocidade e justiça; foco nos objetivos para dar passos concretos e aprender através dos erros; postura proativa (WALSH, 1998 *apud* NUNES, 2007).

Para além, o líder positivo deve promover um ambiente com clima organizacional saudável e com harmonia para inspirar, desenvolver e demonstrar emoções positivas nesse ambiente de trabalho. Para isso, Guimarães (2012) apresenta quatro estratégias de liderança positiva: clima positivo, relacionamento positivo, comunicação positiva e significado positivo, pois ele aponta que é importante sempre focar nas emoções positivas como o amor, confiança e alegria e buscar reduzir as negativas, como raiva, medo e ansiedade, elevando ainda mais a capacidade cognitiva de seus funcionários

Clima positivo: para cultivar um clima positivo é necessário que as emoções positivas como alegria, bem-estar, entusiasmo superem as negativas como o estresse, frustração, medo, tristeza entre outras, pois é muito natural do ser humano dar mais importância e atenção a acontecimentos negativos do que positivos, uma vez que, o indivíduo enxerga a importância daquilo que é positivo, ele pode fazer a diferença em determinadas situações. Guimarães (2012, p. 52) destaca que “para cultivar um clima positivo, líderes positivos desenvolvem atividades para expandir a compaixão, o perdão e a gratidão”.

Relacionamento positivo: “a presença de uma relação positiva e de apoio tem efeitos positivos no funcionamento do grupo e, conseqüentemente, na performance e no desempenho” (GUIMARÃES, 2012, p. 53), é um ponto importante, pois um líder antes de tudo precisa ter um bom relacionamento com seus liderados em termos de estado psicológicos e emocional fazendo com que eles se sintam seguros e satisfeitos, são fatores que geram resultados significativos em sua produtividade e desempenho. Nisso, Goleman (2015) assinala que as pessoas são mais eficientes em administrar relacionamentos quando são capazes de entender e controlar suas próprias emoções e conseguem ter empatia com os sentimentos das outras pessoas, sendo capaz de enxergar o outro e entender como ele se sente.

Comunicação positiva: tão importante quanto ter um relacionamento positivo, é saber se comunicar de forma positiva com seus liderados. Para Guimarães (2012), a comunicação positiva é definida como uma comunicação que expressa admiração, suporte, assistência e elogios, ao contrário da negativa que manifesta julgamento, reprovação, insatisfação, descrença ou descrédito, sobre seus funcionários.

Significado positivo: essa quarta estratégia traz a ideia de criar significados positivos para dar sentido à vida. O ser humano tem essa necessidade de dar sentido e significado as coisas em sua vida, de porque ele faz determinada coisa e qual o sentido isso tem para sua vida, e quando chega o momento de se fazer escolhas para sua vida esses fatores entram em cena.

Nessa perspectiva, para exercer a liderança positiva um ponto importante e fundamental é o estado emocional do líder algo que afeta no seu desempenho, bem como, em liderar de forma eficaz a sua equipe de trabalho, é essencial que ele tenha autocontrole sobre suas próprias emoções para liderar bem, e Goleman (2015, p. 13) menciona que “a inteligência emocional não só distingue os líderes excepcionais, como também pode estar associada ao alto desempenho”. Dessa forma, entende-se que a inteligência emocional do ser humano é um dos fatores de grande importância, que pode interferir tanto de forma positiva como negativa no desenvolvimento de suas competências e habilidades.

Portanto, um líder positivo precisa ser um gestor que valoriza seus liderados e ajuda-os a elevar e desenvolver suas capacidades individuais, partindo de um relacionamento positivo e recíproco de ambas as partes. Buscando sempre priorizar as emoções positivas e o bem-estar de seus liderados, visto que, funcionários satisfeitos, entusiasmados, motivados e que se sentem valorizados por seus líderes, elevam o nível de seu crescimento pessoal e profissional, tornando-se psicologicamente e emocionalmente mais fortes e equilibrados em sua vida trazendo mudanças para o ambiente de trabalho em que estão inseridos.

3. A AUTOLIDERANÇA NA ATUAÇÃO DO SECRETÁRIO EXECUTIVO

O profissional de Secretariado executivo, atualmente, é um dos que vêm se destacando nas organizações por ter uma grande versatilidade demonstrando, conhecimentos e habilidades que têm contribuído muito nos ambientes laborais. Não raro, tais habilidades têm oportunizado aos secretários não apenas conduzir tarefas administrativas, como também conduzir equipes. Bíscoli e Cielo (2004) mencionam que:

Ao secretário executivo, neste novo contexto cabe então o papel de gestor nas organizações em que atua, estando, assim apto a perceber, refletir, decidir e agir de maneira assertiva, pois a dinamicidade do mercado de trabalho não permite erros nem mesmo demora no processo de decisão (Bíscoli; Cielo, 2004, p. 17).

Nesse sentido, Martins (2013, p. 232), complementa que os profissionais de secretariado, devido às necessidades internas do cotidiano das instituições, podem atuar como líderes de excelência, mesmo que não saibam ou mesmo não se considerem como tal, já que possuem competência comportamental para o convívio e boa capacidade de mediar demandas que necessitam de soluções. Com intensa habilidade, esses profissionais assumem os mais diversos estilos de liderança, atuando como moderadores ou facilitadores das relações e processos de trabalho.

Para tanto, antes de o secretário conduzir pessoas e delegar tarefas, é necessário que ele comande primeiro a si mesmo, pois um indivíduo que conduz primeiro suas ações, assumindo as responsabilidades por seus comportamentos, estará mais preparado para conduzir outras pessoas. Essa perspectiva de liderar primeiro a si próprio é chamada autoliderança que, segundo Manz (1983 *apud* Alvim, 2018, p. 34), “o conceito de autoliderança foi abordado pela primeira vez na literatura em um manual publicado em 1980, que objetivava mostrar a importância de as pessoas serem gestoras de si mesmas, como estratégia importante para a eficácia na vida e no trabalho.” Se autoliderar imputa no processo de autoconhecimento contínuo do indivíduo, em potencializar pontos pessoais positivos e diminuir pontos pessoais negativos para obter sucesso no desempenho de seus comportamentos. Já na visão de (Castaned, Kolenko, Aldag, 1999 *apud* Alvim 2018, p. 34) “a autoliderança consiste na postura proativa de ser líder de si mesmo, relacionada ao desejo e à capacidade de controlar seus próprios pensamentos, comportamentos e ambientes”.

Contudo, é importante enfatizar que, devido às demandas do mercado que conduzem os secretários executivos a ocuparem cargos de cogestores em sua atuação profissional, é relevante que eles liderem de forma humana e positiva e, para isso, é fundamental que eles busquem se autoconhecer e enxergar, em si mesmos, pontos fortes e fracos que eventualmente prejudiquem ou potencializem suas ações ou seu desempenho, tanto pessoal como profissional.

Diante disso, Stach (2019) destaca a importância do autoconhecimento para o autolíder, pois “é de muita importância que o líder seja um autoconhecedor de si mesmo, saber sobre suas limitações e compreender suas habilidades não somente para si, pois isso reflete muito no relacionamento com seus liderados” (Stach, 2019, p. 248). Quando se fala de autoliderança, uma das características que o indivíduo necessita exercitar e ter controle sobre é a inteligência emocional. Goleman (2011, p. 448) explica que “inteligência emocional se refere à capacidade de identificar nossos próprios sentimentos e os dos outros, de motivar a nós mesmos e de gerenciar bem as emoções dentro de nós e em nossos relacionamentos.” No entanto, para que o secretário executivo exerça a autoliderança em sua vida é necessário que ele busque ter controle sobre seus pensamentos e emoções, com o objetivo de aumentar cada vez mais o seu nível de excelência e eficácia na realização de seu trabalho.

Dentro desse processo, Goleman (2015) aponta algumas competências a serem observadas, para o desenvolvimento do autoconhecimento e inteligência emocional, que são: Autoconsciência, Autogestão, Empatia e Habilidade Social. “Autoconsciência significa uma compreensão profunda das próprias emoções, forças, fraquezas, necessidades e impulsos”. (Goleman, 2015, p. 14). Isto é, pessoas que tem autoconsciência enxergam como suas emoções intrínsecas conseguem afetá-las e a outras pessoas, bem como seus comportamentos e desempenhos profissionais.

A segunda competência, a autogestão ou autocontrole, que é um ingrediente da inteligência emocional que nos impede de ficar presos em nossas próprias emoções. Ou seja, a pessoa que sabe se controlar vai saber lidar com situações, muitas vezes, até desconfortáveis, que poderiam desencadear reações inapropriadas de descontrole e comportamentos impulsivos. Por isso é tão importante saber controlar seus próprios sentimentos para lidar bem com situações desagradáveis.

A empatia, na visão de Goleman (2015, p. 21), “[...] significa levar em conta ponderadamente os sentimentos dos funcionários junto com outros fatores no processo de tomar decisões inteligentes”, uma vez que é importante que um bom líder seja capaz de entender e perceber a visão de seus funcionários, a empatia contribui para conservar e manter bons funcionários por perto. Já Guimarães (2012) afirma que a empatia é a habilidade de compreender e identificar o que as outras pessoas querem, bem como, ser capaz de fazer com que percebam o que você próprio deseja. Assim, pode-se dizer que empatia é perceber e ser percebido, é a capacidade de uns enxergarem as necessidades dos outros.

A última competência a habilidade social, segundo Goleman (2015, p. 24), “envolve a capacidade de uma pessoa se relacionar com outras.” Ou seja, pessoas com mais habilidades sociais se tornam capazes de participar de um círculo mais abrangente de conhecidos e desenvolvem talento para manterem relações equilibradas com diversos tipos de pessoas, tendo consciência de que grandes coisas não serão realizadas sem o devido apoio. Pessoas com essa competência reconhecem a importância de terem uma boa rede de relacionamentos à qual podem pedir suporte quando necessário.

Segundo Barros e Prado (2010), é fundamental que o secretário executivo tenha inteligência emocional para que, além de ter controle sobre si e suas emoções, resolva conflitos e diferenças que possam surgir no ambiente de trabalho, dentre os quais estão envolvidos os de pensamentos, sentimentos e necessidades que interferem na harmonia e convivência do ambiente organizacional, é algo imposto para todos que fazem parte de uma empresa como um todo. Do ponto de vista de Stach (2019, p. 250) “os líderes, neste mundo mutável, precisam se preparar para as mudanças e reconhecer novos ares a partir de si mesmos, pois toda mudança começa a partir da mudança interna.” Desse modo, reconhecer seus valores, visão e objetivos é enxergar a si mesmo,

contribuindo para o exercício da sua própria autoliderança, pois as mudanças precisam acontecer primeiro intrinsecamente, e o indivíduo precisa estar pronto para se adaptar às mudanças que podem surgir dentro das organizações.

Nesse contexto, profissionais que possuem autoliderança se destacam no mercado de trabalho, bem como, naquilo que se propuserem a fazer por serem indivíduos seguros de si mesmo capazes de elevar o nível de seu desempenho individual seja na vida particular ou profissional. Com efeito, organizações que tem líderes extraordinários que contribuem para o desenvolvimento dos colaboradores para que eles também sejam extraordinários e motivados a aprender continuamente, possivelmente terá muito mais chances de sucesso em sua produtividade, além de elevar gradativamente as competências individuais de seus colaboradores.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa básica de cunho exploratório e descritiva, com levantamento bibliográfico de dados sob abordagem quantitativa, que busca mostrar o conhecimento e o desenvolvimento da autoliderança de estudantes do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal da Paraíba para relacioná-los à psicologia positiva.

De acordo com Gil (2002), pesquisas exploratórias tem a finalidade de possibilitar maior familiaridade e proporcionar informações em profundidade sobre o assunto a ser investigado na pesquisa, com o objetivo de defini-lo e torná-lo claro e compreensível, ou até mesmo, descobrir outro tipo de perspectiva para o tema. Nessa questão, a investigação se dá pelo fato de a autoliderança fazer parte do perfil de todo e qualquer profissional, inclusive dos profissionais de Secretariado Executivo, que é conhecido por exercer o papel de líder em seu ambiente profissional, bem como, por ser uma abordagem pouco explorada como um comportamento individual pelos pesquisadores e profissionais de Secretariado Executivo.

Como procedimento técnico, foi utilizado à pesquisa bibliográfica, em que realizou-se consulta a livros e artigos científicos já publicados nas áreas de administração, ciências sociais e psicologia positiva. Quanto à abordagem, foi utilizada a pesquisa quantitativa que visa coletar os dados para serem analisados com resultados que podem ser quantificados por meio de métodos estatísticos. Prodanov e Freitas (2013, p. 69) definem a abordagem quantitativa como um processo em que “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”.

O universo da pesquisa foi representado pelos estudantes do curso de Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com um universo de 226

(duzentos e vinte e seis) estudantes matriculados em 2021.1, que foram buscados por meio do contato direto com a pesquisa aplicada nas salas virtuais, já que as disciplinas estavam na modalidade remota por conta da Pandemia da Covid 19. Segundo Marconi e Lakatos (2017), o universo ou população se trata de pessoas existentes ou pessoas inanimadas que manifestam ao menos um aspecto individual entre si. Esse delineamento do universo significa dizer que pessoas ou coisas serão pesquisados/estudados, elencando aspectos que estes tenham em comum. Como retorno, obteve-se uma amostra de 100 respostas que corresponde, aproximadamente, a uma margem de erro 6% com o nível de confiança de 90%.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário estruturado elaborado por meio do *Google forms*, com questões fechadas e de múltipla escolha sendo 27 questões (tabelas 1 e 2) relacionadas aos aspectos do desenvolvimento da autoliderança, autoconhecimento. As outras 12 questões trataram da inteligência emocional e mentalidade positiva dos estudantes em sua atuação como futuros profissionais da área de Secretariado (gráficos 1, 2 e 3).

A amostragem da pesquisa se deu por acessibilidade aos sujeitos por meio de amostra aleatória simples que, de acordo com Marconi e Lakatos (2017), está baseada na seleção aleatória dos pesquisados em questão, indicando que a escolha se faz de maneira que cada integrante da população ou universo da pesquisa possua a mesma possibilidade de ser escolhido atendendo aos critérios de participação. O questionário foi aplicado entre os dias 11 e 24 de setembro de 2021, subdividido nas seguintes seções: 1. Perfil dos respondentes; 2. Autoconhecimento sobre as características da autoliderança; 3. Autoliderança com mentalidade positiva.

Para analisar os dados coletados, foi realizada a análise descritiva das principais variáveis da pesquisa por meio de tabulação dos dados organizados em tabelas e gráficos, com o objetivo de facilitar a compreensão e interpretação dos dados. Segundo Gil (2002) a análise descritiva tem como finalidade inicial a descrição de uma população ou fenômeno, bem como, estabelecer relações entre as variáveis. Desse modo, com a coleta concluída, as informações foram analisadas pela pesquisadora e as respostas foram todas tabuladas em tabelas e gráficos, com a utilização do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para a análise fatorial, além dos *softwares* Excel para gerar os gráficos e o Word para redação da análise.

A análise fatorial é um método multivariado estatístico que permite o agrupamento de diversas variáveis em um quantitativo reduzido de fatores por meio da identificação de padrões de possíveis relações que existem entre as variáveis de uma determinada pesquisa (HAIR JR. *et al.*, 2009). Desta forma, a análise fatorial foi utilizada com o propósito de sintetizar um conjunto de 27 perguntas sobre autoconhecimento com a mesma escala.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para iniciar a discussão dos dados coletados, apresenta-se o perfil dos estudantes do Curso de Secretariado Executivo, da UFPB - *Campus IV*, público-alvo da pesquisa. Na sequência, verificam-se as respostas sobre a autoliderança, inteligência positiva e autoconhecimento. Quanto ao perfil dos estudantes, observa-se que dos 100 estudantes que responderam ao questionário, 81% são mulheres e 19% são homens. Quanto à idade, 57% dos estudantes têm até 24 anos e 30% entre 25 e 30 anos, logo percebe-se que a maioria dos estudantes são jovens.

5.1 Autoconhecimento e Características da Autoliderança dos Estudantes

Na seção seguinte do questionário, buscou-se investigar as características da autoliderança a partir do autoconhecimento dos estudantes que participaram da pesquisa. Assim, o questionário apresentou 27 variáveis para os estudantes responder sobre a autoliderança e qual o seu comportamento em algumas situações, conforme os dados tabela 1. Então, foi utilizado o método de Análise Fatorial para realizar o agrupamento destas variáveis em uma nova medida denominada de fatores que explique, de forma reduzida, o conjunto de questões. Para isto, foi necessário submeter os dados aos testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Bartlett visando avaliar a adequação da análise fatorial.

O teste do KMO, então, verifica a adequação da amostra para os valores, em que os que estão entre 0,5 e 1,0 são considerados adequados. Já o teste de *Bartlett é utilizado para verificação da pressuposição da hipótese nula de que as variáveis não serão correlacionadas, valor em que a estatística do teste for menor do que 0,05, indicando que existe relação entre as variáveis e as análises podem ser conduzidas normalmente ao nível de 95% de confiança* (MALHOTRA, 2012). A partir dos dados, o teste de KMO foi de 0,800 indicando uma boa aceitação da amostra em relação ao quantitativo de 27 variáveis investigadas. O teste de *Bartlett apresentou significância de 0,000, ou seja, as variáveis possuem correlações significativas e favorecem a aplicação da análise fatorial ao nível de 95% de confiança.*

Outra etapa importante na análise fatorial é a identificação de comunalidades presente em cada pergunta do questionário. Segundo Hair Jr. *et al* (2009), a comunalidade revela o quanto a variação total de uma variável compartilhada com as demais pode ser considerada na análise. Extração de fatores menores do que 0,5 são consideradas insignificantes e, no caso dessa pesquisa, todas as variáveis são significativas já que os valores da extração de todos os itens foram superiores a 0,5.

Na aplicação da análise fatorial, foi utilizado o método de extração de rotação *varimax* com normalização de Kaiser e a análise de componentes principais. A estimação do número de fatores foi determinada pelo autovalor representado pela variância total explicada, que considera apenas valores superiores a 1,0 e o valor percentual de variâncias explicada que deve alcançar uma variância acumulada de no mínimo 60% (Hair Jr. *et al.*, 2009).

Desta forma, foram mantidos os 27 componentes uma vez que os valores foram próximos de “1” e suas respectivas remoções não alteram o número de fatores. Por meio da Tabela 1, é possível observar a redução de 7 fatores, em que a análise apontou 7 componentes e de acordo com o grau de afinidade da matriz de rotação foi feita a classificação de qual fator deveria pertencer a qual componente. A classificação foi realizada com base no valor do módulo de cada componente. O componente irá pertencer ao fator que for mais próximo de 1. Desta forma, o grau de afinidade máximo é escolhido por consequência a qual componente pertence cada fator, conforme destacado a seguir.

Posteriormente, os fatores foram denominados de ‘sentimentos’ com 10 variáveis, ‘forças’ com 4 variáveis, ‘oportunidades’ com 2 variáveis, ‘aprendizado’ com 3 variáveis, ‘autoconhecimento’ com 2 variáveis, ‘ação’ com 3 variáveis e ‘resultados’ com 3 variáveis.

Tabela 1: Fatores extraídos e cargas fatoriais do componente 1

P	Fatores classificados na análise	Matriz de Componente Rotativa						
		Componentes propostos pela análise fatorial						
		1	2	3	4	5	6	7
P1	Eu percebo meus sentimentos.	0,622	0,206	0,323	0,039	-0,157	0,153	0,156
P2	Eu conheço as minhas reações	0,535	0,127	0,447	0,193	-0,102	0,257	-0,032
P6	Eu conheço o meu ponto de partida. Sei exatamente de onde devo começar a agir	0,518	0,350	0,341	-0,042	0,300	0,058	0,210
P10	Eu reconheço as minhas forças e potencialidades	0,459	0,457	-0,017	0,128	0,209	0,106	0,236
P11	Eu avalio os recursos disponíveis antes de iniciar um novo projeto	0,578	0,115	0,032	0,460	0,145	-0,074	-0,076
P13	Defino o caminho a ser percorrido de acordo com as habilidades que possuo	0,643	0,228	-0,001	-0,078	0,238	0,152	0,070
P16	O meu planejamento é flexível	0,648	0,001	0,257	0,145	0,107	0,150	0,042
P22	As minhas percepções me ajudam a mudar quem eu sou	0,577	0,292	-0,164	0,306	0,075	-0,004	0,166
P24	Eu consulto a todos os envolvidos, sempre que possível	0,578	-0,013	0,164	0,192	0,251	0,117	0,061
P27	A realidade derruba os pressupostos e eu refeito o meu planejamento	0,541	0,021	-0,006	0,409	0,293	0,044	0,144

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

O fator 1 é cognominado de “sentimentos” e remete ao conhecimento emocional, a capacidade de reformulação, a proatividade e às características individuais de autoliderança referente as perguntas P1, P2, P6, P10, P11, P13, P16, P22, P24 e P27. Para o desenvolvimento da

autoliderança, os estudantes apontam que trabalhar a inteligência emocional é primordial, pois é necessário conhecer a forma como reage e lida com qualquer situação.

Em seguida, tem-se a tabela 2 que traz os fatores 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Tabela 2: Fatores extraídos e cargas fatoriais dos componentes 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

P	Fatores classificados na análise	Matriz de Componente Rotativa						
		Componentes propostos pela análise fatorial						
		1	2	3	4	5	6	7
P4	Eu tenho determinação de ir à luta	0,414	0,707	0,045	0,147	-0,006	-0,048	0,038
P5	Todo erro é uma oportunidade para aprender	-0,230	0,606	0,095	0,076	0,349	0,196	-0,209
P18	Eu sou persistente demais	0,139	0,777	0,013	0,206	0,119	-0,012	0,220
P19	Eu sei o que é importante para mim	0,506	0,564	0,250	0,047	0,037	0,166	-0,198
P12	Normalmente, compartilho a minha visão de futuro com amigos	0,117	0,078	0,710	0,047	0,088	-0,127	0,161
P23	Eu reconheço as minhas fraquezas e limitações	0,105	0,012	0,739	0,152	0,083	0,053	-0,008
P7	Eu sempre assumo a responsabilidade das minhas ações	0,213	-0,065	0,315	0,629	0,351	0,090	0,134
P20	Os problemas existem para serem resolvidos	0,054	0,308	0,105	0,656	-0,010	0,175	0,036
P21	Eu aprimoro minhas habilidades de acordo com os desafios que surgem	0,471	0,353	0,042	0,529	-0,122	-0,017	0,000
P25	A cada atividade eu me pergunto: “O que depende exclusivamente de mim?”	0,272	0,114	0,085	-0,085	0,755	0,191	0,115
P26	A cada dificuldade eu me pergunto: “No que eu posso contribuir?”	0,178	0,232	0,076	0,313	0,763	-0,074	0,037
P14	As minhas ações acontecem de acordo com meus sentimentos	0,007	0,038	0,030	0,080	0,136	0,770	-0,188
P15	Eu conheço as pessoas com as quais eu sei que posso contar	0,224	0,203	0,351	0,003	-0,250	0,622	0,253
P17	O meu sonho depende, a cada momento, do meu primeiro passo	0,310	-0,018	-0,241	0,111	0,125	0,707	0,085
P3	Eu penso muito antes de agir	-0,118	-0,010	0,317	-0,007	0,202	-0,039	0,808
P8	Eu planejo ações cujos resultados sempre sejam viáveis	0,340	0,230	0,264	0,393	0,009	0,107	0,426
P9	A realidade dos fatos está acima das minhas convicções	0,406	0,082	-0,141	0,127	-0,039	-0,035	0,628

* Pergunta. Fonte: elaborado pelos autores (2021)

O fator 2 é designado de “forças” remete ao senso de direção e evolução com o aprendizado referente as perguntas P4, P5, P18 e P19. O fator 3 nomeado de “oportunidades” relacionado a necessidade de compartilhar concepções e conhecimento de habilidades comportamentais, referente as perguntas P12 e P23. O fator 4 denominado de “aprendizado” avaliam senso de responsabilidade e habilidade de adaptação é composto pelas perguntas P7, P20 e P21. O fator 5 cognominado de “autoconhecimento” remete a capacidade de percepção e autoconhecimento referente as perguntas 25 e 26.

Já o fator 6, é designado de ação que mensuram a autoconsciência sobre aspectos emocionais e a habilidade de autodisciplina, composta pelas perguntas P14, P15 e P17. E, por

último, o fator 7 corresponde a resultados e avalia a capacidade de planejamento e consciência sobre como se comportar, ele refere-se às perguntas P3, P8 e P9 que trata de como a pessoa reage de forma mais racional e menos intuitiva.

Por fim, foi aplicado o teste *Alfa de Cronbach* sobre os fatores gerados, em que os a estatística é mensurada entre 0 e 1, sendo que quanto mais próximo de 1, maior a consistência interna entre os indicadores que formam o fator (HAIR JR. *et al.*, 2009). Segundo Hair Jr. *et al* (2009), valores de alfa inferiores a 0,6 apresentam consistência baixa; entre 0,6 e 0,7, moderada; entre 0,7 e 0,8, boa; entre 0,8 e 0,9, muito boa e acima de 0,9, a confiabilidade é excelente. Com isso, entende-se que a variável que formou o fator 1 apresentou confiabilidade muito boa, com alfa de Cronbach de 0,867, enquanto os fatores 2, 3, 5 foram classificados como boa, já os fatores 4, 6 e 7 possuem consistência moderada.

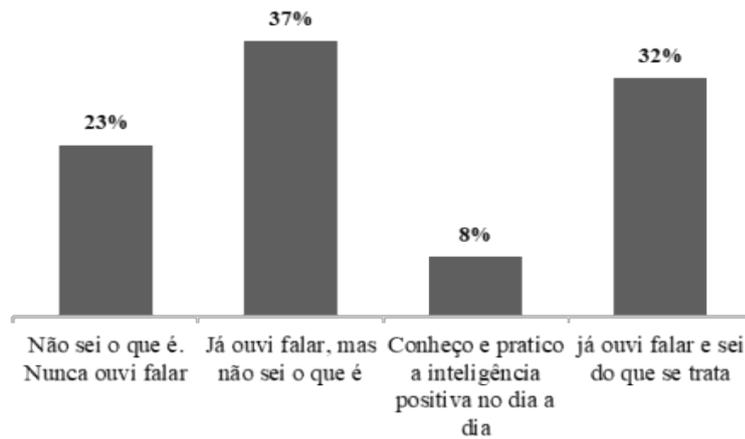
Dessa forma, indica-se que esses 7 fatores encontrados a partir da análise fatorial, em termos de semelhança entre as 27 questões analisadas, foram os pontos indicados como características do autoconhecimento para ser um indivíduo autolíder. No entanto, é importante destacar que o sentimento teve um grau de importância mais elevado relacionado ao autoconhecimento e a autoliderança dentre os fatores citados.

Portanto, a análise fatorial mostrou-se eficaz, com intuito de potencializar o autoconhecimento e a autoliderança ao invés de trabalhar-se com 27 variáveis foi possível focar em 7 fatores relevantes que buscam desenvolver, de forma significativa, a autoliderança dos estudantes do curso de Secretariado Executivo.

5.2 Autoliderança e Inteligência Positiva dos Estudantes

Buscando aprofundar a relação existente entre a autoliderança com a inteligência positiva, perguntou-se aos estudantes se eles já ouviram falar ou se conhecem o significado da inteligência positiva, como pode ser visto no gráfico 1. Assim, 60% dos respondentes alegaram que não sabe o que é, embora 37% tenham ouvido falar nos termos 'inteligência positiva'. Sobre isso, é salutar dizer que o conceito de inteligência ou psicologia positiva tem sido pouco difundido entre os cursos que não das áreas afins da Psicologia, como é o caso de Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba. Portanto, justifica-se a ausência ou limitação do conhecimento sobre a Inteligência Positiva nos respectivos sujeitos, já que na ementa do componente curricular existente na matriz do referido curso, Psicologia nas Relações Humanas, não toca nessa questão.

Gráfico 1: Conhecimento sobre o significado de inteligência positiva

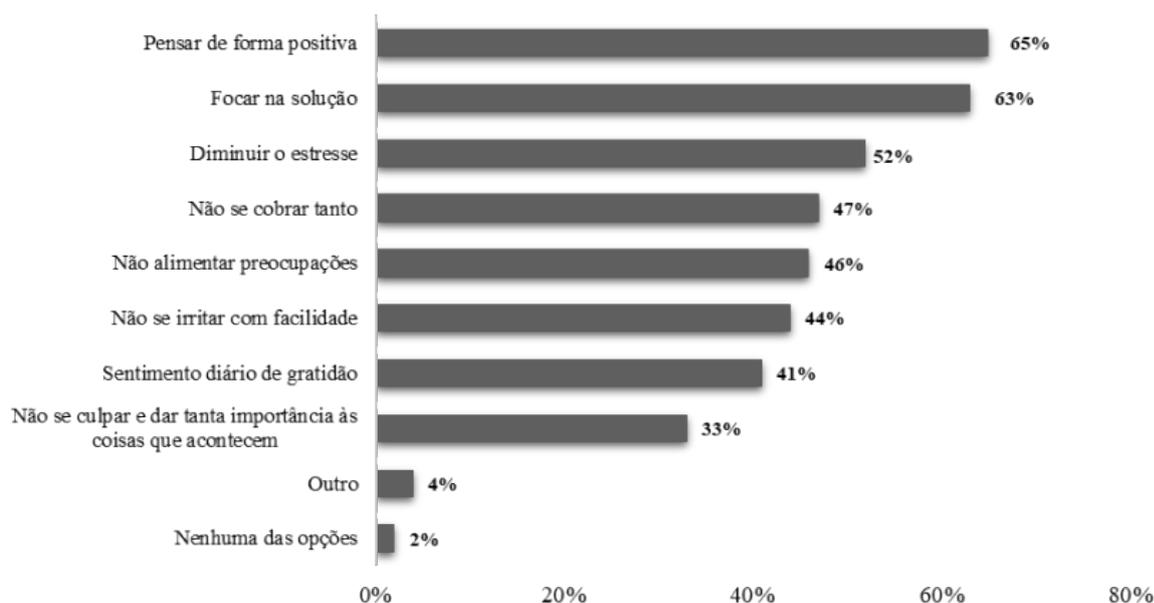


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Por outro lado, 32% afirmam que já ouviram falar da inteligência positiva e sabem do que se trata, revelando que já se têm estudantes que foram introduzidos nessa temática, de modo que os conhecimentos podem ter sido adquiridos em diversos canais de aprendizagem presencial ou digital. Mesmo assim, esse estudo chama a atenção para a necessidade de que essa temática precisa ser introduzida nos cursos de graduação, tendo em vista que a inteligência positiva é um aspecto importante no desenvolvimento do indivíduo, pois com ela “você pode medir e melhorar significativamente a porcentagem de tempo que sua mente funciona em seu favor em vez de sabotar você” (Chamine, 2013, p. 8). Os dados apresentados fornecem direções claras para intervenções educativas que podem melhorar significativamente o entendimento sobre inteligência positiva entre os estudantes universitários. Com isso, compreende-se que urgência de incorporar a inteligência positiva nos currículos universitários, de forma a garantir que todos os estudantes tenham uma compreensão clara e aprofundada do conceito

Então, para potencializar a mente como e diminuir o seu efeito sabotador, cabe perguntar quais seriam os aspectos que contribuem para os estudantes desenvolver uma mentalidade mais positiva? O gráfico 2 apresenta algumas variáveis possíveis em que 65% dos respondentes apontam para o pensamento, o pensar de forma positivo, enquanto 63% dizem que focar na solução, e não só no problema, é uma estratégia significativa.

Gráfico 2: Aspectos que contribuem para os estudantes terem uma mente positiva.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Por isso que Chamine (2013) ratifica que, se o indivíduo tem uma inteligência positiva elevada, significa que sua mente trabalha e atua em seu benefício mais do que age como sua inimiga, portanto, a inteligência positiva indica o domínio que o indivíduo tem da sua própria mente e o quanto ela age a seu favor. Logo, a inteligência positiva pode proporcionar mais felicidade e equilíbrio emocional na vida acadêmica, contribuindo para conquistar seus objetivos, além de direcionar melhor as próprias emoções ou da equipe. Isso ocorre quando, minimamente, os indivíduos tentam diminuir o estresse, não se cobram tanto, não fica alimentando preocupações, nem se irritam com facilidade, bem como exercitar o sentimento de gratidão diariamente. Os benefícios de cultivar a gratidão são:

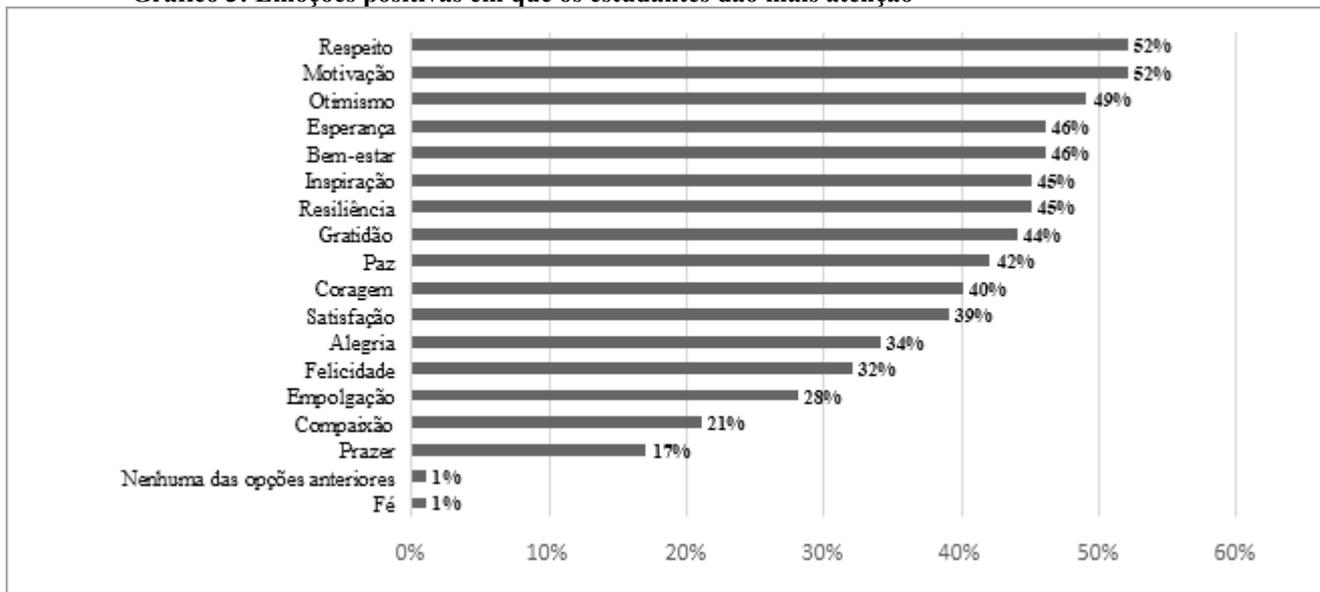
Contribui para uma vida mais feliz. Mostra-nos o que temos de bom na vida. Reduz o sentimento de insatisfação pelo que ainda não conseguimos alcançar. Ajuda a percebermos o que existe de bom nas adversidades. Gera energia positiva. Combate sentimentos negativos. Ajuda a ficarmos emocionalmente melhores (Sergio, 2021, p. 28,29)

Nesse esteio, o ideal é que os indivíduos conheçam esses termos e aprendam a ter uma postura mais positiva na vida, para que elas reflitam nas suas atitudes no âmbito acadêmico ou profissional. Portanto, é imprescindível absorver esses novos conhecimentos e explorar os benefícios que a inteligência positiva pode trazer para o dia a dia.

Adiante, perguntou-se aos estudantes sobre as emoções positivas em que os estudantes dão mais atenção, no sentido de priorizar e valorizar, conforme os dados do gráfico 3. Nesse contexto

das emoções positivas, Silvestre e Vandenberghe (2013) concluem que as emoções positivas contribuem para a construção de um perfil mais resiliente, já que a “pessoa acumula novas aprendizagens e constrói redes sociais. Estes recursos ajudarão a superar momentos difíceis e a crescer no futuro” (p. 54). Nisso, vê-se que os estudantes têm enfatizado o respeito e a motivação com 52%, respectivamente, seguido do otimismo, 49%, além da esperança e bem-estar com 46%, ambas.

Gráfico 3: Emoções positivas em que os estudantes dão mais atenção



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Por outro lado, algumas pessoas gastam tempo tentando descobrir quais foram os erros que os levaram a determinada situação, provocando emoções negativas como: raiva, descontentamento, preocupação, tristeza, medo, vergonha, inveja, solidão (Lobato; Borges; Nique, 2003). Raiva, chateação, culpa (Blackwell, Miniard, Engel, 2005), entre outras. Essas emoções podem causar sentimento de impotência ou ineficiência. Sobre isso, Silvestre e Vandenberghe (2013, p. 52) “as emoções negativas restringem o leque de disposições e ideias, favorecendo especificamente as ações que se encaixam no contexto da emoção: fugir, atacar, esquivar-se ou recolher-se”. Por isso, os estudantes precisam canalizar as coisas ruins que acontecem e focar na solução e nas questões positivas que existem, mesmo numa situação ruim.

Por fim, Dias Júnior (2018) argumenta que o desenvolvimento da autoliderança nos estudantes pode ajudar no desenvolvimento de habilidades relacionadas às condutas e atitudes para sua atuação profissional, seja como futuros assessores, gestores, consultores, empreendedores, entre outros ramos. Goleman (2015) afirma que a inteligência emocional é importante para que o indivíduo enxergue e entenda seus próprios pensamentos e emoções, bem como, das outras pessoas e percebendo tais emoções seja capaz de ter mais controle sobre elas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa partiu da necessidade de compreender a autoliderança desempenhada junto com a inteligência positiva. Por isso, verificou-se que os estudantes de Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba podem desenvolver a autoliderança com a inteligência positiva. Por meio de uma mentalidade positiva, acredita-se ser possível que os estudantes de Secretariado podem desenvolver uma liderança mais humanizada e com inteligência positiva, enxergando as necessidades e o potencial de seus liderados, já que a liderança positiva trata de um comportamento individual que afeta no desempenho e sucesso de cada indivíduo, bem como das organizações.

Com fins de objetivo geral, verificou-se que as características necessárias para desenvolver a autoliderança perpassa pelo autoconhecimento emocional (fator 1), principalmente no quesito de conhecer os sentimentos que possuem.

Como objetivo específico, constatou-se que há um equilíbrio entre os respondentes da pesquisa referente ao fato de conhecerem ou já terem ouvido falar da inteligência positiva, pois uns nunca ouviram falar e não sabem o que significa a inteligência positiva, enquanto outros já ouviram falar e conhecem do que se trata.

Concernente aos aspectos que contribuem para os estudantes terem uma mente positiva, foi possível apontar que ter pensamentos positivos e focar na solução foram os aspectos mais apontados pelos estudantes, pois pessoas com mentes positivas, tendem a lidar melhor com situações que causam estresse, bem como ajuda e contribui para que o indivíduo enxergue o lado bom das situações. Então, ter controle sobre a sua mente é importante para os profissionais que estão inseridos no meio organizacional, como é o caso dos Secretários(as), que demanda inteligência emocional para lidar com diversas problemáticas. Outro aspecto foi focar na solução, ao invés de consumir tempo tentando só descobrir quais foram os erros ou justificativas que fizeram determinada situação dar errada, pois pode provocar estresse, ansiedade e outros sentimentos negativos.

Quanto às emoções positivas que os estudantes procuram focar para ter uma mentalidade e atitude mais positiva, estão: respeito, motivação, otimismo, esperança, bem-estar e ser resiliente.

Diante dessa conjuntura, é importante refletir de forma mais aprofundada sobre os aspectos emocionais dos estudantes que são expressos nos diversos tipos de atividades acadêmicas de maneira positiva, visando o seu próprio bem-estar.

Portanto, conclui-se que, para que o estudante do curso de Secretariado Executivo desenvolva sua autoliderança, é preciso que eles explorem o autoconhecimento para ser conhecedor

de seus sentimentos, de emoções, da sua personalidade, além de conhecer como reage e lida com questões desafiadoras e problematizadoras. O foco deve estar na automotivação para se comportar e atuar de tal forma, na busca por seus objetivos e metas tanto pessoal como profissional, sendo responsável pela trajetória da sua própria vida. Primando pela autoliderança positiva, os estudantes precisam (re)educar a sua mente para cultivar sentimentos positivos e comportamentos mais otimista e assertivo. Tal postura poderá levar os estudantes de Secretariado, futuros profissionais da área, a contribuir de forma positiva e significativa em sua atuação como profissional e contribuir com as próprias organizações em que estarão inseridos no futuro, bem como com seu crescimento profissional.

Como limitações da pesquisa, têm-se a dificuldade de alcançar o público-alvo, pois as disciplinas estavam sendo ministradas no modo remoto, de modo que houve dificuldade para ingressar nas salas virtuais de algumas disciplinas, pois elas eram restritas aos estudantes matriculados. Por se tratar de um questionário que foi aplicado digitalmente aos estudantes ao ingressar em algumas salas de aula remota, considera-se que alguns estudantes puderam ter dificuldade de acessar o *link* no chat do Google Meet para responder, por estar fazendo uso apenas do celular. Por tais desafios impostos pelo ensino remoto, atribui-se as limitações da pesquisa por conta do tamanho da amostra que, em uma coleta presencial, o retorno dos questionários respondidos poderia ter sido maior.

Em função da importância dessa temática para potencializar o desempenho individual do profissional de Secretariado, espera-se que este trabalho impulse outras pesquisas, especificamente, com profissionais de Secretariado em atuação, para saber os aspectos predominantes no comportamento da autoliderança exercida nas organizações em que fazem parte. Além disso, propõe-se investigar os tipos de *mindset* que os secretários possuem, se de crescimento ou fixo, para tecer discussões sobre o desenvolvimento de habilidades e competências para atender as demandas de alta complexidade existentes nas atividades de secretariado.

REFERÊNCIAS

Blackwell, R. D., Miniard, P., & Engel, J. F. (2005). *Comportamento do consumidor*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Borges, T. A. (2009). *Autoliderança como um conjunto de meta-habilidades psicocomportamentais de suporte à aprendizagem e performance individual*. Brasília. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/biblioteca-digital/autolideranca-como-conjunto-de-meta-habilidades->

psicocomportamentais-de-suporte-a-aprendizagem-e-performace-individual.htm. Acesso em: 04 maio 2022.

Chamine, S. (2013). *Inteligência positiva: por que só 20% das equipes e dos indivíduos alcançam seu verdadeiro potencial e como você pode alcançar o seu*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Dias Junior, J. J. L., & Silva, A. B. (2018). Autoliderança e desempenho acadêmico de alunos de Administração no Brasil. *EnANPAD*, Curitiba. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328730939_Autolideranca_e_Desempenho_Academico_d_e_Alunos_de_Administracao_no_Brasil. Acesso em: 10 nov. 2022.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projeto de pesquisa* [recurso eletrônico] (4. ed.). São Paulo: Atlas.

Goleman, D. (2015). *Liderança: a inteligência emocional na formação do líder de sucesso* (1. ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.

Guimarães, G. (2012). *Liderança positiva: para atingir resultados excepcionais*. São Paulo: Évora.

Hair Jr, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6. ed.). São Paulo: Bookman.

Lobato, A., Borges, A., & Nique, W. (2003). Avaliação da aplicabilidade da escala Consumption Emotions Set para mensuração das emoções em experiências de consumo na cidade de Porto Alegre. In *EnANPAD*, Atibaia: ANPAD. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/7/enanpad2003-mkt-1679.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

Malhotra, N. K. (2012). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada* (6. ed.). Porto Alegre: Bookman.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2017). *Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica / teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso* (8. ed.). São Paulo: Atlas.

Nunes, P. (2007). *Psicologia positiva*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: uma abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*.

Sergio, P. (2021). *Os poderes da mente* [Ebook Kindle]. Literare Books.

Silvestre, R. L. S., & Vandenberghe, L. (2013). Os benefícios das emoções positivas. *Revista Unisinos*, 6(1), jan-jun.

Vergara, S. C., & Branco, P. D. (2001). Empresa humanizada: a organização necessária e possível. *Revista de Administração de Empresas*, 41(2), 20-30.



Capítulo 6

ANÁLISE DOS FATORES DE DESEMPENHO DE INOVAÇÃO EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APLS)

DOI:10.29327/5446957.1-6

Paloma Rayanne Silva Bezerra
Taciana de Barros Jeronimo
Fernando Gomes de Paiva Junior
Sandra Maria Araújo de Souza

ANÁLISE DOS FATORES DE DESEMPENHO DE INOVAÇÃO EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APLS)

Paloma Rayanne Silva Bezerra¹

Taciana de Barros Jeronimo²

Fernando Gomes de Paiva Junior³

Sandra Maria Araújo de Souza⁴

RESUMO

Pressupõem-se, nos Arranjos Produtivos Locais (APLs), ambientes favoráveis à inovação de produtos, de serviços, de processos, etc. No entanto, embora os APLs representem oportunidades de ganhos no desempenho de inovação das empresas, existem questões em aberto na literatura, especialmente no tocante à identificação de fatores que influenciam a inovação em APLs. Para preencher tal lacuna, esta pesquisa tem por objetivo analisar como se dá a inovação em APLs, explorando os elementos inerentes ao construto, os quais segundo o Sebrae (2014) são: a aglomeração de empresas, o território, a especialização produtiva, a aprendizagem e inovação, a cooperação e os outros atores locais. Concluiu-se que, nos APLs, os ganhos em termos de inovação perpassam por diversos aspectos relativos a cada elemento: estabelecimento de redes sociais locais, práticas de aprendizagem eficientes e contínuas, atuação de lideranças locais, etc.

Palavras-chaves: Inovação, Arranjo Produtivo Local, Aglomeração de empresas.

ABSTRACT

Local Productive Arrangements (LPAs) are assumed to have environments that are favorable to the innovation of products, services, processes, etc. However, although LPAs represent opportunities for gains in companies' innovation performance, there are open questions in the literature, especially regarding the identification of factors that influence innovation in LPAs. To fill this gap, this research aims to analyze how innovation occurs in LPAs, exploring the elements inherent to the construct, which according to Sebrae (2014) are: the clustering of companies, the territory, productive specialization, learning and innovation, cooperation and other local actors. It was concluded that, in LPAs, the gains in terms of innovation permeate several aspects related to each element: establishment of local social networks, efficient and continuous learning practices, performance of local leaders, etc.

Keywords: Innovation, Local Productive Arrangement, Clustering of companies.

¹ Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: paloma.prsb@ufpe.br

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: taciana.jeronimo@ufpe.br

³ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: fernando.paivajr@ufpe.br

⁴ Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: sandra.adm@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A inovação representa um fenômeno indispensável ao desenvolvimento econômico, gerando riqueza por meio da transação comercial de invenções (GUEDES, 2016), os APLs há muito destacam-se no panorama econômico de vários níveis geográficos (nações, estados, cidades, etc.), bem como oferecem oportunidades para incrementar o desempenho das empresas, especialmente, no tocante à inovação.

Pressupõem-se que empresas agrupadas são mais inovadoras do que as empresas isoladas em função de múltiplos elementos: estratégia coletiva, política pública, colaboração, transformação e aplicação do conhecimento, governança, infraestrutura, recursos financeiros, etc. No entanto, como os aglomerados econômicos influenciam as empresas em termos de inovação ainda é uma caixa preta na literatura (BITTENCOURT et al., 2023).

Para preencher essa lacuna, a presente pesquisa se propõe a buscar estratégias e práticas desenvolvidas em APLs como forma de promover a inovação. Isto posto, a pesquisa pauta-se na seguinte questão central: Como se dá o processo de inovação em APLs, contemplando especificidades acerca de cada elemento inerente ao construto?

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar como se dá a inovação em APLs, explorando os elementos inerentes ao construto, os quais segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae (2014) são: a aglomeração de empresas, o território, a especialização produtiva, a aprendizagem e inovação, a cooperação e os outros atores locais.

Além da presente introdução, este artigo está estruturado por uma seção composta pelos procedimentos metodológicos empregados para a realização desta pesquisa, por conseguinte, tem-se a fundamentação teórica, que embasou as discussões apresentadas acerca da inovação e dos APLs; a seção de apresentação e de discussão dos resultados do estudo, e por fim, porém não menos importante, as considerações finais.

2. METODOLOGIA

O objetivo deste estudo é analisar como se dá a inovação em APLs, explorando cada elemento inerente ao construto, os quais segundo o Sebrae (2014) são: a aglomeração de empresas, o território, a especialização produtiva, a aprendizagem e inovação, a cooperação e os outros atores locais.

Para alcançar tal objetivo, utiliza-se, como delineamento metodológico, de uma abordagem exploratória, com abordagem qualitativa, tomando como base a pesquisa documental. Segundo Pimentel (2001) a pesquisa documental contempla as seguintes etapas:

- Identificação das fontes de dados e levantamento dos documentos: a primeira etapa consiste em identificar as fontes e os documentos necessários para a pesquisa e não há preocupação com a análise propriamente dita. Nesse momento, importava somente a obtenção de informações oriundas diferentes tipos de publicações (livros, artigos, relatórios, etc.), muito embora as fontes sejam anotadas e a documentação arquivada, primeiramente, conforme o local onde foi encontrada.
- Organização do material coletado: organizar o material significa realizar uma leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas como fichamento. Enquanto a primeira etapa de tal organização permite a classificação e a caracterização do material, incluindo a criação de códigos para manuseio e controle dos documentos; a segunda etapa segue o critério de assunto, ou seja, aspectos temáticos e conceituais das publicações, contemplando o agrupamento de documentos que tratam explicitamente do mesmo assunto.
- Análise documental: além de contar com os arquivos organizando toda a documentação e com as fichas de leitura, os procedimentos da análise documental inclui tanto análise quantitativa como qualitativa relacionada às questões da pesquisa contemplando dados sobre autores, documentos (texto, contexto, observações, etc.), núcleos conceituais, etc.
- Tratamento dos dados: inclui o emprego de técnicas usuais da análise de conteúdo com a finalidade de decifrar, em cada texto, o núcleo emergente útil ao propósito da pesquisa, essa etapa consiste num processo de codificação, de interpretação e de inferências sobre as informações contidas nas publicações, desvelando seu conteúdo manifesto e latente.

Dado que a pesquisa se propôs a buscar estratégias e práticas inovadoras associadas aos elementos supracitados, através de documentos que explicitassem o modo como cada elemento influencia a inovação em APLs, os dados foram levantados a partir da revisão da literatura existente e de outros tipos de documentos. Precisamente, para além de publicações de em *sites* governamentais e de outras organizações, os dados foram coletados em fontes secundárias por meio de buscas avançadas a estudos específicos sobre a inovação em APLs, indexados na base de dados digitais da *Web Of Science*. Tendo como recorte temporal estudos publicados de 1990 a 2024, foram utilizadas as seguintes palavras-chave como termos de busca na biblioteca: “*innovation*” e “*geographic agglomeration*”, “*business cluster*”, “*industrial district*”, “*industrial cluster*”, “*local productive arrangement*”.

Depois dessa busca inicial, foi realizada uma triagem a partir da leitura dos documentos com a finalidade de selecionar publicações aderentes ao objetivo da presente pesquisa, ou seja, publicações que apresentam resultados válidos e relevantes sobre o recorte temático pesquisado. Em caso de confirmação, o material foi selecionado e importados para uma pasta uma pasta compartilhada entre os pesquisadores; em caso negativo, o documento foi excluído. A partir desse refinamento, construímos a coleção documental desta pesquisa identificando documentos mais específicos para compreender a inovação em APLs.

O material documental final foi importado para pastas de arquivos e em seguida foram realizados a ordenação e a catalogação sistemática dos documentos, para assim, na sequência, realizar uma análise documental direcionada e precisa. Neste momento, dados e informações foram inseridos numa ficha documental para fins de organização e de controle dos pesquisadores, tais como: a identificação do documento, a fonte de publicação, o ano de publicação, etc. Somado a isso, foi realizado o agrupamento de documentos que tratam explicitamente do mesmo assunto. À medida que a análise documental avançava, contemplando aspectos quantitativos e qualitativos relativos aos documentos e às questões da pesquisa, registros e reflexões complementares foram realizadas.

Por fim, para tratamento dos dados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo sob a forma de abordagem qualitativa por categorias fechadas definidas *a priori*. Cronologicamente, a análise de conteúdo pode contemplar as seguintes etapas: (i) Pré-análise – consiste na organização do material a ser analisado, onde, conforme os objetivos e as questões de estudo, define-se, principalmente, a unidade de registro, os trechos significativos, as categorias e etc; (ii) Exploração do material – inclui a aplicação do que foi definido na fase anterior e pode haver a necessidade de se fazer várias leituras de um mesmo material; (iii) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação – consiste em desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto (BARDIN, 2016).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Inovação

Os primeiros estudos sobre a inovação são atribuídos a Joseph Alois Schumpeter, o qual sustenta que a inovação é um processo endógeno à empresa e essencial para o desenvolvimento econômico. Genericamente, a inovação pode ser concebida como sendo a aplicação econômica de invenções. Estas são a criação ou a descoberta de um novo produto ou processo, aquela se refere a

introdução e a adoção bem-sucedida de um novo produto ou de um novo processo no mercado (SOBEL; CLEMENS, 2020). Para Schumpeter (1997) existe cinco tipos de inovação:

- a) Introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de um bem.
- b) Implementação de um método de produção que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo da indústria de transformação, ainda que esse método não seja cientificamente novo, podendo consistir também em novo modo de manejar comercialmente uma mercadoria.
- c) Exploração de novos mercados, quer esse mercado tenha existido antes, quer não.
- d) Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, quer essa fonte tenha existido antes, quer não.
- e) Instituição de uma nova estrutura organizacional de qualquer indústria, tal como a criação ou a fragmentação de uma posição de monopólio.

Independentemente do tipo de inovação, esta se dá por meio de um processo gerenciável, o qual contempla, genericamente, as seguintes etapas: a geração de ideias, a resolução de problemas e a implementação, possivelmente sucedidas pela difusão. A primeira etapa consiste na criação de um conceito de *design* ou proposta técnica, talvez por meio da síntese de informações existentes. A segunda etapa resulta em uma solução técnica original, ou em uma invenção. Por sua vez, a terceira etapa se refere à introdução da solução original no mercado, tornando-a uma inovação. Quanto à difusão, esta diz respeito ao mecanismo de comunicação e de utilização crescente por meio do qual uma inovação produz um impacto econômico significativo (UTTERBACK, 1971).

É válido salientar que, ao longo dos anos, essa compreensão foi modificada ou ampliada a partir da inserção de múltiplos elementos, conforme pode ser observado nos estudos de: Block e MacMillan (1985), os quais adicionaram a noção de marcos de avaliação ou de revisão das etapas de um processo de inovação; Clark e Wheelwright (1993) que identificaram as fases de pesquisa, de desenvolvimento e entrega de produtos que inclui a geração de ideias, de triagem das melhores ideias, de aprovação e de introdução do projeto; Cooper (2008) apresentando o Stage-Gate que é um sistema não-linear para levar novos produtos ao mercado, sendo constituído por escopo, construção de business case, desenvolvimento, testes e validação, lançamento e revisão pós-lançamento; etc.

Estes e outros modelos de inovação contribuíram para o surgimento dos conceitos de inovação fechada e de inovação aberta. A primeira surge totalmente da atividade de inovação interna da organização, especialmente sob a forma de P&D; a segunda contempla, além de atividades internas, as fontes externas à organização no que diz respeito ao desenvolvimento de projetos de inovação (CHESBROUGH, 2003).

Em função da possibilidade de articulação com atores sociais externos à organização, o estudo da inovação aberta envolve níveis diferentes de análise: individual e grupos, organizacional, rede de valor, setor e instituições nacionais. Para fins do presente estudo, o foco recai sobre o nível de análise das redes de valor, o qual se concentra em atividades de inovação de empresas mediadas por redes intraorganizacionais e por redes interorganizacionais. A partir de tais considerações, a próxima subseção versa sobre os formatos organizacionais refletidos por meio dos APLs.

3.2. APLs

Para fins do presente estudo, os APLs são concebidos a partir da definição do Sebrae (2014, p. 7), como sendo:

... uma aglomeração de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

Observa-se que para a compreensão dos APLs os seguintes elementos apresentam-se como essenciais: a aglomeração de empresas, o território, a especialização produtiva, a aprendizagem e inovação, a cooperação e os outros atores locais (Quadro 1).

Quadro 1. Elementos inerentes aos APLs

Elemento	Descrição
Aglomeração de Empresas	O termo "aglomeração" tem como aspecto central a proximidade territorial de atores econômicos, políticos e sociais (empresas e outras organizações públicas e privadas), a qual produz vantagens como acesso a matérias-primas, a equipamentos, a mão de obra, etc.
Território	Cada APL contempla um recorte do espaço geográfico (município, conjunto de municípios, bacias hidrográficas, etc.) que possui sinais de identidade coletiva, de convergência em relação às expectativas de desenvolvimento e de parcerias e compromissos continuando os investimentos de múltiplos atores no próprio território.
Especialização produtiva	Diz respeito à produção de bens e de serviços, bem como ao conhecimento que as pessoas e empresas de um recorte geográfico dispõem sobre uma atividade econômica principal.
Aprendizagem e Inovação	O aprendizado representa uma fonte essencial para transmissão de conhecimentos e para a ampliação da capacitação produtiva e inovadora das empresas e demais organizações. Por sua vez, a capacitação inovadora viabiliza a introdução de novos produtos, novos processos, novos métodos e novos formatos organizacionais, sendo fundamental para assegurar a competitividade sustentada dos APLs, tanto individual

	como coletivo.
Cooperação	Cooperação é o de trabalhar em comum, englobando relações de confiança mútua e de coordenação, em níveis variados, entre os atores.
Outros atores locais	Os APLs dispõem de múltiplos atores (instituições de ensino e pesquisa, as associações empresariais, etc.) que possuem ações voltadas, direta ou indiretamente, ao desenvolvimento de suas atividades.

Fonte: Sebrae (2014)

Os APLs se apresentam como uma alternativa de fortalecimento da competitividade das empresas e da economia, mas também se destacam em termos de inovação. Precisamente, os APLs expõem empresas a um terreno fértil para o desenvolvimento de inovações, uma vez que oferecem acesso a insumos especializados e, muitas vezes, os clientes necessários para traduzir ideias em novos produtos e novos serviços; bem como possibilitam avaliar rapidamente a viabilidade econômica de uma nova oferta, o que é crítico para a eficiência do processo de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), etc (PORTER; KETELS, 2009). No entanto, embora os APLs representem oportunidades de ganhos no desempenho de inovação das empresas, existem questões em aberto na literatura, especialmente relativas aos fatores que permitem que as empresas baseadas em redes sejam inovadoras (TAVARES; GOHR; MORIOKA; CUNHA, 2021). Desse modo, se remete para a relevância de avançar o estudo sobre a inovação em APLs, explorando cada elemento inerente ao construto.

4. RESULTADOS

4.1. Aglomeração de empresas

Observa-se que, por um lado, as externalidades positivas derivadas da aglomeração impulsionam o desempenho inovador das empresas, a medida em que viabilizam o acesso a fontes potenciais de recursos e a capacidades valiosas, especialmente a novos conhecimentos (MARCO-LAJARA et al., 2022), partilham custos fixos ou assumem riscos de forma conjunta (CALLOIS, 2008), bem como facilitam a mobilidade de recursos humanos, a interação frequente entre indivíduos ou equipes de trabalho e a expansão de suas redes profissionais (HU; LIN; CHANG, 2005; HU, 2008). Por outro lado, o comportamento de difusão da inovação tecnológica das empresas nestas estruturas organizacionais desempenha um papel importante quanto à modernização dos aglomerados econômicos, embora o comportamento de imitação descontrolado

reduza os lucros esperados das empresas que assumem a liderança na inovação e aumente os riscos de inovação (LI; WANG, 2019).

Desse modo, os resultados revelam que existe uma relação interdependência entre a aglomeração industrial e a inovação, impulsionando o desenvolvimento. Precisamente, a aglomeração industrial e a inovação afetam-se mutuamente, ou seja, tanto o aglomerado industrial pode fomentar a inovação científica e tecnológica, quanto a inovação científica e tecnológica pode promover o desenvolvimento de um aglomerado (LI; WANG, 2019).

4.2. Território

A configuração de um APL se dá em um determinado espaço físico que facilita os contatos e as relações recorrentes, bem como a construção de convergências entre os atores envolvidos no processo de inovação num território. Esses atores apresentam sinais de identidade coletiva como a partilha de atitudes, de crenças, de valores, etc (XAVIER MOLINA-MORALES; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ, 2010). Consequentemente, o desempenho inovador das organizações dentro dos aglomerados econômicos envolve um processo social moldado por conjuntos espacialmente variáveis de convenções, de normas, de valores e de crenças culturais (JAMES, 2007).

Estas e outras peculiaridades dos recortes geográficos são variáveis que devem ser consideradas na concepção de políticas locais de inovação. Na maioria dos casos, as políticas de inovação focadas nos setores podem não ser adequadas, pois a resposta heterogênea dos diferentes perfis territoriais pode anular os seus efeitos. Por outro lado, políticas genéricas, fundamentadas na compreensão de que essas estruturas organizacionais são completamente homogêneas podem ser enganosas, uma vez que diferentes tipos de aglomerados produzem diferentes respostas inovadoras (BOIX; TRULLEN, 2010).

Esses resultados reforçam que a localização geográfica é um elemento básico para a existência de um APL, uma vez que viabiliza a formação de elos e a criação de estratégias coletivas, bem como são caracterizados por atributos distintos que influenciam o desempenho dos APLs em termos de inovação. Desse modo, o território é uma variável crucial na explicação dos processos de inovação e deve ser considerado uma dimensão essencial na concepção de políticas de inovação (BOIX; TRULLEN, 2010).

4.3. Especialização produtiva

A especialização produtiva não somente amplia a eficiência, gerando economias de escala em um modelo baseado em rede, mas abre caminhos para a inovação (CAPASSO; MORRISON, 2013). Entre os fatores determinantes para a inovação e associado à especialização destaca-se o

conhecimento compartilhado entre os membros dos APLs. Precisamente, os circuitos informativos e o conhecimento tácito disseminados e oriundos de processos de localização, de especialização e de interação criam círculos virtuosos que sustentam a inovação de aglomerados (ALBINO; CARBONARA; GIANNOCARO, 2006). Consequentemente, as organizações podem incrementar seus desempenhos em termos de inovação, gerando e explorando conhecimentos, tanto tácitos como explícitos, por meio dos processos de socialização, de articulação, de combinação e de internalização (ROVEDA; VECCHIATO, 2008).

Desse modo, compreende-se que a especialização produtiva amplia as possibilidades de incrementar o desempenho de inovação em APLs, bem como requer processos intensivos em conhecimento (ANTONIO BELSO-MARTINEZ; MAS-VERDU; CHINCHILLA-MIRA, 2020). No entanto, mesmo que a difusão do conhecimento configura-se como uma das principais razões por trás do sucesso APLs em relação à inovação (BAPTISTA; SWANN, 1998), cabe destacar que seus efeitos variam segundo: a intensidade tecnológica da organização (WU; WANG, 2017), o tipo de inovação (incremental ou radical) (CAMISON; BORONAT-NAVARRO; FORES, 2018), a capacidades de absorção de cada empresa (HERVAS-OLIVER et al., 2019), a tipologia dos clusters (HE; FALLAH, 2014), etc.

4.4. Aprendizagem e Inovação

O desempenho da inovação de empresas em aglomerações econômicas é influenciado pela rotina de aprendizagem tecnológica recorrente e interativo por meio do qual as organizações adquirem, mantêm, reativam e transformam conhecimento (GUO et al., 2020).

O conhecimento que as pessoas e as empresas presentes em um território dispõem por meio de rotinas de aprendizagem resulta tanto de fontes internas como de fontes externas. No âmbito interno, sugere-se que a assimilação do conhecimento ocorra de forma gradativa, valorizando conhecimentos pré-existentes e ideias inovadoras que ajudam a diminuir os custos de processos. Em específico, estimula-se o trabalho em equipe e a trocas de conhecimentos e de experiências entre colaboradores, bem como busca-se o máximo de conhecimento em prol do aperfeiçoamento de produtos, da estrutura, entre outros (MIRANDA LINHARES; GONCALO; LOHNVARGAS, 2021).

Quanto às fontes externas, estas vêm recebendo ênfase na literatura e são chamadas de repercussões de conhecimento, sendo compreendidas, genericamente, como externalidades positivas que as empresas recebem do ambiente (MOLINA-MORALES; MARTINEZ-FERNANDEZ, 2006). Especificamente, as organizações podem promover relações com outros atores de forma a que as ideias fluam de fora para dentro da empresa. Entre os múltiplos

mecanismos para fazer fluir o conhecimento e a informação nesse cenário, destacam-se: seminários, oficinas, reuniões formais e informais com outros atores locais (associações comerciais e profissionais, universidades, institutos técnicos e de investigação, etc.), (DEL-CORTE-LORA; VALLET-BELLMUNT; XAVIERMOLINA-MORALES, 2017).

Relativo à interação com atores externos à organização, o Sebrae (2014) destaca que a aprendizagem e a inovação podem ocorrer por meio de: (i) Intercâmbio sistemático de informações produtivas, tecnológicas e mercadológicas com diversos atores, a exemplo de clientes, de fornecedores, de concorrentes, dentre outros; (ii) Interação englobando empresas e outras instituições, por meio de programas coletivos de treinamento, da realização de eventos/feiras, de cursos e de seminários, entre outros; (iii) Integração de competências, por meio da realização de projetos conjuntos, contemplando desde melhoria de produtos e de processos até P&D propriamente ditos, entre empresas e destas com outras instituições; e (iv) Troca de experiências, constituindo uma rede de aprendizagem e de difusão de inovações.

Dado que as práticas de aprendizagem são essenciais para o desenvolvimento de inovações em APLs, cabe destacar que a capacidade de absorção se destaca como mecanismo mediador da gestão do conhecimento e do desempenho da inovação. Em específico, as empresas dependem também da sua capacidade de absorção para transformar o conhecimento em inovações. Três dimensões constituem a capacidade de absorção: a aprendizagem exploratória, a aprendizagem transformacional e a aprendizagem de desenvolvimento. Na aprendizagem exploratória, as empresas podem encontrar novas tecnologias e conhecimentos para enriquecer a sua base de conhecimentos por meio da comunicação e da interação com fornecedores, clientes, empresas concorrentes, universidades, instituições de investigação científica e instituições governamentais. Já a capacidade de aprendizagem transformacional está relacionada com melhores desempenhos em termos de conversão do conhecimento em inovação. Por sua vez, a aprendizagem de desenvolvimento é a chave para a inovação independente das empresas e constitui um índice importante para testar se as empresas realmente compreendem os novos conhecimentos (LI; HAN; SHEN, 2019). Assim, a capacidade de absorção proporciona às empresas a capacidade de reorganizar as suas bases de recursos e de se adaptarem de forma dinâmica às condições de mercado em constante mudança para alcançarem um desempenho superior (CHANDRASHEKAR; HILLEMANE, 2018).

Face ao exposto, compreende-se que, por um lado, as atividades de inovação desenvolvidas pelos indivíduos promovem tendências de inovação dentro dos aglomerados e ao mesmo tempo melhora sua capacidade inovadora. Por outro lado, a capacidade inovadora do aglomerado determina o comportamento dos indivíduos inovadores. Conseqüentemente, caso os sujeitos

acumulem conhecimento inovador por meio de atividades de aprendizagem eficientes e contínuas, o volume total de conhecimento inovador do agrupamento aumentaria automática e correspondentemente (JIA; JIANG; SHI, 2016).

4.5. Cooperação

O trabalhar em comum (significado genérico da cooperação) dos APLs perpassa por diversos aspectos, dentre estes destaca-se a confiança. Esta é definida como uma confiança mútua entre as partes de uma troca de que nenhuma delas se envolverá em comportamentos oportunistas que exploraria as vulnerabilidades dos demais e, assim, violaria os valores, os princípios e os padrões de comportamento internalizados como parte do intercâmbio. Isto posto, compreende-se que a confiança em ambientes interorganizacionais pode construir climas colaborativos que fomentam a inovação, aumentando a quantidade e a qualidade dos fluxos de informação, bem como a partilha de informações relevantes e de outros recursos (XAVIER MOLINA-MORALES; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ; TORLO, 2011).

Embora as possibilidades de interações sociais, de confiança e de visão partilhada sejam mais elevadas dentro dos aglomerados econômicos do que fora dele (XAVIER MOLINA-MORALES; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ, 2010), bem como o desempenho inovador das empresas seja associado ao estabelecimento de relações de confiança em prol da concretização de objetivos comuns (SANCHEZ-GARCIA et al., 2023), nem todos se configuram como casos de sucessos. A confiança é boa, mas é condicional; um nível de confiança é benéfico porque favorece a transferência de conhecimento tácito e a assunção de riscos, mas as empresas que investem de forma demasiada em confiança ou investem em relações de confiança que agregam pouco valor para a empresa, podem estar a alocar mal recursos preciosos e/ou assumindo riscos desnecessários que poderiam ter impactos negativos substanciais no seu desempenho inovador (XAVIER MOLINA-MORALES; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ; TORLO, 2011).

Outro aspecto de fundamental importância relativo à inovação e à cooperação, diz respeito à atuação de líderes locais, especialmente de coordenadores. Relativo a este aspecto, cabe destacar que líderes atuantes na coordenação de uma rede de empresas exercem duas tarefas principais, as quais são os fatores-chave para alcançar uma cooperação eficaz: enfraquecer os conflitos causados pela busca de objetivos isolados dos parceiros e influenciar as organizações que o compõem em direção à combinação de objetivos coletivos (KUCZEWSKA; TOMASZEWSKI, 2022).

Desse modo, compreende-se que a cooperação é um dos fatores que impulsionam o desempenho de inovação das empresas (MARCO-LAJARA et al., 2022). Precisamente, as

vantagens relativas à inovação parecem estar relacionadas com relações cooperativas estreitas e fortes (TOMLINSON; JACKSON, 2013).

4.6. Outros atores locais

O desempenho de um APL não está limitado à atuação das empresas, uma vez que reúnem instituições locais especializadas, resultando na disponibilidade de parceiros valiosos com os quais estabelecem acordos de cooperação (MARCO-LAJARA et al., 2022). Entre os grupos de atores locais orientados aos APLs, destacam-se: (i) Sindicatos, Cooperativas, Associações e Federações; (ii) Centros de Pesquisa Tecnológica; (iii) Universidades; (iv) Órgãos Públicos; (v) Atores Políticos; e (vi) Agentes Financeiros (LACERDA; SOUZA; SILVA, 2016), os quais serão explorados nas seções subsequentes.

4.6.1. Sindicatos, Cooperativas, Associações e Federações

Os sindicatos, as cooperativas, as associações e as federações são atores relevantes para impulsionar o desempenho inovador das empresas inseridas em APLs. No tocante ao desenvolvimento de estratégias de inovação, as principais formas de atuação dessas organizações, incluem: disseminação de informações tecnológicas e mercadológicas, suporte legal e institucional, promoção de cursos e de eventos técnicos e comerciais, realização de feiras, articulação política e planejamento estratégico (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007).

4.6.2. Centros de Pesquisa Tecnológica

Os Centros de Pesquisa Tecnológica podem atuar por meio da realização de pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia ligadas ao setor de atuação, contemplando aspectos como produção, qualidade, etc (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007).

Precisamente, os esforços de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) são cruciais, ao configurar-se como componentes da base de conhecimento da empresa que aumentam a capacidade de adquirir e de explorar fontes externas de conhecimento e, conseqüentemente, de desenvolver novos produtos (XAVIER MOLINA-MORALES; EXPOSITO-LANGA, 2012). É importante salientar que a aquisição de conhecimento externo voltado à inovação pode ser conseguida por meio de pesquisas geográficas locais e de pesquisas não locais, sendo recomendado estabelecer um equilíbrio no desenvolvimento destas, considerando que a primeira se destaca em relação à profundidade, enquanto a segunda sobressai-se em relação à amplitude (WU; WEI, 2013).

Desse modo, a capacidade de exploração da empresa é um fator determinante da inovação em APLs, sobretudo, devido a possibilidade de identificar e de adquirir conhecimento externo

crítico para a sua atividade (EXPOSITO-LANGA; TOMAS-MIQUEL; XAVIERMOLINA-MORALES, 2015).

4.6.3. Universidades

Os relacionamentos formais ou informais com as universidades têm impactos positivos no desempenho inovador das empresas. As relações formais são regidas por um contrato e são estimuladas por programas formais estabelecidos na universidade ou são constituídas para explorar oportunidades de acesso a fundos de pesquisa ou de comercialização de uma produção científica (APA et al., 2021). São exemplos de contribuições oriundas de ações formais, a formação de recursos humanos qualificados, a realização de pesquisas e de atividades de extensão (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007).

Por sua vez, as relações informais se concentram principalmente em interações não contratuais entre os agentes envolvidos e para as quais a motivação, a confiança mútua e os laços sociais são pré-requisitos importantes; por exemplo, as interações com a universidade podem ser fortalecidas pela proximidade de conhecimento entre os estagiários e seus professores universitários (APA et al., 2021).

Dada as possibilidades de articulação entre esses atores, cabe destacar que somente a colaboração com os departamentos universitários pode não ser suficiente para melhorar a inovação, assim, uma atuação conjunta de um departamento interno estruturado de P&D das empresas é necessária para alcançar um desempenho positivo. Somado a isso, as empresas devem estar equipadas com pessoal capaz de interpretar e de adaptar o conhecimento fornecido pelas universidades para transformar o conhecimento em soluções valiosas e comercializáveis; depois deste processo de transformação é que as colaborações com as universidades podem levar ao desenvolvimento de produtos, de processos ou de inovações organizacionais e, assim, à exploração da transferência de conhecimento (APA et al., 2021).

4.6.4. Órgãos Públicos

A comunicação e a interação entre as empresas e as instituições governamentais pode subsidiar o desenvolvimento de capacitação tecnológica, viabilizando o acesso a novas tecnologias e a informações para enriquecer a sua base de conhecimentos (LI; HAN; SHEN, 2019). Nesse contexto, essas instituições podem financiar cursos para treinamento empresarial e de mão de obra, desenvolver projetos inovativos, etc (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007).

4.6.5. Atores Políticos

Os APLs também são estimulados pelo poder público, criando condições adequadas para a atividade dessas aglomerações, atribuindo áreas de terreno, concedendo concessões fiscais e aduaneiras, e assim conduzem a condições muito mais atrativas as atividades de aglomerados industriais (ALAKBAROV et al., 2023). No geral, os governos fornecem apoio financeiro ou políticas fiscais preferenciais às empresas que adotam a inovação para reduzir o custo de adoção e melhorar os retornos esperados em termos de adoção e de difusão de determinada inovação (YIN; YAN; ZHAN, 2022). Quanto aos programas governamentais, o Estado também deve ajudar a capacitação interna e reforçar as dinâmicas que ampliam a base de conhecimento original da empresa, a exemplo da mobilidade de mão de obra local ou industrial (XAVIER MOLINA-MORALES; EXPOSITO-LANGA, 2012).

É válido destacar que a excessiva intervenção governamental pode distorcer a ordem do mercado e impedir o investimento, produzindo impactos negativos sobre a inovação do aglomerado (ZHONG; TANG, 2018). Os decisores políticos também devem ter cautela ao projetar políticas de redes, pois os programas precisam ser adaptados de acordo com o ciclo de vida do aglomerado econômico, em vez de se basearem em abordagens padronizadas (ANTONIO BELSO-MARTINEZ; MAS-VERDU; CHINCHILLA-MIRA, 2020). Nesse sentido, é necessário compreender o papel do governo nas diferentes fases de um aglomerado, bem como o impacto desta intervenção em termos de inovação (Quadro 2)

Quadro 2. Intervenção governamental e estágio de desenvolvimento do APL

Estágio de desenvolvimento	Intervenção governamental
Formação da rede	Nesta fase, o governo deverá intervir moderadamente para sustentar uma curta distância e contato próximo entre os assuntos. Deve-se estimular de forma moderada o fluxo de conhecimento e a transferência de tecnologia, bem como melhorar a capacidade de inovação tecnológica do aglomerado.
Estabilização da rede	Neste caso, não existe um alto grau de intervenção. A eficiência da aquisição de conhecimento inibirá a inovação independente, enfraquecendo a capacidade de inovação de todo o aglomerado.
Desenvolvimento da rede de inovação	Na fase final, o governo deveria reduzir a intervenção, encorajar a inovação empresarial e reduzir o risco de inovação da rede.

Fonte: Zhong e Tang (2018)

O nível de inovação entre empresas inseridas dentro do mesmo agrupamento também pode ser limitado à seletividade dos esforços estatais empregados para melhorar a capacidade inovadora

da economia regional e nacional. Mais precisamente, a estratégia de seletividade se refere à prioridade dada, por parte poder público, a empresas instaladas em regiões específicas em detrimento de outras organizações que não atuam nessas regiões preferenciais (LIN; WANG, 2009). Refletir acerca desta questão é importante, uma vez que a distribuição espacial do desempenho do empreendedorismo e da inovação é dinâmica, ou seja, as organizações podem movimentar-se geograficamente ao longo dos anos motivadas por diferentes fatores, sobretudo em função de políticas e de estratégias de apoio à inovação (LI; XU; LI, 2020).

Por fim, cabe destacar outro desafio que vem se impondo ao poder público em relação ao desenvolvimento de políticas e de programas direcionados aos APLs: a adequação à realidade de cada recorte geográfico. Como exposto anteriormente, o território é um fator chave para a concepção de políticas de inovação (BOIX; TRULLEN, 2010). Assim, as políticas que visam a promoção de APLs, para serem efetivas, devem levar em consideração as especificidades de cada aglomerado, fortalecer e ampliar os instrumentos de comunicação e de controle social, alinhando ações do poder público com os interesses da sociedade (TIZZIOTTI; TRUZZI; BARBOSA, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou como se dá a inovação em APLs, explorando cada elemento inerente ao construto: a aglomeração de empresas, o território, a especialização produtiva, a aprendizagem e inovação, a cooperação e os outros atores locais. Apesar da escassez de experimentos e da restrição da pesquisa à dados secundários disponíveis na literatura, a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se concluir que:

- A aglomeração industrial e a inovação afetam-se mutuamente; entre os ganhos relativos à essa relação interdependência, destacam-se: o acesso a fontes potenciais de recursos, a modernização dos APLs, etc.
- O território é uma variável crucial para os processos de inovação, especialmente no tocante ao estabelecimento de redes sociais; ademais, configura-se como uma dimensão essencial para a concepção de políticas, as quais devem contemplar suas peculiaridades.
- A especialização produtiva amplia as possibilidades de incrementar o desempenho de inovação em APLs e requer processos intensivos em conhecimento;
- As práticas de aprendizagem eficientes e contínuas podem ampliar conhecimento inovador dos APLs, onde a capacidade de absorção se destaca como mecanismo determinante para a gestão do conhecimento e o desempenho da inovação;

- Os ganhos relativos à cooperação nos APLs perpassam por diversos aspectos, dentre os quais destacam-se a confiança e a atuação de lideranças locais;
- O desempenho de um APL depende da articulação entre as empresas, bem como da interação destas com outros atores locais. Estes podem representar os interesses dos trabalhadores, oferecer suporte legal e institucional, promover cursos, empregar esforços de P&D, definir políticas e estratégias coletivas, etc.

Este trabalho contribuiu com a ampliação dos debates sobre a inovação e os APLs, possibilitando compreender os fatores que podem desencadear a inovação no âmbito dessas estruturas organizacionais. Pesquisas futuras podem ampliar o conhecimento científico sobre a inovação em APLs, sendo sugerido: consulta à documentos disponíveis em outras bases de dados (IEEE *Explore*, *Science Direct*, *ACM Digital Library*, *Springer Link*, *Scopus*, etc.) e estudos experimentais com enfoque em cada um dos elementos do construto.

REFERÊNCIAS

ALAKBAROV, A. A. et al. MODERN ASPECTS OF HUMAN CAPITAL MANAGEMENT OF INNOVATIVE TECHNOLOGIES IN INDUSTRIAL CLUSTERS. **REVISTA UNIVERSIDAD Y SOCIEDAD**, v. 15, n. 3, p. 37–48, 2023.

ALBINO, V.; CARBONARA, N.; GIANNOCARO, I. Innovation in industrial districts: An agent-based simulation model. **INTERNATIONAL JOURNAL OF PRODUCTION ECONOMICS**, v. 104, n. 1, p. 30–45, nov. 2006.

ANTONIO BELSO-MARTINEZ, J.; MAS-VERDU, F.; CHINCHILLA-MIRA, L. How do interorganizational networks and firm group structures matter for innovation in clusters: Different networks, different results. **JOURNAL OF SMALL BUSINESS MANAGEMENT**, v. 58, n. 1, p. 73–105, jan. 2020.

APA, R. et al. University-SME collaboration and innovation performance: the role of informal relationships and absorptive capacity. **JOURNAL OF TECHNOLOGY TRANSFER**, v. 46, n. 4, SI, p. 961–988, ago. 2021.

BAPTISTA, R.; SWANN, P. Do firms in clusters innovate more? **RESEARCH POLICY**, v. 27, n. 5, p. 525–540, set. 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BITTENCOURT, B. A. et al. How to Be More Innovative in Clusters? The Influence of Geographical Agglomerations on Its Firms. **JOURNAL OF THE KNOWLEDGE ECONOMY**, v. 14, n. 3, p. 2603–2629, 2023.

BLOCK, Zenas; MACMILLAN, Ian C. Milestones for successful venture planning. **Harvard Business Review**, v. 63, n. 5, p. 184–&, 1985.

BOIX, R.; TRULLEN, J. Industrial Districts, Innovation and I-district Effect: Territory or Industrial Specialization? **EUROPEAN PLANNING STUDIES**, v. 18, n. 10, p. 1707–1729, 2010.

CALLOIS, J.-M. The two sides of proximity in industrial clusters: The trade-off between process and product innovation. **JOURNAL OF URBAN ECONOMICS**, v. 63, n. 1, p. 146–162, jan. 2008.

CAMISON, C.; BORONAT-NAVARRO, M.; FORES, B. The interplay between firms' internal and external capabilities in exploration and exploitation. **MANAGEMENT DECISION**, v. 56, n. 7, p. 1559–1580, 2018.

CAPASSO, M.; MORRISON, A. Innovation in industrial districts: evidence from Italy. **MANAGEMENT DECISION**, v. 51, n. 6, p. 1225–1249, 2013.

CAVALCANTI FILHO, Paulo Fernando de; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. Cooperação institucional como estratégia inovativa: o caso do APL de confecções em Campina Grande (PB). **Revista de Economia Contemporânea**, v. 11, p. 475-507, 2007.

CHANDRASHEKAR, D.; HILLEMANE, B. S. M. Absorptive capacity, cluster linkages, and innovation An evidence from Bengaluru high-tech manufacturing cluster. **JOURNAL OF MANUFACTURING TECHNOLOGY MANAGEMENT**, v. 29, n. 1, p. 121–148, 2018.

CHESBROUGH, H. **Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology**. Boston: Harvard Business Press, 2003.

CLARK, K. B.; WHEELWRIGHT, S. C. **Managing new product and process development: text and cases**. New York: Free Press, 1993.

COOPER, Robert G. Perspective: The stage-gate® idea-to-launch process—update, what's new, and nexgen systems. **Journal of product innovation management**, v. 25, n. 3, p. 213-232, 2008.

DEL-CORTE-LORA, V.; VALLET-BELLMUNT, T. M.; XAVIER MOLINA-MORALES, F. How network position interacts with the relation between creativity and innovation in clustered firms. **EUROPEAN PLANNING STUDIES**, v. 25, n. 4, p. 561–582, abr. 2017.

EXPOSITO-LANGA, M.; TOMAS-MIQUEL, J.-V.; XAVIER MOLINA-MORALES, F. Innovation in clusters: exploration capacity, networking intensity and external resources. **JOURNAL OF ORGANIZATIONAL CHANGE MANAGEMENT**, v. 28, n. 1, p. 26–42, 2015.

GUEDES, R. E. F. DE F. **Condicionantes da inovação em empresas do arranjo produtivo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe-PE**. Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, 2016.

GUO, J. et al. How does the ambidexterity of technological learning routine affect firm innovation performance within industrial clusters? The moderating effects of knowledge attributes. **TECHNOLOGICAL FORECASTING AND SOCIAL CHANGE**, v. 155, jun. 2020.

HE, J.; FALLAH, M. H. Dynamics of Inventor Networks and the Evolution of Technology Clusters. **INTERNATIONAL JOURNAL OF URBAN AND REGIONAL RESEARCH**, v. 38, n. 6, p. 2174–2200, nov. 2014.

HERVAS-OLIVER, J.-L. et al. Radical vs incremental innovation in Marshallian Industrial Districts in the Valencian Region: what prevails? **EUROPEAN PLANNING STUDIES**, v. 27, n. 10, SI, p. 1924–1939, out. 2019.

HU, T. S.; LIN, C. Y.; CHANG, S. L. Role of interaction between technological communities and industrial clustering in innovative activity: The case of Hsinchu District, Taiwan. **URBAN STUDIES**, v. 42, n. 7, p. 1139–1160, 2005.

HU, T.-S. Interaction among high-tech talent and its impact on innovation performance: A comparison of taiwanese science parks at different stages of development. **EUROPEAN PLANNING STUDIES**, v. 16, n. 2, p. 163–187, 2008.

JAMES, A. Everyday effects, practices and causal mechanisms of “cultural embeddedness”: Learning from Utah’s high tech regional economy. **Geoforum**, v. 38, n. 2, p. 393–413, mar. 2007.

JIA, X.; JIANG, M.; SHI, L. Research on Cooperative Innovation Behavior of Industrial Cluster Based on Subject Adaptability. **DISCRETE DYNAMICS IN NATURE AND SOCIETY**, v. 2016, 2016.

KUCZEWSKA, J.; TOMASZEWSKI, T. Exploring potential drivers of innovation-related activities in Poland: evidence from Polish business clusters. **EQUILIBRIUM-QUARTERLY JOURNAL OF ECONOMICS AND ECONOMIC POLICY**, v. 17, n. 3, p. 775–801, set. 2022.

LACERDA, C. C. DE O.; SOUZA, S. M. A. DE; SILVA, A. L. L. DA. IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES COMPETITIVOS PRESENTES NO CLUSTER DE CONFECÇÕES DE JOÃO PESSOA NO ESTADO DA PARAÍBA. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 9, n. 2, p. 106, 1 set. 2016.

LI, H.; XU, X.; LI, S. Does Entrepreneurship Contribute to Innovation Performance When Considering Spatial Spillover Effects? Evidence From the Automobile Industrial Cluster in China. **SAGE OPEN**, v. 10, n. 4, out. 2020.

LI, J. B.; WANG, Y. M. Coupling effect of regional industrial cluster and innovation based on complex system metric and fuzzy mathematics. **JOURNAL OF INTELLIGENT & FUZZY SYSTEMS**, v. 37, n. 5, p. 6115–6126, 2019.

LI, S.; HAN, S.; SHEN, T. How Can a Firm Innovate When Embedded in a Cluster? Evidence from the Automobile Industrial Cluster in China. **SUSTAINABILITY**, v. 11, n. 7, abr. 2019.

LIN, G. C. S.; WANG, C. Technological Innovation in China’s High-Tech Sector: Insights from a 2008 Survey of the Integrated Circuit Design Industry in Shanghai. **EURASIAN GEOGRAPHY AND ECONOMICS**, v. 50, n. 4, p. 402–424, jul. 2009.

MARCO-LAJARA, B. et al. Regional Specialization, Competitive Pressure, and Cooperation: The Cocktail for Innovation. **ENERGIES**, v. 15, n. 15, ago. 2022.

MIRANDA LINHARES, F. J.; GONCALO, C. R.; LOHN VARGAS, S. M. The Absorptive Capacity as a Generator of Innovation in the Local Productive Arrangement of Furniture in the Interior of the State Ceara. **REUNIR-REVISTA DE ADMINISTRACAO CONTABILIDADE E SUSTENTABILIDADE**, v. 11, n. 1, p. 87–100, 2021.

- MOLINA-MORALES, F. X.; MARTINEZ-FERNANDEZ, M. T. Industrial districts:: something more than a neighbourhood. **ENTREPRENEURSHIP AND REGIONAL DEVELOPMENT**, v. 18, n. 6, p. 503–524, nov. 2006.
- PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.
- PORTER, Michael; KETELS, Christian. Clusters and industrial districts: Common roots, different perspectives. In: **A handbook of industrial districts**. Edward Elgar Publishing, 2009.
- ROVEDA, C.; VECCHIATO, R. Foresight and innovation in the context of industrial clusters: The case of some Italian districts. **TECHNOLOGICAL FORECASTING AND SOCIAL CHANGE**, v. 75, n. 6, p. 817–833, jul. 2008.
- SANCHEZ-GARCIA, E. et al. Cognitive social capital for knowledge absorption in specialized environments: The path to innovation. **HELIYON**, v. 9, n. 3, mar. 2023.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, S. **Estudo econômico do Arranjo Produtivo Local de confecções do Agreste Pernambucano**. Brasília: Sebrae, 2014.
- SOBEL, R. S.; CLEMENS, J. **The Essential Joseph Schumpeter**. Colúmbia Britânica: The Fraser Institute, 2020.
- TAVARES, Maryana Scoralick De Almeida et al. Systematic literature review on innovation capabilities in clusters. **Innovation & Management Review**, v. 18, n. 2, p. 192-220, 2021.
- TIZZIOTTI, Catarine Palmieri Pitanguí; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. Arranjos produtivos locais: uma análise baseada na participação das organizações locais para o desenvolvimento. **Gestão & Produção**, v. 26, p. e2579, 2019.
- TOMLINSON, P. R.; JACKSON, I. Cooperative Ties and the Impact of External Factors upon Innovation in an Industrial District: Some Insights from the North Staffordshire Table and Giftware Sector. **REGIONAL STUDIES**, v. 47, n. 4, p. 580–596, abr. 2013.
- UTTERBACK, James M. The process of technological innovation within the firm. **Academy of management Journal**, v. 14, n. 1, p. 75-88, 1971.
- WU, A.; WANG, C. C. Knowledge Search Pattern and Product Innovation of Firms in Low and High-Technology Industrial Clusters: A Knowledge Relatedness Perspective. **TIJDSCHRIFT VOOR ECONOMISCHE EN SOCIALE GEOGRAFIE**, v. 108, n. 4, SI, p. 488–502, set. 2017.
- WU, A.; WEI, J. Effects of Geographic Search on Product Innovation in Industrial Cluster Firms in China. **MANAGEMENT AND ORGANIZATION REVIEW**, v. 9, n. 3, SI, p. 465–487, nov. 2013.
- XAVIER MOLINA-MORALES, F.; EXPOSITO-LANGA, M. The impact of cluster connectedness on firm innovation: R&D effort and outcomes in the textile industry. **ENTREPRENEURSHIP AND REGIONAL DEVELOPMENT**, v. 24, n. 7–8, p. 685–704, 2012.

XAVIER MOLINA-MORALES, F.; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ, M. Social Networks: Effects of Social Capital on Firm Innovation. **JOURNAL OF SMALL BUSINESS MANAGEMENT**, v. 48, n. 2, p. 258–279, abr. 2010.

XAVIER MOLINA-MORALES, F.; TERESA MARTINEZ-FERNANDEZ, M.; TORLO, V. J. The Dark Side of Trust: The Benefits, Costs and Optimal Levels of Trust for Innovation Performance. **LONG RANGE PLANNING**, v. 44, n. 2, p. 118–133, abr. 2011.

YIN, Y.; YAN, M.; ZHAN, Q. S. Crossing the valley of death: Network structure, government subsidies and innovation diffusion of industrial clusters. **TECHNOLOGY IN SOCIETY**, v. 71, 2022.

ZHONG, Q.; TANG, T. Impact of Government Intervention on Industrial Cluster Innovation Network in Developing Countries. **EMERGING MARKETS FINANCE AND TRADE**, v. 54, n. 14, p. 3351–3365, 2018.



Capítulo 7

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E COMPETÊNCIAS DO ASSESSOR: IMPACTOS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

DOI: 10.29327/5446957.1-7

Nayana Rodrigues Noronha
Ana Cristina Brandão Ribeiro Silva
Cláudia Heloísa da Silva Schmeiske

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E COMPETÊNCIAS DO ASSESSOR: IMPACTOS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

DIGITAL TRANSFORMATION AND ADVISOR SKILLS: IMPACTS, CHALLENGES AND STRATEGIES

Nayana Rodrigues Noronha

Ana Cristina Brandão Ribeiro Silva

Cláudia Heloísa da Silva Schmeiske

RESUMO

A transformação digital é uma realidade consolidada no mercado corporativo, visto que as empresas estão conectadas a dados e precisam utilizar soluções e recursos tecnológicos em suas operações. Dessa forma, neste trabalho, buscou-se analisar as competências do assessor executivo para atuar nas atividades relacionadas a essa tecnologia, contribuindo com seu gestor e sua organização. Assim, foram analisadas as competências de profissionais de empresas privadas e públicas, com base nas discussões de autores da área. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, utilizando a técnica da coleta de dados com análise de conteúdo. Os resultados indicaram a necessidade do conhecimento em tecnologias digitais, tanto por parte dos gestores quanto dos assessores. Observou-se, por sua vez, a necessidade de ampliação da atuação da assessoria no âmbito tecnológico.

Palavras-chave: Assessoria. Competências. Transformação Digital.

ABSTRACT

Digital transformation is a consolidated reality in the corporate market considering that companies are connected to data and need to use technological solutions and resources in their operations. In this way, we sought to analyze the competencies for the executive advisor to act in activities related to this technology, contributing to their manager and organization. Thus, the skills of professionals from private and public companies were analyzed based on discussions by authors in the area. This is a qualitative, descriptive, and exploratory research using the data collection technique with content analysis. The results highlighted the need for knowledge in digital technologies, both for managers and advisors. In turn, they indicated the need to expand the secretary's role in providing advice in the technological field.

Keywords: Advice. Skills. Digital Transformation.

1. INTRODUÇÃO

A transformação digital oferece novas soluções para problemas tradicionais das empresas, que antes eram insolúveis. Isso possibilita novos cenários e impulsiona as empresas a revisar, reformular e criar metodologias negociais (OKANO et al., 2019). Nesse contexto, é fundamental utilizar as competências organizacionais para desenvolver ações nessa área. Esta pesquisa aborda as dimensões das competências, baseando-se principalmente nas ideias de Silva (2009, 2010, 2021), Mussak (2010), Fleury e Fleury (2001), que contextualizam esse campo do conhecimento.

As dimensões discutidas incluem conhecimentos, habilidades, atitudes, entorno e valores, chamadas por Silva (2010) de trinômio e polinômio das competências. Essas dimensões são amplamente discutidas pelos autores que tratam do tema. Silva (2009) argumenta que a formação acadêmica é um atributo formal, mas somente o equilíbrio das competências resultará em um desempenho eficaz do profissional. O estudo de Schein (1996), desenvolvido entre 1961 e 1973 e denominado “âncora de carreira”, aborda a dimensão das competências – valores, que são parte integrante das atividades profissionais, como ressaltado por Mussak (2010).

Diante do cenário digital, novas competências são exigidas dos profissionais. Para os secretários executivos, que no presente estudo são considerados aqueles que exercem a função de assessoria, isso significa que a agilidade, proatividade e dinamismo são essenciais para o desenvolvimento de suas atividades. Silva (2009, p. 177) destaca que a comprovação técnica “por si só fará o diferencial esperado, mas sim a soma das competências adquiridas e praticadas ao longo da vida profissional, pessoal e acadêmica.”

A efetividade dos conhecimentos, habilidades, atitudes, entorno e valores necessita de um contexto favorável, em que as dimensões das competências estejam em sintonia para uma aplicação eficiente. Compreender o universo dos secretários que atuam como assessores em empresas que utilizam tecnologia digital é primordial. Bruno (2006, p.130) afirma que “o profissional de secretariado acompanha as mudanças impostas pelo processo de globalização, bem como a horizontalização gerencial, para continuidade das organizações em uma economia competitiva, agregando novas competências ao seu perfil.”

A tecnologia discutida nesta pesquisa é cada vez mais presente e exigida no mercado de trabalho modificando radicalmente a operação das empresas. A atuação do secretário como assessor nas empresas que utilizam tecnologias para análise de dados compartilhamento de informações é crucial. Portanto, é importante discutir quais competências são necessárias para o assessor na transformação digital e como ele pode subsidiar seu superior nesse processo.

Identificar as competências do profissional dessa área para contribuir com sua organização é essencial. As empresas estão continuamente buscando soluções tecnológicas para problemas tradicionais, apesar de os desafios para alcançar os resultados esperados. Nonato Júnior (2009) discute a assessoria em termos de prática e saber acadêmico, destacando a atuação do secretário executivo como gestor do conhecimento no ambiente do trabalho, integrando conceitos que envolvem o fazer e o saber do secretário executivo em atividades gerenciais. Ele enfatiza a dimensão estratégica e o diálogo na gestão dos recursos da informação, em que compreende-se a possibilidade de a assessoria desempenhar um papel ativo na aplicação de tecnologias disruptivas. Nesse cenário, a assessoria não apenas orienta mas também participa ativamente das decisões estratégicas, impulsionando a inovação e a transformação organizacional por meio da tecnologia.

Mascarenhas et al. (2011) também discutem a atuação do secretário executivo no nível organizacional estratégico, considerando sua proximidade com o gestor e sua contribuição efetiva por meio de competências técnicas e atitudinais. A transformação digital não só proporcionou o progresso econômico, mas também importantes mudanças sociais e culturais. De acordo com Storltlerman e Fors (2006) apud Chinen (2019) a transformação digital refere-se às mudanças e influências que a tecnologia digital exerce em todos os aspectos da vida humana.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as competências do assessor no âmbito da transformação digital e entender como esse profissional pode contribuir com sua organização. A justificativa do artigo se baseia na necessidade de discutir esse assunto, considerando a escassez de estudos dessa natureza no âmbito secretarial. Conhecer as competências tecnológicas é relevante para contribuir com a organização, pois a transformação digital impacta a estrutura dos negócios, o mercado de trabalho, a forma de trabalhar e o modo de viver das pessoas. É imprescindível entender quais competências os assessores precisam desenvolver para acompanhar a evolução tecnológica e desmistificar a ideia de que essa função será extinta.

Bilert et al. (2014) afirmam que a assessoria contribui com informações que facilitam a tomada de decisão, baseando-se em amplos conhecimentos e habilidade que fundamentam seus argumentos, podendo assumir responsabilidades que impactam nos resultados da organização. Conforme o Relatório do World Economic Forum – WEF (2018) citado por Oliveira e Mesquita (2019, p.2), “a onda de avanços tecnológicos está configurada para reduzir o número de trabalhadores necessários para realizar determinadas tarefas.”

Outro elemento relevante para este estudo é a possibilidade de ampliar o conhecimento dos acadêmicos, dos profissionais e da sociedade sobre a atuação da assessoria na tecnologia, promovendo e contribuindo para a pesquisa científica na área. Isso proporcionará ao secretariado executivo mais oportunidades para adquirir e desenvolver novas competências para o ambiente de

trabalho, com base em sua experiência, formação acadêmica e profissional. Orsi e Bose (2003, p. 65) afirmam que “embora seja observada uma evolução no conceito de competência, as abordagens citadas ainda o vinculam fortemente ao cargo ou tarefa.”

Foi realizado um levantamento teórico sobre as competências exigidas ao profissional secretário executivo que atua como assessor diante dos avanços tecnológicos nas organizações. Um pré-teste foi realizado com uma secretária-executiva para validar o instrumento de pesquisa (questionário). Após ajustes, um questionário foi aplicado a 23 profissionais que atuam ou atuaram como assessores em empresas públicas e privadas que investem em tecnologia de ponta e inovação, constatando a necessidade de conhecimento tecnológico para esses profissionais

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1. Contextualização da Transformação Digital

Nesta seção, serão discutidos como a transformação digital está impactando as organizações e moldando os ambientes de trabalho, enfatizando o desenvolvimento de ações tecnológicas impulsionadas pelas competências dos assessores e pela assessoria em si. A transformação digital não apenas altera infraestrutura tecnológica, mas também redefine processos, estratégias e forma de atuação dos profissionais, exigindo uma adaptação constante e a integração de novas habilidades. Dessa forma, os assessores executivos têm um papel relevante na facilitação dessa transição, utilizando suas competências para alinhar as novas tecnologias aos objetivos organizações e contribuir de forma estratégica para o sucesso da empresa.

A tecnologia impactou significativamente as esferas profissionais e organizacionais, promovendo a evolução e o progresso econômico das empresas. A transformação digital tem alterado costumes, hábitos, metodologias de trabalho e condutas das pessoas e organizações. Portanto, é essencial entender quais competências os assessores precisam desenvolver para atuar eficazmente nesse campo. Magnus (2018, p. 2) define transformação digital como “um processo de atualização das empresas em relação às mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo ao redor do mundo.”

Okano et al. (2019) indicam que as organizações estão se adaptando às tecnologias digitais, o que Chew (2015, apud Okano et al.) denomina como DOOTF (Digital Organizations of the Future). A maturidade digital das empresas incentiva a remodelação dos negócios com estratégias

digitais, apoiadas pelos níveis estratégico e tático da organização. A cultura organizacional precisa ser capaz de mudar e inovar constantemente. Cunha et al. (2019, p. 13) afirmam que “negligenciar a tecnologia dentro do modelo de negócios é um erro, pois a tecnologia se justifica enquanto um componente essencial para alcançar as estratégias de negócio.”

A inovação, decorrente da aplicação de tecnologias, surge através da previsão de cenários futuros. Yáñez et al. (2015) destacam a importância de priorizar a acessibilidade nas mídias em vez de focar apenas na autoria dos conteúdos, pois a longo prazo, isso pode favorecer financeiramente os autores. Essas ações promovem novos modelos de negócios e delineiam as competências globais do século XXI, essenciais em educação, cultura e tecnologia. Cortéz et al. (2017) enfatizam a importância de utilizar estratégias digitais no ensino-aprendizagem para preparar indivíduos como competências relevantes para o mercado de trabalho.

Yáñez, et al. (2015) observam que é preciso ir além da zona de ferramentas tecnológicas, considerando ser apenas facilitadores que contribuem nas situações e cenários. Indicam a ideia de um espaço para práticas digitais que possam compartilhar as ideias, pesquisas e discussões sobre o assunto, no qual a inovação possa surgir reforçando as iniciativas. Cortéz et al. (2017) ressaltam sobre a importância de utilizar a diversidade de estratégias, tal como a digital no ensino-aprendizagem que prepara os indivíduos com competências relevantes e essenciais para atuarem nas empresas.

Nesta perspectiva observa-se que as tecnologias têm sido incorporadas e praticadas em diversos universos, um deles são as instituições de ensino que estão antenadas em capacitar os futuros profissionais com as competências tecnológicas fundamentais. A inovação não se limita a ferramentas tecnológicas, mas envolve práticas digitais que compartilham ideias e pesquisas, promovendo seu desenvolvimento. Cortéz et al. (2017) enfatiza a necessidade de diversificar estratégias digitais no ensino para capacitar profissionais tecnologicamente competentes. Instituições de ensino estão integrando essas tecnologias para preparar futuros profissionais.

Okano et al. (2019) observam que, apesar das oportunidades, a remodelagem digital acarreta riscos. Kane et al. (2015) acrescentam que empresas com baixa maturidade digital, sem gestão focada em inovação, tendem a usar tecnologias de forma operacional, sem transformar os negócios. A transformação digital exige mudanças ousadas e uma visão estratégica para promover progresso e vantagem competitiva.

Percebe-se a preocupação permanente das organizações em investir cada vez mais em iniciativas direcionadas a transformação digital, por exemplo: o estudo apresentado pela Press (2016) citado por Okano et al. (2019, p.3) “revela que, em 2019, os gastos globais em iniciativas de

transformação digital chegarão a US\$ 2,2 trilhões, quase 60% superiores aos gastos em 2016”. Contudo, para empresas tradicionais com uma estrutura e padrões estabelecidos, não é simples modificar esse próprio estilo e sua estrutura organizacional. Além disso, as dificuldades para encontrar profissionais qualificados, bem como para transformar seu ambiente tradicional em um ambiente que permite agilidade na criação de protótipos, bem como a adaptação, não é tão simples, pois essas questões são determinantes na competitividade com os novos mercados digitais.

As empresas que pretendem acompanhar o mercado e as demandas dos consumidores, realmente precisam ser disruptivas e inovadoras, caso contrário não permanecerão competitivas. Esse entendimento indica que as estratégias de transformação digital promovem mudanças radicais nos processos e atividades da organização.

2.2. Dimensões das Competências

Os profissionais precisam compreender o ambiente que atuam para refletir sobre as ações adequadas à realidade. Silva (2009, 2010) indica que as organizações buscam profissionais com competências diferenciadas que acompanhem as mudanças da transformação digital. Esses profissionais devem participar ativamente das ações estratégicas e decisórias da empresa.

Rodríguez (2016. p. 17) destaca a importância da educação no processo de transformação digital, ressaltando a necessidade de adquirir competências relacionadas às estratégias e conectividades das ações digitais nas organizações. Ele observa que a demanda por profissionais com domínio digital está aumentando e novos cursos estão sendo lançados para preparar indivíduos nessa área. Santos (2010) sublinha a importância do conhecimento tecnológico para secretários executivos, indicando que esses profissionais devem identificar as tecnologias necessárias para melhorar o fluxo de dados nas empresas. Silva e Araújo (2018, p.13) concordam que o profissional de secretariado deve estar atento às novas tecnologias para se manter relevante.

Em um contexto mais amplo, a introdução de tecnologias como sistema de gestão de conhecimento e plataformas de análise de dados tem se mostrado crucial para capacitar esses profissionais. Essas ferramentas não só auxiliam na organização e análise de informações, mas também na implementação eficiente das estratégias digitais, tornando o papel do assessor ainda mais estratégico e integrado às necessidades dinâmicas do ambiente digital.

Rogers (2017) compreende a transformação digital como algo além de uma simples tecnologia, mas sim uma parte integral das estratégias organizacionais e negociais. Costa et al. (2023) reconhecem a transformação digital como um fator primordial aos planejamentos estratégicos das organizações, reforçando a ideia que é essencial que os profissionais de

secretariado executivo adquiram competências tecnológicas para participar efetivamente desse processo.

Assim, a integração de ferramentas tecnológicas e a adaptação às novas demandas digitais não apenas aprimoram o desempenho desses profissionais, mas também os posicionam como *stakeholders* principais na implementação bem-sucedida das estratégias digitais nas organizações.

2.3. Procedimentos Metodológicos

Este estudo apresenta as competências para a atuação do assessor executivo na transformação digital, visando entender como ele pode contribuir com sua organização no uso dessa tecnologia. A pesquisa foi realizada com base na percepção dos secretários executivos que atuam ou atuaram como assessores em organizações que buscam investir em tecnologia de ponta e inovação. Assim, procurou-se responder as seguintes perguntas: quais competências são necessárias para a atuação do assessor executivo na transformação digital? E de que maneira o assessor pode subsidiar a organização e/ou seu superior na transformação digital?

A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. Os dados foram coletados por meio da percepção de profissionais que atuam ou atuaram na área de assessoria, com foco nas competências necessárias diante da transformação digital. Além disso, foi realizado um levantamento da experiência prática dos respondentes com o problema investigado por meio da aplicação de questionário. Antes da aplicação do instrumento via *Google forms*, os participantes receberam orientações detalhadas para garantir uma compreensão clara dos objetivos da pesquisa. Para a análise dos dados, a plataforma foi utilizada para compilar e categorizar as respostas. Os resultados foram organizados em categorias definidas pelos próprios questionários, permitindo uma apresentação detalhada da quantidade e do tipo de respostas de cada indivíduo.

Segundo Vergara (2005), a pesquisa exploratória é aplicada em áreas com pouco conhecimento sobre o assunto, e não comporta hipóteses iniciais, as quais poderão surgir durante ou ao final da pesquisa. Neste contexto, Gil (2010) aponta que a pesquisa descritiva busca descrever características de determinado fenômeno, enquanto a exploratória procura maior familiaridade com o problema visando esclarecimento.

As empresas onde os profissionais atuam estão localizadas no Distrito Federal e têm a inovação como diferencial. Seus nomes não foram divulgados para respeitar a privacidade, conforme solicitado. Foram selecionados os respondentes para participar da pesquisa seguindo critérios de amostragem não-probabilística. Foram escolhidas pessoas com fácil acesso e por serem representativas na função de assessoria.

Considerando o rigor desse tipo de pesquisa foi assegurada a credibilidade e o conhecimento do ambiente dos participantes e das empresas, com os esclarecimentos necessários entre o pesquisador e orientador (Flick, 2009). Os participantes trabalham em empresas que investem em novas tecnologias e inovações, permitindo identificar as competências dos profissionais de assessoria que atuam nessas organizações e subsidiam seus gestores com informações ou ações referentes à transformação digital.

A metodologia de construção do instrumento de pesquisa incluiu várias etapas: planejamento do que seria pesquisado, desenvolvimento das perguntas para obter as informações necessárias, definição da redação e sequência das questões, além do design visual do instrumento. O questionário foi testado para identificar omissões e ambiguidades (GOODE; HATT, 1972), não sendo necessários grandes ajustes ou um novo pré-teste. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, Oliveira (2011) considera um processo reflexivo de análise da realidade, utilizando métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto.

Além do levantamento bibliográfico, foi realizada inicialmente uma entrevista com um profissional de assessoria, com experiência em inovação e transformação digital, em uma empresa de médio porte do setor privado, para um pré-teste do instrumento de coleta de dados. O questionário foi produzido no *google forms* e enviado por e-mail, visando definir a metodologia, esclarecer o entendimento, a estruturação e validação do instrumento. Essa estratégia metodológica baseou-se em Yin (2005, p.104) que afirma que o pré-teste valida o instrumento de pesquisa, aplicado previamente ao contato com os participantes do estudo.

Após a realização de adaptações e refinamentos no questionário, o link foi enviado por e-mail aos profissionais selecionados, com base em seu conhecimento sobre inovação e transformação digital e na experiência prévia em assessoria. Dos 23 questionários recebidos, as respostas foram revisadas e consolidadas no *google forms*, sendo posteriormente exportadas para uma planilha Excel para análises detalhadas. Para facilitar a compreensão e a interpretação rápida dos resultados, os dados foram organizados em tabelas, conforme sugerido por Marconi e Lakatos (2003)

A aplicação do instrumento ocorreu ao longo de 15 (quinze dias), no período de 30/04/2021 a 15/05/2021, e as respostas consolidadas foram analisadas. (análise de conteúdo). A análise dos dados coletados buscou extrair respostas ao problema apresentado e a integrar conhecimentos previamente desenvolvidos com o resultado da pesquisa, conferindo maior coerência às respostas.

A análise e interpretação apesar de processos distintos, se relacionam entre si. A primeira se inicia com a apresentação e descrição dos dados coletados. Por meio dela verifica-se as relações

existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Já a interpretação busca um sentido ampliado nas respostas, constituindo uma conexão entre os resultados da pesquisa, que são confrontados com conhecimentos anteriormente adquiridos (ANDRADE, 2010).

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Pré-teste

A respondente do pré-teste, trata-se de profissional formada em secretariado executivo, que atua há cinco anos como assessora executiva do CEO de uma empresa do ramo da construção civil. Com a entrevista foi possível observar que a empresa da profissional é uma organização que exige da assessora executiva maior conhecimento em tecnologia, para que ela possa executar de forma eficaz as atribuições dadas ao cargo.

Durante a pesquisa, percebeu-se que a entrevistada possui facilidade com novas tecnologias, tais como: internet, plataformas para reuniões online, sistemas de documentos eletrônicos, armazenagem em nuvem.

Na entrevista com a assessora executiva observa-se tratar-se de profissional muito reconhecida na respectiva empresa, pelo fato de conseguir assessorar o seu gestor em demandas que ele tem conhecimento limitado, tais como: ferramentas tecnológicas, e por adaptar-se rapidamente e adotar formas inovadoras de trabalho.

3.2. Aplicação do questionário aos secretários executivos com atuação na assessoria

Na tabela 1, são apresentadas as faixas etárias, cargos e tipos de empresas dos vinte e três (23) profissionais que responderam ao questionário final, excluindo a respondente do pré-teste. A maioria dos respondentes está na faixa etária entre 36 e 46 anos, e a maior parte atua como secretário executivo em empresas privadas.

Tabela 1 – Perfil dos Participantes

Variável	Observações	Frequência	Percentual
Faixa etária	Entre 18 – 24	6	26,1
	Entre 25 – 35	6	26,1
	Entre 36 – 46	11	47,8
	Acima de 47	0	0,0
Cargo/Função	Secretário (a) Executivo (a)	14	60,9
Cargo/Função	Assessor (a) Executivo (a)	9	39,1

Tipo de empresa	Privada	10	43,5
	Pública	7	30,4
	Não respondeu	6	26,1

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 2 ilustra, de maneira geral, a relação dos profissionais assessores com a tecnologia, com base nas respostas do questionário. Verificou-se que tanto as empresas quanto o mercado exigem conhecimento tecnológico e esperam que esses profissionais tenham competências na área discutida neste trabalho. Vale ressaltar que, entre os vinte e três (23) respondentes, seis (6) não informaram o tipo de empresa em que atuam. No entanto, essa ausência de informação não compromete a análise dos resultados.

Destaca-se ainda que, apesar de quatorze (14) respondentes na Tabela 1 indicarem o cargo de secretário executivo, e nove (9) o cargo de assessor, todos esses profissionais atuam como assessores nas empresas, independentemente do título de cargo. De acordo com Muller (2021), a assessoria é vista como um vínculo do secretário executivo, conforme o contexto da organização que atua.

Tabela 2 – Assessor Executivo e as Tecnologias

Questão	Observações	Frequência	Percentual
Possui competências e habilidades tecnológicas em programas do office?	Sim, tenho domínio	13	56,5
	Conhecimento básico	9	39,1
	Não possuo	1	4,3
Grau de conhecimento exigido pela empresa que trabalha	Básico	8	34,8
	Intermediário	13	56,5
	Avançado	2	8,7
Possui dificuldades em lidar com as novas tecnologias?	Sim	0	0,0
	Um pouco	8	34,8
	Não	15	65,2

Fonte: dados da pesquisa

Durante a pesquisa, observou-se que a maioria dos respondentes tem facilidade em lidar com as novas tecnologias, mencionando o uso frequente de diversas ferramentas em sua rotina de trabalho, como internet, plataformas para reuniões online, assinatura digital de documentos e armazenagem em nuvem. Entre as ferramentas citadas com mais frequência estão os sistemas de gerenciamento eletrônico de documentos e plataformas virtuais para reuniões. No entanto, ainda há profissionais que enfrentam dificuldades com esses recursos.

Segundo Rodríguez (2016, p.19), o fato de os indivíduos estarem não apenas conectados, mas também interconectados, revela enormes possibilidades. O acesso quase instantâneo ao conhecimento, à informação e aos recursos permite que os usuários descubram, façam escolhas

mais acertadas, compartilhem e criem com maior facilidade. O autor observa que “Um avanço modifica não apenas as interconexões entre os indivíduos, mas também entre outros cenários, como o da conectividade de coisas”, ressaltando o impacto amplo da tecnologia nas relações humanas e nos sistemas conectados.

Na Tabela 3, observa-se que, de acordo com os respondentes do questionário, o uso de ferramentas tecnológicas é bastante comum na rotina de trabalho do assessor. Essas ferramentas são integradas às estratégias das empresas proporcionando inúmeros benefícios e facilitando o alcance dos resultados organizacionais. No entanto, as empresas também estão redesenhando seus processos de negócios com base em recursos tecnológicos, buscando se reposicionar para garantir a competitividade. Conforme destaca Porter e Heppelmann (2014), a transformação digital está alterando fundamentalmente a maneira como as empresas conduzem suas operações e competem no mercado, evidenciando a necessidade de adotar novas tecnologias para obter êxito e inovação.

Tabela 3 – Uso de Ferramentas Tecnológicas

Ferramentas tecnológicas	Observações	Frequência	Percentual
Na sua rotina de trabalho você faz uso de ferramentas de tecnologia? (Ex.: Zoom, Teams, DocuSign...)	Sim	14	60,9
	Raramente	4	17,4
	Não	5	21,7
A tecnologia trouxe facilidades e otimização de tempo para a execução das suas atribuições?	Sim	23	100,0
	Muito pouco	0	0,0
	Não	0	0,0

Fonte: dados da pesquisa

Em outras palavras, entre os benefícios proporcionados pela tecnologia destacam-se a agilidade na execução das atividades, que permite que sejam realizadas com maior rapidez, a padronização, documentação e controle das tarefas, a melhoria dos processos, redução de custos, a diminuição do retrabalho e o auxílio na tomada de decisões.

Ademais, entre as inúmeras competências que o mercado de trabalho requer do profissional que atua como assessor, foi possível constatar que o domínio de ferramentas tecnológicas, as competências digitais, a capacidade de adaptar-se rapidamente e adotar formas inovadoras de trabalho, são as que mais se destacam. Do ponto de vista de Rodríguez (2016), a demanda por trabalhadores com excelentes habilidades digitais duplicou desde 1995. Um em cada cinco profissionais precisa de habilidades avançadas ligadas à tecnologia da informação e 90% requerem conhecer funções básicas. Ainda, mostra o marcante dado sobre os empregos que não existem candidatos com as competências digitais necessárias.

Na Tabela 4, é possível observar as opiniões dos respondentes sobre as competências desenvolvidas pelo assessor na transformação digital. A maioria (91,6%), aponta que a principal competência do assessor é a capacidade de se adaptar rapidamente e adotar formas inovadoras de trabalho. Em seguida, (82,6%) dos respondentes indicam o domínio das ferramentas tecnológicas como uma competência essencial.

Tabela 4 – Competências do Assessor Executivo na Transformação Digital

Competências	Observações	Percentual
Quais competências você julga que são necessárias para sua atuação na transformação digital?	Dominar ferramentas tecnológicas	82,6
	Saber utilizar os dispositivos eletrônicos (celular, notebook...)	65,2
	Possuir competências digitais	34,8
	Extrair informações de dados internos (automatização de processos)	65,2
	Estabelecer ligações entre unidades organizacionais dispersas	34,8
	Gestão digital de documentos	52,2
	Uso de certificados digitais para assinaturas digitais	34,8
	Saber utilizar o <i>help desk</i> para abrir chamados no suporte técnico	21,7
	Adaptar-se rapidamente e adotar formas inovadoras de trabalho	91,3
	Não possuo competências tecnológicas	0,0

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com os respondentes, constatou-se que a maioria dos gestores possui domínio ou conhecimento básico em tecnologia, refletindo a transformação digital que impactou significativamente a vida de todos os profissionais, como demonstrado na Tabela 5.

Tabela 5 – Gestor e as Habilidades e Competências Tecnológicas

Gestor	Observações	Frequência	Percentual
O seu gestor possui conhecimentos e habilidades tecnológicas?	Sim, possui domínio	14	60,9
	Possui conhecimento básico	9	39,1
	Não possui	0	0

Fonte: dados da pesquisa

Considerando que (60,9%) dos respondentes acreditam que os gestores são inovadores e implantam a transformação digital nos seus modelos de negócios destaca-se a afirmação de Okano et al. (2019) ganha relevância, pois aponta que a transformação digital exige a introdução e adaptação dos serviços com novas tecnologias, com o objetivo de efetivar e entregar resultados ao cliente.

No entanto, (39,1%) dos gestores ainda carecem de competências digitais suficientes e necessitam de maior suporte por parte de suas assessorias para desenvolver essas habilidades. Esse suporte envolve a capacitação de ferramentas tecnológicas, o conhecimento em novas tecnologias, a

otimização de processos por meio da tecnologia, e o auxílio em aspectos tecnológicos em geral. Assim, surge um nicho para secretários executivos inovadores e com competências tecnológicas na assessoria.

A Tabela 6, reforça a necessidade de que o mercado de trabalho demanda profissionais capazes de desenvolver competências, habilidades e conhecimentos tecnológicos, corroborando a visão de Rodríguez (2016).

Tabela 6 – Como Contribuir com Seu Superior na Transformação Digital

Contribuir	Observações	Percentual
De que maneira você consegue contribuir com seu superior na transformação digital?	Desenvolvendo competências digitais	21,7
	Dominando as ferramentas tecnológicas	13,0
	Adquirindo conhecimento em novas tecnologias	17,4
	Apoiando e dando suporte com os dispositivos eletrônicos	13,0
	Otimizando processos por meio da tecnologia	13,0
	Todas as alternativas elencadas acima	60,9

Fonte: dados da pesquisa

Diante dos resultados, para enfrentar a falta do conhecimento e habilidades em tecnológicas nas empresas, sugere-se que os secretários executivos se empenhem em continuar sua capacitação no uso de ferramentas tecnológicas. Por meio da formação contínua, eles poderão adquirir maior autonomia e independência na administração dos recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Essa capacitação não apenas proporcionará novas oportunidades, mas também contribuirá para o desenvolvimento e aplicação de novas competências inovadoras.

Por outro lado, é importante destacar, tanto em empresas públicas quanto privadas, a prática de competências inovadoras envolve reconhecer variações potenciais em relação ao planejamento e as expectativas. Isso permite maximizar oportunidades, minimizar perdas e aprimorar as decisões e resultados. Em outras palavras, é essencial identificar oportunidades para melhorar o desempenho e implementar ações para evitar ou reduzir a probabilidade de falhas, conforme destacado por Cicco (2018).

Assim, conforme apresentando no Quadro 1, os riscos tecnológicos e financeiros estão interligados devido à crescente transformação digital nas organizações. Portanto, é crucial que alta administração e/ou direção das empresas adotem uma visão estratégica inovadora em relação à transformação digital. A familiaridade dos gestores com a tecnologia é essencial, pois possibilita uma mudança de *mindset*, permitindo a inovação contínua nos modelos de negócios.

Quadro 1 – Riscos

TIPO DE RISCO	NÍVEL DE CRITICIDADE	AÇÃO
Tecnológico	Alto	O CEO necessita desenvolver competências tecnológicas
Financeiro	Alto	Implantação de mais tecnologia e inovação nos processos

Fonte: autoria própria

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia abordada neste estudo refere-se à adoção de novas ferramentas e métodos de trabalho, refletindo grandes mudanças que estão transformando a vida e o trabalho das pessoas. Neste contexto, as organizações devem reconfigurar suas equipes, hábitos, culturas, processos e, principalmente, suas tecnologias para manter a competitividade.

Por meio deste estudo, foi possível identificar que, apesar alguns gestores acompanharem e implementarem a transformação digital em seus modelos de negócios, muitos ainda não desenvolvem as competências digitais necessárias. Isso os torna mais dependentes de suas assessorias executivas para desempenhar tais funções. Em contrapartida, observou-se que a maioria dos gestores que recebem suporte de secretários executivos também possui conhecimentos e habilidades tecnológicas, resultando em gestores com perfis mais independentes.

A transformação digital tem exercido influência significativa e direta no mercado de trabalho, exigindo que os profissionais de assessoria executiva possuam um maior conhecimento, desenvolvimento e qualificação em tecnologia. Isso é fundamental para oferecer respostas eficazes às exigências atuais e futuras das empresas e dos seus gestores.

O objetivo geral do estudo foi alcançado a partir da entrevista (pré-teste) e questionários aplicados, que reafirmaram a importância das competências tecnológicas combinadas com as competências técnicas e individuais. Esses atributos permitem que os assessores executivos desempenhem suas funções com maior eficiência, segurança e integração, gerenciando suas tarefas diárias de forma mais eficaz. Além disso, essas competências contribuem para competitividade das organizações, ao possibilitar a redução de custos e a competição em igualdade de condições.

Considera-se, portanto, que existe uma forte relação entre os assessores e a tecnologia no desenvolvimento de suas atividades. Assim, é muito importante que esses profissionais estejam constantemente atualizados e busquem continuamente novas competências na área de tecnologia.

Dado o crescimento exponencial e evolução constante da transformação digital, sugere-se a realização de novas pesquisas para aprofundar o tema das competências necessárias para os assessores executivos. Essas pesquisas devem considerar o impacto das tendências tecnológicas na profissão e enfrentar os desafios que exigem a superação de limitações, visto que a ausência de inovação pode restringir o desenvolvimento mercadológico das organizações. O mercado está se tornando cada vez mais competitivo, e as conexões digitais estão aumentando a preferência por serviços e produtos sistematizados e automatizados.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. M. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. (2014). 10. ed. São Paulo: Atlas.
- Bilert, S. S., Silva, K. A., Santos, L. J., Cabral, R. A. (2014). Assessoria Executiva no Processo de Tomada de Decisão. Revista de Gestão e Secretariado, Sindicato das Secretárias(os) do Estado de São Paulo, São Paulo, 5(3), pp. 119-142. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=435641697006>.
- Bruno, I. M. (2006) O poder de influência do profissional de Secretariado no processo decisório das organizações. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1190>.
- Chew, E K. (2015) Digital Organizations of the Future. In Transition.
- Chinen, R.Y. (2019) Transformação digital nos negócios: uma abordagem visando barreiras e aceleradores do processo. (Monografia de Graduação). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.
- Cicco, F. (2018) Gestão de riscos: Diretrizes para a implementação da ISSO 31000:2009. Risk Tecnologia Editora.
- Cortez, R. J., Bosch, A. V., Catalan., A. R. (2017) Female university student's ICT learning strategies and their influence on digital competence. Int J Educ Technol High Educ 14(10) Disponível em <https://doi.org/10.1186/s41239-017-0040-7>
- Costa, G., Freitas Júnior., J. C. S. (2023) Um Ensaio sobre Framework para a Transformação Digital. RevistaGeSec, São Paulo, 14(7), pp.11483-11504. Disponível em <https://www.normasabnt.org/referencias-bibliograficas/>.
- Cunha, Y. L. O; Santos., T. R. R; Carvalho., M. E. (2019) Impactos da Transformação Digital no Modelo de Negócios. In. Congresso Tranformação Digital. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/ctd/ctd2019/paper/viewFile/7341/2123>.

- Fleury, M.T., Fleury, A. (2001) Construindo o Conceito de Competência. Rev. adm. contemp.[online]. 5. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>.
- Flick, U. (2009) Introdução a Pesquisa Qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Gil, A. C. (2009) Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5. Ed. São Paulo: Atlas.
- Goode, W. J., HATT, P. K. (1972). Métodos em pesquisa social. 4ª ed. São Paulo: Nacional.
- Kane, G. C., Palmer, D., Phillips, A., Kiron, D., Buckley, N (2015). Strategy, not technology, drives digital transformation. MIT Sloan Management Review and Deloitte University Press, 14, pp. 1-25.
- Magnus, T. (2018) Transformação Digital. As Tendências da Transformação Digital em 2018. Disponível em <https://transformacaodigital.com/tendencias-da-transformacao-digital-em-2018/>.
- Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2003) Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Mascarenhas, M. H., Sepulveda, F. A; D'assumpção, E. S. (2011) Sistema de Gestão Integrado: a Atuação do Secretário-Executivo. Revista de Gestão e Secretariado, São Paulo, 2(1), pp. 177-192.
- Muller, R. (2021) O que faz um profissional de secretariado executivo? A construção identitária de um perfil profissional. Revista Scribes. 2(1) pp.104-127.
- Mussak, E. (2010) Gestão Humanista de Pessoas: o fator humano como diferencial competitivo. Rio de Janeiro. Elsevier.
- Nonato Júnior, R. (2009) Epistemologia e Teoria do Conhecimento em Secretariado Executivo: a Fundação das Ciências da Assessoria. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- Okano, M. T., Inoue, P. K., Antunes, S N., Simoes, E A . Langhi, C. (2019) Transformação Digital e Novos Modelos de Negócios. In XXXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Enegep. (pp. 1-18). Santos, São Paulo. Disponível em https://abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_295_1668_37732.pdf.
- Oliveira, L., Mesquita, A., Sequeira, A. (2019) Profissões em mudança – impacto da transformação digital nas ocupações administrativas. Revista Gestao Sociedade_RH2019. Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. Disponível em <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/14728>.
- Oliveira, M. M. (2011) Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Orsi, A., BOSE, M. (2003) Gestão por competências: modelos e abrangência. Revista de Psicologia UFC.
- Parry, S. B. (1996) The quest for competencies. Training. 33(07). pp. 48-54
- Porter, M. E; Heppelmann, J. E. (2014). How smart, connected products are transforming competition. *Harvard Business Review*, 92(11), 64-88.
- Rodríguez, J. (2016) Preparar-se para a revolução. LLORENTE, J A. (Org.) A transformação Digital. Revista Uno, 24, pp. 17-19. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br/numero-24/>.

Rogers, D. L. (2017) Transformação digital: repensando o seu negócio para a era digital. 1. Ed. São Paulo: Autêntica Business

Silva, V. L., Araújo, D. S. O Profissional de Secretariado e o Uso das Tecnologias de Comunicação e Informação nas Organizações. Revista Científica Semana Acadêmica, 01(000128), Disponível em <https://semanaacademica.org.br/artigo/o-profissional-de-secretariado-e-o-uso-das-tecnologias-de-comunicacao-e-informacao-nas> .

Santos, R. S. (2010) Tecnologias da Informação e Comunicação: uma análise da percepção dos graduandos em Secretariado Executivo sobre o Conhecimento e o Uso da Tecnologia de Smartphones para a Profissão. (Monografia de Graduação). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Curso de Secretariado Executivo Trilíngue. Disponível em <https://www.secretariadoexecutivo.ufv.br/docs/RomuloSiqueiraSantos.pdf>.

Schein, E. (1996) Identidade profissional. São Paulo, Nobel.

Silva, A. C. B. R. (2021) As mudanças das competências diante da transformação das organizações. *Latin American Journal of Development* 3(5).

Silva, A. C. B. R. (2010) Atuação e competências do secretário-executivo: Assessor, Gestor, Consultor, Empreendedor. In: I Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo, XII Encontro Regional de Secretariado Executivo, XXIII Semana Acadêmica de Secretariado Executivo. Anais. Biblioteca da Universidade Campus de Toledo/PR. ISSN:2179-1457. [CD-ROM]. Disponível em [file:///C:/Users/girib/Downloads/Silva%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/girib/Downloads/Silva%20(4).pdf).

Silva, A C B R. (2009) Os Desafios e Perspectivas da Gestão de Pessoas: conhecimentos, habilidades, atitudes. In: Portela, K. C. A., Schumacher, A. J. (Orgs) Gestão Secretarial: o desafio da visão holística. (pp. 171-179). Volume I – Cuiabá: Adeptus.

Vergara, S. C. (2005) Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas.

Yánez, C., Okada A., Palau, R (2015). New learning scenarios for the 21st century related to Education, Culture and Technology. RUSC. Universities and Knowledge Society Journal, 12(2). pp. 87-102. Disponível em doi <http://dx.doi.org/10.7238/rusc.v12i2.2454>

Yin, R. K. (2005) Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.



Capítulo 8

“PEQUISARAU” CONTADOR DE HISTÓRIAS: NOVOS CAMINHOS EM TEMPO DE ISOLAMENTO

DOI: 10.29327/5446957.1-8

Gleuter Alves Guimarães



“PEQUISARAU” CONTADOR DE HISTÓRIAS: NOVOS CAMINHOS EM TEMPO DE ISOLAMENTO

Gleuter Alves Guimarães¹

RESUMO

Durante o período de isolamento por causa da pandemia foi oferecido pelo Instituto Federal do Tocantins – Campus Avançado Formoso do Araguaia, o curso “Contador de histórias” dentro do Programa “Novos caminhos” do MEC. Fui idealizador e propus um curso que abrangesse além de histórias infantis ou técnicas de contação, como ocorrem em outras ofertas. A ideia era de trazer as culturas existentes no país através de textos poéticos, de personagens que identificassem com os lugares e com as vivências dos participantes. Cada um poderia contar suas próprias histórias e de suas cidades e regiões. O curso teve mais de 100 matriculados de todas as regiões do país. Dessa forma as histórias e poéticas se diversificavam em sotaques, paisagens, pessoas e memórias que foram buscadas em cada história de vida dos participantes, contadores de histórias, poetas, educadores ou artistas que ousaram uma experiência em meio a solidões e isolamentos sociais.

Palavras-chave: Contação de histórias; Poesia; Arte na Pandemia;

“PEQUISARAU” STORIES TELLER: NEW WAYS IN TIMES OF ISOLATION

ABSTRACT

During the period of isolation due to the pandemic, the “Storyteller” course was offered by the Federal Institute of Tocantins – Advanced Campus Formoso do Araguaia within the MEC’s “New Paths” Program. I was the creator and proposed a course that covered more than just children's stories or storytelling techniques, as is the case in other offerings. The idea was to bring together the existing cultures in the country through poetic texts, characters that identified with the places and the experiences of the participants. Everyone could tell their own stories and those of their cities and regions. The course had more than 100 people enrolled from all regions of the country. In this way, the stories and poetics were diversified in accents, landscapes, people and memories that were sought in each life story of the participants, storytellers, poets, educators or artists who dared an experience in the midst of loneliness and social isolation.

Keywords: Story telling; Poetry; Art in the pandemic;

¹ Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Docente EBTT; Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutorando em “Performances Culturais”.

1. INTRODUÇÃO

É a nossa vez... Sim, é um jeito diferente de começar uma história. Nossa vez de viajar através do tempo e do espaço ou fora deles. Em 10 semanas durou nossa viagem. Um grupo de pessoas que não se conheciam viajaram pelas histórias e poesias. Partindo da sombra de um pé de pequi em Formoso do Araguaia no Tocantins, viajamos pelo mundo através das palavras. 10 semanas como 1001 noites ou mais. Conhecemos Sherazade, que nos deu um tapete mágico, voando com ele fomos às terras sonâmbulas onde Mia Couto nos encontra e diz “meu pai sofria de sonhos!” sofrendo de sonhos ouvimos vozes celebrando o ciclo da vida que enaltecem um certo Rei Leão na África. Viajamos para o reino milenar da China descobrindo imagens projetadas nas sombras, criando histórias e enaltecendo personagens. Partimos em nosso tapete para encontrar à beira do Rio Tejo um poeta em Pessoa ou Pessoas que nos mostra o grande rio e o rio de nossa aldeia. Atravessamos o oceano e demos *Gracias a la vida* na cordilheira dos Andes ouvindo um grito de liberdade na voz de Violetas e Mercedes. Em terras tupiniquins saímos à sombra da meia noite com medo de ser um vampiro, um lobisomem ou um saci Pererê acompanhando Cleiton e Kledir nos Pampas. Viajamos até a casa de Zeca Baleiro e ficamos à porta observando o mundo passar e as memórias passarem. Conhecemos as terras de Catulo e sua paixão Patativa que canta. Com o rei do baião ampliamos a visão do sertão sobrevoando com a Asa Branca à espera da chuva e da lua que nasce lá na Serra e pisando na Fulô com a poesia e os ritmos nordestinos. Encontramos na praia com Vinícius, Toquinho, Chico e Cartola escrevendo e ouvindo versos ao som dos violões e da brisa do mar. Pegamos o trem em Minas e viajamos nas pedras de Drummond... passando pelo cafezinho na casa de Adélia Prado, ouvindo as canções do clube da esquina e a poesia de Vander Lee, encontrando com as lavadeiras que cantam e encantam na beira do rio Jequitinhonha. Atravessamos a ponte de Goiás e conhecemos a janela de Cora enxergando as vidas simples que passam pelos becos e pontes. descobrimos no Pantanal que “poesia não compra sapato, mas como andar sem poesia?” Nas terras amazônicas vimos que há poesia na história do Boto e outros seres e que o açaí é o fruto de várias culturas. Voltamos em tapetes sobrevoando os rios do Tocantins... vimos a musicalidade no quebrar dos cocos e no colher do capim, a transformá-lo em ouro. Assim descemos com nosso tapete à sombra de cajueiros e pequizeiros reconstruindo nossa poesia e nossa história de vida. Era uma vez... e é a nossa vez de contar nossa aventura pelo mundo da poesia... Assim foi o caminho percorrido por participantes do curso de Contadores de História, oferecido em 2020, durante a pandemia de forma *on line* pelo IFTO. Com alunos de todas as regiões do país que trouxeram suas histórias de vida e criatividade. Ao final do curso apresentaram o “Pequisarau – contadores de histórias” trazendo suas interpretações poéticas pelo canal do *yotube*.

Bom dia! Boa tarde! Boa noite! Não importa o tempo. Importante é abrir as janelas nesse momento que vivemos. Abrir Janelas sempre! Ver o sol, a lua e as pessoas através de nossa janela. Visualizar novos caminhos, viajar por estradas onde nunca fomos ou talvez não tenhamos observado a paisagem! As janelas podem ser reais ou virtuais. Os caminhos nos levam a lugares que sonhamos. Por essas janelas que estão em nossas telas agora buscamos novos caminhos.

Viajo pelo Tocantins e encontro o IFTO que tem história percorrida de desbravar novos caminhos pela Educação, pesquisa e novas formas de trabalho e oportunidades: Só posso abrir essas janelas virtuais e percorrer novos caminhos através das telas que se apresentam à minha frente... Pela tecnologia que nos permite viajar mesmo dentro de casa. Penso que pessoas precisam criar caminhos atraentes para nossos olhos e mentes!

Pessoas precisam de janelas... cada vez mais... em tempos de solidão... individualidades... Pessoas se perdem com tantos caminhos e atalhos... quando janelas se fecham.

É necessário seres humanos com empatia que valorizem a vida, que abram janelas para outros que já estão sem forças para retornar e buscar uma nova estrada... de pacientemente ir abrindo as janelas de quem precisa ver uma luz no caminho.

Atender pessoas que precisam de cuidados... cuidados com a saúde do corpo e da mente. Acompanhar vidas pelos caminhos... é um trabalho diário de ajudar a abrir janelas!

Quando pensamos em caminhos, claro pensamos em viajar, conhecer novos lugares... novas paisagens! Cada janela que abro nessas telas me faz imaginar novos pontos turísticos... outras culturas... tanta coisa pra ver e por enquanto só pelas janelas! Enquanto viajamos através dos sonhos... pessoas estão pensando novos tempos... buscando a melhor forma de trilhar esses novos caminhos, procurar paisagens diferentes... enfim abrir janelas para que os roteiros de um novo tempo sejam informados e programados.

Conhecer os caminhos, os lugares, sua gente, suas histórias, seus costumes... é vivenciar novas culturas ou valorizar a vida nessa grande variedade cultural que os povos nos proporcionam. São estradas que escondem saberes! conhecimentos que geram arte e riqueza cultural do nosso povo. Arte que tem sido companheira diária no interior de nossas janelas, que nos trazem alegrias e emoções em tempos de viagens solitárias e que nos transportam pela mente e imaginação.

Um contador de histórias... alguém que viaja pelo mundo e pelas memórias. Ouvindo histórias e muitas vezes vivendo histórias!

Conto histórias reais ou imaginárias. abro as janelas para observar histórias de pessoas:

De crianças que anda pela enxurrada em dias de chuva. De pessoas que caminham debaixo do sol escaldante para com o suor do rosto levar o alimento às suas mesas.

Conto histórias de reis e dos que não são reis... gente que vive em palácios e desfilam roupas de

realiza com mentes nuas... viajo pelas aldeias onde gente nua desfilam mentes sábias!

E assim sigo buscando novas histórias para que outras pessoas abram suas janelas para ouvi-las... criem coragem de viver e contar novas histórias... sempre com as janelas abertas para ver e ouvir e com os pés prontos para percorrer novas caminhadas ao lado de outros seres humanos, compartilhando conhecimentos... transformando vidas e participando de novas histórias.

O IFTO permitiu abrir janelas, a mim e a todos que também se permitiram abrir janelas para trilhar novos caminhos nesse momento de portas e janelas cerradas, mas que possibilitam olhares para outros horizontes em frestas diferentes que fazem sonhar e contar histórias.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2020 foi o ano da pandemia de COVID-19. Estratégias começam a ser pensadas para o momento em que tudo acontece dentro de nossas casas, pelas janelinhas do computador. Compartilhar sombras de árvores era impensável naquele momento. Um novo desafio me é lançado, proporcionar um curso *on line* para alcançar através da arte as pessoas em quarentena. A arte era um grande recurso que vinha sendo utilizado para o momento emocional difícil que todos estavam vivenciando.

“Contação de Histórias” foi o curso que veio à mente. Algo que sempre gostei e que poderia ser interessante para as pessoas em suas casas, ouvir e contar histórias. Um campo profissional presente na arte, na educação e na cultura de forma geral. A princípio houve um estranhamento por parte de gestores e coordenadores que não viam um curso de contador de histórias como uma possibilidade profissionalizante. A proposta foi enviada ao IFTO, como um projeto de extensão e foi aprovada. O IFTO ofertaria cursos dentro do Programa Novos Caminhos do governo federal, voltados para as pessoas que estavam em isolamento. Para surpresa geral o curso foi o de maior procura dentre todos oferecidos, havia cursos na área de TI, de agricultura e outras áreas. O Curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) foi montado com carga horária de 160 horas e dividido em 6 componentes curriculares.

Articulado com ações de Ensino, pesquisa e extensão do IFTO, o curso de Contador de Histórias - Selecciona, planeja, prepara e conta histórias para diferentes perfis de público, utilizando-se de recursos corporais, vocais e cênicos. Pode atuar em espaços escolares e comunitários; em hospitais, espaços culturais e de lazer; bibliotecas ou em eventos específicos.

2.1 - Justificativa: Em atendimento à missão de ofertar cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), o IFTO pactuou cursos em resposta ao OFÍCIO-CIRCULAR Nº 85/2020/GAB/SETEC/SETEC MEC, orientado pela NOTA TÉCNICA Nº

140/2020/CGFS/DAF/SETEC/SETEC, os quais propõem a 3ª etapa de pactuação com a Rede Federal para a oferta de cursos de qualificação profissional, na modalidade de educação a distância, durante o período de pandemia pelo novo Coronavírus. O objetivo das ações foi permitir a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica - EPT de curta duração, para a população brasileira, enquanto durar o estado de calamidade pública decretado pelo Governo Federal, em resposta à pandemia mundial causada pelo novo Coronavírus, Covid-19. Assim, enquanto os cidadãos se mantiverem em isolamento domiciliar, será dada a oportunidade para que sejam qualificados de acordo com as demandas dos setores produtivos locais e regionais. Isso posto, o IFTO Campus Avançado Formoso do Araguaia, pactuou a oferta do curso Contador de Histórias, na modalidade EAD, em que todas as atividades serão realizadas em Ambiente Virtual de Aprendizagem Google Sala de Aula (Classroom). Este curso possibilita uma nova forma de atendimento, na qual o educando possa compreender o mundo, além de compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria da qualidade de vida. Deve contemplar a elevação da profissionalização para um contingente de cidadãos cerceados do direito de acesso a uma formação profissional de qualidade, levando em conta que cada educando tem uma experiência de vida acumulada de acordo com a sua realidade vivida.

2.2 - Objetivo geral: Proporcionar capacitação às pessoas interessadas pela leitura e interpretação de textos de forma criativa na expansão e divulgação de histórias, escritas ou narradas, contribuindo e incentivando a arte de contar histórias na formação do pensamento, da sensibilidade e desenvolvimento da criatividade, expressão e conhecimento de si e do outro ser humano na busca da transformação do contexto de nossa sociedade.

2.3 - Objetivos específicos:

- Capacitar indivíduos para transmitir e valorizar a cultura e arte;
 - Habilitar pessoas para ocupar espaços de trabalho com criatividade e sensibilidade;
 - Oportunizar o conhecimento de textos poéticos que traduzem ideias e sentimentos em diversos cenários e contextos;
 - Oferecer a prática da contação de histórias para diferentes públicos e faixas etárias.
 - Pesquisar a arte de contar histórias através do tempo;
 - Criar histórias através da leitura e do conhecimento das regionalidades do país;
 - Incentivar a prática da contação de histórias nas escolas e locais de educação não formal;
- Proporcionar ao cursista a criação de espetáculos e apresentações públicas de contação de histórias.

2.4 - Componentes curriculares: A proposta dos componentes curriculares foi elaborada visando o conhecimento cultural, a pesquisa e a prática dos contadores de histórias, através da criatividade e possibilidades de expressão de cada participante.

Tabela 1 – Componentes curriculares do curso “Contador de História”

COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
A Arte do Contador de Histórias: Ideias e possibilidades	16h
Contação de Histórias através do tempo	32h
Interpretação de poesia e suas cenas	32h
Pesquisa e Criação de textos	32h
Técnica e prática de Contação de histórias	32h
Vivência de Contação de Histórias	16h

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Tabela 2 – Ementa dos componentes curriculares

A Arte do Contador de Histórias: Ideias e possibilidades – 16h
Apresentar os objetivos do curso, a metodologia das aulas e atividades. Identificar os possíveis campos de trabalho do contador de histórias. Apresentar as diferentes formas de textos e interpretações. Proporcionar o contato e treinamento nas plataformas e ferramentas digitais a serem utilizadas durante o curso. Como Gravar e publicar áudio visuais na Internet.
Contação de Histórias através do tempo – 32h
As histórias contadas através das várias culturas mundiais. As lendas e personagens que atravessam o tempo. “As Mil e uma Noites”, a Mitologia, as Parábolas, os tapetes de histórias e a tradição da oralidade das histórias.
Interpretação da poesia e suas cenas – 32h
Leitura e interpretação de poemas na perspectiva de cenários, personagens e contextos. Criação da imagem através da voz e do gesto corporal. Objetos e elementos utilizados para complementação da interpretação do texto. A prática da leitura criativa e poética.
Pesquisa e Criação de textos – 32h
Pesquisar as histórias dentro do contexto cultural. Personagens, poesia e contos presentes na cultura e folclore brasileiros. Identificar a oralidade do interior e urbana da região. Observar os diversos personagens presentes no cotidiano das nossas cidades e interior. Criar poesia e histórias que possam ser interpretadas para os vários públicos.
Técnica e prática de Contação de Histórias – 32h
Escolha de repertório de histórias e poemas. Exercícios de interpretação e contação de histórias. Identificar elementos e adereços que caracterizem o seu “eu” contador de histórias. Criação de uma identidade pessoal na contação de história.
Vivência de Contação de Histórias – 16h
Festival “Pequisarau” de contadores de histórias com apresentação dos participantes do curso, demonstrando suas criações e interpretações.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

2.5 - Metodologia: O currículo no Curso de Formação Inicial e Continuada Contador de Histórias, na modalidade a distância, será embasado neste projeto pedagógico, tendo carga horária total de 160 horas. Considera-se a aprendizagem como um processo de construção de conhecimento, em que, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, os professores formatam estratégias de ensino de maneira a articular o conhecimento do senso comum e o conhecimento acadêmico, permitindo aos alunos desenvolver suas percepções e convicções acerca dos processos sociais e do trabalho, construindo-se como cidadãos e profissionais responsáveis na sua área de atuação.

A metodologia constitui um conjunto de procedimentos empregados para atingir os objetivos propostos, que pressupõem competências didático-pedagógicas que auxiliarão os alunos nas suas construções intelectuais e procedimentais,.

As estratégias de ensino adotadas incluirão atividades em sala de aula virtual Google Sala de Aula (Classroom) com aulas expositivo-dialogadas, estudos dirigidos, desenvolvimento de projetos, dentre outros. De maneira específica, a cada semana será liberado um novo tópico/conteúdo para estudo que conterà material teórico, vídeos explicativos e atividade de interação e aprendizagem.

2.6 - Resultados esperados: Serão certificados com a qualificação de Contador de Histórias, os estudantes regularmente matriculados que concluírem com aprovação todos os componentes curriculares no decorrer do curso, conforme matriz curricular. Para tanto, espera-se que o egresso tenha competência /habilidades para:

1. Selecionar histórias para diferentes perfis de público;
2. Planejar e preparar histórias para diferentes perfis de público;
3. Contar histórias utilizando-se de recursos corporais, vocais e cênicos;
4. Atuar com a contação de histórias em espaços escolares e comunitários; em hospitais, espaços culturais e de lazer; bibliotecas ou em eventos específicos

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência de compartilhar um curso com pessoas de todo o país durante um processo de isolamento social foi ímpar. Um momento difícil para as pessoas em que as únicas janelas que se abriam para o convívio vinham das telas. Contar essa história pode parecer distante, de um momento que já ficou para trás, mas foi um período onde as histórias se multiplicaram e estão marcadas na mente e nas emoções de cada um de nós. Relatar os acontecimentos e atividades do curso de “Contador de Histórias” do IFTO em 2020 é trazer as memórias e as sensações vividas naquele instante, mas também perceber que a janela aberta através dele foi significativa para a saúde

emocional e para visualização de novas possibilidades e caminhos que estavam incertos naquele momento. Hoje, perceber que cada história, cada narrativa das pessoas e suas culturas permanecem vivas e fazem parte da vida profissional, acadêmica, artística ou apenas ficaram na memória dos participantes é digna de ser compartilhada com outras pessoas através da leitura do texto desse relato e mesmo de possibilidade de abrir portas e janelas para conhecimento de si e das culturas que os rodeiam.

3.1 - Pequisarau

Começo falando da parte final do curso que foi o evento realizado como mostra da arte e dos trabalhos criados no curso. O “PEQUISARAU” – Festival de Contadores de histórias. Exibido pelo canal do *Youtube* de 3 – 6 de novembro de 2020. A ideia do Pequisarau era a apresentação dos estudantes do curso contando uma história de acordo com os conhecimentos compartilhados durante o processo. Foram apresentados poemas, histórias de maneira criativa e interpretativa para o Festival. O evento repercutiu de forma positiva para os participantes, familiares, convidados e para todo os *Campi* do IFTO, sendo visto por alunos, professores e gestores de todo o Tocantins. Foram apresentadas 48 histórias com uma grande diversidade cultural e de estilos. Ressalto que o evento contou com participantes de todas as regiões do Brasil, que chegaram ao fim do curso e trouxeram suas interpretações para as telas do Pequisarau. A emoção e a magia das histórias e poesias contagiaram a todos os espectadores, tanto que assistiram ao vivo a abertura no dia 3/11/20 (com a presença do Reitor e pró-reitoras do IFTO e equipe organizadora do curso), como da plateia que pode compartilhar suas emoções pelo chat durante a apresentação e posteriormente nos dias seguintes nas apresentações gravadas e postadas.

O “Pequisarau” continua rendendo frutos, no momento estou cursando o Doutorado em “Performances Culturais” na UFG e tenho como tema de minha pesquisa “Pequisarau – Narradores de rios e cerrados do Tocantins”, orientado pela Prof.^a Dr.^a Luciana Hartmann da UnB/UFG, grande contadora de histórias e pesquisadora da área. Tenho trabalhado com a temática dos contadores de histórias, dos narradores da cultura tocantinense existentes em cada espaço desse estado, que é o mais novo da federação, mas que tem uma história e histórias que são narradas desde os tempos longínquos. História que passa pelos povos originários, nações indígenas e quilombolas. Histórias de persoagens e de lendas que permeiam as regiões do cerrado e dos rios que marcam a região.

O “Pequisarau” então é um grande motivador em minha vida de educador e artista e creio que faz parte da história de todos que participaram. O texto a seguir foi escrito e interpretado por mim, pensando nas cidades e regiões dos participantes, na característica das culturas regionais de cada lugar de onde vieram e trouxeram suas histórias. Saudando os participantes fiz um passeio literário pelas cidades de cada aluno e narrador que chegou até o final do curso, em um texto que traz as

características de cada região:

Falamos hoje de uma viagem. Podemos falar que nessa viagem em tapetes ou pelos Rios ou pelas estradas nós percorremos o Brasil todo conhecendo os sotaques, conhecendo histórias, conhecendo poesia, conhecendo vozes desse Brasil. No Rio Grande do Sul tomamos chimarrão e chupamos uva com alunos ali do Rio Grande. Subimos para Santa Catarina e à Beira do mar surfando nas ondas da ilha de Floripa e também conhecendo os rituais das bruxas de Florianópolis. Passamos pelo Paraná onde tem histórias encantadoras desse litoral, histórias tradicionais e também pelas belas cidades do Paraná à Sombra dos Pinheirais.

Subimos pelo Estado de São Paulo onde também tivemos pessoas que fizeram esse curso pelo interior desse estado que representam bastante aquela herança dos Imigrantes. A gente teve descendentes de italianos, japoneses, espanhóis e portugueses falando nesse curso e morando nesse rico interior de São Paulo. Também podemos dizer que nos sentamos no mercadão no centro da cidade de São Paulo apreciando a vista da Avenida Paulista, também tentando para tomar um café com alunos e ao mesmo tempo lembrando Adoniran Barbosa e a sua poesia e o samba do Brás.

Passando pelo litoral capixaba estivemos presente com representantes junto com o Imigrantes, com pessoas que vieram de outros países, que vieram de longe e que marcam a sua presença ali no interior do Espírito Santo.

Na Bahia podemos descansar à sombra dos coqueirais e ouvir histórias com os nossos participantes baianos. Ouvindo as histórias ao som dos berimbau. Descemos por Minas Gerais onde podemos nos sentar à mesa num café no sul de Minas apreciando esse saboroso cafezinho com pão de queijo. Passeando pelas cidades, chegando até Juiz de Fora e ali no encontro no calçadão de Juiz de Fora onde se fala do Momento de ir à praia do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro que já falamos e encontramos poetas, mas também podemos andar por ali ver a poesia dos mares e dos morros. Ver a onda das Areias da praia e subir a serra de Teresópolis ouvindo histórias do estado do Rio.

Fomos passeando por esse Brasil passando pela Paraíba e ouvindo essa musicalidade paraibana com pessoas participantes.

Viajamos ao Pernambuco e ouvimos histórias do interior do Pernambuco. Podemos dizer que estivemos lá no Estremoz no Rio Grande do Norte onde deslizamos pelas Areias e andamos de bugue com muita emoção. Subindo para o Ceará onde também apreciamos o mar na praça de Iracema ou mesmo vendo as velas do Mucuripe saindo para pescar com pessoas que ali moram e ali vivem e tem histórias e nos contaram essas histórias.

Dizemos que estivemos no Piauí conhecendo as histórias muito antigas do interior Piauiense e o calor humano de Teresina.

E aí fomos por outros lugares desse país até a região Centro Oeste passeando pela arquitetura de Brasília, passando também pelo Mato Grosso navegando pelos Rios do Pantanal e ouvindo histórias de bichos e lendas que andam pelos rios da região e olhando a vida pela janela de Cora em Goiás.

No Pará podemos visitar seu interior junto com pessoas que contribuíram com suas histórias desde Altamira. Descemos mais pelo Tocantins pegando a Belém-Brasília, saindo do Pará passamos por Araguaína e Colinas pela estrada que corta Todo o estado. E ali nessa região cheia de paisagens que são paisagens de buritis de Colinas de Araguaína e da pequena e pacata Miracema, não mais do Norte, hoje Miracema do Tocantins à beira do rio Tocantins às suas praias ouvindo histórias. Descemos até o lago de Palmas onde podemos encontrar pessoas na Praça dos Girassóis e partir para atravessar a grande ponte depois de visualizar a praia da Graciosa, andar por Luzimangues, comer um peixe e depois de Luzimangues aportar em Porto Nacional que é o antigo porto e visualizar esse Grande Rio Tocantins.

Não deixando de falar de uma pessoa participante desse grupo e que apesar de não poder nesse momento ver as paisagens, pois as que ele vê são fechadas e cheias de grades, mas é uma história de esperança de um futuro de liberdade e de uma nova história a ser contada é e ele chegou ao fim desse curso. Alguns ficaram pelo caminho, pelos rios de Goiás, pelos rios do Mato Grosso do sul, do Maranhão e Alagoas, de Manaus pelo Grande Rio Amazonas que é cheio de histórias e personagens.

Por vários motivos algumas pessoas não conseguiram chegar até esse momento não nos cabe aqui dizer, mas cada uma tem seu motivo de não chegar no fim dessa trajetória.

A cada um de vocês que contou história, que ouviu histórias e que mostrou a poesia existente nas suas memórias que visitou a sua casa que o Zeca Baleiro diz na canção que é a casa onde ele sempre morou. De cada um de vocês que foi buscar na sua infância na sua casa que sempre morou reviver essas histórias e trazer até nós, compartilhar com a gente. Compartilhar poesias da região, músicas de cada região desse país, sotaques e belas histórias e poesias. A vida de vocês não é só histórias, a vida de vocês é uma grande poesia. Vocês puderam nessas 10 semanas, e como eu disse vale mais do que mil e uma noites. Vocês então até porque mesmo porque construíram e desconstruíram muita coisa vocês estão chegando a esse final por todo mérito, com todo estudo, com toda dificuldade o sei que muitas pessoas tiveram muitas dificuldades e eu tenho particularmente ouvido alguns relatos disso.

O importante é vocês conhecerem nossas culturas e viajarem pelos tapetes e as culturas do mundo todo. Conhecer esses contadores de histórias que estão na história. Conhecer e aprofundar-se nas suas memórias, nas suas histórias. Foi um curso de criação. Vocês criaram suas histórias, reais ou imaginadas. Personagens que vivem ou viveram e personagens que estão apenas na imaginação de todos.

(Gleuter Guimarães, 2020)

O “PEQUISARAU” ainda pode ser visto, continua no ar através do canal do IFTO no youtube. Abaixo coloco à disposição a experiência de um grande momento, que marcou época e abriu janelas para a arte, a cultura e os horizontes de pessoas que durante um período de isolamento puderam conhecer e compartilhar histórias.

Abertura 03/11/2020:

<https://www.youtube.com/live/VsRxkeoNAVU?si=BIHDHYR66rchIJ> ou aponte o celular para o QR Code:



Realizada a abertura oficial do evento na noite do dia 03/11/20, começa a partir do dia 04/11 as apresentações dos participantes do curso “Contador de Histórias”. Cada aluno participante enviou um vídeo narrando uma história de sua preferência. Esses trabalhos foram organizados para uma divisão em três grupos de exibição, de 4 a 6/11. Cada noite era liberado um grupo de histórias. O tempo aproximado de cada bloco de apresentações foi de 1 hora. A exibição ocorreu pelo canal

do *Youtube* da Gerência de Ensino do IFTO - Campus Formoso do Araguaia (permanecem na plataforma até os dias atuais). A seguir pode-se assistir às apresentações do “Pequisarau – I Festival de Contadores de Histórias” acessando os links:

1º dia – 04/11/2020 - <https://youtu.be/yty6p72bWto?si=oYtKVSTHvOvehRBB> ou aponte o celular para o QR Code abaixo:



QR Code – 1º dia

2º dia – 05/11/2020 - https://youtu.be/FlIyw_QfyH8I?si=ASMs9iauwWwKTilw ou aponte o celular para o QR Code abaixo:



QR Code – 2º dia

3º dia – 06/11/2020 - https://youtu.be/RNnQm_chJLs?si=EQY3ZX6ps6vkfUqZ ou aponte o celular para o QR Code abaixo:



a. – A escrita das Sensações

Os desafios e provocações foram uma tônica nas atividades do curso de Contadores de histórias. A busca pela criação e pela pesquisa na memória individual se transformaram em um despertar de sensações e possibilidades de escrita e narrativas. O texto abaixo é um movimento com as palavras através do tempo e personagens que permeiam as grandes histórias. A proposta da escrita das

sensações foi para cada participante viajar pelas palavras, encontrar sue personagens na memória e contruir suas próprias histórias e emoções.

VENTOS DE HISTÓRIAS E PERSONAGENS

Lá onde o vento faz a curva... ouço o ecoar dos morros uivantes com as surpresas que invadem os olhos de quem vê seres humanos alados sobrevoando os navios que se aventuram nos mares. Os animais em desvairada corrida escondem para ouvir o canto misterioso que vem das águas e os trovões que abrem o livro do infinito... das páginas soltas do livro, a liberdade dos seres mitológicos se apresentam para as árvores cantadeiras e os velhos senhores que em suas sombras ousam falar palavras mágicas que dão voz e movimentos às figuras imaginárias e dançantes das páginas amareladas pelo tempo das histórias que se contam e que se espalham pelos ares, exalando o perfume suave dos sonhos e o cheiro desagradável dos monstros descontentes.

Assim se libertam as emoções dos personagens e suas histórias... uma peregrinação Quixotesca em busca do amor de Dulcineias, travando lutas memoráveis com moinhos gigantes que assopram o vento dos sonhos e dos pesadelos, sejam reais ou em miragens no deserto das incertezas. Do alto, sobrevoando com suas asas de águia, um Ícaro deslumbrado observa os seres humanos e suas batalhas, não percebendo a aproximação do astro-rei que o lançará na profundidade do abismo, derretendo sua frágil ligação de cera que faz a diferença entre os homens e os sonhos que vão além da possibilidade das asas.

Penélopes e Sherazades tecem os fios de histórias, contando as longas distâncias que um novelo de lã pode seguir até prolongar os dias de suas próprias existências e prolongando a jornada das histórias até que a liberdade seja trazida pela paixão e pelo amor. Outras seguem o percurso das mulheres de Atenas ou das Arábias em outros mundos em busca de transformar suas linhas em tapetes que não precisem ser desmanchados durante as noites ou contos que não terminem ao amanhecer encerrando a vida e dando continuidade às histórias.

Os ventos que movem os moinhos, chegam uivando e quebram o silêncio de castelos com abandono aparente, mas que guardam no interior sombrias criaturas noturnas que defendem sua moradia com dentes afiados e que se encantam com a lua nos momentos de seu esplendor maior. Ai daqueles que ousam ultrapassar seus fortes portões de ferro ou tentar abrir as altas portas que se fecham ao penetrarem os salões e quartos destas mansões que observam através de espelhos e retratos de família os desavisados intrusos que se escondem da chuva ou das trevas.

Ah! As águas dos grandes rios e mares... sempre tão belas por onde navegam grandes pesquisadores e descobridores de novas terras e riquezas..., mas será que tudo é tão belo assim? Ou lá na curva dos rios se escondem perigos de águas turvas? Os piratas dos mares insistem em interromper as viagens de navegadores bem-intencionados em conhecer novas culturas e histórias de povos que nunca souberam existir... com suas espadas e seus tapa-olhos festejam a mudança da bandeira no mastro para uma nova com caveiras e ossos.

Os rios se tornam turbulentos quando os barcos passam sem as carrancas que protegem a viagem dos maus espíritos das águas... assim, durante a noite os viajantes são atraídos pela beleza da melodia de uma voz penetrante nos ouvidos que os faz andar em direção ao fundo em busca do amor que os consome na noite, perdidos pelos encantos de uma Iara bela e monstruosa. Ao mesmo tempo sai das águas um dançarino elegante em busca de bailes e festas onde se encontram as mais belas donzelas das cidades e povoados ribeirinhos... o belo moço do chapéu elegante e do terno bem cortado, encanta com seu cavalheirismo e convida a jovem a apreciar o luar à beira do rio... e ao amanhecer, o boto desaparece na imensidão do rio e uma nova menina traz em seu ventre a semente das lendas e histórias de águas que guardam mistérios, de beleza e perigos.

O reino dos personagens que escaparam do livro da memória não termina por aqui, ele abriga outros seres: humanos ou lendários; heróis ou vilões; simples ou sofisticados; belos ou enganadores... estão livres a vagar pelos desertos e mares; pelas cidades ou aldeias; pelos ares e profundezas... busca-los em nossa memória e trazê-los para habitar nossas casas, ceiar em nossas mesas... iluminar nossas noites

escuras com o fogo que aquece o frio ou trazer a neblina do mistério para escurecer nossas manhãs e tardes.

Venham! Dancem na chuva! Saltem em nossas fogueiras! Brinquem em nossos quintais! Cantem ao som de nossos instrumentos! Falem através de nossas vozes, soltem as palavras escondidas e contem histórias para serem levadas pelo vento... sopradas pelos moinhos em direção à imensidão de nossas mentes... e encontrem novos personagens lá onde o vento e o rio fazem a curva.

(Gleuter Guimarães, 2020)

Que imagem do mundo te faz viver a imaginação e a memória? Que espaços grandiosos vem em sua mente para explorar e contar histórias? Que objetos te trazem sensações? Exercite seus sentidos na aula de hoje... crie... escreva... imagine e dialoguem com os objetos e personagens que estão adormecidos em suas mentes e histórias.

A proposta das primeiras semanas foi uma coletânea de textos em que cada um trouxesse suas sensações, sentimentos, estranhamentos e expectativas criadas no início do curso e de como essa experiência atravessou suas emoções e práticas. O exercício de escrita das sensações e vivências das primeiras impressões das aulas e atividades foi uma forma de buscar seu próprio entendimento das possibilidades de interpretação de textos poéticos ou tradicionais. Uma escrita que transmitisse as sensações e a criatividade despertadas na mente na memória e na própria identidade. As palavras foram despertadas através da poesia, das memórias e das histórias de cada um: sejam vividas, ouvidas ou imaginadas. O trabalho de criação textual visita a poesia encontrada de cada pessoa que participa da contação de histórias... histórias que se transformam em poesia... reflexão... vida!

Alguns relatos foram muito interessantes de acompanhar, leituras intrigantes que mostram a relação das pessoas com suas próprias histórias e sentimentos. A seguir trago alguns relatos dessa experiência:

Passei os últimos dias refletindo sobre todos os conteúdos abordados até agora, e acho simplesmente incrível como a arte da contação de histórias está presente em diversas áreas como música, peças de teatro, poemas, entre outros. Pude reanalisar coisas que já conhecia, vê-las com um novo olhar, foi uma delícia experiênciá-las novamente. Vivenciei uma nova perspectiva perante os acontecimentos que preencheram meus dias, tudo como possível material de estudo e aprimoramentos nas contações. Durante conversas rotineiras, reparei em linhas de pensamentos e modos de relatar algo que me inspiraram para possíveis trabalhos futuros. Meus dias se tornaram divertidas investigações de material. Busquei, inspirada pelo curso, contos de minha infância e causos que permearam minha criação, e fui assim levada em uma viagem deliciosa pelo meu passado que me auxiliou, inclusive, a compreender minha situação atual. Meus pais embarcaram na jornada comigo, e pudemos aproveitar este momento de troca de memórias e experiências juntos. Adorei ver a contação de histórias através de grandes atrizes e atores que tanto admiro e me espelho! A inspiração definitivamente saltou da tela, apliquei conceitos e ideias que tive no curso em projetos pessoais, como uma peça realizada virtualmente em agosto deste ano, a qual empreguei noções de contação de histórias para aprimorar a narrativa apresentada. Pude perceber como ao dominar tal arte, somos capazes de nos aperfeiçoar em outras áreas da atuação e do teatro. Como os elementos que utilizamos em cena são capazes de alavancar nossa narrativa e trazer aqueles que escutam ainda mais para dentro da história contada. Uma construção corporal bem realizada é capaz de diferenciar narrador de personagem, além do

trabalho vocal enlaçar toda a composição e permitir a expansão criativa tanto de quem conta como dos ouvintes. Esse curso é, definitivamente um enorme prazer e uma oportunidade única. Em um momento tão delicado e repleto de notícias e situações tristes, poder compartilhar histórias e contos inspiradores com outras pessoas é um deleite! **(Camila Puertas – Campinas – SP. 2020).**

O curso de contação tem me deixado bastante reflexivo através da revisitação da nossa própria história como material do processo. Li muitos relatos de pessoas orgulhosas de suas origens e raízes e me questioneei muito em relação a minha história. Será que escolhi um caminho de dor e negação com as minhas próprias raízes? Será que não sinto nada por onde cresci e tenho tentado soterrar o meu passado? Tem sido inédito o exercício de remontar o que de fato me formou como pessoa e como conto essa história. Durante o processo extrai diversas camadas interiores e as revisei uma por uma diante das atividades propostas. Na canção do Kleiton e Kledir estive no sítio que religiosamente passei os finais de semana na infância, onde me tornei um bicho do mato e tive uma expansão muito grande de sabedoria e convivência com a natureza. Na cidade eu tinha uma rotina muito diferente a do mato e hoje reconheço a importância de ter me desenvolvido meio-a-meio à amplitude de saberes naturais da roça, com seus mistérios e causos. No poema de Cora Coralina revisei um episódio divisor de águas na minha vida e que foi fundamental para o sentimento de empatia que passei a ter com as pessoas e a forma como procuro entender a história de cada um para além do que se vê. Fui criado por uma mulher muito forte igual aquelas, que me ensinou muito do que sou embora não seja minha mãe. Aos poucos e com a riqueza das trocas vou ressignificando cada uma dessas camadas subcutâneas que me compõe para que se exteriorizem da melhor forma. Percebi que mesmo os vídeos curtos que são compartilhados possuem potência o suficiente para ficarmos horas esmiuçando sobre aquele conteúdo. As discussões no grupo são imprescindíveis pois ampliamos nossas visões à partir de outras visões, temos colegas que se expressam muito bem e já atuam na área e colho todo o conhecimento ali trocado e estou atento à tudo que escrevem. Hoje já sinto vontade de reescrever muito do que escrevi no começo do curso por conseguir acessar melhor a minha caixa de pandora, me sinto em um processo terapêutico de cura com o contar da minha história. Acredito que a partir desse processo minhas perspectivas com o universo da contação de histórias se expande ao passo que vou me redescobrir. Essa afinação interna é essencial para que eu consiga filtrar meu próprio repertório para que ecoe com a devida sintonia e crie laços verdadeiros com os ouvintes. **(Ciro Prado – São Paulo -SP. 2020)**

A sensação que tenho é de plena alegria e satisfação ao estar dando um contorno epistemológico e, concomitantemente, estético a algo que antes realizava com paixão, mas com pouca reflexão e profundidade histórica e poética, ruptura possível através das diversas reflexões que o curso, ao longo das suas primeiras semanas, já nos tem proporcionado. A partir dos materiais compartilhados surgiram novas perspectivas sobre as minhas compreensões sobre as histórias e suas manifestações nos âmbitos da cultura e do tempo: percebo agora as canções e poemas como genuínas histórias, contadas por meio dos versos, melodias e rimas; hoje abordo de maneira consciente o entendimento de que a contação de histórias constitui-se em uma atividade prazerosa para qualquer pessoa, em qualquer idade e não destinada apenas às crianças; que o termo “historinha” não comporta a grandeza das HISTÓRIAS; vejo o teatro como grande companheiro da arte de contar histórias; a atividade do “eu sou você” ampliou minha sensibilidade para identificar as histórias que aparecem gratuitamente na observação do outro e como possibilidade genuína de fazer-me empática e altruísta à história de vida daqueles com quem convivo. Algo que está sendo muito prazeroso é poder inspirar-se nos materiais compartilhados para, posteriormente, protagonizar a escrita das minhas percepções e das histórias tecidas no pano da minha vida. Criar histórias novas ao reconhecer minha capacidade imaginativa é um retorno a minha mente inventiva e curiosa de quando criança. É reencontrar-me com esta essência faz muito bem a minha alma, pois sempre tive o desejo de escrever, mas me deixei sufocar pela burocracia e o cansaço do trabalho, esquecendo meus sonhos, agora resgatados neste curso que provoca um reencontro com as coisas que provocam em mim o estado lúdico de plenitude, alegria e bem-estar. **(Karla Pereira – Belo Jardim – PE).**

É difícil lidar com as expectativas, elas são cínicas, egoístas e irredutíveis, procuram por satisfação e geralmente estabelecem padrões difíceis de serem alcançados, portanto, para

descrever as sensações sobre o conteúdo abordado até o momento, eu não poderia deixar de citá-las, pois de uma forma positiva as minhas foram frustradas. Elas foram criadas antes mesmo do primeiro contato com o material estudado, elaboradas a partir de pré-conceitos estabelecidos sobre o universo da contação de histórias, conceitos estes concebidos sob um aglomerado de informações dispersas que fixaram no meu imaginário a abordagem infantil como sendo a única forma de contar uma história, logo, sem muito esforço tais conceitos foram substituídos por novas possibilidades e, conseqüentemente, por uma vontade de explorá-las, que diferentemente das expectativas, se doa sem esperar nada em troca, se interessa sem criar objetivos inalcançáveis e se dedica sem temer o amorosismo, assim sendo, as sensações sobre o material estudado têm sido múltiplas, e vão de uma nostalgia por acessar um lugar do passado, até uma motivação criada sobre a possibilidade de escrever o próprio futuro, e dentre essas múltiplas sensações, particularmente, uma tem se destacado, a de livre acesso ao universo interior, que fala sobre a descoberta da possibilidade de se apropriar das próprias histórias e de transformá-las em algo compartilhável, em algo contemplativo. Portanto o meu atual objetivo é permanecer aberto, é continuar explorando esses novos velhos caminhos e cultivar esse livre acesso ao meu universo interior, a fim de trazer as minhas próprias narrativas para a superfície. **(REOS – Antonina – PR, 2020)**

Aprendi que é na cultura que o povo deixa seu legado. É através dessas histórias que a riqueza é repassada. Os personagens já criados, carregam marcas dos seus criadores, os costumes de um povo são belas joias para se contar. A beleza está nas lembranças, nas marcas deixadas, passadas pelas palavras, que guardam, sentidos, emoções e amor. O simples revela segredos que o tempo guardou. É com a sensibilidade, que o sagrado abre seu espaço. Aquele que conta histórias, precisa primeiro encontrar seu segredo. Abrir a magia e enxergar com maestria, as belas surpresas da vida, em sua própria biografia. Com as histórias desejo, contar emoção, tocar o coração, abrir as janelas da alma. Sentir a palavra que embala, embarcar na viagem que revela quem sou, quem desejo ser e o que desejo inspirar. **(Denise Belarmino – Lavras – MG, 2020)**

Interessei-me pelo curso Contação de História pelo fato de trabalhar com educação infantil e está sempre presente no meu dia a dia, contar histórias é muito importante para o desenvolvimento das nossas crianças. Quando começamos percebi que seria muito diferente do que eu esperava, a contação de histórias é muito diferente do que imaginava, são muitas técnicas e aperfeiçoamentos que preciso aprender e desenvolver. Mesmo com pouco tempo de curso consegui vislumbrar um horizonte de aprendizados que terei e assim poder ser muito melhor para minhas crianças e para todos para quem eu contar uma história, seja ela de um simples livro infantil ou um lindo e complexo poema.

Estamos mergulhando nas poesias, confesso que não tinha muito envolvimento e conhecimento sobre esse tipo de texto, e assim me abriu um leque de oportunidades de poder introduzir a poesia no meu trabalho, no meu dia a dia e na minha vida, temos muitas poesias infantis que são muito ricas para nossas crianças, embora o curso não seja específico para literatura infantil, procurei buscar possibilidades e adaptações para esse público com o qual eu trabalho. Quando voltarem as aulas e for possível, irei junto a direção verificar o acervo da escola quanto as poesias infantis, e assim poder levar a poesia mais perto das crianças.

Estou muito empolgada e curiosa com o quem pela frente em nosso curso. Espero conseguir passar por todas etapas e aprender muito. **(Érica Ligramante – São Paulo, 2020)**

Ao realizar as atividades me sinto nostálgica, relembro histórias, resgato memórias, tiro da caixa aquele objeto tão especial. Um misto de sensações me abraça, fico feliz, fico triste, choro e dou risada.

Ao elaborar o pensamento para falar ou escrever algo temos que lidar com aquilo, e como geralmente escolhemos personagens, histórias, objetos do mais alto valor sentimental é praticamente fazer uma sessão de terapia com o nosso eu mais profundo, pois o tempo passou e a saudade, a tristeza, viraram uma bela lembrança, com todo potencial de compor uma bonita história que merece ser contada.

A partir dessa perspectiva vejo no horizonte o sol nascendo, pois o que não fazia parte de mim pode ser construído e explorado de maneira fértil, talvez possa utilizar essa experiência profissionalmente, ou de outra forma, mas sinceramente, com toda a liberdade

que estou sentindo ao estar plantando esta sementinha dentro de mim, não sei o que vai germinar, mas o que nascer, vai ser regado. **(Erika Komai, SP, 2020)**

O curso Contador de histórias do IFTO tem como principal objetivo a nossa construção como contadores de histórias e os encontros, discussões e práticas estão nos levando a um caminho que começa dentro de nós mesmos, que resgata a nossa infância, o contador que já existe em nós e nos faz perceber que todos contamos histórias, que os poemas podem ser também repertório para nossas práticas, que as músicas podem ganhar novos sentidos quando declamadas. Eu estou gostando muito desse diálogo com a literatura e as outras artes que o curso tem proporcionado.

Eu continuo a esperar mais surpresas do curso e quero me dedicar a aprender tudo o que eu puder para aperfeiçoar a minha prática como contadora de histórias e evoluir como ser humano, vivenciando as aulas, executando os conhecimentos, repetindo os exercícios, ouvindo os colegas, aprendendo junto com o professor e a turma. Esse ano de 2020 tem sido tão difícil devido à pandemia, mas cursos como esse, dentre alguns que pude fazer, trazem além de conhecimento e crescimento, esperança de dias melhores com mais arte e entrega daquilo que eu acredito: que as histórias podem atingir corações e ampliar horizontes. Elas são presentes e se personificam no corpo, no olhar, nos gestos, na voz de quem conta e se dispõe ao outro para encantar, mas ser encantado na mesma proporção. **(Jessica Martins, Extremoz – RN).**

Aprender para propagar amor. Uma arte milenar, passada a cada geração através da oralidade, contando e recontando mitos, contos, guerras, fábulas de todas as partes do mundo. Oriental ou ocidental, pelo teatro de sombras, na roda de família ao entardecer, através de fantoches ou pela delicadeza de quem cultiva as palavras como um poeta, cada lugar tem uma forma de repassar sua herança cultural. Das mais famosas às menos conhecidas, conseguimos percorrer uma imensidão de histórias guardadas. De Alice no país das maravilhas, Ali Babá e os quarenta ladrões, viajamos até as quebradeiras de coco do Tocantins e os violeiros das violas de Buriti. E contar histórias não significa esquecer as nossas próprias vivências. É necessário aprender a criar e contar as nossas aventuras do mundo real ou do mundo imaginário. Ser uma contadora de histórias requer cautela, zelo e cuidado. É necessário estar atenta ao ensinamento e as palavras de quem já percorreu esse caminho e muito nos traz para aprendizagem. Os olhos e ouvidos precisam considerar as pausas, respirações, ritmo, expressões faciais, métrica, entonação e vários outros recursos usados para chamar e prender a atenção da criança e do adulto. Ter a responsabilidade nas palavras, pois contar história é dar vida aos personagens e lugares, é reafirmar a existência de uma cultura, é transmitir ensinamentos e viajar a lugares inimagináveis, é propagar amor. **(Thafnes, Palmas – TO)**

Os desafios são lançados, a cada um quebramos barreiras e obstáculos, a timidez aos poucos vai desaparecendo e nosso lado artístico cada vez mais sendo aprimorado, eu como leitora de poemas, poesias, livros clássicos, jamais esquecerei o livro que trabalhamos em sala de aula “Dom quixote”, essa imaginação, e interpretação de um personagem me mobiliza e me incentiva ir muito mais além, passando por cima de minhas limitações, são tantos projetos, realizar hora do conto para crianças carentes, cantar, recitar poesias, ser narradora de áudio livros para auxiliar pessoas com necessidades visuais, são sonhos que já não estão muito distantes.

Portanto acredito que referente aos aprendizados, não existe conclusão, pois estamos sempre aprendendo algo novo, conhecendo autores, personagens que nos inspiram a caminhar em novos caminhos, as memórias resgatadas por meio de criação de histórias, mexem com nosso psicológico, tanto as memórias boas, quanto as ruins, mas ao criar estas histórias, podemos realizar uma espécie de releitura, usando a imaginação, e assim transformando fatos negativos em momentos inesquecíveis. **(Tamires Iwankzuk – Colinas – TO)**

Hoje, revendo esses textos percebo quanta coisa foi produzida em um curto espaço de tempo. Vejo a imaginação se reverberando em palavras, em imagens e a busca por um desenvolvimento na criação e interpretação. Os textos escritos por esses narradores que estiveram compartilhando suas

memórias e histórias comigo e com outras pessoas que nunca haviam visto ou imaginado conversar são de uma profunda emoção sentida e vivenciada naquele momento da história de cada um de nós. São poemas que afloram, cenários que se enchem de personagens e de memórias, observações que se apresentam vivas de pessoas antes não notadas em suas cidades e escritos de autores desconhecidos porque estão restritos a seus lugares e culturas e que agora estão sendo levados para outros rincões do país. As narrativas que volto a ler com o olhar mais delicado e sem pressa me despertam para um livro de sensações a ser escrito e compartilhado. Textos cheios de vida e sentimento que me apontam caminhos... em busca de pequizeiros, jabuticabeiras, pinheiros, mandacarus, ipês e açazeiros... árvores de cada região do Brasil que frutificam histórias, textos e vida.

4. SENSACIONES FINAIS

Os relatos contadores participantes do curso deixaram claro que as expectativas foram além de um curso ou oficina em busca de um certificado ou de preencher o tempo livre. Em primeiro lugar, a ideia de cada um pode buscar em sua própria história de vida e de memórias, momentos, personagens, medos e aventuras que estavam escondidas no tempo porque se acreditava não teriam valor ou interesse. Outra sensação vem da possibilidade de criar, escrever, reinventar histórias e poder expressá-las para um público diversificado e diferente do habitual. A identificação de culturas locais, através de poesias, de autores que são marcantes na vida de uma comunidade ou cidade e que tais escritores ou narradores podem ampliar suas vozes pelo contador de histórias. O conhecimento de culturas diferentes foi outro ponto identificado, em uma nação onde as palavras têm significados diferentes em cada região ou mesmo não são conhecidas em outras, ouvir o outro e perceber a riqueza que emana de lugares distantes do seu, fez com que a sensibilidade a florescesse e quebrasse barreiras existentes pelo desconhecimento das histórias de pessoas e lugares. Por fim, ou pelo início de um conhecimento que trilhe novos caminhos na carreira e na vida de cada um que se despertou para contar uma nova história de sua vida ou criar outras para serem narradas, as emoções e sensações busquem sonhos e devaneios, ampliando horizontes de palavras e sensações. O curso de “Contador de histórias” proporcionou aos participantes a possibilidade de apresentação de suas interpretações individuais através do evento “PEQUISARAU - Contadores de histórias”.

O PEQUISARAU foi um marco em minha vida. Um momento de enriquecimento profissional e cultural. Foi mais do que uma etapa cumprida, passou a ser referência de minha trajetória de vida. Um trabalho desenvolvido com prazer que deixou marcas emocionais muito importantes; em um momento de isolamento social, poder ver sua arte e seu trabalho tomando

dimensões que ultrapassaram divisas e chegar a todas as regiões do país foi algo que não havia passado em minha mente. Participar do momento de vidas que se encontravam distantes e necessitadas de uma nova perspectiva diante de tantas incertezas foi especial. Minha trajetória por lugares, escolas e palcos onde passei servindo de incentivo a outras pessoas a desenvolverem suas potencialidades me faz refletir sobre a importância das histórias que vivemos, da poesia presente nos caminhos por onde andei e das palavras encantadas das histórias que interpretei construindo a minha própria história e conectando histórias de muita gente.

O Pequisarau precisava ser um motivador para buscar novas possibilidades. A pesquisa se apresentou através do “Performances Culturais”, ter um projeto aprovado para dar continuidade às histórias e buscar as narrativas, pesquisando pessoas, textos poéticos, manifestações culturais desse lugar onde fui acolhido me faz acreditar que muita história tenho para pesquisar e conhecer. A cada dia as pessoas me apresentam novas narrativas e indicam outros seres humanos que contam e fazem a história do Tocantins. Histórias que são grandes como o cerrado que se descortina na região e que seguem o curso dos grandes e pequenos rios que banham esse povo tocantinense. O PEQUISARAU é o lugar de refrigério e encantamento, onde debaixo das sombras do pequizeiro se aconchegam pessoas para criar, sentir, lançar a música pelos ares e contar as histórias nesse imenso salão chamado Tocantins que abriga o sarau da vida, o Pequisarau.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Gleuter A. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h12min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VsRxkeoNAVU&t=3605s> acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h00min22s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yty6p72bWto&t=833s> acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (1h13min08s). Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=FIyw_QfyH8I&t=3386s acessado em 21/08/2024.

_____. **PEQUISARAU**. Instituto Federal do Tocantins: 2020. 1 vídeo (59min20s). Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=RNnQm_ehJLs. acessado em 21/08/2024.



Capítulo 9

REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÕES ENTRE EMPREENDEDORISMO E SECRETARIADO EXECUTIVO

DOI: 10.29327/5446957.1-9

Maria Christianni Coutinho Marçal
Beatriz Lins Magalhães
Gabriela Eduarda Nascimento da Silva
Larissa Felizardo da Silva

REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÕES ENTRE EMPREENDEDORISMO E SECRETARIADO EXECUTIVO

Maria Christianni Coutinho Marçal¹

Beatriz Lins Magalhães²

Gabriela Eduarda Nascimento da Silva³

Larissa Felizardo da Silva⁴

RESUMO

O estudo e uso do empreendedorismo foi expandido a partir das mudanças nos contextos social e mercadológico, principalmente por conta da globalização e das novas tecnologias. Como o empreendedorismo, o secretariado executivo também evoluiu a partir de tais mudanças, tanto em suas competências quanto na forma de se inserir nas organizações, tornando-se mais estratégico do que operacional. Assim, o estudo estabeleceu como objetivos (1) refletir como o termo empreendedorismo vem sendo apropriado pela literatura acadêmica da área de secretariado executivo; (2) identificar as lacunas existentes nessas apropriações do termo e (3) propor estudos que neutralizem as lacunas existentes. Para isso, foram analisadas 29 publicações e, como resultado, o estudo observou a necessidade de explorar teoricamente conceitos como plano e modelos de negócios, bem como a gestão do processo empreendedor e da educação empreendedora na área secretarial, pois, conclui-se que o empreendedorismo apropriado por tais perspectivas pode potencializar a atuação dos profissionais de secretariado executivo, ampliando suas competências e inovações estratégicas.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Secretariado Executivo. Interações.

ABSTRACT

The study and use of entrepreneurship has expanded following changes in the social and market contexts, mainly due to globalization and new technologies. Like entrepreneurship, the executive secretariat has also evolved from such changes, both in its competencies and in the way it is inserted into organizations, becoming more strategic than operational. Thus, the study's objectives were (1) to reflect on how the term entrepreneurship has been appropriated by academic literature in the area of executive secretariat; (2) identify the gaps that exist in these appropriations of the term; and (3) propose studies that neutralize the existing gaps. For this purpose, 29 publications

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Curso de Secretariado Executivo. E-mail: christianni.marcal@ufpe.br

² Universidade Federal de Pernambuco. Graduada do Curso de Secretariado Executivo. E-mail: beatriz.magalhaes@ufpe.br

³ Universidade Federal de Pernambuco. Graduada do Curso de Secretariado Executivo. E-mail: gabriela.eduarda@ufpe.br

⁴ Universidade Federal de Pernambuco. Graduada do Curso de Secretariado Executivo. E-mail: larissa.felizardo@ufpe.br

were analyzed and, as a result, the study observed the need to theoretically explore concepts such as business plans and models, as well as the management of the entrepreneurial process and entrepreneurial education in the secretarial area. It was concluded that appropriate entrepreneurship from such perspectives can enhance the performance of executive secretariat professionals, expanding their skills and pursuing strategic innovations.

Keywords: Entrepreneurship. Executive secretary. Interactions.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o campo do secretariado executivo (SE) passou por uma evolução significativa, migrando de um papel estritamente administrativo para uma função estratégica dentro das organizações. Paralelamente, o empreendedorismo emergiu como uma força motriz da economia global, promovendo a criação de novas empresas, inovação nos negócios e desenvolvimento econômico. Assim, observou-se uma crescente aproximação entre as duas grandes áreas, não só em termos de destaque no âmbito organizacional, como também em práticas intrínsecas que convergem e se complementam.

Contudo, apesar das mudanças e da necessidade de inovação na área secretarial, a interseção teórica entre o secretariado executivo e o empreendedorismo ainda é explorada de forma simplista na literatura acadêmica, não demonstrando a complexidade do fenômeno empreendedor. Assim, este ensaio tem como objetivos: (1) refletir como o termo empreendedorismo vem sendo apropriado pela literatura acadêmica da área de secretariado executivo; (2) identificar as lacunas existentes nos estudos analisados e (3) propor estudos que viabilizem apropriações que não foram suficientemente tratadas nos estudos analisados.

Tais reflexões surgiram, imperativamente, a partir da crescente importância do empreendedorismo na economia global e da transformação do papel do SE, visando explicar como o empreendedorismo e a sua complexidade podem contribuir para a área secretarial. Desse modo, este ensaio se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão teórica sobre as apropriações do empreendedorismo em secretariado, oferecendo novas perspectivas para a prática profissional e contribuindo com novos estudos para o avanço acadêmico.

Nesse sentido, visando alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo publicações acadêmicas contendo os termos empreendedorismo e secretariado executivo, seja no título ou nas palavras-chave. Foram classificadas para esta análise 29 produções, entre elas, (13) TCC's, (9) artigos publicados em periódicos da área secretarial e (7) publicações em eventos da área secretarial. As análises de conteúdo foram realizadas levando em

consideração as apropriações que o termo empreendedorismo vem obtendo na área secretarial a partir das associações dos significados obtidos nos próprios textos onde cada texto analisado foi classificado, ao menos, com duas possibilidades de apropriação do termo empreendedorismo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O empreendedorismo passou a ser abordado pelos economistas como um tópico para discussão e análise no século XIX, uma vez que a partir do fortalecimento e avanço do empreendedorismo na França do século XVIII, o empreendedor conseguiu desempenhar um papel visível na assunção de riscos e transformação de recursos. Enquanto isso, a revolução industrial desenvolvia-se na Inglaterra (Kuratko, 2016). Nessa nova fase de avanços fabris, o empreendedorismo se viu em um mundo movido pelo capitalismo, tornando-se um forte elo de consolidação desse sistema econômico. Assim, no século XX, o empreendedorismo assume uma posição equivalente aos conceitos de livre-iniciativa e capitalismo.

Todavia, a ascensão da perspectiva liberal e do capitalismo monopolista resultou em mudanças pertinentes na forma de enxergar o empreendedor e o seu papel na sociedade. Por conseguinte, o apogeu da atividade empreendedora não estava mais em sua capacidade criativa, mas em sua condição de adotar técnicas que pudessem manter uma continuidade dos empreendimentos (Costa, Barros e Carvalho, 2011).

Ao longo dos séculos, novas transformações foram observadas quando se iniciou o período de Globalização, no qual as fronteiras geográficas tornaram-se ínfimas devido às inovações nas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Assim, os avanços tecnológicos adquiridos nesse período permitiram, de forma mais efetiva, o acesso a informações e a obtenção de competências especializadas.

Sob essa perspectiva, Bartolomeu (2015) afirma que a globalização e o empreendedorismo são alguns dos fatores conjunturais determinantes para o desenvolvimento do crescimento econômico de qualquer país. Em outros termos, são fatores que provocam grande influência na geração de empregos (renda) e proporcionam novas características para as relações de trabalho, tais como flexibilização e informalidade.

Na contemporaneidade, os conceitos e as definições de empreendedorismo continuaram a evoluir. O atual período socioeconômico global, caracterizado pela emergente manifestação do neoliberalismo, carrega consigo a percepção de que o empreendedor deve ser um ator comum, presente nas mais diversas esferas da sociedade. De forma objetiva, Costa, Barros e Carvalho

(2011) afirmam: “a doutrina neoliberal exige que todos se apresentem socialmente como empreendedores”. Com efeito, uma grande parcela da população enxerga no empreendedorismo uma saída para sanar as mazelas do desemprego e do declínio da carreira profissional, bem como para lidar com a necessidade de complementar a renda.

Com efeito, evidencia-se a complexidade do fenômeno, sendo imprescindível enfatizar uma abordagem integrada, que considere aspectos individuais (do ator que empreende), mas também os contextuais, e como esses elementos interagem dinamicamente para moldar o fenômeno empreendedor. De forma sucinta, Filion (1999) afirma que:

(...) o empreendedorismo é o resultado tangível ou intangível de uma pessoa com habilidades criativas; sendo uma complexa função de experiências de vida, oportunidades e capacidades individuais que durante seu exercício está inerente à variável risco (...) possuindo um alto nível de consciência do contexto de referência para detectar oportunidades de negócios, buscando uma aprendizagem continuada (...) revelando um processo de tomada de decisões com risco moderado visando à inovação.

No estudo de Noronha (2016), outras definições de empreendedorismo são apresentadas, conforme pode ser observado no quadro 1:

Quadro 1: Definições de Empreendedorismo

Stevenson e Jarillo (1990)	Empreendedorismo é um processo pelo qual indivíduos – em sua própria empresa ou dentro de organizações – perseguem oportunidades sem considerar os recursos que controlam.
Covin e Slevin (1991)	Empreendedorismo é uma dimensão de postura estratégica de uma organização representada por assumir riscos, tendência a agir proativamente e com agressividade competitiva e confiar em inovação de produtos.
Morris, Lewis e Sexton (1994)	Empreendedorismo é uma atividade em processo que envolve uma série de <i>inputs</i> (oportunidade, indivíduos proativos, recursos, etc.) e que pode produzir diferentes <i>outputs</i> (novo negócio/produto, valor, benefício pessoal, crescimento, lucro, etc.).
Lumpkin e Dess (1996)	Empreendedorismo tem relação com novos negócios, no que consiste o empreendedor.
Filion (1999)	Empreendedorismo envolve o estudo dos empreendedores, examina suas atividades, características, efeitos sociais e econômicos e os métodos de suporte usados para facilitar a expressão da atividade empreendedora.
Shane e Venkataraman (2000)	Empreendedorismo é o processo de descoberta, evolução e exploração de oportunidades.

Fonte: Adaptado de Noronha (2016)

Estudos como os de Mioranza (2012) e de Malmström, Johansson e Wincent (2015), apresentam o empreendedorismo a partir dos modelos mentais que são processos que envolvem a cognição e a interpretação, onde as ações empreendedoras são realizadas primeiro na imaginação do indivíduo, consoante ao entendimento interno que se tem sobre a situação e o estado dela, em prol de analisar como ocorreria externamente, na realidade. Conforme afirmação de Mioranza (2012), tais modelos mentais podem variar, sendo generalizações simples ou teorias complexas.

Diante do exposto, observa-se que o empreendedorismo possui uma natureza que abarca várias perspectivas, o que problematiza as estreitas tentativas de fomentar sua compreensão. Em virtude disso, o quadro 2 retrata sete perspectivas que visam apresentar um panorama acerca da

natureza do empreendedorismo.

Quadro 2: Sete perspectivas para a natureza do empreendedorismo

Criação de riqueza	Envolve assumir riscos calculados com as facilidades de produzir algo em troca de lucros.
Criação de empresa	Ligado à criação de novos negócios que não existiam anteriormente.
Criação de inovação	Relacionado à combinação única de recursos que fazem os métodos e produtos atuais obsoletos.
Criação de mudança	Envolve a criação da mudança por ajuste, adaptação e modificação da forma de agir das pessoas, abordagens, habilidades, que levam à identificação de novas oportunidades.
Criação de emprego	Ligado à criação de empregos considerando o crescimento do negócio.
Criação de valor	Cria valor para clientes e consumidores por meio de oportunidades não exploradas.
Criação de crescimento	Fator positivo relacionado com o crescimento de vendas e resultados positivos.

Fonte: Dornelas (2020, p. 7)

Em complemento a tais perspectivas, há, ainda, a visão de que o empreendedorismo é um processo que envolve várias fases para ser executado. Conforme Baron e Shane (2007), isso gera um notório crescimento em relação às formas de enxergar o empreendedorismo. Portanto, faz-se mister salientar que o processo empreendedor começa quando uma ou mais pessoas identificam uma oportunidade com potencial de gerar valor e ser aceita na sociedade em que está inserida. Essas oportunidades surgem a partir do encontro de fatores como mudança social, econômica, desenvolvimento no mercado e a disponibilidade de tecnologia.

Em suma, à medida que o ambiente social, político, tecnológico e laboral evolui, surge uma crescente demanda por profissionais que combinam as habilidades e técnicas específicas de suas áreas com características empreendedoras, tais como proatividade, capacidade de resolução de problemas e adaptabilidade. A contemplação dessa realidade ocorreu durante a recente pandemia da COVID-19, na qual muitos profissionais de secretariado executivo perceberam no empreendedorismo uma saída viável para manter suas carreiras, impulsionando ainda mais esse fenômeno.

Conforme a afirmativa supracitada, é indispensável refletir sobre a formação profissional dos secretários executivos e a relação com o empreendedorismo. De forma objetiva, o desenvolvimento da competência empreendedora foi ponto inserido nos cursos de graduação desde a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso, em 2005. No entanto, embora a competência empreendedora tenha sido inserida, desde então, na formação desse profissional, estudos apresentados no trabalho de Marçal e Barbosa (2020) apontam que, de modo teórico, o empreendedorismo vem sendo pouco explorado na área de secretariado executivo, bem como os estudos analisados por Neres (2020) que apontam na mesma direção. Apesar disso, devido a maiores avanços advindos dos meios digitais e das implicações geradas pelas transformações do período pandêmico, hoje, percebe-se que há um destaque para os atributos intelectuais e

comportamentais que realçam a competência empreendedora dos profissionais de secretariado executivo.

Diante disso, a possibilidade de remodelação profissiográfica que, gradualmente, essa área está firmando, não se caracteriza como fato excepcional. Isto é, conforme observado por Stella, Hokai e Souza (2016, p.9) e diversos outros autores, ao longo de sua história, a profissão de secretariado passou por diversas transformações impulsionadas pelo contexto social e tecnológico. Tais mudanças refletiram não apenas a evolução da sociedade e do ambiente de trabalho, como também acarretaram um impacto direto nas competências necessárias para essa área de atuação.

A respeito das competências humanas e gerenciais, o trabalho de Lima, Peres, Filho e Moura (2021), concluiu, nas análises do questionário com cinco secretárias, que as competências presentes nas práticas empreendedoras são: o relacionamento interpessoal, a organização e o planejamento, além do conhecimento no âmbito motivacional. Portanto, esse alinhamento permite que o SE atue de forma eficaz em ambientes dinâmicos e competitivos.

Nesse contexto, a área de secretariado executivo vê no empreendedorismo uma possibilidade de resposta à demanda do contexto contemporâneo, visando a adequação do seu perfil profissional, possibilidade de criação de riqueza, uso de tecnologia e inovação, entre tantas outras apropriações/ associações que o termo empreendedorismo carrega em si que serão exploradas durante o desenvolvimento dessa reflexão.

Em primeira análise, evidenciou-se que a área de secretariado executivo é frequentemente associada ao empreendedorismo no âmbito do intraempreendedorismo. Tomemos o estudo de Neres (2020) como base, onde a mesma investigou a produção científica do ENESEC, entre os períodos de 2010-2019. Como resultado, observou-se que, dos 47 artigos, aproximadamente 66,6% tratou o profissional de secretariado como intraempreendedor. Em virtude disso, chegamos à primeira associação do termo empreendedorismo nos estudos da área secretarial, tendo como foco o uso dos termos intraempreendedorismo e empreendedorismo corporativo, bem como a análise das características e competências empreendedoras, termos que estão intrinsecamente relacionados. Exploreemos as definições dos termos nas próximas linhas.

O termo intraempreendedorismo pode ser compreendido como sendo a busca de uma nova solução utilizando a criatividade dentro de organizações já estabelecidas, seja na criação ou melhoria de um novo projeto, serviço, técnica ou produto, como observado por Dornelas (2008). Segundo os autores pioneiros, o termo foi designado para àqueles profissionais que, dentro das corporações, atuam como agentes de mudanças, melhorando os processos já existentes e criando novas oportunidades de negócios (Braz; Bandim, 2023, p. 13).

Já o termo empreendedorismo corporativo - aquele utilizado como estratégia empresarial -

para Dornelas (2020), é definido como a identificação, desenvolvimento, captura e implementação de novas oportunidades de negócio que requerem mudanças e conduzem a empresa para a criação de novas competências empresariais, o que resulta em novas possibilidades de posicionamento no mercado.

Tais definições implicam reconhecer as características que fazem parte do perfil dos indivíduos que os colocam em prática. Assim, baseando-se nas palavras de Dornelas (2020), os empreendedores corporativos são pessoas que possuem uma motivação singular, gostam do que fazem, querem ser reconhecidas, admiradas, referenciadas, imitadas e que, por fim, buscam deixar um legado. Já o perfil intraempreendedor emerge dentro das organizações que incentivam a prática empreendedora. Nesse sentido, Braz e Bandim (2023, p.32) encontraram os seguintes elementos que incentivam tal prática: compreender a cultura organizacional, utilizar-se de uma comunicação eficiente, apresentar iniciativa e ir em busca de novas oportunidades.

Para que esses profissionais tenham sucesso, além de um ambiente propício, é necessário possuírem um conjunto de habilidades e características, na qual se aproximam do secretário executivo, uma vez que o novo perfil desses profissionais permite que assumam posições estratégicas. Dessa forma, os estudos apresentados no quadro 3 apresentam articulações teóricas das duas áreas de conhecimento com a perspectiva de enunciar as características do perfil empreendedor do secretário.

Quadro 3: Secretário Executivo com perfil Empreendedor (Intra)

Autor (obra)	Características do Perfil Empreendedor (Intra)
Neiva & D'Elia (2009)	Motivação para realizar; capacidade de análise; definição de metas; confiança em si; otimismo, sem fugir da realidade; flexibilidade, sempre no que for preciso; automotivação; aceitação dos erros e análise deles para aprendizagem; capacidade de recomeçar se necessário; capacidade de postergar a satisfação de suas necessidades; criatividade na solução de problemas; prazer em realizar o trabalho; qualidade pessoal e profissional; autoestima, mesmo nos fracassos; realização e manutenção de networking; administração qualitativa do tempo; capacidade de realização.
Lima e Oliveira (2016)	Ter iniciativa, flexibilidade, paixão pelo que faz; utilizar os recursos disponíveis de forma criativa; transformar o ambiente social e econômico onde vive; assumir riscos e a possibilidade de fracassar; ser o diferencial na organização; alavancar e cumprir metas estabelecidas; agregar valor.
Duarte (2022)	Saber planejar, organizar, administrar e desenvolver soluções; ser criativo, possuir capacidade de liderança e trabalho em equipe.
Moreira e Olivo (2012)	Interagir com clientes, fornecedores e parceiros; trabalhar em equipes; assumir riscos moderados e investir; não ter medo de ser demitido; ser motivado por metas; criar alternativas para o trabalho em equipe, desenvolvendo pessoas; fazer dos seus erros uma forma de aprendizado e seguir em frente; fazer as coisas certas nos momentos certos; maximizar a utilização dos recursos; Obter resultados; Trabalhar para alcançar objetivos, produzindo resultados e autorrealização.
Noronha (2016)	Ter automotivação; agregar valor à empresa; considerar os erros uma forma de aprendizado; ter ousadia e criatividade; assumir riscos frente às inovações propostas e lidar com ele; ter intuição e ser visionário; Ser autônomo; Adotar um papel inovador, dinâmico e holístico; defender suas propostas e ideias inovadoras; Tomar decisões; Desenvolver uma visão crítica e administrativa apurada.

Bioen, Cielo, Sanches-Canevesi e Lima (2022)	Apresentar noções administrativas e conhecimentos de informática; ter domínio da comunicação e da Língua Portuguesa; ter a organização do tempo; ser atualizado sobre o mercado de trabalho; contribuir com ideias e sugestões; executar o trabalho de forma prática, organizada, ágil e eficaz; usara criatividade para atuar; investirem tecnologia.
Alves (2018)	Ser audacioso, comprometido, confiante, criativo, diligente, dinâmico, eficiente, eficaz, entusiasmado, estratégico, flexível, resiliente, inovador, líder, motivado, otimista, ousado, organizado, persistente, persuasivo, prudente, questionador, responsável, talentoso, visionário, enfim, polivalente.
Braz e Bandim (2023)	Ser autoconfiante; adquirir conhecimentos acerca do que se deseja realizar; possuir uma rede de contatos organizacional; ser inovador, criativo, persistente, comprometido com suas atividades; ser proativo e assertivo em suas decisões; buscar o apoio da gestão.
Marçal e Barbosa (2020)	Ter flexibilidade, criatividade, dinamismo, liderança, proatividade, ética, eficiência, discrição, comprometimento e tomada de decisão.
Silva e Fuzaro (2015)	Possuir características visionárias, ter criatividade, somadas às habilidades gestoras que proporcionam suporte para a tomada de decisões assertivas, além de assumir todos os riscos financeiros, saber mensurá-los e calculá-los.
Oliveira, Maciel e Dias (2017)	Ser um agente transformador, prestar suporte científico às camadas hierárquicas administrativas, ser assessor, ter a capacidade de tomar decisões administrativas, ter conhecimentos técnicos específicos e conhecimento de funções gerenciais e ser apto a atuar junto aos dirigentes.
Silva, Luz e Gardim (2017)	Ser proativo, atento às mudanças, inovador, sempre em busca de novos conhecimentos.

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar das características explicitamente convergentes entre as áreas, Marçal e Barbosa (2020) identificaram que, em termos de práxis profissional, as competências empreendedoras traduzidas pelas citadas características parecem estar sendo pouco estimuladas nas organizações que concedem estágios na área. Essa afirmativa se relaciona com o que Filgueiras, Santos e Marçal (2019) encontraram como resultado do estudo de um grupo de secretárias que trabalham em repartições públicas.

Tal realidade pode ser evidenciada também no estudo de Braz e Bandim (2023), no qual foi encontrado que o perfil intraempreendedor vem sendo pouco explorado nas instituições ou, por vezes, nem são explorados, tendo em vista que muitas delas não oferecem espaço para que os profissionais - sejam funcionários ou estagiários - possam intraempreender. A respeito dos desafios enfrentados pelo intraempreendedor, Hashimoto (2006) afirma que este profissional:

[...] enfrentará linhas hierárquicas rígidas, terá que lidar com falta de apoio e incentivo, sofrerá rejeições constantes às suas ideias e propostas, precisará superar entraves burocráticos e agir muito na clandestinidade. Estes empreendedores são raros, porém valiosos para qualquer tipo de organização. (Hashimoto, 2006, p. 79)

Apesar dos obstáculos destacados por Hashimoto (2006), o papel do intraempreendedor é crucial para o desenvolvimento profissional e da inovação dentro das empresas e pode ser incentivado, segundo Braz e Bandim (2023), construindo-se uma cultura organizacional aberta ao novo, a disponibilidade de recursos e o incentivo a novas ideias. Enquanto o empreendedorismo corporativo, segundo Kuratko (2016), pode ser incentivado por meio de um clima organizacional que se comprometa com a estratégia.

Diante do exposto, emerge aqui uma questão: o indivíduo empreendedor já nasce com as características ou competências empreendedoras? O que caracteriza esse indivíduo intraempreendedor? Kuratko (2016), Marçal e Barbosa (2020) e outros estudos mostram que o indivíduo empreendedor estereotipado com a versão de que “nasce feito”, ou “visionário desde o nascimento” pode desencorajar aqueles que não se veem naturalmente dotados para o empreendedorismo. Sendo assim, as competências/características empreendedoras podem ser desenvolvidas nos indivíduos para criar o indivíduo empreendedor/intraempreendedor.

Portanto, uma abordagem mais realista e inclusiva do empreendedorismo reconhece que as características empreendedoras podem ser adquiridas e aprimoradas ao longo do tempo, através da educação empreendedora, exposição a modelos de negócios inovadores e um ambiente que estimule a criatividade e a resolução de problemas. Essa perspectiva não apenas capacita um número maior de indivíduos a buscar empreender, mas também contribui para uma compreensão mais holística e acessível do papel do empreendedorismo na sociedade.

Sob esse contexto surge o estudo de Moura, Cielo e Schmidt (2012) que investigou como os cursos de secretariado executivo avaliados pelo ENADE 2009 abordam as disciplinas de empreendedorismo em seus cursos a partir do que Dornelas (2001) trazia como sendo elementos fundamentais no ensino do empreendedorismo. Vide quadro 4:

Quadro 4: Elementos fundamentais no ensino do empreendedorismo

a) a identificação e entendimento das habilidades do empreendedor	Todas
b) como ocorre a inovação e o processo empreendedor	Apenas 1
c) a relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico empreendedor	Apenas 1
d) como preparar e utilizar um plano de negócios	Apenas 3
e) como identificar fontes e obter financiamentos para o novo empreendimento	Apenas 1
f) como gerenciar e fazer a empresa crescer	Apenas 1

Fonte Dornelas (2001)

Apesar de importante, o estudo apresentou algumas limitações no quantitativo de Instituições de Ensino Superior (IES) avaliadas e já possui doze anos de publicação. Em virtude de tais fragilidades, seria de suma importância para a área de conhecimento um novo estudo para entender como a situação do ensino do empreendedorismo em secretariado se encontra atualmente, visando comparar a sua evolução. Nas conclusões do supracitado estudo, os autores citam Dolabela (1999) para alertar que o ensino de empreendedorismo deve ser realizado por meio de metodologias ativas e construtivas, buscando sair da forma de ensino convencional, o que corrobora com as considerações de Kuratko (2016) que argumenta que a capacidade empreendedora é construída por meio de experiências, aprendizado e ambiente propício.

Para comprovar tais perspectivas, foram analisados artigos que abordam a temática da educação empreendedora, tendo como foco os resultados obtidos acerca da importância ou não da

educação empreendedora nos cursos de secretariado executivo, conforme ilustra o quadro 5 a seguir.

Quadro 5: A importância da educação empreendedora nos cursos de secretariado executivo

Autor (Publicação)	Reconhece a importância da educação empreendedora	Não reconhece a importância da educação empreendedora
Nascimento, Nascimento e De Almeida (2014)	X	
Abich, Schmidt, Cielo & Sanches-Canevesi (2022)	X	
Neco, Soares, Basaglia (2022)	X	
Lima (2019)	X	
Noronha (2016)	X	
Pinheiro (2017)	X	
Freitas (2022)		X - Ensino precisa ser aprimorado)
Barbosa e Durante (2013)	X	
Duarte (2022)	X	
Silva (2018)		X - Ensino precisa ser aprimorado)
Czajkowski, Adamowicz e Santos (2011)	X	

Fonte: Dados da pesquisa

Notadamente, apenas dois dos estudos não corroboram com a importância da educação empreendedora, no entanto, apresentam tal visão com o sentido de que o ensino precisa ser aprimorado para ser relevante. Tais considerações puderam ser observadas também nos estudos em que os resultados foram positivos. Tome-se como exemplo os estudos de Nascimento, Nascimento e De Almeida (2014), que durante suas análises concluíram que a disciplina de empreendedorismo desempenha um papel fundamental na formação dos acadêmicos de Secretariado Executivo, especialmente da UNIFAP, foco da pesquisa. Contudo, os autores apontam que essa formação precisa ser mais efetiva, proporcionando um entendimento mais amplo e preparando os alunos para enfrentarem o mercado de trabalho com uma visão empreendedora.

Outro aspecto importante a ser discutido quando falamos em empreendedorismo é a sua aplicação enquanto opção de carreira, decorrente de uma formação com foco na ampliação da perspectiva dos profissionais, de modo a possibilitar que este possa explorar e vislumbrar novos caminhos para a construção de uma carreira que oportunize novos negócios (Maritz; Jones; Shwetter, 2015).

Portanto, a associação que ocorre entre as duas grandes áreas em comento na pesquisa pode ocorrer através dos cursos oferecidos pelas IES, no qual os estudantes absorvem os conceitos e os incentivos em relação a empreender e, com isso, são capacitados a visualizar novas possibilidades de realização. Assim, pode-se observar que o secretário executivo pode enxergar o empreendedorismo não apenas como uma necessidade ou oportunidade, mas também como uma opção de carreira viável, o que promove novas possibilidades para a integração entre a realização pessoal e profissional, com uma abordagem de propósito de vida e impacto social (Zikic; Ezzedeem,

2015).

Desse modo, Moreira, Santos e Neto (2015) apontam que a associação dos campos de conhecimento do empreendedorismo e do secretariado são complementares. Os autores defendem que o profissional de secretariado que possui uma visão ampla, muda suas estratégias conforme as necessidades e utiliza novas teorias como suporte para sua prática de modo flexível, intuitivo e atento às tendências atuais. Além disso, busca novas oportunidades na carreira como, por exemplo, o empreendedorismo (BERNARDI, 2009). Na perspectiva de empreendedorismo como negócio, Alves (2018) traz, na página 28, a citação do trabalho de Velasco, Karolina e Viana (2012, p. 77):

[...] visualiza-se neste trabalho que o profissional de secretariado executivo pode dispor de seus conhecimentos, os quais têm acesso em plena formação acadêmica, para entrar e permanecer no mercado de trabalho por várias portas, desmistificando o papel restrito ao cargo de gestor e assessor direto de executivos. [...] o Secretário, por si, é capaz de empreender seus conhecimentos e criar seu próprio negócio, apoiado numa gama de saberes específicos que este detém.

A título de exemplo, no trabalho de Pinheiro (2017) o empreendedorismo é tratado como opção de carreira para o secretário executivo na área de gestão de eventos culturais, na qual, nas conclusões da pesquisa, a autora apresenta a interface entre o secretariado executivo e o empreendedorismo, por meio da citação de Portela e Schumacher (2009, p.107):

Por atuar ao lado dos níveis decisórios, esse profissional tem acesso a uma gama rica e diversa de ideias, fatos, situações, aliada à convivência da diversidade humana. O seu potencial empreendedor é diariamente estimulado. Para torná-lo um diferencial é preciso agregar a visão global, ampliar constantemente a percepção, e agir com uma dose de ousadia.

Já Bioen, Cielo, Sanches-Canevesi e Lima (2022) investigaram a atuação do secretário executivo em ambientes colaborativos denominados de *coworking*, onde estes profissionais prestam assessoria a executivos por meio de plataformas digitais. Tal configuração possibilitou-se porque as organizações contemporâneas estão assumindo novos arranjos - como estruturas virtuais e modelos de gestão colaborativas - o que exigiu ajustes na forma de atuação dos secretários executivos. Por fim, no trabalho de Marçal e Barbosa (2020) o empreendedorismo é tratado como uma forma de agregar a perspectiva inovadora para o fazer secretarial e suas técnicas, sobretudo com o avanço tecnológico das últimas décadas, possibilitando que esse profissional se torne cada vez mais estratégico que operacional e busque manter sua atividade relevante para o mercado empregador.

Consoante às práticas e possibilidades contemporâneas, acentuada pela pandemia global da COVID-19, pode-se observar como o profissional de secretariado viu no meio digital um ambiente propício para a atividade empreendedora. Nas palavras de Duarte (2022, p.10): “(...) empreender online tornou-se uma realidade para inúmeros novos empreendedores e os empreendimentos já consolidados buscam mesclar suas formas de atendimento presencial com o online, para não perder espaço no mercado”. Nesse sentido, a imersão do secretário nessa conjuntura requer o uso de

variados recursos tecnológicos para a consolidação e manutenção de seu empreendimento digital.

De modo geral, as funções desempenhadas nesse formato correspondem às práticas de assessoria e são prestadas por meio do uso das tecnologias de comunicação (TIC's). O uso de ferramentas aliadas são essenciais para auxiliar na realização das mais diversas atividades, como a comunicação empresarial, elaboração de documentos, planejamento, organização, conforme exposto nos resultados do estudo de Sousa (2019).

Seguindo essa linha de raciocínio, foram encontrados os estudos de Lima (2019), souza (2019), Araújo e Silva (2023), Silva (2019) e Sousa e Vieira (2023). Araújo e Silva (2023, p.34) ressaltaram a necessidade de se adquirir novas competências para desenvolver o empreendedorismo digital e, na conclusão do estudo, mencionaram que:

As competências requeridas para o sucesso no empreendedorismo digital vão além das habilidades tradicionais do secretariado executivo, demandando conhecimentos em marketing digital, gestão de mídias sociais e desenvolvimento de estratégias de conteúdo atrativo. Dessa forma, a capacitação contínua e o investimento em formação profissional emergem como fatores essenciais para que essas profissionais possam se manter competitivas e inovadoras no mercado digital.

Já o estudo de Souza e Vieira (2023) alerta-nos sobre os cuidados que os secretários executivos devem ter ao empreender e trabalhar remotamente, bem como traz informações acerca das vantagens. No que se refere aos cuidados mencionam a importância: de disciplina e organização, definição de rotina e cronograma diário, estabelecer pausas para descanso e alimentação, de espaço reservado, silenciosos e confortável, investir em equipamentos e mobiliário adequado, manter-se conectado utilizando ferramentas digitais, manter boa comunicação com os gestores e clientes. Sobre as vantagens de se trabalhar remotamente mencionam: liberdade geográfica, flexibilidade de horário, demandas diferenciadas, otimização de tempo e redução de gastos com deslocamentos.

Para além das ferramentas tecnológicas e dos cuidados mencionados acima, é essencial a elaboração de um plano de negócios para iniciar e manter um empreendimento, posto que é a partir da elaboração deste material que o empreendedor visualiza os recursos, problemas e riscos do investimento com clareza (Baron; Shane, 2011). Já os autores Loizou, E., Michailidis, A., Nastis, S., Lazaridou, D., & Paltaki, A. (2020) trazem a perspectiva de que os planos de negócios são uma ferramenta essencial para apresentar os planejamentos de uma empresa a potenciais investidores e parceiros, descrevendo sua posição atual, metas futuras e estratégias para alcançá-las. Portanto, subentende-se que a ausência desse plano pode acarretar diversos problemas, tais como falta de clareza nos objetivos empresariais, dificuldade em atrair clientes e, até mesmo, o encerramento das atividades do empreendedor.

Apesar de sua indubitável importância, no trabalho de Araújo e Silva (2023) evidenciou-se,

a partir de um questionário realizado com 11 secretárias empreendedoras no ramo digital, que apenas 1 elaborou um plano de negócios para começar seu empreendimento. De modo complementar, o trabalho de Neco, Soares, Basaglia (2022) buscou analisar como uma egressa do curso de secretariado executivo atua como empresária/empreendedora, em um negócio focado na fabricação artesanal de acessórios. O estudo abordou a elaboração do plano de negócio como um dos elementos relacionados ao processo empreendedor, mas, na prática, a entrevistada revelou que iniciou suas atividades sem um planejamento prévio formal, com o plano de negócios surgindo apenas após a criação do empreendimento.

Tais estudos ressaltam a carência de diálogo entre a área secretarial e a importância da elaboração de planos de negócio. Esta, todavia, não é a única faceta que necessita de crescimento e maior integração entre as áreas. Dessa forma, no decorrer da próxima seção, refletiremos a respeito das fragilidades encontradas nas publicações analisadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se apresentar, nesse texto, reflexões acerca das pesquisas que proporcionam o diálogo entre as áreas de *empreendedorismo e secretariado executivo*, no qual foram propostos os seguintes objetivos: (1) refletir como o termo empreendedorismo vem sendo apropriado pela literatura acadêmica da área de secretariado executivo; (2) identificar as fragilidades existentes nessas apropriações do termo e (3) propor estudos que neutralizem as fragilidades das pesquisas já elaboradas na área.

Ao responder os objetivos específicos supracitados, espera-se desenvolver uma reflexão que ofereça uma compreensão mais abrangente da intersecção entre secretariado executivo e empreendedorismo. Assim, esta reflexão poderá servir de base para as futuras pesquisas e para a aplicação prática.

A partir dos estudos analisados, foram encontradas como destaque as seguintes apropriações do termo empreendedorismo: *intraempreendedorismo (11)*, *empreendedorismo corporativo (6)*, *características e competências empreendedoras (7)*. Nessa primeira categoria, os termos eram utilizados quase como sinônimos - não sendo refletidas as diferenças teóricas entre *intraempreendedorismo* e *empreendedorismo corporativo* - e como termos dependentes - *intraempreendedorismo* e *competências e/ou características empreendedoras* - na maioria das publicações analisadas, aparecendo sem uma clara definição teórica.

A segunda apropriação do termo empreendedorismo foi identificada na tentativa de articular *o secretariado com a educação empreendedora*. Nessa categoria, os estudos analisados

investigaram como deveria ser a educação empreendedora nas universidades e verificou-se que o tópico referente à identificação e entendimento das habilidades do empreendedor estavam sendo trabalhadas em todas as ementas de disciplinas analisadas. Apesar disso, segundo Moura, Cielo e Schmidt (2012), precisa, ainda, avançar em outros aspectos como: trabalhar como ocorre a inovação e o processo empreendedor; destacar a relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico empreendedor; ensinar como preparar e utilizar um plano de negócios; mostrar como identificar fontes e obter financiamentos para o novo empreendimento; expor como gerenciar e fazer a empresa crescer.

A terceira aproximação dos termos apresentou *o empreendedorismo como inovação ou opção de carreira* devido às novas demandas da sociedade e do mercado. Apesar de Silva (2022) e Neco, Soares e Basaglia (2002) abordarem esse sentido de uso em seus estudos, no qual os estudantes e egressos empreendedores analisados reconhecem a importância do curso para o desenvolvimento de seus negócios, evidenciou-se que tais empreendimentos não eram na área de formação, o que demonstra uma carência, receio e fragilidade em empreender no campo do secretariado.

A quarta aproximação constatada foi do *empreendedorismo como reinvenção da carreira, tratando especificamente da secretaria/ assessoria remota*, na qual as atividades podem ser desenvolvidas para diversos segmentos de clientes, em uma atuação como dono do negócio ou como CLT. Nessa categoria, as abordagens se limitaram a investigar o perfil/características empreendedoras, os tipos de negócios dos empreendedores, outros ainda investigaram as tecnologias associadas ao secretariado remoto e a assessoria remota associada ao termo empreendedorismo. Assim, as fragilidades encontradas sugerem a necessidade de se investigar essa associação a partir da gestão e das vantagens e desvantagens que um negócio próprio acarretam.

A quinta aproximação dos termos verificou-se com o uso do *empreendedorismo digital junto ao secretariado executivo*, apesar de ter sido encontrado apenas 1 estudo, o de Araújo e Silva (2023). Na referida pesquisa, foram abordadas questões como estratégias de comercialização e conteúdos digitais, além de apresentar como resultados o fato de nenhuma das empreendedoras entrevistadas terem utilizado a ferramenta de plano de negócios, o que direciona para a sexta aproximação.

A sexta aproximação tratou do uso do *empreendedorismo associado ao plano de negócios*, a partir do estudo de Neco, Soares, Basaglia (2022). Nesse estudo de caso - único que mencionou tal associação - a entrevistada utilizou a ferramenta de plano de negócios, porém algum tempo depois de já ter começado a empreender. Vale ressaltar, também, que o negócio em estudo não era na área secretarial. Nos levando à sétima apropriação do termo, sendo o *empreendedorismo como um*

processo. Este foi percebida em poucos estudos, utilizados nos referenciais teóricos e não foram analisados nas práticas empreendedoras.

Em síntese, para futuras pesquisas que envolvam as duas temáticas, a sugestão é de que sejam produzidos estudos que: (1) envolvam a utilização da ferramenta de plano de negócios ou de especificação de modelos de negócios que subsidiem a atuação do secretário executivo empreendedor; (2) apresentem o despertar e a gestão do processo empreendedor por parte de secretários empreendedores abordando a complexidade que envolve a temática do empreendedorismo; (3) utilizem conceitos teóricos de forma mais específica, deixando claro a partir de onde as análises serão realizadas para serem aplicados nos estudos; (4) abordem a educação empreendedora de forma mais específica.

REFERÊNCIAS

ABICH, J. *et al.* **A Influência da Formação Empreendedora na Carreira dos Egressos do Curso de Secretariado Executivo Trilíngue da Unioeste**. Artigo, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 52–66, 2022. Disponível em: <https://csj.abpsec.org.br/index.php/csj/article/view/61>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ALVES, Z. N. **Direito empresarial para secretários executivos**. 2018. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34796>. Acesso em: 17 jan. 2024.

AMORIM SOARES DE ALCÂNTARA, S. R.; RIBEIRO PEREIRA, W. C. Consultoria empresarial: uma opção de carreira para o secretário executivo? **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 139–156, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/635>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ARAÚJO, E.; DA SILVA, K. **SECRETÁRIO EXECUTIVO: UM EMPREENDEDOR ATIVO NO MEIO DIGITAL**. 2023. 43 f. Universidade Federal de Pernambuco, 2023. . Acesso em: 23 ago. 2024.

ARAÚJO, R. de S. **Empreendedorismo no Brasil: reflexões sobre os Relatórios Executivos GEM dos anos 2010, 2011 e 2012**. 2013. 71 f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34100>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BARBOSA, S. M. C.; DURANTE, D. G. Secretariado Executivo e Empreendedorismo: Realidade ou Utopia? **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 56–74, 1 jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/143>. Acesso em: 7 jul. 2024.

BARON, R.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thompson, 2007.

BARTOLOMEU, M. C. C. **Crescimento econômico, globalização e empreendedorismo: um estudo empírico**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

BERNARDI, L. A. **Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas**. São Paulo: Atlas, 2009.

BIOEN, E. K. *et al.* As novas configurações da profissão de secretariado no contexto da economia colaborativa: um estudo em coworking spaces do Estado do Paraná Configurations of the secretariat profession in the context of the collaborative economy: a study in coworking spaces in the State of Paraná. **Revista Capital Científico - Eletrônica (RCCe) - ISSN 2177-4153**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 115–131, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/6378>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BRAZ, A.D.S.; BANDIM, A.S.DOS S. **Intraempreendedorismo, estágio supervisionado e secretariado executivo: um estudo sobre a atuação de discentes da UFPE**. 2023. 36 f. Universidade Federal de Pernambuco, Periódico, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54382>. Acesso em: 23 ago. 2024.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, art. 1, p. 179- 197, mar./abr. 2011.

CZAJKOWSKI, A.; ADAMOWICZ, J. M.; SANTOS, K. C. Potencial empreendedor: uma abordagem sob a ótica do profissional de secretariado executivo. **Anais do 2º ENASEC - Evento Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo**, Curitiba - Paraná. 2011.

DE OLIVEIRA NECO, M. *et al.* Secretariado remoto no Brasil: Mercado de trabalho e perspectivas. **SCRIBES - Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/SCRIBES/article/view/15500>. Acesso em: 29 jun. 2024.

DE OLIVEIRA NECO, M.; SOARES, J. M. D. F.; MOURA BASAGLIA, M. Empreendedorismo e Secretariado Executivo: Um estudo de caso da abertura de um empreendimento por uma graduanda em Secretariado Executivo da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). **Revista Expectativa**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 91–115, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/28748>. Acesso em: 10 jun. 2024.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editora, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DORNELAS, J.C. **Empreendedorismo corporativo: como ser um empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**, 4a. ed. São Paulo: Empreende, 2020.

DUARTE, V. **O empreendedorismo para o Secretariado Executivo: experiências vividas no contexto da pandemia de COVID-19**. 2022. 38 f. TCC – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/72064>. Acesso em: 5 dez. 2023.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 63-71, 1999.

FILGUEIRAS, A.; SANTOS, J.; MARÇAL, M. C. C. Secretário Executivo Das Instituições Federais De Ensino: O Intraempreendedorismo Como Um Pensamento Estratégico. **Artigo**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 16–35, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://csj.abpsec.org.br/index.php/cs/article/view/24>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FREITAS, C. **A atuação do secretário executivo como empreendedor: desafios e perspectivas**. 2018. 21 f. Artigo de Periódico – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/28435>. Acesso em: 14 dez. 2023.

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

KURATKO, Donald F. **Empreendedorismo: teoria, processo, prática**. 10. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

LIMA, D. Q.; PERES, V. T. O.; FILHO, W. A. S. Avaliação por competências dos profissionais de secretariado executivo com atuação empreendedora. **Anais do ENASEC, ABPSEC**. 2021.

LIMA, E. **O secretário executivo no desenvolvimento de competências empreendedoras**. 2019. 27 f. Artigo de Periódico – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28441/1/ElineusaSoaresdeLima__TCC.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

LIZOTE, S. A. *et al.* Competências empreendedoras: um estudo com discentes do ensino médio. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 27–46, 11 dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1103>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LOIZOU, E. *et al.* Planos de negócios. **Manuali – Ciência Tecnológica**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36253/978-88-5518-044-3.51>.

LIZOTE, S. A. *et al.* Liderança, competências empreendedoras e inovação social: um estudo com gestores públicos. Leadership, entrepreneurial skills and social innovation: a study with public managers. **Revista Capital Científico - Eletrônica (RCCe) - ISSN 2177-4153**, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 27–44, 2022. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/7364>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MALMSTRÖM, M.; JOHANSSON, J.; WINCENT, J. Cognitive constructions of low-profit and high-profit business models: a repertory grid study of serial entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 5, p. 1083–1109, 2015. DOI: 10.1111/etap.12096.

MARÇAL, M. C. C.; BARBOSA, J. M. Empreendedorismo e secretariado executivo: uma proposição de reflexões críticas e de ações a partir de alunos estagiários e de organizações concedentes de estágios na área. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 98–119, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1057>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MARITZ, A.; JONES, C.; SHWETZER, C. The status of entrepreneurship education in Australian universities. **Education + Training**, v. 57, n. 12, p. 1020–1035, 2015. DOI: 10.1108/ET-04-2015-0026.

MIORANZA, G. Modelos mentais dos empreendedores e sua relação com o desempenho organizacional: um estudo no setor metal-mecânico de Caxias do Sul. 2012. 123 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

MOREIRA, K. D.; SANTOS, A. K. D.; NETO, L. M. Profissional de Secretariado Empreendedor: Um Agente de Mudança. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 168–186, 1 abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/311>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MOURA, P.; CIELO, I.; SCHMIDT, C. Formação empreendedora: uma análise nos cursos de secretariado executivo. **2012**, [S. l.], v. v.7 (2011), [s. d.]. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/2328/1482>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NASCIMENTO, L.; NASCIMENTO, M.; ALMEIDA, W. **O empreendedorismo como alternativa de inserção no mercado de trabalho: sua importância na formação do profissional de Secretariado Executivo**. 2014. 33 f. TCC – Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br/jspui/handle/123456789/600>.

NERES, J. **ANÁLISE DO PERFIL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SECRETARIAL NA ÁREA DE EMPREENDEDORISMO NO PERÍODO DE 2010 A 2019**. 2020. 24 f. TCC – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22930/1/TCC%20-%20JULIANA%20SIQUEIRA%20NERES.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

NEIVA, E. G.; D'ELIA, M. E. S. As novas competências do profissional de secretariado. São Paulo: **Editora IOB**, 2009.

NORONHA, J. N. **O intraempreendedorismo na atuação do secretário executivo**. 2016. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34283>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PAES, R. V. O. *et al.* Novas Formas de Atuação do Profissional de Secretariado Executivo. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 99–125, 1 abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/318>. Acesso em: 1 jul. 2024.

PAES, R. V. O.; SANTIAGO, C. S. Assessoramento remoto por meio de escritórios virtuais: uma categorização de serviços prestados. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 41–62, 2020. Disponível em: <https://revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1055>. Acesso em: 31 março. 2023.

PINHEIRO, J. B. **Empreendedorismo e gestão de eventos culturais: um estudo sobre a formação do secretário executivo na Universidade Federal do Ceará**. 2017. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34916>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PORTELA, K.C.A.; SCHUMACHER, A. J. **Gestão Secretarial: o desafio da visão holística**. Vol. I. Cuiabá: Adeptus, 2009.

SANTOS, D. O. dos. **Análise bibliométrica sobre a produção científica na área de empreendimento corporativo entre os anos de 2007 a 2017**. 2018. Universidade Federal do

Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34791>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SCHRAMM, E. **Empreendedorismo : estudo bibliométrico a partir das publicações científicas em portal de periódicos**. 2019. 40 f. Monografia – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11391>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SILVA, A. **Percepção dos discentes de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe sobre empreendedorismo**. 2018. 63 f. Monografia – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10356>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SILVA, A. M.; LUZ, J. F.; GARDIN, D. A. O perfil intraempreendedor do profissional de secretariado executivo: uma análise das grades curriculares de instituições de ensino superior brasileiras. **Revista Brasileira de Secretariado e Gestão**, [S. l.], p. 236–252, 2017.

SILVA, C. C. M.; FUZARO, P. P. O perfil empreendedor dos alunos de secretariado executivo: um estudo na Universidade Estadual de Londrina. **Revista Brasileira de Secretariado e Gestão**, [S. l.], p. 234–247, 2015.

SILVA, D. S. **A formação em Secretariado Executivo e sua influência no empreendedorismo feminino em meio a pandemia da Covid-19**. 2022. 42 f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/65094>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SILVA, J.; SILVA, C.; PAES, R. AS PRÁTICAS DA ASSESSORIA ATRAVÉS DO ESCRITÓRIO VIRTUAL. **ABPSEC** [S. l.], p. 16, 2017. Disponível em: <https://congressocoins.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Trabalho-21.pdf>.

SILVA, M. **Secretariado remoto: experiências no Brasil**. 2019. 57 f. Monografia – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12197>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SIMÃO, L. C. **O reconhecimento do curso de secretariado executivo em sua unidade acadêmica: Feaac**. 2019. 55 f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/65142>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SOUSA, S. **Secretariado executivo: empreendedorismo e seus aliados tecnológicos**. [S. l.], ABPSEC, p. 1, 2023. Disponível em: <https://congressocoins.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Resumo-estruturado-Secretariado-executivo-empreendedorismo-e-seus-aliados-tecnologicos.pdf>.

SOUZA, A. **Secretariado executivo: possibilidades e desafios para abertura de microempresas de assessoria remota**. 2019. 92 f. Monografia – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12194>. Acesso em: 4 dez. 2013.

OLIVEIRA, P. R. S.; MACIEL, S. E. V.; DIAS, G. F. O desenvolvimento do empreendedorismo secretarial em uma organização pública: um estudo na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. **Revista Brasileira de Secretariado e Gestão**, [S. l.], p. 223–234, 2017.

VELASCO, F. N.; KAROLINA, M.; VIANA, I. A. F. **O Secretário Executivo como empreendedor na esfera da consultoria aplicada à arquivística nas empresas públicas e**

privadas: secretário no âmbito empreendedor. Macapá, 2012, p. 77-86. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/executivo/files/2014/09/ANAIS-V-ENESEC-2012.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

ZIKIC, J.; EZZEDEEN, S. Towards a more integrated view of entrepreneurial careers: qualitative investigation of the three forms of career capital and their relationships among high tech entrepreneurs. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, v. 21, n. 5, p. 756–777, 2015. DOI: 10.1108/IJEBr-07-2014-0129.



Capítulo 10

SENHOR DAS MOSCAS - A METAFICÇÃO HUMANA

DOI: 10.29327/5446957.1-10

Mônica Lopes Névoa Guimarães



SENHOR DAS MOSCAS – A METAFICÇÃO HUMANA

Mônica Lopes Névoa Guimarães¹

RESUMO

A humanidade sempre esteve envolta em histórias – factuais ou literárias – que versavam sobre assuntos diversos, não são poucas as histórias que tratam, por exemplo, da guerra e do comportamento humano durante períodos de conflito armado. O romance *Senhor das moscas*, de William Golding, conta a história de um grupo de meninos abandonados em uma ilha durante a Segunda Guerra Mundial e que lutam para sobreviverem sozinhos. O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância que as narrativas – reais ou ficcionais – têm para a história humana, bem como discutir os conceitos de ficção e arque texto de Houston na construção do enredo. Além disso, mostrar a relevância da vigilância na manutenção de uma sociedade civilizada. Por fim, demonstrar que se trata de uma metaficção historiográfica tal como pautou Hutcheon.

Palavras-chave: FICÇÃO; ARQUE TEXTO; METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA.

ABSTRACT

Humanity always was involved with stories or with histories which were about different matters. There a lot of them that talk about, for instance, war, human behavior during a time of armed conflicts. The romance *Lord of the flies*, written by William Golding, tells the story of a group of boys abandoned in na island during the Second World War ant their fight to survive by themselves. The objective of this article is to reflect about the importance that the narratives – real or fictional – have for the human history. It also intents to discuss the concept of fiction and arquetext of Houston in the construction of the plot. Besides, the article will show the relevance of vigilance in order to keep a civilized society. At last, it will demonstrate that this romance can be considered a historiograph metafiction as pointed by Hutcheon.

Keywords: FICTION; ARQUETEXT; HISTORIOGRAPH METAFICTION.

1. INTRODUÇÃO

A humanidade sempre esteve envolta em histórias – factuais ou literárias – que versavam sobre assuntos diversos, não são poucas as histórias que tratam, por exemplo, da guerra e do comportamento humano durante períodos de conflito armado. O romance *Senhor das moscas*, escrito por William Golding, conta a história de um grupo de meninos que acaba abandonado em uma ilha durante a Segunda Guerra Mundial, diante do abandono e da crença de que seja necessário um tipo de organização social, há alguns personagens que se destacam como Ralph,

Jack, Simon e Porquinho, eles representam diferentes pontos de vista sobre as necessidades básicas de uma sociedade como a deles. A maneira como o ser humano é retratado neste livro causa um impacto considerável, pois os personagens são adolescentes e crianças inglesas que, além da pouca idade, são indivíduos pertencentes a uma nação que se orgulha de sua organização e comportamento civilizado, mas mesmo assim acabam agindo como selvagens, chegando ao ponto de assassinar dois membros do grupo. Não se pode deixar de notar que há uma crítica a essa sociedade, bem como uma tentativa de se expor o ser humano diante da luta pela sobrevivência.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da ficção na construção de um ponto de vista sobre as relações sociais, bem como destacar alguns elementos da obra que parecem mostrar que a ficção também pode conduzir à selvageria. Para isso, serão usados os teóricos Nancy Houston, Michel Foucault e Linda Hutcheon.

2. O PERSONAGEM DA FICÇÃO E A FICÇÃO DO PERSONAGEM

O que torna o homem diferente de outros animais, ou seja, o que o torna humano? Nancy Huston (2008), em *A espécie fabuladora*, respondendo a essa indagação, traz o hábito de contar histórias como um elemento diferenciador da espécie humana.

Apenas nós percebemos a nossa existência terrestre como uma trajetória dotada de sentido (significação e direção). Um arco. Uma curva que vai do nascimento à morte. Uma forma que se desdobra no tempo com um início, peripécias e um fim. Em outros termos: *uma narrativa*. (HOUSTON, 2008, p.8)

De acordo com Houston (2008), o homem, por ter consciência de sua morte, precisa atribuir sentido ao período de sua vida e ele faz isso por meio de suas histórias. Essas narrativas são extremamente importantes porque

A narrativa confere à nossa vida uma dimensão de sentido que os outros animais ignoram (...) O Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que ele se constrói a partir de narrativas, de histórias, de ficções. (HOUSTON, 2008, p.8)

Há uma necessidade no homem em criar histórias para trazer sentido à sua própria existência, como consequência tudo no entorno do homem é ficção, o nome, o sobrenome, a história da sociedade em que habita, enfim tudo que forma o ser humano e dá a este ser um sentido para existir. A autora mostra que o nome que cada um recebe poderia ter sido outro, alguns recebem o nome em homenagem a um parente falecido, outros em homenagem a alguém especial na vida de um dos pais, enfim o nome atribuído a uma criança é escolhido por seus responsáveis e, quase sempre trazem uma história que dá sentido a esse nome e a esse novo ser.

Nesse processo de construção do sentido, o homem cria outras histórias e quando o sujeito

conta sua história, ele tece ligações entre o passado e o presente e entre o presente e o futuro. As nações, por serem ajuntamento de homens, têm seus heróis e contam os fatos que acreditam serem marcantes e, dessa forma, constroem uma ficção sobre quem são. A mitologia ou os contos de fada são exemplos das narrativas criadas não só para entreter as crianças, mas para mostrar a elas como se comportam os heróis e quais são as ações e reações valorizadas e dignas de eternização.

Para se contar a história de uma vida, mesmo que seja uma vida inventada no mundo literário, escolhem-se os acontecimentos mais notáveis e os arranjam numa narrativa. O enfrentamento de problemas como guerras, luta pela sobrevivência em um ambiente inóspito, conflitos psicológicos, enfim situações enfrentadas por qualquer ser humano são capazes de transformar esse ser comum em um herói de uma ficção.

Nas construções de narrativas, alguns romances acabam se tornando clássicos, já que os fatos e os personagens que eles trazem parecem trazer sentido para a existência daquele que lê. Este é o caso do romance *Senhor das moscas* que parece trazer um início ilógico e inverossímil, não se revelam ao leitor o que aconteceu com os adultos que acompanhavam essas crianças no avião ou mesmo o que foi feito dos restos da aeronave que os trouxe até a ilha. Esses detalhes não são oferecidos ao leitor porque parece que o foco do enredo é a ação e a reação, o comportamento deste ser longe da civilização e longe do adulto que se encontra em guerra.

Na busca pelo sentido da existência humana, cada indivíduo tem ficções distintas, a começar pelo nome, depois pelo sobrenome que diz respeito ao núcleo familiar e, conseqüentemente, a um sistema de valores que, mesmo entre sujeitos de uma única nação, não é único. Assim, o que se percebe na criação dos personagens são conflitos que surgem justamente porque cada um deles traz sua própria ficção. A título de exemplo, quando Jack, logo no início do romance, afirma que os ingleses são melhores do que qualquer outra nação, essa é uma verdade em que ele acredita e constitui-se uma ficção, trata-se de um conhecimento abstrato adquirido sobre o ser inglês.

“Concordo com Ralph. A gente precisa de regras, e precisa obedecer às regras. Afinal, não somos selvagens. **Somos ingleses; e os ingleses são os melhores do mundo em tudo.** Por isso, a gente precisa fazer as coisas do jeito certo.” (GOLDING, 2014, p.46, grifo meu)

Nesta fala de Jack, logo no início do romance, fica bem evidente a ficção que esse personagem tem de si enquanto ingleses, ou seja, ele e os outros pertencem a uma nação que Jack acredita ser a melhor entre todas as nações do mundo e não somente em um quesito, mas em tudo. Essa crença de Jack é uma ficção que provavelmente lhe foi contada ao longo de sua vida e ele repete para o grupo.

Voltando ao texto de Houston (2008), ela afirma também que o nome próprio que cada um recebe ao nascer é uma ficção que molda o real, pois o nome carrega um sentido que acaba moldando a existência daquele que o recebe. Vê-se no romance *Senhor das moscas* que o nome atribuído aos personagens, de certo modo, contribui com a imagem que o narrador procura criar a respeito de cada um.

O nome Porquinho está atrelado a um personagem que é desprezado por todo o grupo, a princípio por sua aparência – gordo e de óculos – e também por se recusar a fazer qualquer tarefa que exija força física dando sempre como desculpa sua asma. Esse personagem representa a razão, a racionalidade, mas falta a ele o carisma, então sempre que fala quase nunca é ouvido, ou seja, para ser ouvido não é necessária somente a razão, mas também o carisma.

O nome *Piggy*, traduzido para Porquinho na versão em português, parece ser uma alegoria aos judeus, CRAWFORD (2010), ao analisar a depravação humana em *Senhor das moscas* procura mostrar que há um paralelo entre o carnaval e os acontecimentos na ilha. O carnaval foi instituído como festa religiosa pela Igreja Católica no século XI e ocorre logo depois da quaresma. Durante a quaresma, a ingestão de carne é proibida, sendo liberada no carnaval, quando acontece a festa que permite ao fiel todo o tipo de prazer.

O pesquisador sugere que os eventos ocorridos no romance subvertem a noção cultural do comportamento civilizado do britânico e os símbolos mais importantes dessa subversão é a caça ao porco como uma metáfora à caça dos judeus e a significação racial que repousa na ingestão da carne de porco, algo proibido na cultura judaica. A caça ao judeu estaria liberada assim como a ingestão de carne o é durante o carnaval.

A história do ódio aos judeus é parte intrincada das relações desse povo e os outros povos – gentios – desde a dispersão judaica. Segundo Hannah Arendt (2009), os sentimentos antijudaicos eram correntes entre as classes educadas da Europa no século XIX, porém o antissemitismo como ideologia, com raras exceções, era cultivado por pessoas consideradas malucas. Entretanto, o antissemitismo foi o catalisador da ascensão do nazismo seguido da Segunda Guerra que permitiu um genocídio sem precedentes na história da humanidade.

Arendt (2009), em seu estudo sobre as origens do totalitarismo, traz elementos da história do século XIX que ajudam a entender o antissemitismo. O primeiro argumento usado para justificar o ódio ao judeu é considerado uma regra para explicar os levantes das massas na história e consiste na perda do poder político sem a perda da riqueza. No século XIX, em vários países europeus, os judeus perderam suas funções políticas e sua influência sem perderem suas fortunas.

Só a riqueza sem o poder ou o distanciamento altivo do grupo que, embora poderoso, não exerce atividade política são considerados parasitas e revoltantes, porque nessas

condições desaparecem os últimos laços que mantêm ligações entre os homens. A riqueza que não explora deixa de gerar até mesmo a relação existente entre o explorador e o explorado; o alheamento sem política indica a falta do menor interesse do opressor pelo oprimido. (ARENDDT, 2009, p.20)

Como se pode perceber, historicamente, há essa regra de que a perda de poder político sem perda de riqueza gera revolta, a autora faz um paralelo com a Revolução Francesa, mostrando que o levante popular contra a nobreza francesa assim como a ideologia nazista contra os judeus se deram justamente pela perda de poder político sem prejuízo das riquezas.

O segundo argumento para justificar o antissemitismo, conhecido como a teoria do bode expiatório, é ainda mais sério, segundo Arendt (2009). Os judeus eram um grupo impotente, portanto poderiam ser facilmente acusados de qualquer delito ou crime e não poderiam se defender.

Até há pouco, a falta de lógica aparente na formulação da teoria do bode expiatório bastava para descartá-la como escapista. Mas o surgimento do terror como importante arma dos governos aumentou-lhe a credibilidade. (ARENDDT, 2009, p.21)

Parece absurdo afirmar que o ódio a uma determinada raça ou a um determinado grupo surja porque esse alvo não tem como se defender, aliás, como diz a autora até meados do século XX era uma teoria descartada. Entretanto, o uso constante de atos de terror por alguns governos contra algumas minorias tornou essa teoria tão pertinente quanto qualquer outra no estudo do antissemitismo moderno.

Finalmente, há uma terceira teoria, chamada de “eterno antissemitismo” que apresenta o ódio ao judeu como algo natural, pois se tem matado esse povo ao longo de mais de dois mil anos de história, então esses assassinatos devem ser algo natural. A autora comenta que o surpreendente é o fato de essa premissa ter sido adotada por vários historiadores imparciais e até por diversos judeus. Essas teorias trazem em seu bojo a ficção criada em torno de um povo – o judeu – que ajuda a entender o sentimento de ódio que levou aos acontecimentos chocantes da Segunda Guerra.

O narrador do romance parece fazer um paralelo entre o ódio ao judeu e o desprezo que os meninos demonstram em relação a Porquinho. Assim como o antissemitismo é uma ficção pautada em razões que soam tão ilógicas e fantasiosas, da mesma forma, o desprezo e a raiva que o grupo sente por Porquinho é algo sem razão contundente. Como se trata de crianças, poder-se-ia dizer que o ódio pelo menino seria uma reação infantil de ciúme ou de competitividade; entretanto, ao se analisarem os argumentos para o antissemitismo, percebe-se que não há nada de infantil, no sentido de imaturidade, em tais sentimentos, mas nem por isso eles deixaram de existir.

O personagem Simon é outro exemplo da ficção que se cria a partir do nome, já que

Simon, em inglês, é uma das traduções do nome de Pedro, apóstolo de Cristo, aquele a quem a Igreja Católica chama de primeiro Papa: “As religiões são uma das principais fontes de enredos que ligam as pessoas entre si.” (HOUSTON, 2008, p.23).

No início do romance, Simon não acredita no monstro e perambula por toda a ilha, sozinho, em busca de respostas, assim como o apóstolo Pedro, ao andar sobre as águas, teve dúvidas e sucumbiu. Quando Simon encontra a cabeça da porca espetada em um pau, colocada como um marco no solo da ilha, chamado de Senhor das moscas, ele entra em um delírio no qual a cabeça de um animal morto fala com ele e revela a ele o verdadeiro monstro – o próprio homem.

Como consequência dessa alucinação, Simon acaba sendo morto pelos meninos, porque estes se encontram no meio de uma celebração em torno de uma fogueira e está escuro, assim os meninos confundem Simon com o monstro e o matam como um porco. Esse evento é uma metáfora ao homem que, na escuridão de suas ficções religiosas ou nacionalistas, não consegue discernir o certo do errado e comete atrocidades que são reveladas mais tarde pela iluminação solar da história ou da ciência.

A título de exemplo, quando a peste negra devastou a Europa, durante o século XVI, a doença em massa foi atribuída a Deus, como uma ação punitiva aos pecados dos homens e, durante muito tempo, essa explicação foi suficiente; porém, com os conhecimentos trazidos pelos avanços da ciência, o ser humano aprendeu que existem seres invisíveis a olho nu que são extremamente poderosos – os vírus e as bactérias – e são capazes de aniquilar toda uma cidade em poucos dias e até em poucas horas.

Finalmente, o personagem Jack Merrydew, o antagonista, é o único dos personagens principais que tem nome e sobrenome. O sobrenome Merrydew é tradicional na história da Inglaterra e compõe a história da nobreza britânica. Entre os britânicos abandonados na ilha, Jack é o mais nobre entre eles e essa valorização ao sobrenome explica sua decepção ao não ser escolhido como líder do grupo. “Nomes de criança”, disse Merridew. “Por que eu havia de ser Jack? Eu sou Merrydew.” (GOLDING, 2014, p.22)

Jack duvida de que haja outra sociedade superior à sociedade inglesa no que tange a vida civilizada e, paradoxalmente, vai ao longo do romance perdendo o sobrenome, depois o nome próprio. Ao final da obra, ele é o chefe e exerce o papel de um líder de meninos selvagens cujo único objetivo de vida é caçar e matar qualquer coisa que personifique o inimigo – o porco, símbolo do mal, ou Ralph e Porquinho, símbolos da vida civilizada e da racionalidade.

O fato de Jack ser um dos únicos personagens apresentado com sobrenome o coloca em uma posição de destaque entre os demais. O sobrenome, segundo Houston (2008), traz consigo a descendência, toda a história de uma civilização. Merrydew é o sobrenome de uma família de

nobres ingleses, portanto não é só o nome do ancestral de Jack, mas representa todo um passado glorioso atribuído aos ingleses com seus costumes vitorianos de austeridade e honra.

O narrador de *Senhor das moscas* parece construir o personagem de Jack como o mais inglês de todos os meninos, não só pelo nome e sobrenome, mas por outros elementos como o fato de fazer parte de um coro como líder deles, além do traje formal com que chegam à ilha que inclui uma capa preta. Jack só permite que os demais membros do coro se livrem de suas vestes extremamente desconfortáveis para um clima tropical depois de um deles desmaiar de calor.

Toda a postura séria e disciplinada inicialmente vivida por Jack vai desaparecendo em paralelo ao seu nome ou ao modo como os outros se referem a ele. Esse personagem parece ser o principal elemento na construção da crítica ao britânico, que acredita ser superior às demais civilizações, no entanto, durante a guerra acaba se comportando como um selvagem. Por fim, quando os gêmeos Sam e Eric se referem a Jack como chefe e aparentam terror, Jack Merrydew não existe mais, ele se transformou em outra ficção; trata-se agora do Chefe, um selvagem que caça e mata seu inimigo incansavelmente.

3. OS SÍMBOLOS E O ARQUE-TEXTO

Outro conceito interessante é o de arque-texto forjado por Houston (2008) que difere do arque-texto de Genette. Na construção de sentido de sua existência, o ser humano não é uma espécie que vive isolada, pelo contrário, vive em grupo e para que esse agrupamento tenha uma unidade, surgem as ficções que justificam essa união. Quando essas narrativas são usadas para atacar o outro, então são chamadas de arque-texto, ou seja, o arque-texto é a má ficção.

Para que o *eu* possa surgir, é preciso fazê-lo existir em meio a vários *nós*. Como sempre como os mais ou menos próximos ou ameaçadores *eles*. *Você é dos nossos*. *Os outros são os inimigos*. Esse é o Arque-texto da espécie humana, arcaico e arquipoderoso. (HOUSTON, 2008, p. 45)

O Arque-texto é a ficção criada para dar ao eu o sentido de grupo, o sentido de nós. Essas ficções procuram fazer o eu acreditar que junto de seus iguais formam o grupo que se opõe a outros grupos, considerados inimigos. Diante de situações perigosas ou amedrontadoras, é comum o retorno ao arque-texto.

Houston (2008) cita o exemplo da Alemanha após o Tratado de Versalhes; essa nação, sentindo-se humilhada com o resultado da Primeira Guerra, busca um culpado para seu fracasso e atribui esse ônus ao judeu. Na verdade, Hitler atribui ao judeu a culpa por seu próprio fracasso, e sendo um excelente contador de histórias, narra seu arque-texto para uma nação carente de um

sentimento de identidade e de orgulho. A narrativa de raça ariana superior a todas as outras traz o orgulho e o sentido necessário para reerguer um país destroçado por uma guerra.

O narrador de *Senhor das moscas* traz os eventos ocorridos na ilha, de forma que parece evidenciar uma destruição, um afastamento do que se acredita civilizado e vai fazendo brotar uma natureza selvagem endurecida pelo medo e pelo misticismo que age de modo cruel e destrutivo em relação ao próprio indivíduo e ao próximo. A voz que narra os acontecimentos parece tomada de um assombramento diante da selvageria a que pode chegar o homem na luta por sua sobrevivência.

Na obra, Jack traz à memória dos meninos a ficção da superioridade civilizatória do inglês. Essa ficção é bastante comum em diversas obras literárias e por ser repetida tantas vezes pode ser considerada um arque-texto, vários personagens trazem esse discurso sobre o orgulho de serem ingleses e por isso apresentam comportamentos distintos dos demais. Ionesco, em *A cantora careca*, cria o personagem Mr. Smith, um senhor inglês que acha um insulto o médico não morrer com o seu paciente, tal como faria um capitão da marinha inglesa, que afundaria com seu navio, percebe-se a ironia e o absurdo na construção desse personagem ao se confrontar a imagem que ele traz do inglês e o paralelo com a função de um médico.

Por outro lado, o narrador revela a irresponsabilidade do próprio Jack que leva o romance a um conflito aberto entre protagonista e antagonista. Ralph insiste em que os meninos construam tendas e mantenham a fogueira no topo da ilha acesa. Jack, por outro lado, quer caçar a fim de trazer alimento para o grupo. Assim, quando Jack e seus caçadores ficam responsáveis por manter o fogo aceso e se esquecem da tarefa porque estão ocupados na caça de um porco, o fogo se apaga.

O fogo é um símbolo do elo dos meninos com a civilização. Quando este se extingue, é como se a fagulha de civilização residual em cada um dos personagens se extinguísse também. Depois desse fato, até mesmo Ralph não consegue resistir à atração que a caça e as danças exercem sobre ele. A caça e a dança parecem representar um arque-texto primitivo que encontra eco nas narrativas infantis como as histórias de índios e piratas que certamente foram contadas a esses garotos. A atração pelo estado primitivo parece mais forte que a noção de sociedade civilizada.

Quando o narrador trabalha com essa oposição, ele procura alegorizar o processo pelo qual o homem passou durante o período de guerra. O enfrentamento de uma situação de extrema violência faz surgir o arque-texto latente no ser humano em geral que é o arque-texto da sobrevivência acompanhado do místico e do medo. Houston (2008) afirma que sempre que o homem se sente com medo ou com fome tende a culpar aqueles que estão ao seu entorno por

esses sentimentos.

No romance, é possível perceber que Jack se ressentia por Ralph não compreender que a caça é essencial à sobrevivência do grupo e, em certa medida, culpa Porquinho por essa falta de visão de Ralph. Ralph, por sua vez, ressentia-se por Jack não perceber a importância de ter um teto sobre sua cabeça e de manter um sinal de fumaça em andamento a fim de serem resgatados.

A importância da caça ou a manutenção do fogo são exemplos que ressaltam outro aspecto da má ficção: ela pode gerar o ódio, a guerra, pode-se matar ou morrer pelo arque-texto. No final do romance, quando Jack e seu bando atiram fogo em toda a ilha, sem considerar que isso mataria inclusive a eles mesmos, já que extinguiriam sua fonte de alimentação, percebe-se a força da má ficção. Sua força é tão extrema que se desconsidera a própria sobrevivência, é preferível morrer, matando o inimigo, a garantir a própria vida, permitindo a existência do inimigo em outro lugar da ilha.

Os kamikazes, os homens-bomba podem ser usados como exemplos contemporâneos da força do arque-texto. Durante a Segunda Guerra, os pilotos japoneses que jogavam suas aeronaves contra alvos inimigos acreditavam que estavam em uma batalha mística na defesa do império japonês, bem como os homem-bomba do Irã, Iraque, enfim do Oriente Médio acreditam que estão a serviço de Alá. Eles demonstram a força de uma má ficção, matam a si mesmos porque acreditam que esse sacrifício destruirá o inimigo e lhes dará uma situação melhor depois da morte.

É possível perceber que o arque-texto não é somente a ficção que culpa o outro, mas também pode ser a narrativa que traz o místico de forma exagerada. Sem a ficção da existência de algo divino, de acordo com Houston (2008), o homem não conseguiria superar suas perdas e renovar suas forças e continuar sua vida, entretanto as ficções sobre o divino podem se tornar caminho para o arque-texto. Na ilha, a necessidade de uma ficção relacionada ao divino explica a criação de um símbolo místico como a cabeça da porca, a quem eles chamam de *Senhor das moscas*.

Outro elemento que comprova a inclinação humana às ficções sobrenaturais é o fato de que especialmente as crianças menores, quando tomadas pelo medo e pela escuridão da noite, veem vultos provocados pelas sombras dos galhos das árvores, ouvem sons causados pelo vento e imaginem fantasmas ou monstros das histórias ouvidas antes de serem deixadas sozinhas na ilha. Embora haja pessoas como Porquinho que tentam mostrar tais eventos como fatos naturais do ambiente em que se encontram, trazendo explicações científicas e racionais para os fenômenos experimentados, a sensação de medo é mais forte e não permite que eles ouçam a razão.

A ficção sobre o monstro que habita a ilha nasce como algo completamente absurdo, já

que são os menores que contam, mas a narrativa ganha força quando Sam e Eric encontram um corpo de paraquedista, ferido em uma batalha ocorrida próxima da ilha que aterrissa na copa de uma árvore. O choque do encontro com a morte tão de perto não só assusta os meninos como perpetua e confirma a existência do sobrenatural para os habitantes da ilha. Entretanto, o narrador deixa claro para o leitor que se trata de uma ficção, de uma história inventada pelo medo das crianças.

Novamente é possível fazer um paralelo entre o romance e a história da própria humanidade. O desconhecido sempre faz brotar o medo no espírito humano que busca explicações racionais ou místicas para tentar compreender o desconhecido, Porquinho procura explicar de modo racional, mas é calado pela força bruta de Jack e pelo desprezo do restante do grupo. De certo modo, dependendo do período histórico, o homem ora calou a razão, ora o misticismo.

Há diversos episódios na história que exemplificam essa atitude humana, por exemplo na Idade Média, acreditava-se que a Terra era plana e que terminava em um abismo, porém Galileu, por meio de seus estudos e observações, afirmou que a Terra era redonda e essa afirmação quase lhe custou a vida. Para não ser queimado pela Igreja Católica, ele teve de negar sua afirmação, ou seja, o misticismo venceu a razão.

Essa busca por explicações de fenômenos experimentados na ilha é feita principalmente por Simon. Ele vaga pelas entranhas da ilha, buscando encontrar o monstro, talvez esperasse algo que a razão pudesse explicar, no entanto, também tomado pelo medo ou pelo cansaço, encara o Senhor das moscas e acredita ter tido uma visão. Tomado de assombramento pela revelação, Simon chega de volta ao acampamento, no escuro, justamente no momento em que os meninos encenam uma dança primitiva. O calor do momento e o medo do monstro levam o grupo a matar Simon.

A dança, a letra da canção e a escuridão constroem um ambiente que propicia a libertação de um ser que habita as entranhas humanas e que age de forma cruel, matando um dos membros do grupo. Do mesmo modo, o nacionalismo exacerbado ou a crença religiosa extremada levam o homem civilizado a destruir seu semelhante em guerras violentas tal como foi a Segunda Guerra Mundial, tal como alguns conflitos contemporâneos em nome de uma nação ou de uma religião.

Por meio desse acontecimento, pode-se perceber a força do arque-texto atrelado ao medo instintivo que habita o ser humano. Mais tarde, com a chegada da manhã, da claridade e da clareza, os meninos, em especial, Ralph e Porquinho percebem o ato bárbaro que cometeram, mas não conseguem admitir para eles mesmos que agiram como selvagens. Pelo contrário, buscam explicações que justifiquem suas atitudes, parece inerente ao ser humano não assumir suas falhas

e erros, antes há sempre uma tentativa de se culpar o outro por meio de outras ficções.

““Há, então, duas espécies de verdade: a *objetiva*, cujos resultados podem ser confrontados com o real (ciências, técnicas, vida cotidiana) e a *subjetiva*, que acessamos apenas pela experiência interior (mitos, religiões, literatura). Nenhuma religião pode fornecer uma resposta objetiva à questão de saber qual o fim do universo e do homem. Todas elas, em contrapartida, propõem excelentes respostas objetivas. O fato de acreditar em coisas irreais nos ajuda a suportar a vida real.” (HOUSTON, 2008, p. 60)

O homem, diante do desconhecido, em geral sente-se amedrontado e esse medo faz com que se busquem explicações não só para o sentimento como para a própria situação, nesse momento surgem as ficções pautadas no místico, na experiência pessoal e interior, trata-se de uma verdade subjetiva; por outro lado, há a observação do real, o estudo dos fenômenos, enfim a ciência que também oferece uma resposta, esta é a verdade objetiva.

No romance, pode-se notar a verdade subjetiva no ato de selvageria cometido por Ralph e Porquinho que nunca é admitido verbalmente por nenhum dos dois, quando eles buscam justificar suas atitudes na escuridão da noite ou no clima de selvageria que tomara conta do grupo envolvido pela dança e pela música que os impediu de distinguir o real da fantasia. A negação em se aceitar o assassinato de Simon cometido por um grupo tomado pelo medo e pela crença no sobrenatural é uma verdade criada pela mente desses personagens para fazer a realidade – crianças perdidas e abandonadas à própria sorte – algo suportável.

4. DA DOCILIZAÇÃO À SELVAGERIA

Os conceitos de ficção e arque-texto trazidos por Houston (2008) tornam-se ainda mais interessantes se considerados à luz de Foucault (2014) quando este trata do adestramento dos corpos. Em algumas narrativas como o romance em questão, retrata-se o homem de forma pessimista, mostrando um ser egoísta e cruel quando se trata de sua própria sobrevivência, sendo possível perceber uma selvageria crescente entre todos os personagens, um crescente afastamento de valores ensinados pela escola, pela família, enfim pela sociedade.

A pedra, testemunha de um tempo absurdamente remoto, quicou na areia um metro e meio à direita de Henry antes de cair na água. Roger reuniu um punhado de pedras e começou a jogá-las. Ainda assim, havia um espaço ao redor de Henry, com uns cinco metros de diâmetro, que não se atrevia a alvejar. Ali, invisível mas forte, erguia-se o tabu da vida antiga. Em torno do garotinho acororado havia a proteção de pais, da escola, da polícia e da lei. O braço de Roger ainda era condicionado por uma civilização que desconhecia a sua existência e vinha caindo em ruínas. (GOLDING, 2014, p.69)

O personagem Roger é um dos meninos mais velhos do grupo perdido na ilha, deve ter em torno de doze a treze anos e, nesse trecho do romance, diverte-se em atirar pedras nas crianças menores, nota-se que sua condição de civilizado fala mais alto ante ao desejo de ferir o outro por

simples prazer, entretanto o termo “ainda” leva o leitor a inferir que, em algum momento do romance, a ação de machucar o outro por prazer se concretizará, ou seja, o selvagem prevalecerá.

Essa expectativa de que em algum momento da história haverá uma mudança de comportamento leva à reflexão sobre as ações humanas ora civilizadas, ora bárbaras que são discutidas por Foucault (2014) em *Vigiar e punir*. Depois de traçar um panorama do sistema carcerário do século XVIII e de como o Estado tinha poder sobre a morte do indivíduo e, posteriormente, sobre a vida, o autor conclui que para que o homem seja elemento útil em uma sociedade de produção, ele precisa ser adestrado.

Para que esse adestramento ocorra, é necessário que ensinem as crianças como elas devem ou não agir e é aí que a ficção tem um papel fundamental. A ficção traz sentido para a vida do indivíduo, ela permite que esse sujeito se sinta parte de um grupo, portanto é possível dizer que as instituições de adestramento como a escola, por exemplo, sejam o lugar onde algumas dessas ficções são propagadas.

Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 2014, p. 134)

A descoberta de que o corpo poderia ser modelado para viver em uma determinada sociedade faz com que surjam instituições cujo propósito seria esse adestramento, essa formatação. O problema surge no uso exagerado de uma determinada ficção, já que essa repetição é o caminho para o arque-texto, que pode gerar a guerra e a violência. Não só a repetição, mas à medida que o tempo passa, as sociedades vão sofrendo mudanças em suas crenças e, conseqüentemente, mudam-se as ficções e essas mudanças também geram conflitos.

Retomando o trecho citado anteriormente do romance, percebe-se que o narrador ao se referir a ação praticada pelo personagem Roger diz que ele “ainda era condicionado por uma civilização que desconhecia a sua existência e vinha caindo em ruínas”, ou seja, o menino trazia uma formatação prévia de sua vida em sociedade, porém o tempo passado na ilha já teria destruído o que fora aprendido, mais do que isso o tempo verbal utilizado deixa notar que se trata de um processo em evolução.

Durante todo o romance *Senhor das moscas*, o narrador busca mostrar que o afastamento do ambiente adestrador faz surgir um comportamento selvagem, começa com meninos bem vestidos, usando inclusive capas e sapatos, ilustrando o corpo civilizado, em processo de adestramento e, ao final, os garotos estão vestidos com trapos, têm seus corpos pintados como selvagens e estão descalços. Além da mudança no visual exterior, é possível perceber uma transformação nas relações: um grupo de crianças que, a princípio, eram amigas e trabalhavam

juntas para um bem comum, no final caçam umas às outras, pois se veem como inimigas.

O processo de adestramento do ser humano, segundo Foucault (2014), “às vezes exige a *cerca*”, um espaço delimitado e fechado em si mesmo em que o sujeito seja encarcerado a fim de ser adestrado. No início do romance, a liberdade e a ausência de cercas e adultos causam um grande prazer em todos os meninos-personagens, os meninos correm pela ilha, completamente extasiados com a liberdade.

Com o passar do tempo, é possível perceber que os jovens vão se afastando do comportamento aprendido, eles começam a entrar em contato com a sua própria natureza, com as dificuldades da vida em sociedade e outro modo de agir vai surgindo. Essa nova conformação faz surgir problemas de relacionamento entre os personagens, bem como conflitos interiores, levando à possível inferência de que o homem sem as cercas impostas pela sociedade civilizada acaba agindo de maneira instintiva e o instinto é retratado pelo narrador como cruel.

Ao longo da narrativa, há diversos símbolos que representam a civilização e eles vão perdendo a força sobre o grupo, enquanto outros símbolos da vida selvagem vão ganhando poder. O primeiro deles é a concha, o som que ela produz é usado para convocar as reuniões do grupo; nas assembleias, quem a tem nas mãos possui o poder da palavra e deve ser ouvido, entretanto à medida que o tempo passa, as assembleias perdem o sentido, já que se tem a impressão de que as discussões são inúteis, portanto o poder da concha vai sendo perdido até o ponto de ela ser completamente destruída.

Outro símbolo da civilização é o fogo, há um acordo inicial de que uma fogueira deveria ser mantida acesa a fim de produzir fumaça para chamar a atenção de embarcações próximas da ilha, porém essa crença no valor do fogo e da fumaça pertencia a Ralph que perde a liderança do grupo para Jack, que acredita na caça ao porco. A mudança na liderança leva à extinção da fogueira, conseqüentemente, ao afastamento do civilizado.

Por fim, alguns personagens também podem ser vistos como símbolos da civilização. Porquinho é um personagem que reproduz a todo momento as lições aprendidas em seu processo de adestramento, é ele que possui o elemento usado para produzir o fogo – as lentes de seus óculos – também é ele que sugere o uso da concha como símbolo de poder falar ao grupo. Embora esse personagem só seja tratado com dignidade por Ralph, um dos líderes do grupo, não há como negar que seja a representação da civilidade no romance e sua morte de forma tão cruel e chocante demonstra que falta de limites pode levar a atos de extrema crueldade que destroem a racionalidade.

Outro personagem que pode ser considerado um símbolo de uma sociedade adestrada é Simon, trata-se de um menino que busca explicações plausíveis para as experiências vividas na

ilha, não acredita nas crenças místicas para alguns eventos e, por isso, dedica-se a diversas incursões pelo local em busca de respostas naturais e científicas para os mistérios.

Deviam ter transferido o acampamento para evitar a proximidade do monstro. Pensando nisso, Simon virou-se para a pobre coisa despedaçada e fedida sentada a seu lado. O monstro era inofensivo e horrendo; e a notícia precisava chegar aos outros o mais rápido possível. (GOLDING, 2014, p.161)

A descoberta de que o monstro era um cadáver em decomposição, uma explicação científica e natural para o medo que surgira de crenças místicas faz com que Simon queira retornar ao grupo o quanto antes para lhes revelar a verdade. No entanto, o menino foi confundido com o monstro e morto por seus colegas. É possível inferir que a falta de disciplina ou a falta de regras e supervisão leva essas crianças a agirem como malfeitores, como assassinos, ou seja, o ser humano distanciado de um comportamento civilizado age de forma cruel.

Por outro lado, o romance traz alguns símbolos que dão força à nova ficção surgida na ilha. Eles são apresentados de forma negativa e estão associados ao caos e à maldade. O primeiro é a cabeça de uma porca espetada em um pedaço de pau a quem Jack denominou de “Senhor das moscas”, Crawford (2010) diz que essa expressão resgata uma imagem bíblica, já que literalmente é a tradução literal da palavra *Beelzebub* – Belzebu, um dos nomes do diabo. Esse símbolo surgiu na ilha como uma resposta ao medo de um suposto monstro que habitava o lugar. Na construção desse arque-texto, percebe-se que o afastamento da civilização conduz o homem ao místico.

Outro símbolo da selvageria são as pinturas nos corpos e as danças. No romance, a pintura dos corpos e a execução de danças ritualísticas começam com os caçadores de Jack, a princípio parecem brincadeiras de crianças em liberdade, porém com o passar do tempo passam a ser consideradas como elementos não só de identidade, mas uma crença de que agindo assim os monstros seriam afastados e os inimigos liquidados.

5. A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Linda Hutcheon (1991) afirma que o pós-modernismo é um fenômeno contraditório que faz um uso abusivo dos conceitos que desafia, por isso não pode ser usado como sinônimo de contemporâneo. Em suma, o pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. O aspecto histórico no pós-modernismo não é um retorno nostálgico, mas há uma reavaliação do passado na arte, na sociedade.

A autora diz que essa contradição se manifesta, no gênero romance, por meio do que ela chama de metaficção historiográfica. Trata-se de romances que são famosos e populares ao

mesmo tempo, são narrativas bastante autorreflexivas de maneira paradoxal e se apropriam de acontecimentos e/ou personagens históricos. Ela incorpora a autoconsciência teórica sobre a história e a ficção, tratando-as como criação humana para que sirvam como base para uma reelaboração de formas e conteúdos do passado.

O romance pós-moderno, por seu aspecto contraditório, mantém com a cultura dominante uma relação de contraste, já que para ele não há uma narrativa mestra a ser seguida, mais do que isso, ele se nega a propor um paradigma, porque não acredita na imutabilidade das coisas ou em verdades absolutas. Ele procura ensinar que a realidade social de uma sociedade é construída por múltiplos discursos.

Hutcheon (1991) afirma que a metaficção historiográfica trabalha com as fronteiras construindo paródias com textos ou com fatos históricos, não com o propósito de debochar desses referentes, mas de forma paradoxal, incorpora-os e, ao mesmo tempo, desafia-os. Portanto, na literatura pós-moderna, o conceito de original e autêntico vão sofrendo um enfraquecimento. Os relatos serão elaborados por aquele que habita as bordas da sociedade, aqueles que não pertencem ao centro, assim são obras descentralizadas.

Nas literatura pós-moderna, é possível perceber uma releitura de diversos conflitos históricos, no caso específico da obra de que este artigo trata, há uma releitura de eventos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, em especial ao comportamento dos soldados em batalhas ou em ocupações, bem como, a descoberta dos campos de concentração e da barbárie impetrada aos judeus. Sobre essa revisitação da história, Linda Hutcheon diz:

Não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhado. (HUTCHEON, 1991, p. 20)

A história é retomada não para ser debochada ou apagada, mas com o intuito de ser avaliada, de ser observada de um outro lugar, sob um outro ponto de vista. *Senhor das moscas* traz o olhar do inglês sobre si mesmo, no sentido de mostrar que o ódio pelo outro, no caso, os judeus, não era uma característica somente do povo alemão. A metáfora do romance procura levar à reflexão de que as ações humanas contra o seu semelhante que redundam em violência não precisam, necessariamente, de uma justificativa histórica ou biológica; pelo contrário, o ódio contra o outro parece ser algo inerente ao ser homem, desde a mais tenra idade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Houston (2008), as ficções estão sempre presentes na espécie humana e essa

presença é justificada pelo fato de que o homem é personagem em sua própria existência, portanto ele precisa aprender o seu papel, assim se justifica a importância das histórias. Os papéis propostos para cada um interpretar em sua vida dependerão da sociedade em que se nasceu.

No romance em questão, as crianças mais velhas traziam em suas memórias os ensinamentos sobre os comportamentos desejáveis, entretanto os mais novos ainda não tinham tido tempo de absorver todo esse conhecimento, assim traziam dentro de si o homem rudimentar, primitivo ainda mais forte que as crianças maiores que já teriam esse “monstro” adestrado. São os pequenos que mais sofrem de medo por causa do monstro e esse sentimento é pior no período da noite, na ausência de luz – uma metáfora ao homem nos primórdios de sua existência sobre a Terra.

Os personagens são crianças, seres humanos imaturos que ainda não absorveram os conhecimentos científicos e racionais que lhes permita agir de maneira adestrada e civilizada. O romance, de maneira geral, traz várias cenas que colaboram com uma visão pessimista do homem e essa crença se reflete em seus personagens. Essas crianças, quando deixadas a esmo, tornam-se selvagens a ponto de cometerem assassinato e de se unirem em bando e caçarem o outro só porque não concorda com a ideia do chefe ou porque o chefe não gosta daquele que está sendo caçado.

Outro aspecto que chama a atenção no romance é o processo de desumanização que as crianças em geral vão experimentando. A princípio são as vestimentas que, ou são tiradas ou são rasgadas, depois a maquiagem, especialmente o grupo de caçadores liderado por Jack, que pinta a cara quando saem para caçar; em seguida, a cantoria e a dança que tanto servem para banir o medo como para fazer com que os jovens se tornem selvagens a ponto de matarem dois companheiros de grupo; e, por fim, o abandono completo da noção de humano, quando não se usa mais o nome próprio, mas um termo genérico como chefe.

Outra reflexão que o romance enfatiza é a maldade inerente ao homem e o mais chocante a violência na criança. De certo modo, é possível perceber que o infante precisa ser adestrado, porque a natureza sem adestramento que ele traz é capaz de destruir a sociedade civilizada tão duramente construída pelo adulto ao longo de sua História. Esse embate entre o adulto e a criança é materializada no encontro de Ralph e os caçadores de Jack com o capitão do navio que aportara na ilha ao ver o fogo. As crianças abandonam suas armas e começam a chorar, como se somente diante do adulto fossem capazes de discernir suas ações.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. **Origens do totalitarismo**. São Paulo, SP: Editora Schwarcz, 2009.

CRAWFORD, Paul. Human depravity in the novel. In: Bloom, Harold. **William Golding's Lord of the flies (Bloom's Guides)**. New York: Infobase Publishing, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. GOLDING, William.

Senhor das moscas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HOUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora – um breve estudo sobre a humanidade**. São Paulo: LPM Editora, 2008.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo; história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.



Capítulo 11

“VIVER A UNIVERSIDADE”: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SOBRE PERTENCIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO

DOI: 10.29327/5446957.1-11

Suzana Rebeca da Silva Lima
Amanda Caroline Marques da Cunha
Sérgio Paulino Abranches



“VIVER A UNIVERSIDADE”: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES SOBRE PERTENCIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO

Suzana Rebeca da Silva Lima¹

Amanda Caroline Marques da Cunha²

Sérgio Paulino Abranches³

RESUMO

A pandemia de Covid-19 trouxe desafios em diversas áreas do conhecimento e da convivência humana. No campo da Educação, foi necessário adaptar-se ao ensino remoto, apressando uma mudança que ainda levaria alguns anos para acontecer. Nesse contexto, as Universidades Públicas enfrentaram, além de dificuldades relacionadas à infraestrutura e pessoal, os desafios de um ensino que também apontou alguns obstáculos por parte do corpo discente como, por exemplo, as dificuldades com conexão de internet, local para estudos e aparelho próprio para assistir às aulas. A volta às aulas presenciais traria necessidade de readaptação, não apenas à sala de aula tradicional, mas também à convivência. Nessa conjuntura, nossa pesquisa tem como objetivo compreender que elementos fizeram parte do período de estudos online e quais expectativas havia para a volta às aulas presenciais. Para tanto, realizamos um questionário via Google Forms com uma turma de segundo período do curso de Pedagogia da UFPE. A partir da Análise de Conteúdo, chegamos às seguintes categorias: Interação, Comodidade, Concentração, Presencialidade, Pertencimento e Estímulo. Nosso artigo se debruça sobre as duas últimas categorias objetivando contribuir para a produção de conhecimento a respeito da Educação Superior durante e imediatamente após o período de Ensino Remoto.

Palavras-Chave: Ensino Superior. Pertencimento. Ensino Remoto. Necessidade de Estímulo.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic brought challenges in several areas of knowledge and human coexistence. In the field of Education, it was necessary to adapt to remote teaching, hastening a change that would still take a few years to happen. In this context, Public Universities faced, in addition to difficulties related to infrastructure and personnel, the challenges of a teaching that also pointed out some obstacles on the part of the student body, such as, for example, difficulties with internet connection, place to study and own equipment. to attend classes. The return to face-to-face classes would bring a need for readaptation, not only to the traditional classroom, but also to coexistence.

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica

³ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica

In this context, our research aims to understand what elements were part of the online study period and what expectations there were for the return to face-to-face classes. For that, we carried out a questionnaire via Google Forms with a second period class of the Pedagogy course at UFPE. Based on Content Analysis, we arrived at the following categories: Interaction, Convenience, Concentration, Presence, Belonging and Stimulus. Our article focuses on the last two categories with the intention of contributing to the production of knowledge about Higher Education during and immediately after the Remote Learning period.

Keywords: Higher Education. Belonging. Remote Learning. Stimulus Need.

1. INTRODUÇÃO

Ao escrever este relato de experiência nos remetemos de imediato à figura de Diego, filho de Santiago Kovadloff, ao ver o mar pela primeira vez. Havia tanta beleza, tantas informações visuais (a água, a areia, o vento) que não era possível outro pedido a ser feito se não "me ajuda a olhar!" (GALEANO, 2002, p. 15). Foi, pois, com semelhante sentimento que nos debruçamos sobre os dados coletados durante um semestre na disciplina de História Geral da Educação ofertada a uma turma de segundo período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Antes dos dados, havia a experiência, o acontecimento ou, como nos lembra Macedo (2017, p. 29), aquilo que não compreendemos. Somos nós, autores deste texto, parte dos dados analisados. Docente e monitoras da disciplina, o que nos leva a ter pouco distanciamento sobre os dados analisados. Neste artigo relatamos, em menor grau, as experiências de estudantes, mas principalmente destes que aqui escrevem. O Relato de Experiência nos proporciona essa possibilidade pois "[...] rompe com os pressupostos cartesianos que instam ser a razão detentora das decisões/produções humanas. Devido à simultaneidade pensar/sentir, o pensar surge enquanto combinação, e não o determinante que orienta o curso" (Daltro; Faria, 2019, p. 227). É a partir deste "pensar combinado" que escrevemos.

A experiência abordada no presente artigo transcorreu, reforçamos, durante as aulas ministradas na disciplina de História Geral da Educação da Universidade Federal de Pernambuco, doravante denominada UFPE, durante o segundo semestre do ano de 2022.

A disciplina é obrigatória para o curso de Pedagogia e possui uma carga horária de sessenta horas e quatro créditos. As aulas eram ministradas às sextas-feiras, das 08h às 12h para uma turma com trinta e quatro estudantes. De acordo com a ementa, disponível nos sistemas acadêmicos da UFPE,

A disciplina estuda os principais modelos de organização da educação vivenciados ao longo da história, com destaque para o desenvolvimento da educação nas civilizações que impactaram a educação no Brasil; estuda, nesses contextos, as concepções de educação presentes nas propostas educacionais (UFPE, 2022, p. 1).

Enquanto disciplina de História Geral da Educação, o conteúdo programático não abordaria alguns movimentos importantes no contexto educacional brasileiro pois são temas para a disciplina

de História da Educação no Brasil, mas permitiria o contato com os diversos contextos históricos que influenciaram os modelos educacionais na atualidade como, dentre outros, as movimentações próprias da Grécia e Roma Antiga, o Período Medieval, o Renascimento etc., todos os temas com enfoque nos contextos educacionais.

A turma que estudou durante o segundo semestre de 2022 na disciplina de História Geral da Educação da UFPE era composta majoritariamente por mulheres (ao final do semestre, havia efetivamente dois homens apresentando os trabalhos de conclusão), a maioria delas, cursando a primeira graduação e recém-saídas do Ensino Médio. Havia também estudantes cursando uma segunda graduação. Foi o caso de uma estudante, já formada em Direito, que iniciou seus estudos em Pedagogia ao lado da filha, ambas na mesma turma, cursando juntas o semestre de 2022.1 na UFPE. Também estava matriculada uma estudante já formada em Geografia e um estudante de Ciência da Informação e já formado em História, que se matriculou na disciplina como eletiva. Essas informações são relevantes para que possamos perceber que, apesar de ser uma turma de segundo período, com idades entre 17 e 20 anos, havia também estudantes mais velhas que trouxeram ricas contribuições durante as aulas, quer tenham sido pelas experiências de vida ou pelas leituras já acumuladas. Pela predominância feminina em sala de aula, optamos por nos referir às estudantes através do pronome feminino.

Nossa pesquisa foi realizada no primeiro período com aulas presenciais, após os semestres de aulas remotas iniciadas em 2020 devido à pandemia de COVID-19. Assim, a turma em questão havia iniciado as aulas na UFPE durante o ensino remoto emergencial e apenas no segundo semestre de 2022 (o primeiro acadêmico, entretanto), iniciaram as aulas inteiramente presenciais. Essa característica motivou-nos a questionar: quais eram as expectativas das estudantes antes do início do semestre totalmente presencial? Para responder a esta pergunta lançamos mão do Google Forms e da Observação Participante. As respostas a este questionário, em conjunto com as experiências dos autores deste artigo, formam o conjunto dos dados analisados neste trabalho.

Embora a pesquisa tenha sido conduzida em momento muito específico, o imediato pós-isolamento social, a continuidade de pesquisas sobre este contexto permanece sobremaneira importantes, uma vez que a pandemia de Covid-19 e as medidas de isolamento social tiveram impactos profundos e duradouros na educação e na vida de estudantes, professores e instituições de ensino em todo o mundo. Hoje, como resultado dos efeitos da Covid-19 na Educação, temos, dentre outros: a adoção de tecnologias educacionais de ensino à distância; a necessidade de novas abordagens de ensino como estratégia para combinar elementos presenciais e online; impacto direto na formulação de políticas e estratégias institucionais para lidar com o novo cenário que se apresenta.

Em meio ao cenário desafiador imposto pela pandemia de COVID-19, a educação em todo o mundo enfrentou mudanças significativas. A rápida transição para o ensino remoto, que marcou o isolamento social, trouxe à tona questões complexas relacionadas à adaptação dos sistemas de ensino, aos desafios enfrentados pelas estudantes e às transformações nas abordagens pedagógicas. Embora o período de isolamento social tenha chegado ao fim, seus impactos perduram na educação. É fundamental reconhecer que os efeitos dessa crise continuam a moldar o cenário educacional atual e futuro.

O uso de tecnologias educacionais, o desenvolvimento de estratégias de ensino híbrido e as transformações nas políticas educacionais são exemplos de mudanças que ocorreram em resposta ao isolamento social. Essas adaptações não apenas tiveram um impacto imediato na forma como o ensino e a aprendizagem acontecem, mas também abriram portas para novas investigações e abordagens educacionais. O momento pós-isolamento social é um período de reflexão, reavaliação e busca por soluções inovadoras na educação.

Portanto, embora nossa pesquisa tenha sido conduzida no imediato pós-isolamento social, o contexto educacional atual continua a demandar uma análise aprofundada. À medida que as instituições de ensino e os educadores buscam estratégias para enfrentar os desafios atuais, é fundamental manter um diálogo aberto e contínuo sobre as consequências do isolamento social. À luz desses desafios, este artigo procura contribuir para a compreensão do impacto do isolamento social na experiência das estudantes e, ao mesmo tempo, incentivar pesquisadores a explorar novas abordagens educacionais e a desenvolver estratégias de apoio que atendam às necessidades de estudantes em um mundo pós-pandêmico.

Na tentativa de trazer luz às questões até aqui apontadas a respeito das transformações oriundas da pandemia de Covid-19 na Educação, desenvolvemos a pesquisa relatada neste artigo, que está dividido da seguinte forma: primeiramente, abordaremos o percurso metodológico que nos levou às categorias aqui analisadas; em seguida, nos aprofundaremos na categoria Pertencimento Estudantil, com destaque para o fator estímulo. Por último, faremos as considerações finais e apontaremos algumas possibilidades de investigação considerando os temas aqui abordados.

2. PERCURSO METODOLÓGICO: COMO CHEGAMOS ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE?

Entre os processos metodológicos seguidos para a realização de nossa pesquisa, a memória desempenha um papel chave. Primeiramente, porque recorreremos a ela para a escrita deste texto. As

reminiscências das aulas e dos encontros entre docente e monitoras para planejamento e avaliação da disciplina, ambos semanais, configuram parte essencial de nossa pesquisa. Em segundo lugar, a memória importa porque para responder ao questionário, as estudantes precisaram acessar suas memórias individuais para lembrar que expectativas lhes atravessavam antes do início do semestre. Neste momento, estamos considerando a memória autobiográfica em detrimento da histórica pois o ato de preenchimento do formulário foi individual. Concordamos com Halbwachs (1968, p. 37), porque esta memória nos fornece um quadro mais representativo, contínuo e denso da experiência passada. Voltaremos a falar sobre a memória mais adiante.

Enquanto instrumento de coleta de dados, o questionário, aplicado através do Google Forms, não apenas nos forneceu material para análise das respostas coletadas durante o período da disciplina, mas também para nos aproximarmos das expectativas que existiam antes do início das aulas. O formulário consistiu em sete perguntas, aplicadas, dentre outros, para compreender as expectativas existentes antes do início do semestre de aulas inteiramente presenciais. Interessávamos conhecer as percepções das estudantes em torno do ensino remoto e do ensino presencial e, por fim, se teriam sugestões a acrescentar para o desenvolvimento das aulas de História Geral da Educação.

As perguntas foram elaboradas após o início das aulas, durante os encontros semanais para planejamento e avaliação do andamento da disciplina realizados entre docente e monitoras e tiveram como eixos norteadores a memória e a expectativa, como podemos verificar no quadro a seguir, que contém as perguntas do questionário.

Quadro 1 - questionário

	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4
Disciplina: História Geral da Educação	A partir de sua experiência no ensino remoto, quais aspectos você destacaria?	Quais eram as suas expectativas para o início das aulas presenciais após o período de isolamento físico social ocasionado pela pandemia de Covid-19?	Em relação ao retorno às aulas presenciais, você se sentiu seguro(a) diante do contexto da pandemia?	Em sua experiência com o início das aulas presenciais, quais as suas impressões no relacionamento com os(as) colegas na sala de aula?
Período: 2022.1 (JUNHO-NOVEMBRO)				
	Pergunta 5	Pergunta 6	Pergunta 7	
	Você identificou ou viu alguma ação institucional de acolhimento no início das aulas presenciais? Se sim, quais?	Para você, quais as principais diferenças entre o ensino remoto e o ensino presencial?	Para além das atividades que estão sendo desenvolvidas na disciplina de História Geral da Educação, que outras ações você sugeriria?	

Fonte: dados da pesquisa

Ao todo, dezoito estudantes responderam nosso questionário, gerando um total de cento e vinte e seis respostas isoladas, que foram categorizadas seguindo a técnica da Análise de Conteúdo e agrupadas a partir de critérios semânticos. Por meio da chamada Leitura Flutuante (BARDIN,

2016), nos foi possível conhecer o documento aqui trabalhado (as respostas ao questionário aplicado), chegando às estruturas de análise, conforme explicitamos adiante. Durante a análise das respostas ao questionário, atribuímos códigos às respostas individuais. Cada código corresponde a uma participante anônimo no estudo, permitindo-nos preservar a privacidade das mesmas. Por exemplo, 'S1' refere-se ao primeiro estudante que respondeu ao questionário, 'S2' ao segundo e assim por diante até 'S18', que corresponde à décima oitava estudante que participou da pesquisa. Esta abordagem de codificação ajuda a organizar as respostas e a rastrear as percepções das diferentes participantes ao longo da análise. Tais identificações serão utilizadas doravante para referência às respostas. Além da garantia do anonimato às estudantes, reforçamos que obedecemos aos procedimentos éticos estabelecidos e necessários à condução desta pesquisa científica, procedendo ao consentimento informado, confidencialidade, transparência e respeito.

A unidade de codificação primordialmente considerada para o tratamento dos dados foi a palavra, em sua maioria, palavras-plenas, “[...] portadoras de sentido” (Bardin, 2016, p. 42) e, em alguns casos, palavras-instrumento (artigos, preposições, conjunções etc.). No processo de análise dos dados, utilizamos as palavras plenas, ou seja, palavras que carregam significado por si mesmas, como unidades de codificação. Identificamos essas palavras nas respostas dos participantes, destacando aquelas que eram relevantes, a partir de critérios seguindo o método da Análise de Conteúdo. Por exemplo, se uma participante mencionou 'motivação' em sua resposta, identificamos 'motivação' como uma unidade de codificação. Essas palavras foram posteriormente agrupadas e categorizadas com base em seus significados e contextos, o que nos permitiu explorar os temas emergentes relacionados ao Pertencimento Estudantil, que é a nossa categoria principal de análise.

No quadro a seguir, detalhamos as categorias de análise, bem como as unidades de codificação encontradas e agrupadas de acordo com a semântica próxima à categoria.

Quadro 2 - quadro temático

Interação	Comodidade	Concentração	Presencialidade	Pertencimento
Participação	Deslocamento	Monotonia	Medo	Conhecer os espaços
Relação discente/discente	Flexibilidade	Conexão de internet	Locomoção	Viver a universidade
Relação discente/docente	Gestão de tempo	Ambiente doméstico	Insegurança	Ser aluna da Federal
Acolhimento	Material de estudo digital	Foco	Segurança	Estímulo
Empatia	Praticidade		Ansiedade	
Receptividade	Conforto			
Contato Humano				
Convivência				

Fonte: dados da pesquisa

A partir das respostas ao questionário, reunimos um total de cinco categorias de análise, a saber: Interação, Comodidade, Concentração, Presencialidade e Pertencimento.

As categorias de análise aqui presentes fazem parte de um contexto educacional específico. O aparecimento destas categorias durante o processo de análise dos dados nos impele à necessidade

de examinar as experiências das estudantes em um ambiente de ensino durante um período de transição marcado pelo aumento do ensino remoto emergencial devido à pandemia de COVID-19 nos diversos espaços educacionais.

A categoria Interação possui importância na literatura relacionada ao ensino remoto e à educação a distância. Pesquisas anteriores demonstraram que a interação social entre colegas e professores desempenha um papel crucial na experiência do aprendizado à distância (Santos et al., 2021). Dada a relevância dessa categoria e por aparecerem palavras semanticamente alinhadas à categoria, incluímos a mesma em nosso estudo para examinar como as estudantes deste estudo percebem a interação no contexto das aulas presenciais e remotas.

A categoria Comodidade também foi selecionada com base na literatura que destaca a flexibilidade e a conveniência oferecidas pelo ensino à distância (Moraes, 2020). A escolha dessa categoria nos permitiu explorar como as estudantes percebem a comodidade em termos de organização de seus estudos e execução de atividades, especialmente durante o ensino remoto.

A categoria Concentração foi adicionada considerando a importância da concentração e do ambiente de estudo na eficácia do aprendizado à distância. Embora essa categoria não seja tão amplamente abordada na literatura quanto as outras duas, em nossa análise percebemos que ela desempenha um papel significativo nas experiências das estudantes justificando sua inclusão em nosso estudo.

A categoria Presencialidade foi incluída devido ao retorno das aulas presenciais após o período de ensino remoto emergencial. Uma pergunta específica em nosso questionário abordou como as estudantes se sentiram em relação ao retorno às aulas presenciais, tornando essa categoria uma escolha apropriada para a análise das respostas.

Portanto, as categorias selecionadas são fundamentais para nossa investigação, pois refletem as áreas de interesse específicas relacionadas à transição entre o ensino remoto e o ensino presencial em um contexto educacional específico.

Nos parecia factível, em um primeiro momento, o aparecimento das categorias Interação, Comodidade e Concentração pois, como veremos adiante, são temas recorrentes nas pesquisas sobre Ensino Remoto e Ensino à Distância. Da mesma forma, o aparecimento de uma categoria referente ao retorno das aulas integralmente presenciais era provável uma vez que havia, no questionário, uma pergunta específica sobre como as estudantes se sentiram quando do retorno às aulas presenciais. A categoria que não antecipamos, ou seja, não projetamos nossas próprias experiências enquanto docente e monitoras da disciplina foi o Pertencimento, no que se refere ao sentimento de pertencimento estudantil universitário.

Assim, em nosso artigo, propomos nos aprofundar na análise desta categoria, como forma de contribuir com a construção do conhecimento relativo aos estudos referentes à Educação neste período iniciado no Brasil em 2020, com o aumento do número de casos de Covid-19. Antes de adentrarmos na análise da categoria que abordaremos com maior minudência, faremos uma breve discussão teórica do que foi encontrado na literatura científica acerca da Interação, Comodidade, Concentração e Presencialidade no contexto do ensino à distância e do ensino remoto emergencial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Exploraremos agora as principais categorias emergentes desta pesquisa. As categorias analisadas incluem Interação, Comodidade, Concentração e Presencialidade, bem como o Pertencimento Estudantil Universitário e o Estímulo, que surgiram como elementos centrais na experiência das estudantes durante e após o período de isolamento social.

Inicialmente, discutimos como a Interação, ou a falta dela, afetou as relações interpessoais e o processo de aprendizagem, destacando a dualidade das percepções dos estudantes sobre a troca com colegas e professores. Em seguida, abordamos a Comodidade, associada à Flexibilidade no ensino remoto, que permitiu aos alunos uma melhor organização do tempo, mas que também trouxe desafios quanto à manutenção da concentração. A Concentração, por sua vez, é examinada em relação à saúde mental dos estudantes.

Além disso, a categoria de Presencialidade é introduzida no contexto do retorno às aulas presenciais, revelando sentimentos mistos de insegurança e desejo de retomada das atividades presenciais. Finalmente, novas categorias, como o Pertencimento Estudantil Universitário, que envolve o sentimento de pertencimento à comunidade acadêmica, e o Estímulo, relacionado à necessidade de engajamento adicional para superar os desafios do retorno ao presencial, são discutidas em detalhe.

3.1 INTERAÇÃO, COMODIDADE, CONCENTRAÇÃO E PRESENCIALIDADE NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Santos et al. (2021) conduziram um estudo sobre a percepção de estudantes dos programas de iniciação à docência a respeito da educação em ambientes remotos e chegaram à conclusão de que 37% das estudantes consideram a Flexibilidade como um ponto positivo do ensino remoto e 12% mencionaram a Comodidade como aspecto positivo. Em nosso estudo, Flexibilidade aparece como um dos componentes da categoria Comodidade, uma vez que o campo semântico em torno da

palavra Flexibilidade faz referência, nas respostas ao questionário, à facilidade de organização para atender às aulas no formato remoto. No trabalho de Moraes (2020), a Comodidade aparece como uma das principais vantagens da Educação à Distância, uma vez que o estudante “[...] consegue organizar seus estudos e a execução de atividades no tempo mais adequado para ele” (2020, p. 50). Em síntese, a pesquisa de Santos et al. (2021) evidencia a percepção dos estudantes sobre o ensino remoto, destacando a Flexibilidade e a Comodidade como elementos positivos, sendo a Flexibilidade considerada um componente da Comodidade. Paralelamente, o estudo ressalta que a Interação é uma área sensível, com 22% dos participantes apontando a ausência dela como um desafio. No entanto, em nosso contexto, observamos que a Interação também é percebida positivamente, associada ao enriquecimento da aprendizagem. As respostas dos participantes, como a ênfase na troca com colegas e a influência do contato direto com o professor, revelam nuances complexas dessa dimensão.

O trabalho de Santos et al. ainda nos informa, no que se refere à Interação, que “[...] estudos demonstram as principais dificuldades das estudantes como relacionadas à ausência de interação social entre colegas e professores” (2020, p. 3). De acordo com os autores, 22% dos entrevistados percebem a ausência de Interação como um dos problemas do ensino remoto. Em nosso trabalho, a Interação aparece tanto como uma queixa referente à ausência durante o período remoto como um aspecto positivo, ligado à aprendizagem. A resposta de S7 corrobora tal pensamento quando afirma que “a troca com os colegas ajuda a aprender mais”. Há ainda outras respostas como a de S5 ao mencionar o “aprender com o coletivo” e de S16 ao afirmar que “estar frente ao professor faz muita diferença”. Embora Interação apareça em boa parte das respostas, não nos aprofundamos nesta categoria em virtude da vasta literatura sobre EAD, Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Ensino Remoto que aborda essa característica. Há ainda uma categoria que apareceu durante nossa pesquisa, a Concentração.

A Concentração também é uma categoria já amplamente estudada neste contexto de Ensino Remoto e Educação à Distância. Neste sentido, nos interessa referenciar o trabalho de Vasquez e Pesce (2022) ao pesquisar as experiências de ensino remoto com discentes dos cursos das Ciências Humanas da Unifesp. No referido trabalho, a Concentração aparece como uma subcategoria relacionada à Saúde Mental e chegou à conclusão de que 88% dos discentes relataram ter dificuldades de concentração, sendo este um dos fatores que influenciaram na avaliação discente. De acordo com os autores, “o aumento de stress, a falta de convivência com colegas e a dificuldade de concentração nas aulas são fatores que impedem uma avaliação melhor que a esperada” (2022, p. 199). Amaral e Polydoro (2020), ao realizarem um estudo a respeito das dificuldades da mudança para o ensino remoto emergencial na graduação da Unicamp, apontam que “[...] na dimensão

socioafetiva, foram evidenciadas ansiedade diante da pandemia, incertezas para finalização do semestre, preocupação com a formação (especialmente os concluintes), falta da convivência presencial, dificuldade de concentração e insegurança quanto às condições de retorno (estudantes e docentes)” (2020, p. 57). Em suma, a Concentração emerge como uma categoria fundamental no âmbito do Ensino Remoto e Educação à Distância, destacando-se como uma preocupação significativa para os estudantes. Os estudos de Vasquez e Pesce (2022) e Amaral e Polydoro (2020) sublinham a relevância dessa dimensão, relacionando-a diretamente à Saúde Mental dos discentes. Essas constatações reforçam a importância da pesquisa a respeito deste contexto do pós-isolamento e suas implicações na Educação.

Assim, a partir de pesquisa em sites como Scholar Google, Scielo e nos bancos de teses e dissertações da Capes e BDTD, podemos inferir que as três categorias abordadas até o momento - Conforto, Interação e Concentração - permeiam certa quantidade de trabalhos acadêmicos que referenciam estas categorias como elementos importantes no ensino remoto. Nosso artigo, nesse sentido, insere-se como mais um trabalho a trazer esses temas para o debate sobre o Ensino Remoto Emergencial.

A categoria Presencialidade, finalmente, aparece a partir do momento em que o questionário aplicado faz referência direta ao retorno às aulas presenciais, como forma de conhecer os diversos sentimentos que giraram em torno dessa volta. 52% das estudantes responderam que se sentiam inseguras para retornar ao presencial. O motivo mais comum apontado para justificar a insegurança diz respeito ao transporte público, como vemos nos depoimentos a seguir: S4 menciona que “[...] o uso do transporte público era algo preocupante, devido às superlotações”; S18, por sua vez, traz que “[...] meu maior medo era nos ônibus, porque era lotadíssimo e tinha gente tossindo, eu morria de medo”; já S10 pondera que “no começo obtive uma certa insegurança por motivos de retornar a ter contato com muitas pessoas ao mesmo tempo, principalmente nos ônibus e integrações onde fica uma quantidade grande de pessoas em um espaço pequeno”. 26% das respostas afirmavam sentir segurança no retorno presencial, citando a vacina e as medidas de segurança adotadas pela UFPE como fatores relevantes para gerar segurança. Uma resposta nos chama atenção ao afirmar que estaria insegura quanto ao retorno presencial e, quanto a isso, S4 foi categórica: “não” (em referência à pergunta 3 do questionário), mas que, continuou “[...] ainda assim, prefiro o presencial”.

Junto ao desejo de retorno ao presencial referenciado em algumas respostas, encontramos uma outra categoria de análise que, como afirmamos anteriormente, não vislumbramos durante o período de construção do formulário. A esta categoria, chamamos de Pertencimento Estudantil Universitário, que apareceu em 7% das respostas de maneira espontânea, uma vez que não havia

qualquer pergunta que fizesse menção a este elemento. Embora tenhamos inicialmente pensado o questionário para explorar aspectos como Comodidade, Interação, Concentração e Presencialidade, a categoria do Pertencimento Estudantil Universitário surgiu de forma espontânea nas respostas das estudantes. Como pesquisadores, consideramos relevante investigar essa categoria e compreender seu significado no contexto do ensino remoto e do ensino presencial. Ainda que esta categoria tenha aparecido de maneira “tímida” nas respostas, recordamos que esta é uma pesquisa qualitativa, interessada no fenômeno e não necessariamente em como este se expressa através dos números. Em face à escassez de trabalhos que tragam este elemento para o campo das análises em Educação, iremos nos debruçar agora sobre a categoria Pertencimento Estudantil Universitário. Entender como o pertencimento influencia as percepções e as experiências das estudantes pode contribuir significativamente para o debate sobre o Ensino Remoto Emergencial e a Educação no contexto pós-pandêmico.

3.2 PERTENCIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO

Em primeiro lugar, consideramos importante conceituar a que fenômeno estamos chamando de Pertencimento Estudantil Universitário. Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, encontramos, ao pesquisar as palavras-chave “pertencimento estudantil” e “universidade”, quarenta e nove trabalhos que compreendem o sentimento de pertencimento no Ensino Superior atrelado às ações afirmativas e de assistência estudantil. O mesmo aconteceu quando fizemos a pesquisa no Scholar Google, que traz também a ideia do pertencimento associada à permanência estudantil, política de cotas e questões referentes à raça. A noção de pertencimento trabalhada neste artigo traz um elemento novo à discussão do tema do pertencimento, distanciando-o das políticas de assistência, permanência e cotas.

Neste artigo, a ideia de pertencimento se distancia dessas percepções e aproxima-se do termo inglês “student belonging”, amplamente abordado no trabalho de Terrel Strayhorn intitulado *College Students Sense of Belonging* (2019). Strayhorn afirma que a sensação de pertencimento é ligada ao fator relacional, ou seja, refere-se, na universidade, à conexão com a comunidade acadêmica, ao suporte social recebido, à aceitação e valorização individuais dentro do grupo formado por colegas de classe, docentes e funcionários. Assim, reafirma o autor, o relacionamento é primordial para a existência do senso de pertencimento.

Neste sentido, nossa pesquisa concorda com o autor quando afirma que, quando se trata do Ensino Superior, “[...] sense of belonging refers to students’ perceived social support on campus, a feeling or sensation of connectedness” (Strayhorn, 2019, p. 4). Algumas das respostas ao questionário aplicado nos dão pistas para melhor compreender a categoria que estamos construindo,

dentre elas, a estudante S18, que mencionou estar “ansiosíssima para [...] conhecer e abraçar o pessoal da sala que só havia conhecido virtualmente e mesmo assim não havia conseguido formar laços virtualmente”. Esta resposta poderia definir uma necessidade de conexão primordial para que haja o pertencimento, além de enfatizar a fragilidade das conexões criadas em ambientes virtuais. Ao questionarmos quais as expectativas que existiam em relação ao retorno presencial, além da resposta anterior, encontramos também o estudante S8, ao responder que gostaria de “[...] conhecer as pessoas que eu iria compartilhar a vivência do curso”, como se não houvesse conhecido os colegas de turma por meio dos espaços virtuais. No ensino remoto, inferimos com base nas respostas ao questionário, há pouco espaço para “conhecer as pessoas” o que afeta o sentimento de Pertencimento, como observam Peacock et al. (2020, p. 21): “[...] lack of community building negatively inhibits the development of a sense of belonging”.

A pesquisa de Peacock et al. interessa a nosso estudo na medida em que procura estudar o senso de pertencimento em estudantes de pós-graduação de cursos online. O estudo conduzido pelos pesquisadores chegou à conclusão de que existem três temas importantes nesse campo: o engajamento, a cultura de aprendizagem e o suporte. De acordo com os autores, o engajamento foi um fator relatado por todos os participantes da pesquisa, relacionando o fator engajamento tanto a estudantes quanto a tutores. A cultura de aprendizagem, por sua vez, relaciona-se aos elementos didáticos, afetivos, psíquicos e materiais presentes nas aulas online e que podem influenciar o aprendizado. O fator suporte diz respeito às percepções relativas à plataforma de estudo (design, aparelho usado para as aulas etc.) e suporte familiar. Assim, de acordo com Peacock et al., em aulas online, esses são fatores essenciais para o desenvolvimento de um senso de pertencimento. Aqui, retornamos às categorias Concentração e Interação para lembrar que tanto na literatura acadêmica quanto em nossa pesquisa, fatores ligados a questões problemas com a internet, aulas de “robóticas”, como mencionou S1, ou que parecem “um monólogo”, de acordo com S8, parecem recorrentes, o que nos permite afirmar que durante o período do ensino remoto emergencial a cultura de aprendizagem, o suporte e, por sua vez, o engajamento acontecem de maneira tímida, prejudicando assim o senso de Pertencimento Estudantil Universitário.

Esta falta de Interação prejudicou não apenas a construção de relacionamentos, mas também a Concentração das estudantes. Durante o período de ensino remoto, problemas com a Concentração foram comuns, como foram evidenciados não apenas em nossa pesquisa mas na literatura a respeito do tema dos efeitos da Pandemia de Covid-19 sob a Educação. Por vezes as estudantes relataram sentir-se desconectadas e com dificuldades para concentrar-se nas aulas. Isso afetou negativamente o desenvolvimento do Pertencimento Estudantil Universitário, uma vez que a

sensação de pertencimento também está intrinsecamente ligada à conexão com a comunidade acadêmica, ao apoio social e à aceitação dentro do grupo.

Assim, podemos ver como as categorias Interação e Concentração desempenharam um papel importante na experiência das estudantes em relação ao Pertencimento Estudantil Universitário durante o ensino remoto emergencial. Esses fatores estão interligados e têm um impacto direto no sentimento de Pertencimento Estudantil.

Um outro fator que apareceu nas respostas com relevância e que consideramos importante trazer para o debate foi o fator “estímulo”. A seguir nos aprofundaremos mais neste tema para compreendermos melhor como ele interfere diretamente na noção trabalhada de Pertencimento Estudantil.

3.3 ESTÍMULO E PERTENCIMENTO ESTUDANTIL

Para compreendermos melhor a que fenômeno estamos chamando de estímulo e porque iremos nos deter sob ele, consideramos primeiramente ser necessário entender em que contexto surgiram as respostas que nos levaram ao tema em questão. Ao analisar as respostas ao questionário, identificamos algumas tendências e necessidades significativas entre as estudantes no contexto do pós-isolamento social. Uma das descobertas mais marcantes é a demanda por estímulo adicional por parte das estudantes, mesmo após a implementação de atividades variadas e interativas. Muitas alunas expressaram o desejo de se sentirem mais envolvidas e "animadas" em suas atividades acadêmicas. Além disso, a virtualização resultante do período de ensino remoto parece ter afetado a conexão e o Pertencimento das estudantes à comunidade acadêmica.

Essas descobertas levantaram questões sobre a forma como os métodos tradicionais de ensino se encaixam no contexto pós-isolamento social, bem como a necessidade de repensar as estratégias para promover o pertencimento estudantil, em especial dentro dos espaços das universidades.

A última pergunta presente no questionário aplicado dizia o seguinte: **“Para além das atividades que estão sendo desenvolvidas na disciplina de História Geral da Educação, que outras ações você sugeriria?”**. Já havíamos desenvolvido, quando das respostas ao questionário, algumas atividades como: oficina de produção de roteiro, oficina sobre narrativas digitais, um júri simulado, uma ida ao cinema universitário e diversas atividades coletivas em sala de aula. Em todas as aulas, desenvolvemos atividades em grupo. Assim, embora 36% das respostas a essa pergunta não façam contribuições por considerar as atividades já realizadas satisfatórias, as demais trouxeram contribuições que iremos referenciar a seguir.

Dentre as sugestões mencionadas, temos: atividades de expressão e movimento, peças de teatro, atividades fora de sala de aula, filmes, atividades criativas, seminários e aulas em ambientes não formais. Reforçamos que algumas dessas programações, como filmes e atividades fora de sala de aula, já haviam sido realizadas quando das respostas ao questionário. Isso nos leva à hipótese de que existe, por parte das estudantes universitários, uma alta demanda pelo uso de recursos audiovisuais, artísticos etc., mesmo em aulas cujo campo de conhecimento é historicamente marcado pela exposição e utilização do texto formal como principais linguagens da relação de aprendizagem.

A utilização de metodologias ativas, dispositivos tecnológicos ou aulas em ambientes não formais não são novidade nem em sua concepção, nem na execução ou tampouco na pesquisa científica a respeito das implicações destes no campo educacional. Ainda em 2003, Libâneo (2003), de maneira crítica, nos alertava a respeito da substituição da força produtiva humana, que aqui chamaremos de docentes, pela tecnologia. O autor também enfatizou que outros espaços e tecnologias estavam assumindo o papel de transmitir conhecimento. Assim, essa aparente necessidade de Estímulo por si só não constitui uma categoria de análise. O que nos intrigou, entretanto, é que para algumas, todas as atividades já desenvolvidas pareciam não ser suficientes. Havia, pois, a necessidade de atividades em que “[...] a turma ficaria animada”, como nos respondeu S13, o que nos permite inferir que, a despeito de todas as atividades já desenvolvidas, ainda era preciso ao docente encontrar estratégias para “animar” a turma. A respeito desta necessidade de encontrar novas abordagens no campo educacional que considerem as transformações tecnológicas, Lévy (1999) afirma que na Sociedade Informacional, novas maneiras de pensar e fazer a educação são condição *sine qua non* para a própria Educação, alertando para a necessidade de reposicionamento e formação docente com vistas a atender às exigências cada vez mais tecnológicas advindas das transformações sociais. O mesmo Lévy, entretanto, também já nos oferecia, em 1996, pistas sobre a virtualização que hoje trazemos para o campo da discussão sobre o Pertencimento Estudantil.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente (Lévy, 1996, p. 21)

A afirmação do pesquisador nos parece bastante propícia para abordar os resultados obtidos através das respostas ao questionário. As estudantes, “desterritorializadas”, necessitaram de maiores estímulos para manter a “animação” ou mesmo “algo que fizesse com que todos interagissem mais”, como nos sugere S10. Para S7, a saída talvez esteja nos jogos “para uma melhor interação”. As estudantes, durante o primeiro semestre de aulas totalmente presenciais pós-isolamento social,

pareciam ainda estar “não-presentes”, o que certamente interfere no sentimento de pertença. O apelo ao estímulo nos parece uma interpelação sobressaltada ao docente. Parecem estar dizendo: “queremos viver a universidade, como você pode ajudar?”.

Não nos é possível precisar se essa é uma característica própria de uma turma que viveu o isolamento social e naquele momento estava de volta ao presencial, ainda desfamiliarizada com métodos mais “tradicionais” de exposição ou se é algo inerente às transformações tecnológicas, sócio-culturais e educacionais que já estavam em curso antes do período pandêmico.

Embora, como vimos, o uso das tecnologias no campo da Educação não seja tema incomum às pesquisas no campo educacional, nos parece um elemento novo o cenário pós-isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 no qual os jovens foram os mais afetados por problemas mentais durante o período e que parece estar diretamente ligado ao estímulo e Pertencimento Estudantil aqui analisados. Um último elemento ainda consideramos importante tratar neste artigo, que é a relação entre o Pertencimento e o desempenho acadêmico.

3.4 PERTENCIMENTO ESTUDANTIL E DESEMPENHO ACADÊMICO

Para Jackson et al., “[...] the need for belonging is one of the most important needs for all students to function well in all types of learning environments” (2010, p. 5) e nós concordamos com esta afirmação na medida em que estamos analisando o Pertencimento Estudantil como sentimento de Pertença à Instituição e fazemos a defesa, com base nas análises e bibliografia lida, de que este é um ponto importante para o desempenho acadêmico, engajamento estudantil, permanência etc.

Como mencionado anteriormente, o senso de Pertencimento Estudantil foi afetado durante o período de aulas remotas emergenciais. Essa diminuição do pertencimento pode ser estar relacionada a fatores como a conexão de internet precária, dificuldades de concentração e interação limitada. Agora, vamos explorar como essa redução no pertencimento pode impactar o desempenho acadêmico das estudantes. Nesse sentido, algumas respostas ao questionário nos chamam atenção: S18, que, ao responder a respeito da expectativa que havia em torno da volta às aulas totalmente presenciais, indicou estar ansiosa para “[...] realmente ter a experiência de estar numa universidade” e aqui enfatizamos o uso da palavra realmente, como uma forma de expressar a impossibilidade de existência desse sentimento (estar numa universidade) durante o período de aulas remotas, e a segunda resposta, que vai no mesmo sentido da anterior, dada por S8 ao responder a respeito das expectativas de: “[...] viver realmente a universidade”. Há ainda a resposta de S4 que menciona a expectativa por “[...] vivenciar o mundo acadêmico”. Tais respostas confirmam nossa afirmação anterior de que o senso de Pertencimento Estudantil pode ser prejudicado em aulas remotas. A utilização constante da palavra vivenciar nos dá pistas de que talvez a noção de “vivenciar” ainda

esteja muito ligada às experiências que se vive *in loco*. Lembramos que nossa pesquisa foi conduzida em uma turma de segundo período do curso de Pedagogia, que havia experienciado um primeiro semestre com aulas remotas e o segundo com aulas presenciais. Havia, pois, de fato, grande expectativa pelo início das aulas presenciais.

Para além da aproximação com o termo “student belonging”, como vimos anteriormente, os estudos sobre o sentimento de Pertencimento Estudantil como abordado neste artigo também estão ligados às pesquisas sobre “engagement”. Como vimos anteriormente, o Pertencimento é um dos pontos importantes para o desempenho acadêmico. O tema foi amplamente abordado na obra organizada por Rigo et al. (2018) intitulada “Promovendo Engagement Estudantil na Educação Superior”. O primeiro capítulo faz uma retrospectiva histórica do termo e nos mostra que o sentimento de pertença, também chamado de Identidade pelos autores, está relacionado ao foco do engajamento e este ao desempenho acadêmico. Assim, é possível reafirmar a tese de Jackson et al. (2010) de que a necessidade de pertencimento é uma das mais importantes para o bom desempenho estudantil.

Enquanto pesquisadores que estão dentro da Universidade Pública desde a graduação, nós que aqui escrevemos podemos afirmar que o fator pedagógico da Universidade Pública não reside apenas no contexto da sala de aula, mas também, e talvez principalmente, fora dela. São as conversas nos corredores das salas, as atividades de integração, as saídas entre amigos para bares próximos após a última aula da sexta-feira e tantos outros momentos apenas possíveis presencialmente que fazem a diferença quando do recebimento do diploma universitário.

Neste estudo, exploramos o impacto do Pertencimento Estudantil na experiência universitária de estudantes. Nossas descobertas revelam que o Pertencimento Estudantil desempenha um papel crucial na promoção do engajamento acadêmico, na construção de relações interpessoais positivas e na criação de um ambiente de aprendizado eficaz. Além disso, evidenciamos como as condições de aulas remotas podem afetar negativamente o sentimento de pertencimento, destacando a necessidade de estratégias para manter essa conexão entre estudantes e instituição.

No contexto das universidades públicas brasileiras, o Pertencimento Estudantil surge como uma peça-chave na promoção da permanência das estudantes, seu desempenho acadêmico e sua motivação para participar ativamente da vida universitária. É essencial que as políticas de ensino superior considerem esses aspectos ao planejar ações que promovam o bem-estar dos estudantes e melhorem sua experiência na instituição.

Portanto, à medida que avançamos na compreensão do Pertencimento Estudantil, é imperativo que continuemos investigando e debatendo esse fenômeno. A pandemia de Covid-19

trouxe mudanças significativas no cenário educacional, e as lições aprendidas com este estudo podem orientar estratégias futuras para apoiar os estudantes e fortalecer o sistema de ensino superior.

Assim, nos encaminhamos para as discussões finais deste artigo, sem, entretanto, considerar que o debate está esgotado. Ao contrário, desejamos trazer outros pontos que precisam ser aprofundados.

4. CONCLUSÕES

Neste ponto, consideramos importante voltar ao tema da memória, pois a sessão anterior contém conclusões construídas a partir de nossas trajetórias acadêmicas. Halbwachs nos traz um exemplo interessante de como as experiências em sala de aula podem ser rememoradas de maneira muito diferente por parte dos docentes e discentes:

Um professor que ensinou durante dez ou quinze anos num liceu [...] encontra um de seus antigos alunos e mal o reconhece. Ele fala de seus colegas de outrora. Ele recorda os lugares que ocupavam os diversos bancos da sala de aula. Evoca muito dos acontecimentos [...] que se produziram [...] as extravagâncias [...] as travessuras [...] Ora, é bem possível que, de tudo isso, o professor não tenha guardado nenhuma lembrança. Entretanto, seu aluno não se engana (1968, p. 29).

São essas as experiências a que nos referimos anteriormente como importantes para o desenvolvimento de um sentimento de Pertencimento que surge também, como aborda o autor, através de uma comunidade afetiva. São essas memórias que também fazem parte deste artigo.

Se, por um lado, as aulas remotas prejudicam o senso de Pertencimento, por outro lado, parecem ter corroborado um caminho em que as aulas presenciais não mais conseguem “prender a atenção” das estudantes. Durante o semestre letivo vivenciado e aqui analisado, intuitivamente, percebemos tal fato, que foi corroborado pela nossa pesquisa através dos temas analisados.

Ao escrevermos este artigo, nosso objetivo geral era o de contribuir para a construção de conhecimento a respeito dos impactos da Pandemia de Covid-19 no campo educacional. Nossa pesquisa se debruçou sobre um período muito específico que foi o pós-isolamento social imediato, aquele em que ainda havia muita insegurança a respeito do retorno à presencialidade, mas havia também, como vimos, curiosidade, expectativa, necessidade de interação física e algum sentimento de segurança em virtude da aplicação do esquema vacinal.

Assim, acreditamos que através de nosso artigo, será possível avançar ainda mais nas pesquisas a respeito dos temas aqui abordados e, com o auxílio de outros campos do conhecimento tais como a Saúde, a Sociologia, a História, dentre outros, formar uma importante base de dados

para que gerações futuras de pesquisadores tenham elementos que os auxiliem na árdua tarefa de melhor compreender esse período.

A partir não só da pesquisa realizada, mas também da escrita deste artigo, podemos tecer algumas considerações à guisa de conclusão.

A Universidade Pública Brasileira, como instituição que desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes, tem muito a esmerar-se no que diz respeito ao Pertencimento Estudantil pois, como vimos, o mesmo se apresenta como um fator determinante para o desenvolvimento acadêmico, social e pessoal das estudantes.

A perspectiva de Pertencimento Estudantil aqui trabalhada pode ser entendida como um conjunto de fatores que influenciam o grau de identificação e integração do estudante com a universidade e com os indivíduos que a constituem. Isso inclui desde aspectos mais objetivos, como a infraestrutura e recursos disponíveis (suporte), até fatores subjetivos, como o sentimento de pertencer a uma comunidade (engajamento e cultura de aprendizagem).

A falta desse Pertencimento pode levar a uma série de questões como evasão escolar, baixo desempenho acadêmico e desmotivação para participar de atividades extracurriculares e projetos de pesquisa. É possível, inclusive, que a participação estudantil em atividades de Extensão e Iniciação Científica contribua para que haja maior identificação com a Universidade Pública, mas este é um tema que ainda precisa ser aprofundado.

Destarte, consideramos fundamental que a temática do Pertencimento Estudantil seja aprofundada e discutida no bojo da Instituição Pública de Ensino Superior. É importante identificar os principais fatores que influenciam o grau de pertença das estudantes com a instituição, bem como as estratégias mais efetivas para promover um ambiente de acolhimento e integração. Fazemos ampla defesa de que o Pertencimento Estudantil seja percebido como parte integrante das Políticas de Permanência. Nos parece que este é um fenômeno novo, que precisa ser analisado com maior profundidade.

Acreditamos que esta pesquisa oferece subsídios para estudos que apontam a necessidade de implementação de Políticas Públicas e ações que visem dirimir a falta de Pertencimento Estudantil. Através dos dados coletados, é possível perceber os caminhos necessários rumo ao desenvolvimento de estratégias para promover o Pertencimento.

Com o retorno à presencialidade, observamos através da nossa prática em sala de aula que alguns estudantes pareciam desmotivados e a necessidade de atividades não formais em sala de aula para estimulá-las agora nos parece mais urgente do que nunca. Em nosso artigo, discutimos a necessidade de estímulo em sala de aula após o período de isolamento social e agora apontamos para a necessidade de prover um ambiente de aprendizagem que incentiva as estudantes a se

envolverem e se motivarem, acrescentando o Pertencimento Estudantil como fator importante a ser considerado em nossas práticas pedagógicas.

As atividades não formais em sala de aula parecem ser uma forma de estimular os estudantes e aumentar a motivação e foram citadas de maneira consistente em nosso formulário.

É importante ressaltar que as temáticas aqui abordadas precisam continuar sendo objeto de estudo e reflexão dentro das universidades brasileiras. A partir da conscientização sobre a importância desses temas, é possível promover mudanças significativas na forma como os estudantes se relacionam com a instituição, contribuindo para o fortalecimento da Universidade Pública Brasileira como o espaço de formação crítica e transformadora que sempre ocupou historicamente.

Apontamos ainda para uma necessária discussão a respeito do crescimento da oferta de aulas à distância. É inegável, como vimos, sua importância, mas também não podemos deixar de observar que, quando se trata da Universidade Pública Brasileira, existem algumas características que só permitem ao estudante sentir-se parte integrante desta instituição quando em vivência presencial regular. É importante ainda ressaltar que, em se tratando da Universidade Pública Brasileira, os espaços de convivência (salas de aulas, restaurantes universitários, teatros, corredores etc.) são também espaços de resistência das próprias instituições. Ainda é necessário conduzir pesquisas mais aprofundadas a respeito deste tema. Esperamos que este artigo tenha sido apenas o pontapé inicial.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eliana; POLYDORO, Soely. Os desafios da mudança para o ensino remoto emergencial na graduação na UNICAMP – Brasil. **Linha Mestra**, n. 41A, p. 52-62, 2020. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/392/418>

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**: São Paulo: Edições 70, 2016.

CNN. Covid-19: uma a cada cinco pessoas procurou ajuda para tratar saúde mental. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-uma-a-cada-cinco-pessoas-procurou-ajuda-para-tratar-saude-mental/>

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, 2019, Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n1/v19n1a13.pdf>

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepumuceno. Porto Alegre: LPM Editores, 2002.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**: São Paulo: Vértice, 1968.

JACKSON, P.; CASHMORE, A.; SCOTT, J. **Sense of belonging**: Background literature. 2010. Retrieved from: <https://shorturl.at/QabQW>

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**: São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2017.

MORAES, L. C. L. Normas aplicáveis ao ensino remoto: uma análise das portarias nº 343 e 345 do Ministério da Educação à luz do direito brasileiro. In: PAIVA JÚNIOR, Francisco Pessoa de (Org.). **Ensino Remoto em Debate**: Belém: RFB Editora, 2020.

RIGO, R. M.; MOREIRA, J. A.; VITÓRIA, M. I. C. **Promovendo engagement estudantil na Educação Superior**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2018.

SANTOS, J. C. et al. Percepção sobre educação em ambiente remoto dos alunos participantes de programas de iniciação à docência (PIBID e Pró-Licenciaturas) do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, 2021.

STRAYHORN, T. L. **College students' sense of belonging: a key to educational success for all students**. 2nd ed. Routledge, New York, NY, 2019. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/irrodl/2020-v21-n2-irrodl05261/1069026ar.pdf>

PEACOCK, S.; COWAN, J.; IRVINE, L.; WILLIAMS, J. An Exploration Into the Importance of a Sense of Belonging for Online Learners. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 21, n. 2, p. 18-35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19173/irrodl.v20i5.4539>

UFPE. **Ementa da disciplina História Geral da Educação**. Recife, 2022.

VASQUEZ, D. A.; PESCE, L. A experiência de ensino remoto durante a pandemia de Covid-19: determinantes da avaliação discente nos cursos de humanas da Unifesp. **Avaliação**, Campinas. v. 27, n. 01, Jan-Apr 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000100010>



ESTUDOS AVANÇADOS INTERDISCIPLINARES

VOLUME 32

Organizadores

Carlos André dos Santos Silva

Geyza D' Ávila Arruda

Estélio Silva Barbosa

Victor Hugo Gomes Sales

Robson Antonio Tavares Costa

Prezados(as) leitores(as),

É com muita satisfação que apresentamos o Trigésimo Segundo volume da Coleção intitulada “ESTUDOS AVANÇADOS INTERDISCIPLINARES”, que reúne em seus 12 capítulos pesquisadores de diversas instituições com discussões e temáticas que circundam uma gama de possibilidades de pesquisas e de relações dialógicas que certamente podem ser relevantes para o desenvolvimento social brasileiro a partir de uma ótica que contempla as mais vastas questões da sociedade. Tal obra visa dar publicidade a estudos e pesquisas frutos de árduos trabalhos acadêmicos que decerto contribuem, cada um a seu modo, para o aprofundamento de discussões em suas respectivas áreas pois são pesquisas germinadas, frutificadas e colhidas de temas atuais que estão sendo debatidos nas principais universidades nacionais e que refletem o interesse de pesquisadores no desenvolvimento social e científico que possam impactar positivamente a qualidade de vida de homens e de mulheres.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados, esperamos que os textos publicados contribuam para a formação intelectual e a reflexão crítica dos alunos, professores e demais leitores. Desejamos ressaltar, em nome de todos que compõem a Editora Enterprising, a nossa gratidão para com os pesquisadores cujos trabalhos aparecem aqui reunidos, que diante da dedicação, temos a oportunidade de nos debruçar acerca de assuntos atuais e pertinentes.

Sejam bem-vindos e tenham proveitosas leituras!



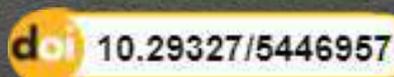
Editora Enterprising

www.editoraenterprising.net

E-mail: contacto@editoraenterprising.net

+55 61 98229-0750

CNPJ: 40.035.746/0001-55



ISBN 978-65-845-4688-2



9 786584 546882 >